

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

"A Porta Entreaberta"

**Práticas e representações em torno das relações entre casa e
rua junto a crianças de camadas populares em Florianópolis**

Rita de Cácia Oenning da Silva

Orientador: Prof. Dr. Hélio R. S. Silva

Dissertação de Mestrado - Antropologia Social

Florianópolis

1998

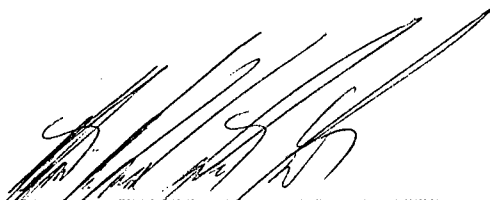
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“A Porta Entreaberta: Prática e representações em torno das relações entre casa e rua junto a crianças de camadas populares em Florianópolis”

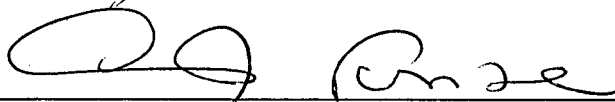
Rita de Cácia Oenning da Silva

Orientador: Dr. Hélio Raymundo Santos Silva

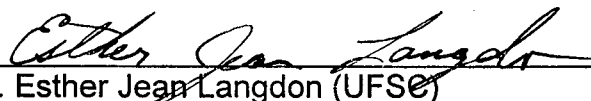
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



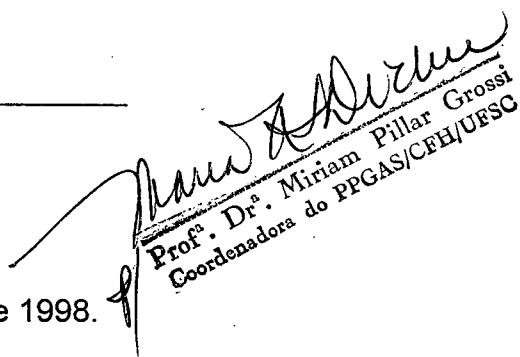
Dr. Hélio Raymundo Santos Silva (UFSC-Orientador)



Dra. Claudia Fonseca (UFRGS)



Dra. Esther Jean Langdon (UFSC)



Prof.ª Dr.ª Miriam Pillar Grossi
Coordenadora do PPGAS/CFH/UFSC

Florianópolis, 18 de dezembro de 1998.

**Mire, veja:
o mais importante e bonito no mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas...**

(Guimarães Rosa)

Aos personagens que compõem este trabalho, que na casa e na rua, me ensinaram a ler entrelinhas da história.

Ao querido Vitor, que vive em nossos corações e por que sua permanência entre nós, apesar de breve, muito nos ensinou.

À todas as crianças guerreiras, que batalham pela vida...

Agradecimentos

À CAPES, pela bolsa de pesquisa que possibilitou o investimento na minha formação e neste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Ao professor Hélio R. S. Silva, por orientar este trabalho com toda sua leveza e responsabilidade.

À turma do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de 1996, colegas, amigos, com os quais pude "reencantar-me" com o mundo acadêmico.

Às crianças e adolescentes moradores e trabalhadores das ruas, em especial, por me "emprestaram" suas histórias.

Às famílias e pessoas do Monte Cristo, Chico Mendes, Morro da Caixa, Morro do Mocotó por me acolherem em suas casas, me confiarem suas angústias, suas alegrias, suas dificuldades...

Às pessoas que trabalham nas instituições de Atendimento à Infância e adolescência em Florianópolis, em especial à Mere da Casa da Cidadania, pela disponibilidade em ceder entrevistas e informações.

À Eliane e Dodô, pelas boas horas de prosa na casa e na rua e pela agradável companhia em alguns momentos no trabalho de campo.

À Suzi Tosquiest, Cristina Scheibe Wolff, Luciana Hartmam, Aline Bonetti, Jandira Maria Vasconcelos, Milton Cinelli, Tânia Welter, pesquisadores, amigos, que muito atenciosamente me receberam em suas casas, emprestaram livros, sugeriram bibliografias e discutiram comigo pedaços deste trabalho.

À Tereza Mara Franzoni, antropóloga e amiga, que me "viu" antropóloga.

À Renita, pela reciprocidade e durabilidade do amor.

Aos meus pais (Maria Tereza e Martiliano), irmãos (Ila, Jaime, Jair, Nico, Jairo, Nana) cunhados e cunhadas (Antônio, Ivânia, Soleni, Helen, Micheline) e sobrinhos (Leo, Dudu, Caroline, Carlos e Vitor) - esta "extensa" família, pela existência e pelo carinho.

Aos meus sogros, Rui e Áurea, meus cunhados e co-cunhados, meus sobrinhos, parentes políticos - como diz a Aurinha, queridos de coração, por me acolherem sempre.

À Edson Ávila Wolff, meu companheiro - em especial - pela paciência, apoio e contribuições no trabalho, e principalmente pelo amor na construção da nossa história.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Introdução.....	1
A aproximação da "turma da rua": Considerações metodológicas e procedimento de pesquisa.....	1
A fotografia: Grafando um percurso.....	15
Situando-se em Desterro.....	17
 Capítulo 1 - Relações Familiares e "meninos de rua".....	22
1.1 - Algumas reflexões sobre "meninos e meninas de rua" e o "abandono do lar".....	22
1.2 - O tratamento ao "abandonado" no Brasil - Concepções, denominações e tratamento conferidos à infância (pobre) no Brasil.....	34
 Capítulo 2 - A rua e a casa - O público e o privado	46
2.1 - A relativização das noções de Espaço.....	49
2.2 - Ruas, becos, estradas, servidões.....	52
2.3 - Casas.....	56
2.3.1 - Configurações do espaço privado: Entrando nas casas.....	56
2.4 - Estendendo o espaço privado: A rua nas comunidades.....	66
2.5 - Ser ou não ser de rua.....	70
 Capítulo 3 - Batalhando a vida.....	74
3.1 - Inventando a Sobrevivência.....	74
3.2 - O trabalho infantil.....	87
3.3 - Trabalhar, estudar, brincar, roubar.....	92
3.4 - A performance da sobrevivência.....	97
3.4.1 - As meninas que vendem balas.....	99
3.4.2 - Uma noite performática.....	101
3.4.3 - Perdendo a eficácia.....	104

3.4.4 - Um performer perfeito.....	104
------------------------------------	-----

Capítulo 4 - Família ou Famílias? O ideal e o real na família brasileira..... 108

4.1 - A família em retrato.....	108
4.2 - A família popular - O mito da "família desestruturada".....	113
4.3 - Retratos das famílias (à luz do campo).....	118
4.3.1 - A "família da rua": o modelo reproduzido na rua.....	122
4.3.2 - Relações familiares e de parentesco em grupos populares de Florianópolis	123
4.3.2.1 - Redes de relações.....	123
4.3.2.2 - Parentesco - A extensão da família.....	124
4.3.3 - A Circulação de papéis: "Pegá Pra Criá" e "Cuidá" ou como as crianças circulam.....	130
4.4 - O gênero (em casa e na rua).....	140
4.4.1 - Tarefas domésticas e o sustento do grupo familiar.....	141
4.4.2 - Ser pai, ser mãe, ser filho.....	146
4.4.3 - Namoro, casamento, amor e outros demônios.....	149
4.4.3.1 - "Pegá Barriga": a gravidez na adolescência.....	149
4.4.3.2 - Em busca de uma família ideal.....	152
4.4.3.3 - Casamento e namoro.....	154
4.4.3.4 - Sexualidades e prazeres.....	158

Capítulo 5 - Dramas e conflitos familiares..... 162

5.1 - Dramas Sociais.....	162
5.2 - Conflitos e Dramas Familiares.....	173
5.2.1 - O gosto pela rua.....	174
5.2.2 - "Ir prá rua": Motivações do abandono do lar	177
5.2.3 - Motivos do abandono do lar : A opinião de quem é da casa.....	186
5.2.4 - Dramas suscitados pela tentativa ou efetivação do "abandono" do lar.....	188

Considerações finais..... 193

Bibliografia..... 204

Anexos..... 217

Resumo

Este trabalho trata de uma pesquisa feita junto a grupos familiares de crianças e adolescentes que se utilizam das ruas de Florianópolis para morar, trabalhar ou como espaço socializador. Aborda práticas e representações dos mesmos em torno de casa e rua, família, papéis sociais, relações de gênero, apontando para motivações que levam tais crianças a irem para a rua. Busca ressaltar tensões existentes entre as práticas consideradas socialmente legais e práticas que se configuram no dia-a-dia destes grupos. Ressalta os vínculos que estes atores sociais mantêm com familiares, vizinhos, parentes, configurando uma rede de relações que os mantém em constante contato com o universo familiar, possibilitando um *continuum* entre casa e rua.

Abstract

This work was elaborated with children's family groups and adolescents that use the streets of Florianópolis to live, work or as a space for socialization. It studies their practices and representations of home and street, family, social roles, gender relationships, pointing for motivations that take such children into the street. It looks for the tensions between practices considered socially legal and practices that are elaborated in the day-to-day life of these groups. It points out the relationships that these social actors develop with relatives and neighbors forming a net of interactions that maintains them in constant contact with their family circle, thus creating a continuum between home and the street.

Introdução

A aproximação da "turma da rua"

Considerações Metodológicas e procedimentos de pesquisa:

Minha "aproximação" da "turma da rua" em Florianópolis se deu gradativamente, desde que cheguei nesta cidade em 1989, para realizar curso universitário. Ainda que Florianópolis, comparada a outras metrópoles brasileiras, seja considerada uma "Capital pacata", uma "cidade provinciana", para quem vem do meio rural, ela apresenta elementos característicos do universo urbano que num primeiro contato, causa estranhamento. Uma das coisas que estranhei desde o início, foi a presença de crianças, personagens tão pequenos e tão absorvidos no trabalho, que circulavam no Terminal Urbano de Florianópolis, passagem obrigatória de minha casa para a universidade; ou de outros que se encontravam encolhidos e enrolados em velhos casacos de lã ou cobertores, dormindo nos bancos do mesmo Terminal, por volta das 7:30h da manhã. Inquietava os motivos que as levara a ficar na rua naquele frio ao invés de voltarem para a casa. Iniciei, já nesta época, tímidas aproximações com algumas destas crianças.

Anos mais tarde, tive a oportunidade de um contato mais prolongado com um grupo de crianças que moravam no albergue Santa Rita de Cássia - os chamados "meninos e meninas de rua" - assim me foram apresentados. Ali pude começar a perceber alguns códigos e presenciar algumas situações de confronto daquele grupo com outros atores sociais. Isto se deu em 1994 até meados de 1995, quando trabalhei no Núcleo de Difusão de Redes¹, um projeto que visava democratizar o conhecimento e uso da rede Internet para grupos organizados da sociedade civil. A vinda deste grupo de crianças e adolescentes até o Núcleo de

Difusão de Redes fazia parte de um projeto específico desenvolvido naquele espaço por uma psicóloga da UFSC, e que tinha como objetivo a alfabetização daquele grupo com a ajuda do computador. Mesmo com a paralisação do projeto, as crianças continuaram vindo até o Núcleo, o que possibilitou um contato mais prolongado com as mesmas.

Decidi então, incentivada por uma antropóloga à qual sempre partilhava minhas indagações sobre aquele grupo, escrever o ensaio para apresentar à Banca de Seleção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC (1996). Já neste ensaio, intitulado "*Um Olhar à singularidade das 'Crianças de Rua' de Florianópolis*" pergunto: porque escolhera este tema para pesquisa e não outro? Ainda que muitas vezes não saibamos ao certo o que nos leva a fazer determinadas coisas, não posso deixar de lembrar de um episódio da minha infância que pode ter influenciado.

Aos 09 anos de idade, após um breve conflito com meus pais, decidi "fugir" de casa. Caminhei em volta do quarteirão durante aproximadamente 20 minutos e por fim, sentei no meio fio à refletir. Estava num lugar distante, mas que possibilitava avistar ao longe, meus pais que me aguardavam ansiosos. Fiquei observando-os, enquanto me questionava o que iria fazer se não mais voltasse para casa. Para onde iria? O que iria comer? Como poderia continuar vendo meus irmãos e amigos? Já escurecia. Sentia-me numa encruzilhada. Tinha que decidir entre seguir ou voltar. De repente, olhei para meus pés descalços e doídos de tanto andar. Me senti num limite. Decidi voltar. Sabia porque havia voltado. Nunca soube como teria sido, se acaso tivesse ficado na rua. O meu olhar para a rua e seus moradores vem então, do estranhamento que ela me traz, do fato de ser o exótico, da minha "opção" cotidiana pela volta à casa.

No período que convivi com o grupo de adolescentes e crianças no Núcleo, num certo dia, para minha surpresa, deparei-me com um deles vendendo amendoim no Centro da cidade. Estava encostado no *drive-in* do Seu

¹ Projeto em parceria UFSC/RNP (Rede Nacional de Pesquisa) e a Prefeitura Municipal de Florianópolis. Trabalhei neste projeto enquanto bolsista do CNPq, desenvolvendo cursos da

Pedro, ao lado do Correio Central. Conversava com mais dois garotos que, por sua vez, se apoiavam em caixas de engraxate. Leco (08) carregava num dos braços uma caixinha com amendoins. Ao avistá-lo, decidi falar-lhe, quando então, percebi uma senhora que se aproximava deles. Vi que o tratava energicamente. Estendia-lhe o dedo indicador parecendo dar alguma ordem. Após o diálogo ela o pegou pelo braço e num gesto brusco o fez seguir em direção ao Terminal Urbano. A mulher segurava pelas mãos mais duas crianças. Leco pediu permissão à senhora, meio à contra gosto, para oferecer o amendoim dentro do Corrêio. Seguindo-o, perguntei-lhe quanto custava o amendoim. Me reconheceu de imediato, mas expressou um certo distanciamento. Comprei dois pacotinhos de amendoim e lhe entreguei um dizendo-lhe que era de presente. Aceitou e sorriu dizendo: *eu tô com uma fome...* Como conseguira a aproximação desejada perguntei se aquela senhora era sua mãe. Sacudiu a cabeça positivamente e saiu em direção ao Terminal, seguindo a senhora com passos apertados. Alguns dias após este episódio, soube que Leco era integrante de uma família com 21 filhos e que instituições que lidam com a questão da infância tentavam acertar a sua volta para a casa dos pais, no Bairro Monte Cristo, mas que a situação na casa era bem difícil. A mãe tentara arrumar emprego e não conseguira. Soube também que como Leco, outros dois irmãos dele vendem amendoim para *ajudar* no sustento da casa.

Esta cena me colocou em contato com dois elementos que considero importantes na definição do projeto de pesquisa que originou este trabalho. Esta criança, a qual conhecera como "menino de rua" era também uma "criança trabalhadora". O segundo elemento era a presença da família. Avistava Leco não mais no grupo da rua, mas sob controle da família. Não era mais só a criança "de rua", mas a criança "na rua"².

Optei fazer uma etnografia focando a relação destas crianças e adolescentes com seus familiares. Este trabalho busca observar a criança tanto no

Rede Internet (Rede de Comunicação Eletrônica)..

espaço das ruas quanto em convívio com a família, onde pretende-se perceber valores do grupo familiar, dinâmica do mesmo, concepções de infância, relações de gênero, percepção sobre casa e rua e principalmente verificar como se estabelece a relação dos familiares, parentes, vizinhos com crianças e adolescentes que se utilizam da rua como espaço de trabalho ou de moradia.

Privilegio então nesta pesquisa, a relação destas crianças e adolescentes com seu grupo familiar ressaltando o convívio na casa. Abordo a dinâmica de famílias que tem crianças que passam dias na rua, ou que estão todos os dias trabalhando e indago como seus pais se relacionam com estas crianças. Qual o significado de família para elas e para seu grupo? O que é determinante para que uma criança ou adolescente passe a dormir meses longe da casa? Em que processo está envolvido este "ir para a rua"? O que diferencia o grupo familiar do "menino de rua" e da "criança trabalhadora"?

A possibilidade de um trabalho de campo que aborde a relação destas crianças com seus familiares parecia ter como facilitador uma peculiaridade de Florianópolis que também é aproveitada no trabalho sobre travestis do antropólogo Marcelo José Oliveira. O fato de "ser uma cidade pequena dotada de muitos traços e serviços típicos da cidade grande".

"Florianópolis é uma dessas pequenas cidades onde dificilmente se experimenta a sensação de se viver num 'anonimato relativo'. Onde é freqüente encontrar pelas ruas conhecidos do mesmo bairro e familiares. Travestir-se não seria algo tão despreocupado. Mesmo que o travesti seja de outra cidade, ele tem que conviver num meio cuja rede de relações é de estreitas malhas." (Oliveira, 1997; p.4)

É nesta mesma rede de relações de malhas estreitas que as crianças e adolescentes nas ruas se encontram, onde o anonimato é de fato relativo.

Tendo convivido com as crianças e adolescentes que participaram do projeto do Núcleo de Difusão de Redes, pude me aproximar do seu universo na rua e familiarizar-me com alguns códigos naquele ambiente. Encontrava-os

² O que inclui todas as crianças que se utilizam periodicamente das ruas da cidade seja como espaço de trabalho, de lazer, de esmolar ou de moradia.

agora na Praça XV, no Calçadão da Felipe Schmidt, no Largo da Alfândega, no Mercado Público, no Largo da Catedral - oportunidades que expandiam as possibilidades de conhecê-los. Com o tempo, passaram, juntamente com outros personagens que circulam diariamente no Centro da cidade, a compor um cenário quase cotidiano. No entanto, quanto retorno a campo para elaborar o projeto de pesquisa me surpreendi estranhando situações, cenas, práticas, valores que anteriormente passavam despercebidos. Então, quanto mais me aproximava deles, mais percebia o quanto seu mundo continuava sendo - paradoxalmente - exótico. Como nos lembra Da Matta, "o que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido*", e "o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido".

O esforço na busca da alteridade que caracteriza o trabalho antropológico consistiu, nesta pesquisa, caminhar numa via de mão dupla: aproximar-me do exótico e buscar estranhar o que parecia familiar. Como sugere Velho (1981) ao antropólogo que estuda o *próximo*, *estranhar o familiar* é "ser capaz de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações". Velho acredita como possível, transcender as limitações da sua origem e *chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classes através dos quais fomos socializados.*" (1981, p.131)

E de fato no período do trabalho de campo esta complexidade se apresentava e parecia "engolir" minha capacidade de discernir o relevante naquele universo de informações que saltavam aos meus sentidos. Tudo era importante e ao mesmo tempo dinâmico, fugaz, flutuante, desconexo, fragmentado. Era preciso às vezes parar para leituras e encontrar parceiros nesta tarefa que consistia em cercar-me de gente, mas ao mesmo tempo estar como um solitário, e aceitar com Geertz que, "O que o etnógrafo enfrenta de fato - é uma complexidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou

amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar". (Geertz; 1989, p.20).

As perguntas feitas no início, ainda no projeto de pesquisa, se alargaram em campo. Práticas e representações dos atores sociais eram importantes para tentar captar este universo cultural para posteriormente buscar inscrevê-los, no sentido de Geertz, num trabalho etnográfico. Para Velho "prática e representações são dimensões da vida social e não se pode pensar uma sem a outra, desde que se entenda cultura como expressão simbólica." (Velho; 1981,p.119).

Discursos e práticas, conforme Magnani (1986, p. 140) "*não são realidades que se opõem, uma operando por distorção com respeito à outra: são antes pistas diferentes e complementares para a compreensão do significado.*"

Considerando que esta pesquisa foi realizada na cidade que resido há aproximadamente 11 anos, saliento que a busca do outro dentro no trabalho antropológico é por si só uma *viagem*. Uma viagem para um espaço e um tempo do *outro*, para o reconhecimento do diferente, da busca da alteridade. Ainda que o deslocamento a ser feito não seja o de outro continente, como fizeram os primeiros viajantes ou ainda outra sociedade dentro do mesmo continente - como as tribos indígenas - o antropólogo urbano, que estuda a sua própria sociedade precisa fazer um deslocamento (mesmo que simbólico) entre sua própria cultura e a cultura do outro, ainda que o outro more na mesma cidade, no mesmo bairro. Despir-se um pouco do seu tempo e do seu espaço se tornam obrigatoriedade para partilhar o tempo e o espaço do outro. Andar no ritmo dele, ir nos lugares que ele frequenta, passar horas escutando o ritmo da sua fala, ouvir suas preocupações, entender o momento de ficar e o momento de retirar-se.

→ Mas ficou claro em campo que o estudo do outro, o defrontamento com a alteridade, a investigação das diferenças é feita também pelos "nativos". O outro

também adentra-se no nosso tempo-espaço ainda que não escreva sobre isso. Ele também nos escuta dentro do nosso ritmo de pensar e falar, escuta as indagações que fazemos sobre ele, conta-nos histórias, explica coisas que não compreendemos. Faz-nos perguntas sobre o nosso viver. Também tem suas curiosidades e nos estudam detalhadamente. Por várias vezes, percebi que me analisavam, comentando sobre quem sou, o que quero, o que faço. Questionavam e investigavam vantagens e desvantagens sobre a presença deste novo ator entre eles.

Difícil relação entre *um* e o *outro*, porque no olhar do outro, reluz um universo de coisas que nem sempre entendemos ou que entendemos de um jeito nosso, amarrado aos nossos significados, às nossas experiências. Mas, como sugere o filme "Contato"³ - em busca do outro, do desconhecido, precisamos entrar num túnel dimensional, em lugares diferentes com tempos diferentes. Ainda neste filme, uma frase me estimula a continuar refletindo: *Em todas as nossas buscas a única coisa que torna o vazio suportável são os outros*. Será esta a motivação das buscas antropológicas? A necessidade de não se ver sozinho? Afinal precisamos abrir portas e janelas da nossa morada, do nosso eu para assim não nos transformarmos em Mônadas - seres fechados em si, "sem portas nem janelas" que apenas mantém relações internas, em perfeito estado de autarcia e completude - findando assim nossa existência, já que viver é o imperfeito e o incompleto - a eterna busca, o eterno devir. Assim, a vida social só tem sentido por causa do outro e é neste processo de interação com o outro e com as coisas do mundo, na experiência, que a cultura se faz. Neste sentido, a concepção de cultura que ilumina este trabalho é aquela que emerge da interação dos diversos atores sociais, atores que estão sempre assumindo determinados papéis sociais⁴.

³ Dirigido Robert Zemeckis, baseado na novela de Carl Sagan.

⁴ Entendendo papéis sociais conforme Goffman (1989, p 24) "como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social"

Conforme Langdon (1996):

"Esta visão de cultura não nega que as pessoas dentro de um mesmo grupo compartilharam certos valores, símbolos e preocupações que poderiam ser caracterizados como 'tradição', mas o enfoque está na práxis, na interação dos atores sociais que estão produzindo cultura a todo momento. Experiências passadas e tradição fornecem possíveis recursos para os indivíduos interpretarem, entenderem e agirem no momento, mas é através da interação social que a cultura emerge." (1996, p. 3)

A cultura se constitui num processo contínuo de interação social em que os símbolos e seus significados são reinterpretados, disputados, negociados continuamente. Dentro desta concepção de cultura, a vida social é um processo dinâmico, e o ator social é visto "como agente consciente, interpretativo e subjetivo".(Langdon, 1996).

Neste sentido, a cultura não seria um sistema fechado, mas sim, resultante da constante negociação entre os atores sociais. Atores estes que estão improvisando sempre, experimentando sempre. Esta interação não está ausente de conflitos e tensões. Conforme Velho (1996) "a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito".

Minha atenção em campo se deu tanto para as práticas quanto para as representações destes atores, acatando a asserção de Zaluar de que é na interação entre eles que o antropólogo pode observar a eficácia de certas idéias, a recorrência de padrões ou mapas para a ação, bem como o processo de contínua transformação da cultura.

"Para entender a cultura do ponto de vista do sujeito que fala, atua e pensa, o antropólogo precisa se valer tanto da representação quanto da ação, esta também reprodutora e transformadora a um só tempo". (Zaluar; 1989, p.122)

Assim, vinham à tona brechas, ambigüidades, tensões, conflitos que somente no diálogo não emergiriam. É também sob a perspectiva de ator social que me coloco no trabalho antropológico. Ator porque interage, interpreta, suscita reações, impressões e como tal, autoriza, seleciona, interpreta os dados

que colheu. Neste aspecto, ainda que busque dar voz aos informantes, o meu olhar sobre as coisas do mundo é norteador deste trabalho.

Nesta pesquisa, privilegio o universo de meninos, meninas e adolescentes caracterizados como de rua, pequenos pedintes e os pequenos trabalhadores. Entrevistei ainda jovens, adultos e adolescentes que se consideram e denominam "ex-meninos e meninas de rua", assim como familiares, vizinhos, parentes destas crianças/adolescentes. Também entrevistei alguns profissionais que trabalham em programas de atendimento de crianças e adolescentes como: Conselheiros Tutelares, Assistentes Sociais, educadores, funcionários dos Programas Sociais da PMF (Abordagem de Rua, SOS Criança, Casa da Liberdade, Casa da Cidadania, Albergue Santa Rita de Cássia), e ainda membros de Conselhos Comunitários ligados à comunidade onde residem tais crianças e adolescentes.

Tendo já iniciado o contato com algumas crianças e adolescentes em 1994, reatei este contato no início de março de 1997 no albergue Santa Rita de Cássia e ainda no Centro da cidade. O trabalho de campo foi interrompido por um mês para a elaboração do projeto de pesquisa, reiniciando em maio, prosseguindo até dezembro de 1997, completando aproximadamente 9 meses de trabalho de campo. Reencontrei no Albergue alguns dos garotos já conhecidos, porém, a tentativa de perceber o convívio destes com seus familiares foi frustrado por estarem morando na época, naquele espaço. Ali pude, no entanto, conhecer o drama de 3 irmãos que não têm mais familiares vivos por perto. Foi ali que comecei a entender um pouco da dinâmica das instituições que atendem crianças e adolescentes em Florianópolis e conviver com alguns destes profissionais.

Ao mesmo tempo em que visitava os albergados, procurava ativar e iniciar relações com outros personagens no Centro da cidade em locais como a Praça XV de Novembro, o Largo da Alfândega, o Mercado Público, o Terminal Rodoviário Rita Maria, o Terminal Urbano, as Ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra. Inicialmente freqüentava estes espaços somente no período diurno, às vezes estendendo até 21:00 ou 22:00 h. Passei a freqüentar estes

espaços à noite a partir do mês de agosto, quando podia fazer os trajetos na companhia de dois pesquisadores contratados por uma ONG ligada ao Colégio Coração de Jesus. Na companhia destes, pude ir a lugares que antes ia apenas de dia, já que era avisada dos "perigos de circular em determinados lugares sozinha". Passei então a ficar pelo menos 3 vezes por semana, à noite em campo, até aproximadamente 24:00 hs.

A partir da interação com um grupo de crianças e adolescentes no Centro, busquei contatar os parentes e familiares nos bairros onde residem tais grupos. Busquei oportunidades para acompanhá-los até suas casas porém apresentavam resistência. Procurei não insistir uma vez que pretendia estabelecer uma relação de confiança com os mesmos. A maior dificuldade que encontrei ao longo do trabalho de campo foi chegar até os grupos familiares das crianças. Passei a visitar escolas, instituições que trabalham com crianças e adolescentes na cidade; pesquisei no arquivo do Programa Abordagem de Rua com o intuito de encontrar endereços dos grupos familiares, o que não pareceu a melhor opção, já que em muitos casos, eu não havia feito contato com a criança ou o endereço havia sido alterado. Finalmente, quando comecei a visitar as comunidades, percebi que se abriu uma oportunidade de acesso às famílias, pois, além de encontrar as crianças que conhecera no Centro, encontrava-as nas ruas do bairro. Isto ficou bem evidente quando fui visitar a Casa da Cidadania, no Bairro Monte Cristo, situado no Continente.

Ainda que o enfoque principal nesta pesquisa sejam as relações de crianças e adolescentes em "situação de rua" com suas famílias, o lugar de residência dos mesmos tomou dimensão importante uma vez que Monte Cristo revelou-se como o principal bairro de residência deste grupo. Outra evidência da importância de um olhar privilegiado àquele bairro é a existência da "Casa da Cidadania", instituição que atende crianças e adolescentes "em situação de rua". Na primeira visita que fiz à comunidade, um líder local disse que são dali muitas das crianças, que estão no Centro trabalhando ou mendigando.

No "Relatório do Levantamento da População Infanto-Juvenil de Rua em Florianópolis" (1996), feito pelo Programa Abordagem de Rua da Prefeitura Municipal de Florianópolis, pude constatar que dos 66% residentes no município de Florianópolis, o Monte Cristo foi citado como local de residência por 46% dos entrevistados, seguindo-se a Vila Aparecida com 16%, Morro da Mariquinha com 3%, Caieira 3%, Serrinha 2%, Jardim Atlântico 2%, Capoeiras 2%, Prainha 2%, Barra da Lagoa 2%, e outros bairros não especificados com 20%⁵.

Monte Cristo, portanto, foi o bairro privilegiado na pesquisa, já que se apresentou como local de residência de um grande número de crianças e adolescentes que circulam no Centro da cidade. Os outros bairros onde visitei grupos familiares foram: Morro da Penitenciária (Trindade), Morro do Mocotó (Centro), Morro da Caixa (Estreito), Comunidade Ilha Continente (Estreito)⁶.

Quando conseguia acompanhar as crianças, a chegada na casa não era tão estranha, mas quando ia sozinha, procurava evitar ser confundida com funcionários da Prefeitura, devido a relação conflituosa com assistentes sociais ou outros técnicos que trabalham em programas da Prefeitura⁷. Isto explicava porque muitas das crianças evitavam quando eu me oferecia para acompanhá-las até suas casas.

Junto aos grupos familiares e aos grupos de crianças e adolescentes que pude manter um contato mais prolongado, privilegiei a observação participante, com entrevistas indiretas. Somaram 25 famílias, onde suscitava conversas sobre a história familiar, táticas de sobrevivência do grupo, significado e o motivo de ter

⁵ Esta mesma pesquisa indica que o maior fluxo migratório desta população é da região serrana, com 20% (sendo que, em 100 famílias, 60 são de Lages), seguindo o Oeste Catarinense, com 19%, Norte com 2%, Vale do Itajaí com 4%, Sul 2%, outros Estados 2%, outros países 1%. Os 40 % restantes dizem ser de Florianópolis.

⁶ Ver em anexo Mapa das comunidades visitadas.

⁷ Conheceria a família de Alex (10) a uns 3 meses, quando pediu que tirasse uma foto dele com sua prima, que morava ali perto. Perguntei-lhe como de costume, se ela toparia. Ela foi então perguntar e voltou chateada pois a mãe dela dissera que eu era do SOS Criança e que ele não deveria tirar fotos, pois eu as entregaria ao SOS. Seu pai, que tirara fotos naquele instante com o menino me olhou imediatamente demonstrando-se envergonhado com o comentário da cunhada. Fiquei um pouco ressentida pois pensei que poderia desconfiar de mim também. Assim, me prontifiquei a ir conversar com a senhora sobre a pesquisa.

filhos nas ruas. Entrevistei também 7 jovens casais de "ex-moradores de rua". Junto à crianças e adolescentes caracterizados como "meninos (as) de rua ou "ex-meninos de rua", buscava conversar sobre os motivos de fugir de casa, o significado de estar na rua, sobre contatos que mantém com a família. Quando sabia antecipadamente que teria dificuldade de reencontrar um informante, buscava fazer uma entrevista mais objetiva, porém, na maioria das vezes buscava firmar algum laço para depois partir para perguntas que considerava serem "mais íntimas" e que, imaginava, este confiaria àqueles que lhe inspirassem alguma confiança.

Participei de atividades (festas, passeios, brincadeiras) de instituições educacionais que trabalham com as crianças das comunidades, instituições estas que além do reforço escolar, promovem atividades lúdicas, educativas com as crianças. São elas a Oficina do Saber⁸ (Ilha-Continente, Novo Horizonte) e a Casa da Cidadania⁹, no Monte Cristo. Na casa da Cidadania, o contato foi mais permanente. Sempre que ia para a comunidade, acabava passando o horário após o almoço com as crianças, já que estes saem de casa ou da escola e vem almoçar naquela instituição.

Evitei o uso do gravador para as entrevistas e conversas com as crianças, familiares e vizinhos. Usei-o para entrevistas com os funcionários das instituições como Albergue Santa Rita de Cássia, Abordagem de Rua, Conselho Tutelar do Estreito e da Ilha. Ainda que achasse que a presença do gravador prejudicaria as conversas com meus principais informantes, já que alguns demonstravam uma certa resistência, uma adolescente me surpreendeu um dia perguntando: *quando a tia vai trazer o gravador pra conversar comigo?* Embora já houvesse relatado muita coisa sobre sua vida, aproveitei a oportunidade e trouxe

⁸ Projeto do Grupo de Educação Popular do CEDEP (Centro de Educação e Evangelização Popular).. O CEDEP é uma entidade civil, autônoma, criada em 1987 na periferia de Florianópolis, visando apoiar as lutas pela terra, moradia e sobrevivência nas comunidades de periferia.

⁹ A Casa da Cidadania foi construída numa parceria entre PMF (Prefeitura Municipal de Florianópolis) e Aflov (Associação Florianopolitana de Voluntários), objetivando trabalhar com as "crianças de rua". Funciona nos dois períodos, com duas turmas cada, com atividades educativas e lúdicas. Oferece ainda almoço e lanches para estas crianças.

o gravador no dia seguinte¹⁰. Decidi não utilizar o gravador com outros informantes, já que ouvira uma reclamação do pessoal da Praça XV que uma outra pesquisadora andava sempre com um gravador escondido na bolsa e que, para ela, eles não contariam as coisas pois não sabiam como iria usar as tais conversas gravadas. Procurava anotar detalhes que considerava importante assim que podia (o que nem sempre fazia na frente do informante). Fazia o diário de campo assim que chegava em casa, ou mesmo no ônibus de volta à casa.

Vivenciei algumas situações em campo que mostraram o quanto o envolvimento com a pesquisa não é somente objetivo, mas que nos "abraça por inteiro". Segui algumas dicas dos moradores das comunidades, quanto aos perigos de circular em alguns locais em determinadas ocasiões. Uma delas é de que não fosse ao bairro Monte Cristo durante nas noites de *reveillon* e de carnaval. Duas mulheres moradoras do Bairro, mães de crianças que estão constantemente no Centro avisaram-me que as ruas daquela comunidade ficam especialmente violentas nestas ocasiões. *Neste dia prendemos as crianças em casa, e nós mesmas não saímos à rua.*

Neste estudo, feito junto a grupos familiares de crianças e adolescentes que se utilizam das ruas para morar, trabalhar ou como espaço socializador, abordo práticas e representações dos mesmos sobre casa e rua, família, papéis sociais, relações de gênero, apontando para motivações que levam tais crianças a irem para a rua. Ressalto tensões existentes entre as práticas consideradas socialmente legais e práticas que se configuram no dia-a-dia deste grupo. Atento para a presença dos vínculos familiares que se mantêm apesar da convivência com o universo da rua.

Este trabalho se divide em 5 capítulos, sendo que o **Capítulo 1 - Relações familiares e "meninos de rua"** - trata de uma breve discussão sobre estimativas

¹⁰ Neste mesmo dia, contou-me que fora alertada por uma amiga/pesquisadora que não deveria dar entrevistas para quem não conhecesse.

de meninos de rua nas cidades brasileiras e a representação destes crianças como "abandonados". Destaco relações familiares dos "meninos de rua" de Florianópolis, buscando ressaltar a presença e a importância dos vínculos familiares no dia-a-dia desta categoria.

O capítulo 2- A casa e a rua - descreve as configurações do espaço da casa e da rua, salientando redes de relações, evitações entre as crianças e adolescentes que se utilizam deste espaço diariamente, configurações da casa e da rua dos atores pesquisados. Público e privado se diluem por um *continuum* entre casa e rua.

O capítulo 3 - A Arte da sobrevivência - trata das formas de sobrevivência do grupo, destacando valores que considero importantes para os mesmos. A mendicância se destaca como uma importante estratégia dos grupos familiares, uma arte a ser apreendida e que se caracteriza de forma ambígua - ora como trabalho, ora como mendicância.

O capítulo 4 - Famílias ou Famílias? - citando diversos autores que tratam sobre família no Brasil, discorre sobre a coexistência de diversos tipos de famílias em diferentes épocas. A consideração da família de "meninos de rua" enquanto "desestruturada" é tratada aqui como uma forma preconceituosa de ver o "outro". Este capítulo trata principalmente de dinâmicas e configurações familiares do grupo estudado, focando a interação social, papéis sociais dentro do grupo, convivência comunitária, noções de infância e relações de gênero.

O capítulo 5 - Dramas Sociais - aborda os dramas sociais que se estabelecem entre diversos atores sociais em torno de diferentes noções e práticas ligadas à infância na rua. Também salienta os motivos apontados por crianças e adolescentes para a "decisão" de sair de casa, bem como a visão desta situação por parte dos vizinhos, parentes, familiares e pessoas que trabalham em instituições. Este capítulo aborda ainda alguns dramas ocasionados pela tentativa ou efetivação do "abandono do lar" por crianças e adolescentes em Florianópolis.

A fotografia: grafando um percurso

A fotografia foi uma grande aliada no trabalho de campo. Em alguns casos a máquina fotográfica causava distanciamento das pessoas porém, na maioria da vezes, aproximava-as. Tendo conquistado o espaço de confiança na família, vizinhos e parentes vinham perguntar quanto custava para tirar uma foto. Presenteava-os com as fotos tiradas. Quando sentia que existia algum constrangimento por parte da criança ou da família para fotografar, evitava mostrar que tinha máquina fotográfica à mão. O receio de que a imagem fotografada fosse usada contra si foi motivo, em dois casos, de pessoas não quererem ser fotografadas. Uma senhora cujos filhos vendem balas no Centro advertiu os garotos que não posassem para o retrato pois eu poderia entregar para o Conselho Tutelar; o segundo caso tratava-se de um menino de rua cujo pai insistia que aparecesse num retrato familiar. Embora não tenha explicitado verbalmente o medo de que o pai usasse o retrato para entregá-lo à polícia quando fugia de casa, o pai reconheceu que era este o motivo dele não querer ser fotografado. Depois de um tempo de campo, ambos os retratos foram tirados¹¹.

A imagem veio à tona desde o primeiro instante que fui a campo, quando Dona Denise mostrou a foto de seu filho, menino de rua, que morrera há pouco tempo, e contou a sua história. - *A senhora conheceu o Calo? Menino sorridente, sempre alegre, morreu por descuido médico.* Dona Denise (37), mãe de mais 7 filhos vivos, 4 moradores de rua¹², não se conforma com a perda do filho. Representando o filho, uma foto emoldurada dependurada na parede do seu quarto feita por móveis encostados, entre as imagens de santos e outros objetos de ornamento, não deixa a mente apagar a sua existência. Mostrou logo em

¹¹ Apesar de ter um ecervo de retratos dos grupos familiares, das crianças na rua e na comunidade, não os apresento neste trabalho, pois como trata-se de fotos com crianças, a tarja nos olhos tiraria a beleza das mesmas e penso, as estigmatizaria. É assim que muitas destas crianças aparecem na mídia.

¹² Os 7 filhos com mais de 08 anos de Dona Denise são ou foram moradores de rua. Somente Rogerinho, de 05 anos, filho do segundo casamento, ainda não morou na rua.

seguida as fotos do seu filho mais novo, quando tinha 3 anos. Depois, pegou o álbum de família e mostrou sua filha mais velha, ainda criança, um pouco antes de ir para a rua. Gordinha e sorridente. Tinha fotos de 6 dos oito filhos. As fotos, em sua maioria, tratavam da infância de seus filhos. Havia também fotos destes com seus amigos quando passaram a morar na rua.

Fotografar é um jeito de guardar aquela imagem fugidia que a memória, por si só, com o passar do tempo, deixa escoar. Imagens dos lugares, das pessoas, dos que se foram, de momentos passados.

Debray (1994), em *Vida e morte da Imagem: Uma História do Olhar no ocidente*, aponta a dedicatória escrita na imagem do Apolo. "A imagem - primeiramente, esculpida; em seguida, pintada - é, na origem e por função, mediadora entre os vivos e os mortos, os seres humanos e os Deuses; entre uma comunidade e uma cosmologia; entre uma sociedade de sujeitos visíveis e a sociedades das forças invisíveis que os subjugam. Essa imagem não é um fim em si, mas um meio de adivinhação, defesa, enfeitiçamento, cura, iniciação". O autor faz uma separação entre a palavra e a imagem. Uma projeta para frente, a outra projeta para trás. A imagem projeta para trás, para o passado, projeta-nos, como o som, para um espaço e um tempo que não é o nosso tempo, mas um tempo que passa a ser nosso no sentido de imaginado, recriado por nós. E muitas vezes, vivido por nós.

Situando-se em Desterro:

Florianópolis, ou como muitos preferem chamá-la, Desterro¹³, é conhecida como "Ilha Maravilhosa". Capital do Estado de Santa Catarina, possui 275.239 habitantes (IBGE 1997), distribuídos em 436,5 quilômetros quadrados. A Ilha de Santa Catarina, junto com os demais municípios do Continente - Biguaçu, Palhoça e São José - , compõem a Grande Florianópolis. Encantadora na sua paisagem, com 42 praias, duas Lagoas (Lagoa da Conceição e Lagoa do Peri), manguezais e dunas.

"Ilha da magia" com suas figuras folclóricas como a rendeira, o pescador, o "manezinho da ilha", as bruxas e suas histórias (tão bem ilustradas por Franklim Cascaes¹⁴); seus costumes, suas praças, a figueira centenária; os encantos que adicionados a um imaginário de cidade calma, provinciana, "isenta" da tão temida violência das cidades grandes, compõem características que atraem, anualmente cerca de 500 mil turistas (CECA, 1996), provenientes de todos os Estados do país, principalmente do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Do exterior destacam-se os vizinhos Argentinos. Muitos destes visitantes voltam e alimentam o sonho de fixar residência na cidade. E assim o fazem, chegando inclusive, a criar as popularmente conhecidas "cidades fantasmas" como Canasvieiras e Jurerê, intensamente habitadas apenas na temporada do verão. Estas mesmas características atraem ainda migrantes de várias cidades do

¹³ Nossa Senhora do Desterro era a antiga denominação dada à cidade deste o século XVIII, só se alterando em outubro de 1894, após o encerramento da Revolução Federalista (1893-94), para a denominação atual, em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, a quem acusam de ter sido o mandante do fuzilamento de 185 moradores da cidade durante a referida revolução. (CABRAL, 1987, p.53 e 275 à 277)..

¹⁴ O imaginário da Ilha de Santa Catarina descrito por Franklim Cascaes é fantástico. Com seus personagens exóticos, nos remete a histórias de um universo de linguagem completamente

próprio Estado, sendo um dos motivos os cursos oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Na migração interna destacam-se a do Planalto Serrano (Lages) e do Oeste do Estado (Chapecó, Xanxerê, Joaçaba).

Famílias rurais, geralmente empobrecidas pela "decadência" da vida no campo, desmotivados pela falta de terra para trabalhar, buscam melhores condições de vida para si e para os seus, alimentando a esperança de dias melhores na cidade. Sem possibilidades de comprar o seu pedaço de chão também na cidade, ocupam áreas consideradas carentes¹⁵. Estes, assim como os turistas, acabam por compor um espaço com características próprias, situada dentro do contexto da grande Florianópolis.

O mapa apresentado ao visitante da Ilha¹⁶ - o turista -, no entanto, omite regiões formadas pelos migrantes pobres. Os mapas oferecidos pelos Postos de Atendimento a Turistas e Visitantes - órgãos ligados à Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Florianópolis - são representações estéticas da cidade sem os "borrões que a marcam", apresentando-a "Santa e Bela Catarina". Se percorremos alguns bairros da cidade, no entanto, nos deparamos com contrastes que nos mostram o processo de urbanização acelerado que a grande Florianópolis vem sofrendo. Alguns deles impossíveis de não serem avistados por quem olha para o alto do Morro da Cruz. Circunscrevem tal morro alguns grandes casarões dependurados, pequenos espaços ainda não ocupados e várias pequenas casas, em ruelas, becos, servidões que se estendem morro acima. No Centro¹⁷ - com o, Morro do Mocotó, Morro da Queimada ou José Mendes; estendendo-se pela Mauro Ramos com o Morro da Caixa, Morro do Céu, Morro do 25, Monte Serrat. Na Lauro Linhares, Agrônômica e proximidades da

peculiar, própria de uma comunidade rural/e ou pesqueira, portadora de uma cultura tradicionalista e isolada ainda em 1950/1975(...) (Cascaes, 1992, p.15).

¹⁵ Segundo a pesquisa "Perfil Áreas carentes de Florianópolis", realizada pelo IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, em Julho de 1993, a ocupação nas áreas consideradas carentes, em Florianópolis, é motivada pela busca de melhores condições de vida, caracterizados, possibilidade de tratamento de saúde, de educação para os filhos e trabalho. Os que vêm da zona rural, são motivados também pela falta de terra no campo para trabalhar.

¹⁶ Ver mapa em anexo.

¹⁷ Ver mapa das regiões pesquisadas no Centro.

Trindade, estão o Morro da Mariquinha, Morro do Xeca-Xeca, o Morro da Penitenciária e do Horácio. Depois continua nas proximidades da Universidade, com o Morro da Serrinha. Atravessando a ponte em direção ao Continente, ao sairmos da Ilha encontramos comunidades como Morro da Caixa D'Água, Ilha Continente, Via Expressa, Monte Cristo, Chico Mendes. Uma cartografia da região nos mostra um curioso emaranhado de construções que ordenam-se numa lógica de ocupação peculiar. São as comunidades carentes, onde habitam a "indesejada" população pobre¹⁸.

Segundo o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF (1993), a maioria destas famílias têm uma renda média inferior a 2 salários mínimos. A grande maioria dos homens trabalha na construção civil (serventes, pedreiros, carpinteiros) ou em "biscates" (vendedor ambulante, catador de papel, jardineiro, trabalhos braçais), sem qualquer vínculo empregatício, e com renda baixa e instável. Para esta população, Florianópolis, longe de ser a Ilha da Magia, é ainda uma cidade Desterro - com um duplo sentido: o lugar para **onde vão** os desterrados de um outro lugar (o migrante), e um lugar **onde vive** o desterrado (aquele que não tem terra). Num primeiro momento, enquanto imigrante, Florianópolis representa uma possibilidade de melhoria da qualidade de vida. Depois que aqui chega, se situa como eterno desterrado, já que a cidade não os acolhe e sim busca extraí-los dos ambientes mais visíveis da mesma¹⁹.

Franzoni (1993) observa que em 1989, assumia a Prefeitura de Florianópolis uma nova equipe administrativa, que tinha como plataforma política transformar a cidade em uma 'Capital Turística Internacional'.

"a Prefeitura iniciou então um 'programa de limpeza' na Capital, promovendo, de só uma vez, inúmeras tentativas de despejos nas localidades de ocupações pobre,

¹⁸ A questão da terra em Florianópolis não é problema enfrentado somente por migrações recentes. Franzoni (1993), numa pesquisa feita sobre um movimento organizado de ocupação em julho de 1990 por um grupo de sem-teto em Florianópolis, destaca que a ocupação não era formada por migrantes recém chegados na cidade, mas sim moradores de mais de 20 anos que residiam na cidade e que até o momento não tinham acesso à terra para morar.

¹⁹ Em relatos de vários informantes transpareceu o conflito que se estabelecia para evitar a permanência de pessoas pobres em locais públicos e de fácil visibilidade na cidade.

recém instaladas. Lembrando os administradores do final do século XIX, que pretendiam 'higienizar' e 'modernizar' Desterro, os novos administradores, imbuídos do mesmo propósito de "modernização", tentavam "limpar" a cidade da miséria, da sujeira e de seus perigos. Ou seja, daquilo que a própria cidade produz mas sobre o qual não quer falar, ver e tocar". (Franzoni, 1993, p. 45)

Trabalhos acadêmicos²⁰ mostram que alguns destes bairros incluíram-se nos movimentos de reivindicação pelo uso da terra. Movimentos dos sem teto, muitas vezes incentivados por setores da Igreja ou por alguns partidos políticos, buscavam legalizar os lotes de assentamentos. As comunidades que permeiam o Morro da Cruz, no Centro, iniciaram este processo antes mesmo de 1920, sendo no entanto mais evidente a partir da década de 70, com o grande fluxo migratório que houve na década de 80. As mais novas reivindicações do direito à terra, com aproximadamente 10 anos, centraram-se no Continente.

Organizados, os moradores enfrentaram policiamento, órgãos públicos e as leis vigentes. A luta no Monte Cristo é lembrada por Seu Sebastião, líder comunitário desde a época do assentamento. *Tivemos que vir armados de pau, facão, enfrentamos a polícia várias vezes. Primeiro trouxemos as mulheres e as crianças. Depois veio todo mundo. Ficamos vários meses morando debaixo de lona, de barracão, sem condição nenhuma... Até que conseguimos a posse do terreno. Dividimos pra cada um, um pedaço, e cada qual foi construindo a sua casa do jeito que podia. Depois o pessoal foi vendendo, por necessidade, um pedacinho aqui, um pedacinho ali, e o Monte Cristo foi crescendo.*

O Bairro Monte Cristo, lugar privilegiado nesta pesquisa, fica próximo à via Expressa (BR 282). Se divide nas comunidades Chico Mendes, Novo Horizonte, Nova Esperança, Santa Glória. O Bairro não é homogêneo quanto a infra-estrutura, mas grande parte das comunidades têm infra-estrutura básica precária. Algumas ruas principais dão acesso de carro às comunidade e demais ruelas e becos que se estendem ligando uma casa à outra. Chico Mendes é a

²⁰ Muller, Káthia Terezinha. Organização de moradores em Florianópolis numa perspectiva de necessidades radicais. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSC, 1992; Canela, Francisco. A Ufeco e o movimento dos sem teto - Práticas instituintes nos

comunidade mais precária. Não há posto de saúde, escola, área de lazer, creche, saneamento básico. É considerada pelos técnicos do IPUF como favela²¹.

espaço políticos da cidade. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSC, 1992.

²¹As reivindicações da comunidade buscam tirá-la do estigma "favela", já que entendem favela como local de morada de bandidos. *Quando os repórter vêm aqui e falam de favela eu digo pra eles que isso aqui é o Bairro Monte Cristo, comunidade Chico Mendes e não favela. Eles pensam que só porque o pessoal que mora aqui é pobre isso é uma favela cheia de marginal.*

Capítulo 1

Relações Familiares e "Meninos de rua"

1.1 Reflexões sobre "meninos e meninas de rua" e o "abandono do lar"

No dia 12 de outubro de 1997, dia da criança, o Jornal ANCapital de Florianópolis, trouxe na capa a seguinte Manchete: **Florianópolis tem 450 crianças de rua**. A fonte da reportagem foi um levantamento feito pelo programa SOS Criança, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis desde 1991.

No dia seguinte ao da publicação da reportagem, fui abordada na rua por um conhecido, que tendo lido a mesma, disse estar *"assustado com tanto menino de rua em Florianópolis"*, e comentou que Florianópolis realmente está mudando, deixando de ser um cidade tranqüila, ficando mais violenta e que devemos ter **maiores cuidados** ao deixar **nossos filhos** circularem na rua.

A fala deste conhecido, além de expressar uma imagem que circula no imaginário social que associa "menino de rua" à violência e criminalidade, é também um exemplo de como tais reportagens são assimiladas pela população. Reações parecidas foram observadas quando anunciadas as contagens de crianças de rua em cidades maiores como Rio de Janeiro e São Paulo.

Se por um lado a população pode assustar-se com tantos "pivetes soltos por aí", as estimativas elevadas divulgadas internacionalmente destacam o Brasil como um dos que mais abandona suas crianças, atraindo atenção internacional. Esta atenção acentuou-se principalmente depois do episódio da Candelária, no Rio de Janeiro. O extermínio brutal de algumas crianças por policiais trás à tona a violência, não dos meninos para com a sociedade, mas da sociedade para com os meninos nas ruas das grandes cidades.

A lente de aumento que a mídia coloca em algumas situações é necessária para focar algumas questões "invisíveis" ou "adormecidas", como o foi no caso da Candelária. No entanto, em outros momentos a mesma mídia ajuda a criar representações para além do real e que passam a ser, muitas vezes, a única lente seletora de uma determinada realidade.

Ainda que seja crescente o número de crianças nas ruas, convém lembrar que a estimativa de "crianças de rua" apontada pela mídia de Florianópolis, resultado da pesquisa feita por um órgão público, inclui nesta mesma categoria todas as crianças que circulam pelas ruas diariamente, trabalhando, esmolando, morando ou somente "perambulando". Tal detalhe, no entanto, não consta na reportagem.

LUSK e MASON (1993), ressaltam que muitos pesquisadores incluem na categoria "meninos de rua", "todas aquelas crianças pobres ou 'marginalizadas' de um país, que por vezes são vistas nas ruas sem a supervisão de um adulto. Isto resulta numa estimativa muito elevada do número de crianças 'de rua'." (Lusk, 1993, p. 157). Segundo os autores, pesquisadores como Rizzini e Sanders também fazem esta ressalva.

Uma pesquisa feita pelo Programa Abordagem de Rua, também vinculado à Prefeitura de Florianópolis - Relatório do Levantamento da População Infanto-Juvenil de Rua¹, também considera como população infanto-juvenil de rua todas as crianças e adolescentes na rua, "abrangendo pedintes, engraxates, jornaleiros, vendedores e demais atividades encontradas como meio de sobrevivência por esses meninos e meninas". Este levantamento se utiliza de um questionário elaborado e aplicado por dois educadores no período matutino e três no período vespertino, o qual 343 crianças responderam.

Contagens como esta são permeadas por concepções e definições de "criança de rua" - sua tipologia², e tem como principal indicador o fato de crianças

¹ Relatório do Levantamento da População Infanto-Juvenil de Rua. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria da Saúde e Desenvolvimento Social - Departamento de desenvolvimento social; Divisão da Criança e do adolescente, Florianópolis, outubro de 1996.

² Ver os estudo sobre a tipologia de Meninos e Meninas de Rua do Rio de Janeiro feito por LUSK e MASON (1993) e em ALVES (1991)..

e adolescentes estarem diariamente nas ruas. Inclui-se em tais contagens todas as crianças e adolescentes que circulam diariamente pelas ruas das cidades em busca de um meio de sobrevivência, trabalhando, esmolando, ou mesmo "perambulando", na categoria "meninos de rua". Ainda que, como nos lembra Leczieski (1992, p. 16), na rua muitas destas crianças e adolescentes se comportem ora como "meninos de rua" ora como trabalhadores, na medida em que nos aproximamos destes atores, percebemos que apresentam perspectivas, atuações, e percepções bem diferenciadas do "estar na rua"³.

Lusk e Mason (1993) lembram ainda que outros estudiosos referem-se às crianças que sobrevivem nas ruas como se fossem "abandonadas", o que leva à concepção totalmente distorcida de que as cidades da América Latina são povoadas literalmente por milhões de crianças **sem família**. Assim, circula a idéia

³ Pesquisas feitas no Rio de Janeiro, São Paulo, e Porto Alegre considerando aspectos como laços familiares, atividade exercida na rua, horário da contagem, apontaram uma estimativa elevada da categoria "meninos de rua" naquelas cidades em contagens feitas anteriormente.

Segundo Koller e Hutz (1996), no Censo de Crianças e adolescentes em situação de rua em São José do Rio Preto (SP) feito em 1996, investigando aspectos como trabalho, relações familiares, lugar de lazer, onde dormem e alimentam-se, foram identificados 5 tipos diferentes de crianças: dentre os dois grupos que dormem na rua: 1) um com vínculo familiar e 2) outro sem vínculo familiar, 3) os meninos na rua, 4) crianças que se utilizam da rua para seu lazer, e 5) um grupo de crianças que trabalham e alimentam-se na rua, dormem em geral em casa, mas às vezes na rua, e tem lazer tanto no seu bairro de origem quanto na rua.

Milito e Silva (1995) descrevem quatro tipos básicos de menores nas ruas do Rio de Janeiro: 1) crianças moradoras de favelas que usam a rua para auferir vantagens; 2) famílias nas ruas; 3) menores que passam o dia e a maioria das noites nas ruas; 4) menores infratores, que vivem de roubar.

Rosemberg (1996) discute de forma pormenorizada os procedimentos usados na contagem de crianças e adolescentes encontrados em situação de rua na cidade de São Paulo. A definição operacional adotada para contagem é embasada em três dimensões: 1) Aparência da criança/adolescente; 2) o espaço em que se encontra, ou seja a rua, distante de suas casas; 3) Atividade que a criança ou adolescente está exercendo: trabalhando na rua, esmolando, dormindo, perambulando, brincando.

Em Porto Alegre, segundo Craidy (1996) num levantamento feito em abril de 1992, onde considerou-se "como meninos de rua as crianças pobres que se encontravam em lugares públicos como quem realiza nele alguma atividade e não como quem passa", chega-se a conclusão através da diferença no número da contagem de meninos de rua nos diferentes horários do dia e da noite, que "eles existem como fluxo e não como situação permanente." (Craidy, 1996, p.7)

O levantamento feito pelo IBASE/IDAC/ISER/FASE no Rio de Janeiro, a fim de levantar dados para a criação do Projeto Educativo *Se Essa Rua fosse Minha*, privilegiou o período noturno, considerando apenas as crianças e adolescentes que dormem nas ruas, já que muitas das crianças encontradas durante o dia podem estar apenas de passagem, sem assim caracterizarem-se como moradores de rua. Tal pesquisa revelou um número muito menor do que os levantados em pesquisa anterior. Mesmo assim, identificou-se crianças e adolescentes que dormem nas ruas com toda sua família.

de que "meninos e meninas de rua " não têm família, ou que perderam os laços familiares e tornaram-se "crianças abandonadas". *"Quando se fala em menino de rua, o senso comum logo reage com o retrato acabado de um ser em abandono, sem laços familiares, desamarrado para o que der e vier, armado com o seco temperamento dos desprovidos de afeto e com os instrumentos letais que o crime organizado coloca em suas mãos."* (Milito e Silva, 1995, p. 79).

Lusk (1993), em pesquisa que fez no Brasil no ano de 1989, concluiu que cerca de 90% das "crianças de rua, ou viviam em suas casas ou mantinham contato regular, senão ocasional com suas respectivas famílias. (Rizzini; 1993 , p.158). Leczniesk (1992), estudando os guris de rua de Porto Alegre diz que *"mesmo que nos primeiros contatos estabelecidos muitos meninos afirmassem viver na rua, dando a entender que há muito tempo haviam se distanciado da família, ficou claro, mais tarde, que todos tinham algum tipo de vínculo familiar"*.

Da mesma forma, Alves (1991), em uma pesquisa sobre a estrutura e dinâmica familiar de meninos e meninas da rua, onde, entre outros elementos, busca diferenças entre o grupo familiar de criança de rua e crianças trabalhadoras, chega a seguinte constatação:

"Mas, talvez, a maior contribuição desses estudos tenha sido a descoberta de que, ao contrário do que se pensava até então, a grande maioria dos menores encontrados nas ruas não são "abandonados": se é certo que eles passam a maior parte do seu tempo na rua, ao final de suas geralmente longas jornadas de trabalho retornam ao convívio familiar." (Alves, 1991, p. 118)

Alves (1991, p. 118) distingue então, menores **na rua** de menores **de rua**. Menores **na rua** são aqueles que exercem suas atividades na rua mas vivem com suas famílias; menores **de rua** são aqueles que tendo rompido parcial ou totalmente os vínculos familiares, moram nas ruas, expondo-se assim a maiores riscos⁴.

⁴ A exemplo da autora, utilizo neste trabalho as categorias "crianças de rua" e "crianças na rua", ainda que considere a singularidade das formas de estar na rua.

Em trabalho de campo pude constatar que a maioria das crianças e adolescentes caracterizados como "meninos e meninas de rua" em Florianópolis mantêm algum tipo de vínculo com seus familiares, seja indo até a casa destes, seja encontrando-os na rua. Pode não ser um contato duradouro, de convívio diário, porém, como quem vai morar sozinho, longe dos pais, alguns deles procuram seus familiares em busca de solidariedade na hora da doença⁵, quando querem dar um tempo da vida na rua, quando estão em conflito na rua e a casa e a família podem lhes oferecer segurança; ou, simplesmente para matar a saudade de um ente mais querido. As motivações e a frequência da busca pela família variam muito. Há os que vão constantemente, quase diariamente. Outros retornam à casa com menos frequência, chegando a ficar meses sem ir.

Estar na rua, para estes personagens, não significa abandonar a casa. Em nenhum momento escutei em campo a expressão "abandono do lar". A categoria nativa que designa esta expressão é "sair de casa"/"fugir de casa", ou ainda "ir pra rua", o que não tem como significado o abandono definitivo da casa, mas sim, passar a ter um contato mais periódico com a rua, podendo utilizá-la como espaço de socialização e de moradia temporária.

A recepção familiar à crianças e adolescentes que passam dias na rua é diferenciada, variando desde uma recepção calorosa a um "bom xingão", ou uma "boa surra", tentando persuadir a evitar uma próxima "fuga". Os irmãos Mendes têm uma relação constante com os familiares, até porque casa e rua não são concorrentes para esta família. Não se percebe conflitos por passarem dias na rua, sem dar notícias. Pareceu que a preocupação da mãe é de que "cada um se vire na vida" e os que podem/ ou "querem", ajudem na casa. Os garotos são muito bem vindos na casa da mãe, mas não ficam muito tempo pois além do espaço da casa ser pequeno, vão para a rua porque lá dizem que "*estão mais livres para fazerem o que querem*".

⁵ Décio (21), morador de rua desde aproximadamente os 10 anos de idade, rejeitado pela família porque quando bebe fica descontrolado (segundo sua mãe, bate nos irmãos, não quer tomar banho, mijar nas calças), quando adoce, busca o consolo da família, que lhe estende a mão. Sua mãe, recentemente levou-o até o hospital pois ele apanhara na rua, e agora, com um buraco na cabeça, começou a "criar bicho".

Já na casa da mãe do Misael (15) a coisa é mais rigorosa. Saiu, tem que avisar onde vai, quando volta; precisa trabalhar para ajudar na casa e dar o dinheiro todo para ela no final do mês. Segundo seus relatos os vínculos que os unem são financeiros. Assim que fizer dezoito anos diz que vai *dar um chute na bunda da mãe. Até lá tenho que aturar porque ela é responsável pela grana da minha caderneta de poupança. Aquela velha só quer o meu dinheiro.*

Helena (18) conta que toda vez que voltava para a casa de sua mãe, sabia que ia conseguir o que queria e logo depois ia poder ir para rua de novo. Alega ter ficado tanto tempo na rua (09 aos 18 anos) porque a *mãe era muito boba. Eu sempre tapeava ela. Dizia que se ela me desse tal coisa eu não voltava mais pra rua. Ela dava e lá tava eu vendendo a tal coisa pra comprar droga. Se ela tivesse sido mais dura comigo eu já tava em casa há muito mais tempo.*

Alvinho (09), toda vez que volta para casa tem brigas com o pai. Mas volta sempre porque sente falta dos irmãos, principalmente da irmã mais velha e das duas menores, uma com 05 e a outra com 06.

Marcelo, no entanto, foi proibido de retornar à casa de seus pais, afastando-se dos mesmos por tempo prolongado quando começou a se envolver com drogas pesadas e apareceu num jornal como procurado pela polícia. Só entrou em contato com os mesmos anos depois, quando internou-se num centro de recuperação de dependentes de drogas.

O retorno à casa depende de muitos fatores - objetivos e subjetivos - que envolvem a criança na casa e também na rua. Dentre estes fatores destacaram-se: frequência e acesso ao uso de drogas, maior ou menor possibilidade de acesso de locomoção até a casa, falta de espaço na casa, relação afetiva com algum familiar, medo ou raiva de alguém em casa, impossibilidade de convívio com alguns valores da casa, o "gosto" pela rua, a liberdade da rua.

O uso de drogas aparece como um forte mantenedor da criança na rua. Craidy (1994), em sua tese de doutorado, comenta a pesquisa de Letícia Foster, em que a autora sustenta que o comprometimento com as drogas aumenta progressivamente na medida em que os meninos se distanciam da escola e da

família. *"A autora demonstra que o uso de drogas ilegais, inclusive pesadas, seria alto entre os que moram na rua e não têm relações regulares com suas famílias, sendo menor nos que as mantêm, e baixo nos que vivem com a família e vão à escola, mesmo quando a frequência não é regular"* (Craidy, 1994, p. 10).

Em contato com os familiares e com as crianças nas ruas de Florianópolis, ainda que pudesse observar uma tendência à ordem descrita por Foster, no sentido que mais próximo da escola e da família, menor a visibilidade do uso de drogas⁶, os familiares de crianças alegavam que o uso excessivo de drogas os afasta da família e permite que se "acostumem" rapidamente com a rua. Pude observar que algumas crianças e adolescentes, conforme vão entrando mais e mais no mundo das drogas, passam a ver dificultada sua relação com os familiares e muito mais com a escola, pois estes geralmente não aceitam que a criança se utilize das drogas conforme desejam ou necessitam. Não podemos esquecer, no entanto, do fato iniludível de que a experiência com drogas pode começar dentro da própria família, e que a frequência à escola não é garantia do distanciamento do universo de drogas, já que é neste ambiente que muitos passam pelo *ritual de iniciação*⁷. Dona Denise relata a história de sua filha que aos 7, 8 anos de idade saía para ir a escola e voltava no final da tarde com a "cara toda suja de cola". Era uma tristeza porque a gente não conseguia dar conta das roupas desta menina. A história é confirmada pela garota, agora adolescente, que sabe dos perigos do uso excessivo das drogas e que procura tirar os irmãos mais novos do perigo do uso de drogas pesadas.

A necessidade de um tratamento de desintoxicação permeia sempre a discussão sobre a possibilidade da volta à casa de meninos e meninas nas ruas que se encontram seriamente envolvidos com as drogas. Eles próprios apontam esta questão. Caros, inacessíveis às famílias dos meninos, tais tratamentos, acabam por fadar estas crianças à condição do eterno retorno à rua. Segundo D.

⁶ Ainda que em algumas escolas, como a Américo Dutra, no Monte Cristo, fosse freqüente a reclamação de professores e diretores do uso de drogas dentro do estabelecimento escolar. Numa reunião da comunidade com a escola, a diretora disse que estava ficando *incontrolável* a inserção de drogas dentro da escola.

⁷ Como relata Marcelo, ex-usuário de droga e ex-morador de rua. *Conheci a droga na escola aos 13 anos com o meu "melhor amigo"*.

Maria, depoimento descrito no final destes capítulo em "Dramas suscitados pelo abandono do lar", depois de muito orar conseguiu tirar os filhos da rua, mas não das drogas.

São poucos os casos em que a criança não tem contato algum com os familiares. Lua (12) foi o único caso que acompanhei - além dos três irmãos que moravam no albergue, cuja mãe havia falecido e os demais parentes moravam em outro estado, impossibilitando-os de manter contato com mais frequência - que, além de nunca ter testemunhado visita aos familiares, não percebi tampouco encontros na rua com pessoas que parecessem seus parentes. Sempre que o encontrei acompanhado, tratava-se de alguém da "turma da rua". As vezes que tentei conversar sobre sua família, não obtive resposta. Considerado pelos Conselheiros Tutelares⁸ como um dos garotos com maior vínculo com a rua, foi adotado por duas famílias, mas, em ambas, fugiu de volta à rua. Segundo um companheiro de rua, *Lua tá na rua porque quer, porque ele tem uma casa bem bonitinha. É pequeninha mas é bonitinha*. As últimas visitas à família pareceram ser motivadas pela ação dos Conselheiros Tutelares, já que numa das situações em que Lua estava sendo "recolhido"⁹ pelo Conselho Tutelar de São José, só topou ir com as Conselheiras quando lhe foi garantido que não seria remetido mais uma vez à casa da mãe.

Ainda que a criança demore em ir para casa, o contato com parentes se dá através de encontros no Centro, seja casualmente, seja pela "visita" que algum familiar lhe faz¹⁰. Leninha (12), que dificilmente vai para casa dos pais, mantém

⁸ Conselheiros Tutelares são agentes sociais que atuam nos Conselhos Tutelares da Criança e do Adolescente. São escolhidos em votação, onde os votantes são instituições (governamentais e não governamentais) que trabalham com a infância e adolescência no município, devidamente cadastradas no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente.

⁹ Lua, nesta época, estava muito doente, com problemas respiratórios, e aparentava estar bem abatido. Apesar de ser mito pequeno para sua idade, é muito alegre e perspicaz na rua. Demonstra sempre um bom humor contagiante, sendo popular e de muitos amigos.

¹⁰ Algumas vezes, buscando um motivo para me aproximar de algum parente na rua, perguntava pelo criança ou adolescente, se o haviam visto. Antes da resposta, que muitas vezes era vaga - *eu vi ele daquele lado lá tal hora...*, vinha uma pergunta, demonstrando preocupação: - *Porque a senhora*

constante contato com os irmãos e sobrinhos, quando estes vêm vender bala e esmolam no Centro¹¹. Um certo dia, conversando comigo e Leo (10), Leninha viu seu sobrinho de 5 anos, que vende balas no Centro da cidade, ser roubado por um amigo da rua. Vimos a menina sapatear de indignação porque o cara tinha roubado seu sobrinho, que era muito pequeno. *Covarde, roubando até de uma criança. Vai roubar de quem tem*. E acompanhou o menino, protegendo-o até o "pé do morro" em que moram, o que nos mostra que mantêm-se os laços afetivos, apesar da separação espacial.

Em muitos casos, o contato é diário, pois a família tira seu sustento também da rua. Trabalhos informais trazem, por vezes, famílias inteiras ao Centro, formando verdadeiras redes de relações. "Fazer feira", esmolar, catar papelão, vender balinha, bombons e outros "quitutes", engraxar, são atividades exercidas por pais, mães, tios, padrinhos e principalmente por irmãos, primos e ainda vizinhos das "crianças e adolescentes de rua", transformando o espaço da rua num espaço do convívio familiar, onde se desenvolve uma verdadeira rede de relações familiares, de compadrio, ou mesmo de solidariedade. A mesma família que tem um filho que dorme na rua pode ter outro que se mantém trabalhando para o grupo.

A família de Leninha, assim como a de Leo, são um bom exemplo da circularidade que existe entre a casa e a rua, pois não encontrando-se em casa, o encontro é certo na rua. Irmãos, pais, sobrinhos, primos, tios são freqüentadores diários da rua - principalmente à tarde e à noite. Ali, demonstração de afetividade entre os parentes era freqüente, e transparecia como um fator importante para as relações. Leo e seus irmãos andam sempre juntos, defendem-se dos perigos da rua. Encontrei sua irmã mais velha procurando um dos garotos pois tinha acompanhado-o até o médico no dia anterior e este recomendara que fizesse uma dieta para gastrite. Levava-o para sua casa para cuidar da sua alimentação e evitar

quer saber dele (a)? O que a senhora é dele (a)?. Tais perguntas e respostas pareciam indicar um cuidado em não "entregar" a criança a alguém indesejado.

¹¹ Toda esta rede que se estabelece no Centro também é estranhada por uma série de atores pertencentes a classes "mais favorecidas". Assim como os "meninos de rua", estas pessoas também são alvo da "cultura da evitação" já que sua estada naquele ambiente é controlada

que usasse drogas por uns dias. Ele fugira no dia seguinte. Advertiu que se ele não se cuidasse, poderia ficar muito pior, conforme o próprio médico o avisara. Mostrava-se muito preocupada com a situação. Procuramos por Leo em várias ruas do Centro. Por fim, vencida pelo cansaço, pois carregava a filha mais nova no colo, foi embora desanimada por não ter encontrado o irmão. No final da tarde daquele dia encontrei-o. Estava muito abatido.

Uma outra demonstração de afetividade neste mesmo grupo familiar foi observada em outra ocasião, quando eu e Leo caminhávamos em direção ao Terminal Rita Maria e encontramos o irmão mais velho(21), também morador de rua, logo na descida da passarela. Os dois se abraçaram quando se viram, felizes de terem se encontrado. Deo, o mais velho deles olhou para mim e disse que seu irmão é gente fina. "*Um irmaozão*". Ficamos ali por quase meia hora e neste tempo, pude presenciar o abraço dos dois mais algumas vezes.

Mas a demonstração de rancor, raiva, os "xingamentos" também não custavam a aparecer, deixando à vista as discórdias entre os parentes.

Era uma tarde ensolarada. Caminhávamos, eu Leninha e Mazinho em direção ao aterro da Baía Sul à procura de uma senhora que vendia marmita à dois reais. Os dois haviam acordado tarde naquele dia e temiam que já tivessem vendido toda comida. No caminho, a passos largos, encontramos uma das irmãs de Leninha. Ao avistá-la, Leninha vira imediatamente o rosto e Mazinho comenta: *Invejosa. Ela tem inveja de ti que tem coragem de tá na rua.* Perguntei porque não falara com sua irmã. Leninha diz que ela *só sabe querer dar uma moral. Só sabe encher o saco da gente. Ela não gosta de me ver na rua.*

A relação com a família nem sempre é harmônica. Ela é, em muitos casos, violenta, como poderemos perceber no capítulo 5 deste trabalho, onde abordo os motivos dado pelos adolescentes e crianças do "abandono do lar". Os momentos de saída de casa vêm acompanhados de situações dramáticas para a criança ou adolescente¹² e muitas vezes para a própria família.

periodicamente por diversas instituições e pessoas. Por um lado, a rua torna-se o "quintal dos excluídos" e por outro vê-se crescer a "cultura da evitação" das classes "mais favorecidas".

¹² Muitos dos adolescentes que passam a ter um convívio diário com o universo das drogas e do roubo relataram o desejo de "mudar de vida". Alegam ser preciso desvincular-se do *patrão* - "os

Apesar da rua se caracterizar como um importante espaço de socialização, as relações que ali se estabelecem, no entanto, parecem não substituir o espaço ocupado pelo grupo familiar. As relações consangüíneas se mostraram importantes para as crianças e adolescentes que entrevistei, ainda que estejam distanciados dos mesmos. Eles não esquecem quem é seu irmão, seu tio e estes são sempre uma possibilidade de reencontrar-se com sua "origem"¹³. Conforme o termo usado por Fonseca (1993), parece que "o sangue puxa". Os laços afetivos no entanto, podem se estabelecer com outros que não os consangüíneos¹⁴, os afins.

A situação econômica familiar não é a única responsável para que crianças e adolescentes passem a dormir na rua, já que alguns revelaram ter uma família com possibilidades de mantê-los em casa, estudando, mas que, motivados por desejos ou intrigas resolveram "ir pra rua". O caso de George é bem típico - demonstra inclusive um certo orgulho em dizer que a mãe tem de tudo em casa, telefone, carro, um quarto só para si, mas que seu negócio é outro. Prefere ficar com a 'família da rua". Vai até a casa da mãe quando está doente ou quando está cansado de batalhar na rua. George trabalhava como guardador de carros no Centro de Florianópolis, e tinha um forte vínculo com a turma da rua. Era muito querido pelos amigos da rua e pelos companheiros do MNMMR chegando a trabalhar como educador de rua num projeto da Prefeitura¹⁵. Outro caso típico é Marcelo - filho de uma família classe média, que tendo se envolvido com o tráfico de drogas, depois da polícia ir procurá-lo na casa de seus pais, decidiu ir embora, "cair no mundo", como ele mesmo diz. Ou o caso de um adolescente que agora

tráfica", do universo das drogas, reconstruir uma rede de relações onde possa se sentir com o mínimo de segurança.

¹³ Conversando com um membro do MNMMR de Florianópolis, este comentou o forte vínculo familiar de uma das famílias pesquisadas (dos 7 filhos, 6 já foram moradores de rua). Contou que numa audiência onde se decidiu que uma das meninas, que ficava constantemente dormindo na rua, iria para uma instituição para fazer um tratamento de saúde, mãe e filha, indignadas com a decisão do juiz, não a acataram. Quando a garota viu que iriam levá-la a força, além de segurar-se desesperadamente na mãe, pegou uma cadeira e, decididamente, levantou para jogar na cabeça do juiz. Foi impedida por uma terceira pessoa que acompanhava a reunião.

¹⁴ Isabel passa a renegar parte de sua família assim que sofreu agressão pelo pai - Diz que sua filha não tem avô, somente avó.

trabalha no programa contra o consumo de drogas. Disse que freqüentou a rua por longos anos na sua infância, e que o pai, sendo policial, podia lhe dar muita coisa. *Naquela época eu que era cabeça fraca e não aproveitei. Hoje eu uso esta experiência para conscientizar outros garotos que não vale a pena a rua*¹⁶.

Se considerarmos que "abandonado" é aquele que não mantém seus vínculo com a família, podemos dizer que são poucos os que de fato abandonam ou são abandonados pelo grupo familiar. A categoria "abandonado" pode ser aqui relativizado já que mesmo os meninos que dormem mais tempo na rua, mantendo assim maior vínculo com ela, não perdem, no entanto, os vínculos com o grupo de origem. Salientar então alguns aspectos destes grupos, destas redes, perceber valores, significados destes grupos talvez nos mostre que antes de "abandonados", crianças trabalhadoras, meninos e meninas de rua, estas crianças e adolescentes são pessoas interagindo no mundo. É preciso estar sensível às redes e aos vínculos que estas crianças mantêm com seus familiares, para não confundir crianças na rua com "abandonado" e assim incorrer no erro de "matar" os laços que tais crianças mantêm com seu grupo familiar e mais uma vez descriminá-las como "abandonados", sentença que definiu Roberto Silva (1997) e inúmeras outras crianças enquanto filhos do governo¹⁷. Mesmo ao distingui-los em categorias (meninos de rua, meninos da casa, crianças em situação de rua, abandonado, filhos do governo) não esquecer que categorias são construções sociais. Além delas, existem pessoas com diferentes situações de vida, diferentes histórias familiares, com diferentes perspectivas. Afinal, estas construções podem levar inúmeras crianças consideradas como "abandonados" a condição de "menor

¹⁵ George (19) faleceu no início deste ano com um tiro na boca. Segundo a conclusão do inquérito policial, foi suicídio, porém alguns amigos não acatam a tese de suicídio, e levantam suspeita que ele tenha sido assassinado.

¹⁶ Ao relembrar seu tempo da rua, falava com entusiasmo das travessuras que aprontavam nas proximidades do albergue. Era visível que mesmo tendo se "regenerado", tinha muito boas lembranças do seu tempo de rua.

¹⁷ *Filhos do Governo*, segundo o autor, "designa, portanto, um universo muito grande de meninos e meninas, hoje todos adultos, que, entre 1964 e 1990, receberam uma sentença judicial de abandono, com a destituição dos pais ou não, e uma sentença definitiva de internação até os 18 anos de idade, que viveram em internatos estatais ou conveniados e que tiveram suas

institucionalizado" e por último, como nos alerta Roberto da Silva, em seu livro *"Filhos do Governo": A Formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas*", de uma identidade institucional, metamorfosear-se, sob os olhos da sociedade, em uma "identidade criminosa", aumentando a cultura da evitação.

Como salienta Hélio Silva "A expressão *menino de rua* é vazia e seu uso constante e generalizado é fruto dessa própria vacuidade. É já expressão do medo e não do real. O que se descobre sobre a expressão são **meninos muito diferentes, adolescentes bem distintos.**" (1996, p. 39)(grifo meu).

Silva (1995,1996) descreve ainda este "menino de rua": "Termo abrangente que designa meninos, meninas e adolescentes, 1) cujos vínculos familiares são , 2) permanentes 3) ou rompidos (e que em decorrência) ocupam a rua 1) intermitente 2) temporária, 3) ou permanentemente."

No entanto, tentar desconstruir esta categoria não significa tapar os olhos para a situação que estas crianças se encontram, mas sim abrir os olhos para diferentes aspectos que envolvem este **estar na rua.**

1.2 O tratamento ao "abandonado" no Brasil: Concepções, denominações e tratamento conferidos à infância (pobre) no Brasil

Sabe-se que o abandono de crianças à própria sorte, o infanticídio, o aborto como meio de contracepção são práticas costumeiras em diversas sociedades, práticas nem sempre aceitas legalmente, mas, segundo Ariés, sempre "toleradas".

"O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo, correntemente, talvez, camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las." (Ariés, 1989,p. 17).

A tentativa de controle sobre tais práticas, segundo Pedro (1998)¹⁸, tem também uma história longínqua. Investigando a criminalização de práticas como

identidades, seu caráter e sua personalidade formados enquanto estava sob a tutela do Estado."(Silva, 1998, p.12).

¹⁸ Pedro, Joana Maria. "A criminalização de práticas abortivas". Trabalho apresentado no Seminário "Fazendo Gênero II": Gênero e Saúde. Realizado entre 13 a 15 maio de 1998, UFSC.

aborto e infanticídio no período de 1900 a 1996 em Florianópolis, através de processos jurídicos, registros policiais, jornais e entrevistas com pessoas idosas, a autora pretende estudar a história da persistência de tais práticas já que, segundo a autora (Pedro, 1998, p. 1) "a história destes esforços é também a história da persistência de tais práticas e portanto, é preciso acompanhar os caminhos percorridos pelas tentativas de controle destas práticas".

Da mesma forma, Oliveira (1990), em tese de mestrado em História, estudando a assistência dada aos "expostos" em Desterro, historiciza o abandono de crianças nesta cidade¹⁹. Sua pesquisa abrange o período de 1828, desde a criação da roda dos expostos até 1887, quando esta foi extinta por completa incapacidade da Câmara de Vereadores de continuar subsidiando tal prática.

Os registros históricos sobre o abandono na infância parecem estar então, conforme os dois historiadores sugerem, intimamente ligados a história do tratamento dado ao abandonado e ao que abandona. Tal tratamento está vinculado, por sua vez, à uma concepção de infância que se altera com o passar dos anos.

O marco histórico do tratamento público aos abandonados no Brasil está ligado à criação da roda dos expostos. Criada na Idade Média, na Itália, a roda constituía-se num dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. A roda tinha como principal característica a de deixar o expositor anônimo, já que sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, se fixava no muro ou na janela da instituição, permitia que a criança fosse depositada na parte externa. Assim, o expositor girava a roda, puxava uma cordinha com uma sineta para avisar a vigilante ou rodeira que uma criança havia sido abandonada e ia embora.

"A roda foi instituída para garantir o anonimato do expositor, evitando-se, na ausência daquela instituição e na crença de todas as épocas, o mal maior, que seria o aborto e o infanticídio. Além disso, a roda poderia servir para defender a honra das famílias cujas filhas teriam engravidado fora do casamento. Alguns autores estão convencidos de que a roda serviu também de subterfúgio para se regular o tamanho

¹⁹ Sobre a história da criação e da prática do uso da "Roda dos Expostos" em Desterro, ver também Cabral, Osvaldo. Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis: Lunardelli, 1979. Vol. 2.

das famílias, dado que na época não haviam métodos eficazes de controle de natalidade." (Marcílio, 1997, p. 72).

Lima e Venâncio (1996, p.67)²⁰ apontam as seguintes causas que levavam a procura da roda no Séculos XVIII a XIX: *"pessoas pobres que não tinham recursos para criar seus filhos, por mulheres da elite que não podiam assumir um filho ilegítimo ou adúltero e, também, por senhores que abandonavam crianças escravas e alugavam suas mães como amas de leite"*.

No Brasil, a primeira roda criada foi em Salvador em 1726, trazendo os costumes de Portugal. A roda, como em Portugal, é instalada numa instituição religiosa, com ajuda do rei, sendo que a partir de 1830 as províncias passam a ter que subvencionar as casas de assistência a estes expostos.

Em Desterro (Florianópolis) a roda foi criada em 1828, sendo as crianças expostas cuidadas primeiramente por famílias da comunidade e depois pela Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. O mais antigo registro sobre a prática de expor, e sobre a existência de procedimentos para assistir a estas crianças, no entanto, data de 1757 (Oliveira, 1990). As crianças eram deixadas nas portas das casas, de igrejas, e familiares se ocupavam da criação dos expostos. A roda vem institucionalizar tal prática, determinando um local especializado para receber estas crianças.

Segundo Marcílio (1997), as crianças que eram abandonadas e que não recebiam proteção devida pela Câmara ou pela roda, acabavam sendo acolhidas em famílias que as criavam por dever de caridade ou por compaixão.

A roda de fato se instaurou apenas nas cidades que apresentavam características urbanas, onde o número de crianças abandonadas passava a se tornar visível. No meio rural, a prática de expor ainda se fazia da antiga forma.

A roda nasce exatamente com o intuito de "sustar estes 'sacrifícios humanos' da parte dos genitores (aborto e infanticídio), favorecendo a prática de

²⁰ Lima, Lana Lage da Gama e Venâncio, Renato Pinto. O abandono de Crianças negras no Rio de Janeiro. In Priore, Mary del. História da Criança no Brasil. SP: Contexto. 1996. Os autores atentam para o fato de que a lei do Ventre Livre pouco trouxe de melhoria nas condições de vida da criança negra no Brasil e sim veio contribuir para o número de abandonos dos filhos de mulheres cativas, por parte dos senhores. "Hoje, há mais de cem anos da Abolição, convivemos com cerca

exposição, por propiciar condições para o anonimato dos genitores". (Oliveira, 1990, p.149). A criação da roda, no entanto, não garante que todas as crianças aí recolhidas "vinguem". Grande número destas crianças acabavam morrendo por diversos motivos. Venâncio²¹ levanta números e motivos da mortalidade infantil nas rodas.

"Em Salvador, durante o período de 1758 a 1762, o percentual de expostos mortos com idade entre zero a sete anos foi de 646 em mil. Entre 1781 a 1790, a mortalidade atingiu 687, e nos anos posteriores à Independência chegou a cifras ainda maiores. No Rio de Janeiro e demais cidade que conheceram o abandono de crianças, constata-se quadro semelhante ao de Salvador" (Venâncio, 1997, p.212).

Os motivos que levavam as mães a expor seus filhos na roda segundo Venâncio (1997)²² e Oliveira (1990), não se restringiram ao fato de que era vergonhoso reconhecer a paternidade de um filho bastardo. A pobreza era motivo freqüente de mães abandonarem seus filhos, algumas inclusive com a intenção frustrada de reavê-los mais tarde, já que a maioria das crianças não sobreviviam.

A historiadora Míriam Moreira Leite²³, analisando os escritos de viajantes europeus sobre a prática de expor e as condições das casas de assistência aos expostos, salienta que os viajantes deixam claro as condições precárias, desumanas com que as crianças eram tratadas nas casas de expostos. Porém, a autora enfatiza sua surpresa ao ler anuários europeus sobre a situação de crianças abandonadas na França, Inglaterra, Bélgica, Itália, durante o Século XIX que as condições de tratamento destas crianças não diferenciavam muito das do Brasil na mesma época.

de 12 milhões de crianças abandonadas nos centros urbanos e a maioria absoluta é de origem negra." (Lima e Venâncio, 1996, p. 73)..

²¹ Venâncio, Renato Pinto. Maternidade Negada. In Priore, Mary del.. História das Mulheres no Brasil. SP: Contexto, 1997.

²² O autor levanta outras suposições que relacionam motivos do abandono e o alto índice de crianças mortas nas rodas.

²³ Leite, Míriam Moreira. O óbvio e o contraditório da Roda. In Priore, Mary del. História da Criança no Brasil. SP: Contexto. 1996.

É preciso lembrar que a preocupação com as crianças expostas no século passado vem à tona num momento em que a infância começa a "tomar corpo", a ser notada enquanto um ser diferente do adulto²⁴.

"A partir de um certo período, e, em todo caso, de uma forma definitiva e imperativa a partir do século XVII, uma mudança considerável alterou o estado. Isto quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e apreender a vida diretamente, através do contato com estes...Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, ao qual se dá o nome de escolarização". (Ariés, 1981, p.11)

Esta mesma tendência se observa nas famílias. Seu adentramento ao espaço doméstico, à intimidade, e o respectivo isolamento do grupo conjugal se acentua. A própria casa toma dimensões que proporcionam maior intimidade ao grupo. Diversos historiadores falam sobre esta mudança também no Brasil (Priori, 1996, 1997; Arantes, 1994; Dincao, 1997)

No entanto, ainda nesta época, segundo Míriam Moreira Leite

"a prática ilegal e quase aberta do abandono e o fatalismo com que era aceita a mortalidade infantil revelavam certa indiferença ao valor da criança até o início do século XIX, quando as escolas começaram a descobri-la e a classe médica passou a insistir na necessidade da criação dos filhos pelas mães, pois cada criança achada (depois de abandonada) era uma criança perdida. (Leite, 1996, p.99).

²⁴ Segundo Ariés, a sociedade tradicional via mal a criança, e pior ainda o adolescente. "A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos." O autor nos lembra ainda que um período de "paparicação" era reservado a esta nos seus primeiros anos de vida, "enquanto ela ainda era coisinha engraçadinha".. Depois, era comum que passasse a viver em outra casa que não a de sua família." (1989, p. 10).

Da mesma forma, a noção de família toma novos direcionamentos. Anteriormente não tinha a função afetiva. Ariés salienta que nestas época havia uma sociabilidade entre os grupos familiares. "As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas portanto fora da família, num "meio" muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podiam manifestar mais livremente." (1989, p. 11)

Oliveira (1990), na sua dissertação de mestrado em História, "Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)", levanta dados históricos do uso da roda em Desterro e o posterior estranhamento que a prática de deixar crianças nas portas das casa e o uso da roda causariam. O autor também salienta a diferenciação ocorrida no tratamento à infância nesta mesma época em Desterro. A remodelação das condutas em Desterro, da qual nos fala Oliveira, trata exatamente das diferentes formas de atuar perante o abandono nesta cidade.

Por ocasião da roda, as crianças expostas eram criadas por amas de leite até os três anos de idade. Depois, se a ama concordasse, a Câmara pagava-lhe uma quantia para que a criança ficasse em sua guarda até os 7 anos, em alguns casos, até os 12. *"A partir daí, poder-se-ia explorar o trabalho da criança de forma remunerada, ou apenas em troca de casa e comida, como foi o caso mais comum"*. (Marcílio, 1997, p. 72).

Apenas uma minoria era assim "acolhida" após o tempo em que recebiam salários, e como a Casa da Misericórdia não conseguia dar abrigo a todas que voltavam da guarda das amas, estas ficavam sem ter para onde ir. Então, *"acabavam perambulando pelas ruas, prostituindo-se ou vivendo de pedir esmolas ou de pequenos furtos"*. (Marcílio, 1997, p. 73).

Por incentivo de diversos especialistas (médicos higienistas, juristas), a roda começa a ser desativada no Brasil a partir da metade do Século XIX, sendo que as mais importantes estendendo-se até o Século XX. Os juristas tiveram sua participação na abolição da roda, começando a pensar as novas leis para proteger os abandonados e também para resolver o problema que ora se apresentava - o do menor infrator.

Por volta de 1924 é criado e regulamentado por parte do Poder Judiciário o Juizado de Menores e de todas as instituições auxiliares. A criança e o adolescente passam a ter uma legislação especial, diferenciando a idade de responsabilidade penal do menor de 9 para 14 anos inicialmente chegando a 18 anos no Código Penal de 1940. O Estado passa, a partir daí, a assumir a responsabilidade legal pela tutela da criança órfã e abandonada. É aí também que se começa a definir a

política de adoção no país. Em 1916 passa-se a poder transferir a responsabilidade tutelar entre um adulto e outro²⁵.

A criança passa a ser considerada como alguém a ser preparado para o futuro. *"A nova ciência psicológica consolidou a noção moderna de "infância" enquanto fase crucial para o desenvolvimento da personalidade do adulto, necessitando de orientação especializada"*. (Fonseca, 1996, p. 120).

O termo "situação irregular" passa a constar no Código de Menores de 1927²⁶. Simões (1989) diz que a infância e a delinquência na situação irregular se referiam, na prática, a uma relação direta com a tutela familiar e a apropriação ilegal de bens (roubo, tráfico, furto, etc). Tanto ao abandonado quanto ao delinquente prescrevia-se a internação, o que por vezes expunha crianças que houvessem saído temporariamente de casa à situação de interno, dificultando o contato com os familiares. *"O artigo 56 do Código Mello Mattos estabelecia que, se no prazo de trinta dias, a contar da entrada em juízo, o menor fugitivo ou perdido, que estivesse em situação irregular, não fosse reclamado por quem de direito, o juiz, declarando-o abandonado, dar-lhe-ia o conveniente destino, isto é, seria internado"*. (Silva, 1997, p. 60).

²⁵ Fonseca (1996), questionando porque até então o Governo não havia se manifestado sobre a questão da adoção, deixando que o grande número de casos de enjeitados fossem resolvidos informalmente ou deixando para o direito contratual, explica este fato histórico por uma marcada diferença entre os interesses do Estado moderno e da Igreja. Segundo a autora *"O Estado moderno não tinha os mesmos interesses da Igreja para colocar obstáculos à adoção, já que seu poder econômico residia em outras bases que não a do patrimônio de famílias sem herdeiros."* Mas o Estado também defende seus interesses, e *"aproveitava a responsabilidade de garantir direitos individuais - neste caso o bem estar da criança, para intervir na vida familiar e assim estreitar o controle sobre a vida dos súditos."* (Fonseca, 1996, p. 119).

²⁶ O art 2º deste Código dispõe que está em "situação irregular" o menor:

I - privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de: a) falta, ação ou omissão dos pais ou responsáveis; b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las;

II - Vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;

III - Em perigo moral devido a:

a) encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes;

b) exploração em atividade contrária aos bons costumes;

IV - privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável;

V - com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária;

VI - autor de infração penal.

Neste período, que data a criação do atendimento à criança e ao adolescente até a Criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 1990, o tratamento da infância por parte do Estado recebeu sérias críticas. Crianças e adolescentes são enclausurados em verdadeiras prisões para "menores" (Altoé, 1993, Rizzini, 1993). O próprio termo "menor" toma dimensões estigmatizantes dentro da política de atendimento. Irma Rizzini²⁷ diz que na prática jurídica a construção do "menor" tem os seguintes sentidos:

"Menor não é apenas aquele indivíduo que tem idade inferior a 18 ou 21 anos conforme mandava a legislação em diferentes épocas. Menor é aquele que, proveniente de família desorganizada, onde imperam os maus costumes, a prostituição, a vadiagem, a frouxidão moral, e mais uma infinidade de características negativas, tem a sua conduta marcada pela amoralidade e pela falta de decoro, sua linguagem é de baixo calão, sua aparência é descuidada, tem muitas doenças e pouca instrução, trabalha nas ruas para sobreviver e anda em bandos com companhias suspeitas. " (Rizzini, 1993, p. 96).

A autora detecta, em análise de documentos, artigos e relatórios, uma diferença na terminologia empregada pelo Juízo de Menores da Capital de SP para referir-se à crianças das quais este se ocupa. Segundo a autora, "a diferença na terminologia empregada é resultado de diferenças significativas na forma de se conceber o menor e a criança".(Rizzini, 1993, p. 94). Diversos autores tratam deste assunto, criticando como o termo vem em direção de um tratamento diferenciado da infância pobre no país²⁸.

Rizzini (1993) mostra ainda como as técnicas e os saberes científicos passam a ser usados para justificar as necessidades de reforma deste menor, resultando numa prática excludente e discriminadora - colocando-o em reclusão, sem direito à defesa. Analisando vários processos, a autora salienta a diferença entre os diagnósticos feitos na década de 20 e os do final da década de 30, início de 40. "Observa-se um aumento na utilização de termos psiquiátricos e uma maior

²⁷ RIZZINI, Irma. O Elogio do Científico - A construção do "Menor" na prática Jurídica. In RIZZINI, Irene. A Criança no Brasil Hoje. RJ: Univ. Santa Úrsula, 1993.

²⁸ Passeti (1994), Rizzini (1993). Sobre o tema ver também (BRUM & CENTURÃO 1994, p. 13) ; (LONDONO, Fernando Torres. A Origem do Conceito Menor. In PRIORY. 1996; p. 129) e ainda Alvin e Valladares (1988).

preocupação com a saúde mental". (Rizzini, 1993, p.87). O SAM (Serviço de Assistência ao Menor), criado em 1941, se guiava por tais preceitos.

Na tentativa de uma elaboração teórica sobre o "problema da criança" e a "ação social do Juízo de Menores", nos vários instrumentos do Juízo de investigação do Menor, era priorizado o levantamento dos seus antecedentes morais e de sua família. (Rizzini, 1993, p.94)

Segundo Alvin e Valladares(1988),

"por trás da idéia do SAM estão presentes representações amplamente aceitas e discutida: a imagem da criança pobre enquanto abandonado física e moralmente; uma concepção de infância enquanto uma idade que exige cuidados e proteção específicos; as grandes cidades como locus de vadiagem, criminalidade e mendicância; os espaços públicos (ruas, praças, etc.) como espaços da socialização da marginalidade. Por fim, a idéia de que cabe a instituições especializadas a "recuperação" e a formação de uma infância 'moralizada". Recuperando a "infância desvalida", o Estado contribuiria para a formação de indivíduos úteis à sociedade, futuros bons trabalhadores." (Alvin e Valladares, 1988, p. 8).

A partir da criação do SAM, e com as mesmas idéias como fundo - o controle social -, surgem diversas instituições públicas privadas que se voltam para o atendimento à crianças e jovens das camadas populares, porém privilegiando diferentes formas de atuação. Se incluem aqui a LBA (Legião Brasileira de Assistência), SESI, SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC, SESC. Reformar e educar para o trabalho eram objetivos de tais instituições.

Com as inúmeras acusações ao SAM enquanto "escola do crime" já que internava crianças para recuperá-las, a partir de meados de 1960 formula-se uma política nacional de atendimento e com ela a criação da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM). Em 1964 é criada a nível federal a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do menor) e a nível estadual, as FEBEMs (Fundações Estaduais do Bem Estar do Menor). A FUNABEM baseava-se então na *"reeducação do menor, não pautada exclusivamente na internação, mas no apoio à família e à comunidade"*. (Alvin, 1988, p 9).

Millitto e Silva (1995) citam as categorias criadas em 1970, a partir da revisão do Código de Menores, que implicariam na internação do menor.

- a) *situação irregular;*
- b) *família desestruturada;*
- c) *criança abandonada sem família (burguesa)*
- d) *criança carente (quando a família não pode proteger);*
- e) *menor de conduta anti-social (família não pode controlar os excessos da criança);*
- f) *menor infrator (praticava ações que implicavam envolvimento seu e de terceiros);*
- g) *deficientes físicos e mentais;*
- h) *menor "perambulante" (sem ofício, expulso da escola, fugitivo do lar).*

Segundo os autores, essa categorização era feita inicialmente por assistentes sociais e depois por equipe multidisciplinar da própria Funabem, categorias que implicariam "necessariamente o enquadramento da pobreza". (Militto e Silva, 1995, p.121).

"O internamento era visto como o meio propício à reeducação, reestruturação, ressocialização dessa infância desassistida". (Milito e Silva, 1995, p. 122)

No entanto, na prática, não ocorreram mudanças significativas nas concepções da infância pobre. Continuavam sendo objetos de reforma e marginalização. Não foram poucas as denúncias de maus tratos à crianças e adolescentes em tais instituições.

É no contexto da Funabem que surge o termo "meninos e meninas de rua", quando já adquire um aspecto politizado do que é a criança na rua, embora generalizante dentro deste universo. Alvin (1995), numa análise histórica do tratamento dado à infância pelo jurídico, diz que a categoria social denominada "meninos e meninas de rua" refere-se às crianças pobres nas ruas das grandes cidades brasileiras.

Um novo termo substitui o "menor": juventude ou infância em "situação de risco". Adorno define jovens em situação de risco como "*aqueles segmentos populacionais cujas características de vida - trabalho e profissionalização, saúde, habitação, escolarização, lazer - os colocam entre as fronteiras de legalidade e da ilegalidade, em*

situação de dependência face às instituições de amparo assistencial e de intervenção legal". (Adorno, 1993, p. 103)

Nesta época, o conceito de infância como algo a ser lapidado, elaborado, construído para ser um futuro adulto bem formado, tem conseqüências paradoxais. A criança, este ser frágil, que precisa ser construído, lapidado, começa a ficar cada vez mais visível e passa a ter um lugar na sociedade que é o do privado. Nesta fase, a de infante, as crianças passam a ser tratadas como seres frágeis e que precisam ser protegidos dos perigos do mundo e serem moldadas dentro de um comportamento moral religioso. Com isso, tornam-se cada vez mais visíveis as crianças que não seguem tais características, ou seja, além de viverem nas ruas das cidades, soltas, estão fora da escola. Estão numa situação duplamente ilegal. As crianças pobres são vistas como delinqüentes, bandidos em potencial.

Conforme Rizzini "O Estatuto avança na discussão sobre a discriminação imposta pelo uso do termo menor, ao substitui a noção do "menor em situação irregular" pela de "sujeito de direitos". (Rizzini, 1993, p.98)

Com a extinção da roda dos expostos, e a criação das Funabens Fucabens, FEBens, a criança pobre passa do *status* de abandonado, coitadinho, para o de infrator. Somente com o ECA, que avança na discussão sobre a discriminação imposta pelo termo menor, que a criança pobre é elevada ao *status* de criança ou adolescente. É consenso que o ECA trouxe grandes mudanças na concepção do tratamento da infância e da adolescência. O estatuto coloca todas as crianças sob o mesmo código. A lei já não olha para a infância pobre como menor que a diferenciava da infância classe média e média-alta. Toda criança passa a ser considerada **cidadã de direitos**. A prática de atendimento também saiu das mãos exclusivamente do Estado. Passou a ser dividida com diversas organizações civis. A responsabilidade de atendimento passa a ser também da sociedade. Com a descentralização do atendimento, que se dá a partir da instauração dos Conselhos Tutelares Municipais, os programas estão diretamente ligados à política municipal.

Porém, mesmo no período do ECA, na prática de algumas instituições, apesar dos avanços conquistados, que são significativos e devem ser considerados, ainda se vê a criança pobre como "irregular".

Verificando um dos relatórios de encaminhamento dos programas que abordam a criança na rua, percebemos que na prática a noção e o tratamento dado à infância pobre ainda é de menor, fora dos âmbitos escolares, a da família ainda é desregrada, irresponsável e o objetivo ainda é reformar tal família e corrigir tal criança educando-a sob os moldes de uma realidade que não a que ele se insere.

Em um relatório situacional datado de 25 de outubro de 1996 em uma Instituição de Atendimento à Infância e Adolescência em Florianópolis, podemos ler as seguintes informações sobre um adolescente e sua família:

Desenvolvimento: M.S é filho de uma família numerosa com mais seis filhos, sua mãe é alcoólatra e sem nenhuma responsabilidade faz com que seus filhos fiquem nas ruas dando assim continuidade à prática de mendicância da qual a família sempre fez uso. Apesar de várias tentativas feitas junto à escola, M. S só conseguiu se alfabetizar no final de 1993. Nesse período o adolescente também foi encaminhado para cursos de marcenaria não demonstrando interesse nem comparecendo aos encaminhamentos feitos pelo programa. M começou a freqüentar o programa desde 1993 sempre demonstrando carência afetiva, descontrole emocional, desinteresse por qualquer atividade que lhe era oferecida e um certo autoritarismo em relação às crianças. O adolescente é usuário de cola de sapateiro, maconha e cocaína.

Desde os injeitados até a atualidade, a história destas crianças e adolescentes - os "abandonados" e de suas famílias, parece ter algo em comum. O fato de estarem num lugar **indevido**.

Capítulo 2

A rua e a casa:

O Público e o privado

Eu moro na rua não tenho ninguém.
Eu moro em qualquer lugar.
Já morei em tantas casas que nem me lembro mais.
Eu moro com meus pais.
Renato Russo

Casa e rua são categorias que coexistem sob a égide de significados elaborados e reelaborados em diferentes culturas, recebem os mais diversos adjetivos, conferindo-lhes diferentes noções. Estes espaços, construídos física e simbolicamente, nos apontam a possibilidade de conhecer noções próprias de um determinado grupo. Expressões como "sinta-se em casa", "vá para o olho da rua" são expressões populares brasileiras lembradas por DaMatta¹ e que demonstram como as considerações destes dois espaços são, muitas vezes, antagônicas. Códigos sociais que demarcam comportamentos, normas carregadas de proibições e permissões estão presentes nestes espaços. Por que determinadas coisas só podem ser feitas dentro de um espaço privado e outras, por sua vez, no público. Crianças, senhoras, moças não devem ficar na rua depois de determinado horário. Homens não devem ocupar-se de certas atividades do espaço doméstico.

Jeitos de agir aqui e lá trazem em si, formas de perceber este espaços, que revelam concepções, costumes, valores de um grupo ou pessoa. O modo de vestir-se quando se sai de casa, a hora em que se sai, ou que se volta pra casa; se sai ou não... Para DaMatta (1991, p.53) o *espaço é definidor de esferas de significação social*, que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias.

Segundo Butler, nos *Sermons*, obra de 1726, (Sennet, 1988) , "*todo homem deve ser considerado em 2 níveis, o privado e o público*". É costumeiro uma pessoa se

¹ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*, Rio de Janeiro Ed. Guanabara Koogan S.A., 1991.

apresentar em cada um desses espaços de forma diferenciada. A "*roupa de sair*" e a "*roupa de casa*", tão comuns em nossa sociedade, expressam a existência de uma diferenciação entre apresentar-se em público, ou no privado. A representação de si se molda a estas duas categorias².

Noções sobre a casa e rua parecem-nos tão óbvias que vez por outra nos pegamos achando muito estranho quando situações que nos parecem, só poderiam acontecer num espaço privado, se passam no público.

No entanto, as transformações do espaço, bem como apropriação do mesmo dependem de noções próprias de uma época, dentro de um determinado grupo social. "*Cada cultura ou sociedade inventa o seu 'espaço' e o seu tempo*" (Coradini, 1992, p.12). Ainda que se observe uma uniformização na forma de perceber estes dois espaços, eles vão variar, mesmo que em pequeno grau, de pessoa para pessoa, dentro de uma mesma sociedade, dentro de um mesmo grupo e mesmo dentro de um determinado grupo familiar. Noções de espaço são dinâmicas; modificam-se constantemente à mercê dos acontecimentos e das reinvenções humanas; moldam-se a novas situações, novas experiências. Sennett (1988) salienta esta transformação do espaço, abordando significados e conotações que o público e o privado adquirem em várias épocas. Para o autor a história das palavras "público" e "privado" constitui uma chave para compreender esta transformação em termos de cultura ocidental.

A divisão entre estas duas categorias no Brasil foi se tornando mais evidente com o projeto de ordenar o país. Esta divisão advém com o *processo de modernização do país, intensificado pela emergência da República, com as idéias de ser civilizado e de europeizar a capital*, (D'Incão, 1997, p 226) nos finais do Século XIX e começo do Século XX.

² A casa, propriedade particular, lugar da estada, do descanso, do familiar. Ali se pode estar à vontade, com trajes mais simples, descalço, sem muitas indumentárias ornamentando o corpo. A rua, lugar de passagem, das festas populares, do estranho e por que não dizer, do exótico, onde se deve ir com trajes adequados, com roupas limpas, nunca descalço. Algumas pessoas usam pinturas, chapéus, lenços. Os cabelos devem estar alinhados, seguindo um padrão que varia conforme a idade e o grupo a que cada pessoa se identifica.

Sposito (1994, p. 161) diz que a produção, a sociabilidade, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações de gênero, os ciclos de vida no trabalho e no lazer.

A divisão entre o público e o privado observado na contemporaneidade, segundo D'Incão, não se apresentava tão demarcada no Século XIX, no Rio de Janeiro. Marca da família burguesa, tal divisão fecha primeiramente certas partes da casa ao público, criando a necessidade da intimidade da família, levando assim a uma "privatização" do grupo familiar, em especial da mulher e da criança - supostos seres frágeis, que devem ser protegidos das agruras da rua. São eles quem devem evitar o público em determinados horários.

Este projeto de modernização no entanto, encontrou resistências em todas as partes do país. No livro *"História das mulheres no Brasil"*, os autores fornecem vários exemplos de resistência a tal idealidade familiar. Mulheres de todas as classes não seguiam o padrão feminino idealizado no país. Um bom exemplo de que tal projeto era apenas um ideal, é que na prática, mulheres e crianças das classes populares, motivados pela luta diária da sobrevivência não se restringiam ao isolamento familiar, mas lançavam-se às ruas das cidades, exercendo as mais diferentes atividades (Dias, 1996; Fonseca, 1997; Pedro, 1994). Michele Perrot (1994) diz que a originalidade das classes populares urbanas no Século XIX, na França, *está em sua rede familiar não se inscrever nem na imobilidade da terra nem no fechamento de um interior...*

Desterro (Florianópolis), inserido neste projeto de idealidade, tem seus exemplos de transgressão. Resgatando a história da mulher em Desterro no Século XIX, Pedro relata que *"Boa parte das mulheres sem profissão viviam no limite da sobrevivência, muitas delas como chefes de família: mães solteiras, viúvas ou de maridos "ausentes", buscavam inúmeras formas de subsistência"* (1994, p. 129), como, entre outras, vender coisas nas ruas e edifícios públicos, comercializar com os presos da cadeia pública, ou prostituírem-se no Porto da Desterro.

Esta "transgressão" de um ideal de sociedade, sempre foi visto com maus olhos e não foram poucas as incursões citadas por diversos autores contra tais práticas. D'Incão comenta que, resultante da separação do público e do privado no Rio de Janeiro, a pobreza tornou-se um problema para a capital e não era mais tolerada no Centro da cidade; campanhas da imprensa procuraram eliminar pessoas ou grupos marginais do Centro da área urbana. Em Desterro, Pedro diz que para a elite que se aburguesava, a frequência nas ruas, de trabalhadores avulsos - homens e mulheres pobres que circulavam pelo espaço urbano - , passou a tornar-se cada vez mais indesejável (Pedro;1994, p. 130).

2.1 A Relativização das Noções de Espaço

A relativização proposta por DaMatta entre as categorias casa e rua, considerando que a casa nem sempre é segurança, conforto, carinho, aconchego e a rua, por sua vez, nem sempre é o espaço da falta de afeto, da ausência de regras, o lugar do perigo, apresenta-se como um elemento importante quando falamos de atores sociais que "transgridem" algumas regras destes dois espaços. Conforme o próprio autor "A rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali "vivem" como se 'estivessem em casa" (DaMatta, 1991, p.61). Ou como Villela, onde a rua é (1995) "Espaço negado, estéril, tórrido ou gélido, espaço não quadriculado de deserto ou de estepe, "desumanizado", que no entanto é ocupado, humanizado, heterogeneizado por uma série nada desprezível de sociedades humanas." (Villela, 1995, p.24).

Villela (1995) lembra que conceber espaços, no qual estamos inscritos através de uma série complexa de dispositivos, pode ser feito de duas formas: uma delas é a das nossas sociedades, ou seja, as sedentárias; a outra é feita por grupos que mantêm-se em movimento contínuo. Aos que estão em constante movimento, as casas, as praças, as cidades, são apenas um ponto entre o trajeto. A pesquisa de Brognolli (1996) também nos mostra que a apropriação do espaço público se dá de diferentes formas. Para os Trecheiros, andarilhos que percorrem

quilômetros de estradas, o mais importante é o trecho, o espaço que liga pontos. Não é tão importante chegar, mas seguir. Já para os Pardais, as paradas, os pontos, são mais significativos, já que estes se alojam em Praças. A relação destes personagens com o espaço é de ocupação e não de propriedade.

Os "moradores de rua", ocupando espaços públicos, invertem, mesmo que temporariamente, significações entre público e privado. Porém, mesmo lá, nos *mocós*³, busca-se elaborar um espaço mais privado, menos acessível ao público, a fim de garantir um pouco da (suposta) segurança da casa.

Familiarizando-nos com o espaço da rua, podemos logo perceber que além do espaço de "liberdade" ou do lugar inseguro que ela nos parece ser, ela é composta de regras e limites tão ou mais sólidos que as paredes de uma casa. Algumas são marcadas por quem está na casa, mas outras vão sendo criadas a partir dos seus próprios atores e das cenas por eles apresentadas. Segundo Milito e Silva (1995)

"a ocupação do espaço público seria modulada, a partir desse raciocínio, pelas relações sociais com os frequentadores daquele local específico. A natureza das relações excede a do convívio simplesmente amistoso. Existem ali, como de resto em todo lugar, interesses a serem preservados. A paz é garantida pelo cumprimento dos acordos locais, mais ou menos tácitos." (1995, p. 18)

Da mesma forma, a casa pode ser tão ou mais "perigosa" que a rua. Este é um dos motivos que leva crianças a irem para a rua desde muito cedo.

Esta inversão, no entanto, se comparada à condição em que vivem muitas famílias empobrecidas, parece não ser tão acentuada já que, como nos lembra Monteiro (1994)

"há casas constituídas de apenas um cômodo onde dormem dez, onze, doze pessoas ou mais, amontoadas. Dormir nestas casa não é necessariamente diferente dos grupos de crianças e adolescentes que encontramos dormindo, também amontoados,

³ Mocós são os esconderijos, locais que tomam a dimensão do privado, da casa, onde geralmente dormem, guardam alguns pertences, encontram-se para sociabilizar a noite longe dos olhos do público. Um mocó deve oferecer segurança para o grupo. Assim que desconfiam que foram descobertos por um grupo ou pessoa indesejada, faz-se necessário fazer a "mudança".

principalmente quando estas casas localizam-se em determinadas áreas da cidade, nas quais os próprios meninos apontam o perigo de ir e vir, decorrente da presença de matadores e de guerras entre o tráfico de drogas e a polícia.”(Monteiro, 1995, p. 67)

Considerando tal realidade, os moradores da rua não estariam necessariamente invertendo a ordem destes espaços, mas apenas elaborando-os de outra forma e em lugares diferenciados.

Estudos sobre moradores de rua (Brognolli, 1996; Frangella, 1996; LECZNIESK, 1992; Magni, 1995; Sposito, 1994; Tornquist, 1996) vêm abordando a rua com positividade, destacando-a como espaço de sociabilidade de diversos grupos sociais.

Frangella⁴ (1996) faz um estudo detalhado do itinerário diário de meninos e meninas de rua em Campinas (SP), onde diz que estes utilizam as ruas da cidade como locus de criação de uma sociabilidade singular intimamente ligada a uma dinâmica fragmentária e circulante. A casa estaria aqui, como as instituições, incluída neste itinerário - casa, rua, instituições.

Entre os grupos por mim pesquisados em Florianópolis, tanto a rua quanto a casa aparecem como categorias importantes na construção de suas identidades. A rua é, mais que a casa, o locus de sociabilidade entre grupos familiares, amigos, parentes, vizinhos. Seja as ruas do bairro de moradia, sejam as ruas centrais, onde permanecem grande parte do seu dia. Ele possibilita relações que na casa jamais se fariam, inscrevendo pessoas em interação, em movimento, em construção.

Nesta pesquisa, a rua aparece como principal locus de sociabilidade e de articulação e execução de estratégias de sobrevivência para grupos, onde é possível a formação de redes de interação social.

⁴ FRANGELLA, Simone Miziara. "Capitães do Asfalto" - A itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas "de rua" em Campinas. Dissertação de Mestrado - Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1996.

2.2 Ruas, servidões, becos...

O Centro da cidade, com suas ruas e praças⁵, é habitado por diferentes atores e grupos. É aglutinador de diferentes interesses, permitindo e sendo palco de sociabilidade de diferentes grupos. O espaço, já demarcado como público, é, assim ressignificado e pelos diversos grupos que aí se instalam, em diferentes horários do dia, advindos dos vários bairros da grande Florianópolis. Personagens que diariamente circulam ou permanecem durante todo o dia, alguns pernitoando por dias sem dirigir-se a suas casas, cada qual ou cada grupo apropriando-se da rua de uma forma específica⁶.

Como na Desterro do Século passado (Pedro, 1994), nas ruas do Centro da cidade, diferentes grupos se "organizam" para retirar daí sua sobrevivência. Trabalhadores informais, pedintes, vendedores ambulantes, artesãos, artistas, funcionários públicos, garis, policiais, jogadores de xadrez, catadores de papelão são facilmente encontrados nas praças, nos terminais e nas ruas centrais.

Em campo, notei um significativo aumento no número de pessoas que passaram a exercer trabalhos informais. Este aumento se apresentou mais visível em dezembro, onde todos se lançam em busca de uma renda a mais para as festas de final de ano, principalmente Natal. O mesmo observei com o número de crianças pedindo ou trabalhando. Além de ser crescente durante todo o ano, em dezembro, a presença destes nas ruas praticamente dobra. Muitas das crianças que durante o ano encontrei apenas nas comunidades ou indo à escola, em dezembro, no período das férias escolares, estavam com cestas de balas, acompanhadas ou sozinhas, no Centro da cidade. Os motivos também estão

⁵ Sobre a Praça XV de Novembro, ver Coradini (1992). A autora descreve a utilização da praça por diversos personagens, destacando redes de sociabilidade e formas de apropriação deste espaço público.

⁶ As ruas e as praças do Centro da cidade de Florianópolis foram os primeiros espaços freqüentados em trabalho de campo, já que ali encontraria meus informantes preferenciais - crianças e adolescentes que se utilizam do espaço da rua como moradia ou como espaço de trabalho (os pequenos trabalhadores⁶: vendedores, engraxates, pedintes) - para depois seguir até a casa de seus familiares.

ligados ao natal - época em que as festas e a troca de presentes exigem maior rendimento no grupo. Aproveita-se o momento em que todos vão às compras, sendo assim mais fácil vender⁷. Aproveita-se também o espírito natalino, onde as pessoas ficam mais caridosas. Alguns vendedores arrumam um "cantinho" na cidade para instalar sua "barraca" e vender o seu produto como numa feira livre; outros, ambulantes, preferem percorrer a cidade oferecendo a mercadoria ou esmolando.

Os lugares mais percorridos por crianças e adolescentes no Centro da cidade⁸ são o Largo da Alfândega estendendo-se até o Mercado Público, a Praça XV de Novembro, o Calçadão da Felipe Schmidt, a rua Conselheiro Mafra, os dois Terminais Urbanos, o Terminal Rodoviário Rita Maria, a Praça Fernando Machado e o Aterro da Baía Sul⁹.

Assim que chegamos no terminal urbano encontramos Lélia (07), Carla (08) e Cláudio (09) vendendo balas. Seu pai, vez por outra está com eles e também trabalha vendendo guloseimas. Carrega uma cesta grande, com doces, balas, bombons. Desta cesta, abastece as caixas de sapatos com doces que os três filhos carregam de um lado para outro no terminal. Dificilmente saem deste espaço. Seu pai cuida para que assim o façam. Por ali também encontrei Adilson (34) com Sílvia(09), Angélica (33) e Sarah (15), uma família inteira, moradores de rua, ocupados com a mesma função. Adilson carrega sua mercadoria num painel de metal, e abre gentilmente na frente do cliente, oferecendo. Se este nega efetuar a compra, ele fecha o painel e com a mesma delicadeza, parte em direção a outro, repetindo a cena. Sua companheira e a filha mais velha se revezam cuidando da pequena banca armada num dos lados da segunda plataforma do terminal. Ali

⁷ Chamou-me atenção a "transformação" de alguns Índios Guaranis que vendem artesanato indígena no Centro da cidade. Estes passam, no período em que estou em campo, a mendigar também. Além de colocar um cesto para o depósito de moedas pelos transeuntes, mantêm suas mãos estendidas, como as mendigas da Igreja São Francisco de Assis, localizada entre a Felipe Schmidt e a Trajano. Seus filhos, que anteriormente não saiam de perto de suas mães, passam a caminhar sozinhos pelo Centro, agora também pedindo em bares, restaurantes.

⁸ Ver mapa em anexo, as devidas localizações.

⁹ Ainda que em algumas ocasiões tenha me estendido até a Beira-Mar, a Rua Gama D'Eça e proximidades da Agrônômica, minha principal observação foi nos limites acima definidos, já que os encontrava com muito mais frequência nestes ambientes.(ver demarcação no mapa do Centro de Florianópolis)

vendem as mesmas mercadorias que seu Adilson e ainda jornal. A filha mais nova ajuda Adilson, oferecendo a mercadoria dentro de uma caixa de sapatos, como as meninas da família Moraes.

A Praça XV de Novembro é freqüentada por vários engraxates, por adolescentes que se caracterizaram como "ex-meninos e meninas de rua" que já constituíram família, meninos e meninas que dormem nas ruas, como Leninha, Leandrinho, Lua (que freqüentemente andam juntos). Foi lá também, à noite, que conheci Francisco, um adolescente sensível, quase frágil, de fala baixa, que atua como *michê*¹⁰. Ele ostenta uma postura de homem forte e viril, mas quando fala, sua voz revela uma fragilidade curiosa, como a trair sua representação corporal.

O Largo da Alfândega e o Mercado Público são locais freqüentados pelas crianças e adolescentes que vendem balas. Quase sempre estão acompanhadas por um adulto que, sentado num dos bancos da Praça, as observa. Também os engraxates e com mais raridade, os meninos e meninas de rua passam por ali. Este é um ambiente por onde passam muitas pessoas durante todo o dia.

As ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra são freqüentadas pelos meninos de rua, engraxates, vendedores de bala e pedintes. Foi o lugar onde mais encontrei crianças trabalhando, pedindo ou simplesmente "perambulando"¹¹.

O aterro da Baía Sul é lugar pra quem "manja" de andar na rua, quem sabe alguns códigos de cuidado. É considerado pelos meninos como perigoso, porém é lá que o refúgio se faz eficiente.

No Terminal Rodoviário Rita Maria encontrei alguns dos meninos e meninas que dormem nas ruas, geralmente carregando bagagens de passageiros a fim de conseguir um trocado. Por lá costumam ficar Ivan e seus 4 tios (José, Leco, Tito e Sílvio), e os demais garotos que disputam tarefas - carregar bagagens e cuidar dos carros estacionados.

O interior de alguns ônibus também foram local de observação. Local de passagem, de trânsito, são utilizados por esmoleiros por possibilitar o contato com

¹⁰ Segundo Perlongher, (1987) o termo *michê* é usado para "denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente."

várias pessoas ao mesmo tempo. Anunciam-se em voz alta para que todos no ônibus escutem, poupando assim ter que pedir muitas vezes.

Muitas destas crianças e adolescentes não se limitam a estes espaços. Na medida em que vão interagindo com o Centro, fazendo-o familiar, seus itinerários vão se alongando. Os meninos de rua, principalmente no verão, privilegiam outros Centros como o de Canasvieiras¹², Barra da Lagoa, locais onde encontram os turistas.

Os meninos e meninas de rua são os que mais transitam entre um espaço e outro¹³ e mesmo assim evitam certos lugares. Nunca encontrei os irmãos Mendes na Praça XV. Indaguei-lhes sobre freqüentarem aquele espaço e Leo disse que não gosta da Praça. *É muita baderna lá..*

São também os meninos e meninas de rua que passam maior tempo na rua. Os demais têm horários mais ou menos definidos para estarem nas rua e para voltarem para a casa, o que não impede que um ou outro, de vez em quando, durma na rua. Geralmente estão na rua nas tardes e em alguns casos à noite, até 22:00 - 23:00 horas. É à tarde que o rendimento é maior. Algumas crianças trabalhadoras fazem revezamento dentro da família. *De manhã vem o meu irmão e a minha irmã mais velha que estudam de tarde, à tarde vem eu e a Leia porque a gente estuda de manhã.*

Entre alguns destes grupos, a *evitação* é claramente observada. Paredes imaginárias são construídas impedindo a comunicação. O espaço público é delimitado na forma de olhar e de andar. O outro também pode ficar invisível. Passa-se pelo outro e como não se olha, não se vê. E o que não se vê, não existe¹⁴.

¹¹ Este termo era usado por algumas pessoas com a conotação pejorativa de "vadiagem".

¹² Patrícia Lima, descreve este transferência dos meninos e meninas de rua para Canasvieiras na sua dissertação de Mestrado "A ciranda da Rua" - Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis - Mestrado em Educação da UFSC, 1997.

¹³ Campinas também é um Centro escolhido por meninos e meninas de rua. Frequentam esta mesma região, catando papelão e pedindo, algumas famílias de meninos que vem para o Centro. Privilegiei o Centro de Florianópolis por tratar-se do lugar com maior número de informantes.

¹⁴ Em algumas ocasiões eu mesma usei do artifício do olhar vago, que torna o outro invisível. O fiz em momentos em que estava muito cansada e precisava de um tempo de descanso, ou quando percebia que era o outro que não queria minha aproximação. Neste segundo caso, era mútua a invisibilidade.

Determinados lugares são evitados por se apresentarem como perigosos, podendo trazer mácula à imagem. As meninas da família Fernandes, vendedoras de balas, dificilmente passam na Praça XV e mesmo quando passam é muito rápido. Contam que a mãe e o pai disseram pra não darem confiança *pros vagabundos na rua*. Assim, saem de casa, pegam o ônibus Monte Cristo, chegando ao Centro abastecem suas caixinhas com balas, vendem as balas e no máximo 20:00 h devem se encaminhar para casa. Um delas disse às irmãs, numa ocasião em que se atrasaram na volta à casa: - *o pai mata a gente se a gente demorar muito! Vamos vender prá ir embora logo...*

Outros lugares são evitados pelo perigo que determinados grupos oferecem, por intrigas ou simplesmente por não se ter afinidade com o grupo que o frequenta. Leo alega não gostar da Praça XV, ainda que tenha amigos de rua que a frequenta. Não encontrei ele ou um dos seus 3 irmãos neste espaço. Assim, a demarcação de territórios vai se fazendo, retalhando com marcadores as áreas "públicas". Demarcadores que a um primeiro olhar são invisíveis, mas que na medida em que se interage com os grupos, se vai "aprendendo a enxergá-los".

2.3 Casas

Ter uma casa é um grande prestígio para os moradores do Monte Cristo. Ter uma casa significa não depender de aluguel para morar e o mais importante, **não morar na rua**.

2.3.1 Configurações do espaço privado: Entrando nas casas

As casas¹⁵ que visitei se diferenciam quanto a sua configuração, ao material escolhido para sua construção, na forma de dispor os móveis dentro da mesma, no

¹⁵ Inicialmente fui nas casas dos familiares de crianças e adolescentes que encontrei nas ruas centrais da cidade de Florianópolis, para depois expandir para os vizinhos, amigos, e demais familiares. A marca da visita a estas casas foi a hospitalidade. Nestas casas tomei chimarrão, vi álbuns de retratos das famílias, conversei ao pé do fogão, adentrei na intimidade de quartos,

número de divisórias da casa, no tamanho, nos enfeites, nos detalhes decorativos, na ausência, ou na presença de elementos que lhes confere a singularidade. Se foi possível entrar em casas muito pequenas, com chão batido, também foi possível conhecer casas grandes, com diversos quartos, sem muito requinte é claro, porém com um conforto considerável, tendo inclusive sala própria para TV. O acesso ao interior da casa geralmente constituía em uma única porta, situada na frente da casa, dando acesso ou a cozinha ou a uma pequena sala de estar ou de visitas. Nestes casos, a porta de entrada é a mesma da saída. Por aí entram todos: visitas, moradores, parentes, vizinhos. Esta característica elimina a recepção diferenciada de visitas pela porta da frente, hábito de muitas famílias. Também nos permite pensar que o mais importante seja deixar o máximo de espaço para ser ocupado no dia-a-dia pelo grupo familiar. Uma sala só para visitas seria espaço desperdiçado. A porta de fundos, nas casas que a possuíam, eram pouco usadas, pois os fundos geralmente eram pequenos, sem espaço para convívio. Como os terrenos são pequenos, grande parte dele está destinado à construção, sobrando pouco espaço para hortas ou jardins. Assim, algumas casas não tem terreno nos fundos e outras tem as paredes da frente dando diretamente para a rua, sem espaço destinado a jardins, onde basta dar poucos passos para passar do íntimo da casa para o público da rua. Em duas das casas observei plantas ornamentando a parte da frente. Alguns lotes possuem mais de uma casa edificada sobre ele. Outra característica bem comum é o tanque situar-se na frente da casa. Ali, as mulheres lavam roupas e podem fiar longas conversas, bem como estar a par do que se passa no público. Numa das casas o tanque situa-se numa das extremidades da casa, literalmente na rua, a poucos metros do poste de luz. Este tanque era, digamos assim, um "ponto de encontro" de diversos vizinhos. Era ainda partilhado por mais de uma família, neste caso, parentes. Na beira do tanque pude ouvir diversas histórias. Colocava-me ao lado de quem se ocupava das roupas e participava de conversas fluidas e agradáveis.

participei de situações dramáticas e outras agradáveis, sentei nas portas e tive boas prosas, conheci um pouco da vida dos seus moradores.

Algumas destas pequenas "moradas" são chamadas por seus moradores de "peças". Esta "peça" abriga quarto ou quartos, sala, cozinha, lugar para a higiene corporal, separados por uma parede de improviso com lençóis, cobertores ou móveis. Ou ainda por divisórias imaginárias que faz do mesmo espaço físico diferentes espaços úteis ao longo do mesmo dia, lembrando-nos as brincadeiras de casinha onde os participantes definem onde funciona o uso do espaço dizendo: aqui é a cozinha, ali é o quarto, ali é o banheiro, e assim por diante. Estas divisórias imaginárias ou "paredes de improviso" se movem daqui pra ali num instante, conforme a situação da família num determinado dia. Em casos de visitas, o móvel pode se deslocar para dar lugar a mais um espaço para a pernoite. Estas "peças" abrigam uma família inteira e em alguns casos até duas. São geralmente de madeira. Não são chamadas pelos moradores de barracos, como foram definidas por outras pessoas. Para os moradores são peças que servem muito bem de moradia. Uma "ex-menina de rua", grávida de 6 meses, tendo ido morar com o namorado numa peça ao lado da casa de sua mãe, quando seu irmão com esposa e duas filhas precisou de moradia, mudou-se para uma peça ainda menor, atrás da que morava, para que este tivesse espaço para abrigar a família. A peça onde ela foi morar era muito pequena, cabendo apenas uma cama de casal, um fogão a gás pequeno, um pequeno armário onde colocava louças e alimento, e uma caixa onde guardava a roupa. Num dos lados, devido à umidade, a parede apodrecera e ela então tentava juntar madeira para tapar o buraco pois a cada chuva o interior da casa ficava molhado. Também queria preparar o ambiente para a chegada de seu primeiro filho. A "peça", no entanto, apesar do pequeno espaço disponível, estava sempre arrumada¹⁶.

Na França, a partir da metade do século XIX, segundo Duby e Ariés, o incentivo a construção de casas pelo poder público, *condicionava seu apoio a certas*

¹⁶ Numa destas "peças", no entanto, pude presenciar a incapacidade de ser ter as coisas arrumadas. Moravam ali Mariana (18) "ex-menina de rua" e sua mãe. A peça era tão pequena que mal cabia a cama e beliche. Um pouco mais ao lado, separado por um pedaço de compensado, ficava o fogão. Quando as visitei Dona Ana estava doente e não podia levantar da cama. O lugar era escuro, úmido e mal ventilado, permitindo que o cheiro de mofo ficasse insuportável em dias de chuva. Aquele era um dia de chuva. Mariana queria tirasse uma foto das duas juntas. Dona Ana se desculpou de *não poder oferecer um lugarzinho "decente" para a senhora sentar, tomar um café....*

normas de tamanho, divisão e equipamento nos imóveis construídos. Uma peça habitável não pode ter menos de nove metros quadrados. Uma casa possui, além de cozinha, uma sala em comum, um quarto para os pais e pelo menos um quarto para dois filhos, banheiros internos, um local para lavagem de roupas e um aquecimento central, individual ou coletivo... Com as novas moradias, a maioria da população passa a ter acesso, com algumas diferenças de posição, localização e equipamento, às condições habitacionais outrora reservados à burguesia. (Duby e Ariés: Vol 5, p. 69). Apesar do investimento de uma idealidade de moradia no Brasil, sejam semelhantes às Francesas, o acesso a moradia e ao sustento da família é tão escasso em algumas camadas da população, que mesmo que se tenha um casa com as acomodações definidas como ideais, estas repartições são divididas entre mais de uma família, seja alugando (para garantir um dinheirinho no final do mês), seja emprestando o espaço a uma família de parentes. Assim, o contraste separando os lares burgueses dos lares populares no Brasil parece manter-se como na França antes da metade do século XX, onde por um lado têm-se grandes mansões que abrigam pequenas famílias, e por outro pequenas casas, num aglomerado de pessoas num mesmo cômodo. Este é a situação da família do Sr. Sebastião: ele e seus 9 filhos moram em duas peças da casa, sendo que as demais ele aluga. Sua casa tem mesmo uma característica muito peculiar de espaço privado.

Ao entrar no lote, dois cachorros vieram ao meu encontro e dois senhores, sentados nos fundos da casa chamaram os cachorros ao avistarem minha resistência de prosseguir. Nas proximidades da porta um tanque soltava água, cheio de roupas molhadas. O chão, devido à chuva e ao escoamento da água do tanque, era muito úmido, sendo necessário desviar do caminho para não molhar os pés. Seu Sebastião e duas de suas filhas (06 e 07 anos) me receberam na porta da casa. Entrei numa das peças da casa, que parecia uma sala de visitas, mas logo em seguida, pela presença da cama constatei ser usado também como quarto. Separaram uma cadeira para mim e sentaram-se na cama. Seus outros filhos presentes, Val (15) e Calo (10) foram chamados a sentarem-se no sofá à esquerda. Era constante à circulação de pessoas, adultos e crianças por aquele ambiente, que aos poucos fui percebendo, tinha uma multiplicidade de usos. Mais à frente, duas

máquinas de lavar roupas, faziam parte da mobília do ambiente. Aquela era então sala de visitas, área de serviços, um quarto de dormir e acesso a outros cômodos da casa. Devido a constante circulação de pessoas, fiquei curiosa para saber o que tinha no outro cômodo, quando percebi que aquele ambiente era usado também como corredor que dava acesso às demais habitações daquela casa, devidamente alugadas por Seu Sebastião. A casa era atravessada por este corredor que dava acesso à frente da casa, da mesma forma como eram as casas no Brasil antes do final do Século XIX, - início do Século XX, que eram ligadas à rua e aos descampados nos fundos dos terrenos (conhecidos como roças) com um corredor interno pelo qual passava toda a organização¹⁷.

A casa do Sr. Sebastião é dividida em quatro moradas. Moram em ambientes separados, quatro grupos familiares. Seu Paulo, companheiro de assentamento daquela comunidade, vindo de Xanxere junto com Sr. Sebastião, agora separado, aluga uma pequena casa de tijolo situada no fundo do terreno, juntamente com o enteado do Sr. Sebastião, um rapaz com 19 anos que segundo seu padrasto, é como se fosse seu filho¹⁸. Moram lá também o seu concunhado, também viúvo a 3 anos, com seus 4 filhos; sua Comadre e dois filhos, e um outro casal com um filho.

Seu Sebastião, ainda que tenha ficado com apenas dois cômodos da casa para abrigar seus 10 filhos, acolheu sua cunhada, o marido dela e 7 filhos durante mais de um mês, a fim de que estes procurassem emprego na cidade. Assim que os inquilinos saíram da casa, seu Sebastião afixou um pequeno cartaz na parte anterior da casa: "aluga-se 2 peças".

Uma outra característica comum em várias das casas é que estão em constante construção, expondo nos cantos algum material na espera do uso. Os projetos são de uma casa com repartições, grande, no entanto algumas delas ainda

¹⁷ "Por essa época, o corredor interno já existia em cerca de 50% das casas médias (nas que ainda não havia o tal corredor interno, a circulação era feita por dentro dos dormitórios encarreirados, fato que ilustra bem a falta de privacidade das pessoas, ainda que da mesma família ou casa." (D'Incão, 1997, p.228).

expõem o chão batido. A casa da família Mendes está em construção. Tem a estrutura, as paredes laterais e a do fundo da casa, de alvenaria; porém, a frente da casa é feita com madeira já usada, algumas coloridas, outras naturais.

Na parte da frente da casa, separada da rua por um muro de tijolos à vista, que posteriormente foi derrubado, deposita-se o material que Dona Etelvina e Dona Denise e seus filhos coletam com o carrinho de papeleiro. Ali, pedaços de madeira, de compensado, ferros velhos, um fogão enferrujado, sapatos velhos, pedaços de cano, portas e janelas brancas, pedaços de telha, um cinzeiro grande escrito Piazza, se juntavam a um pequeno tanque de lavar roupas, e uma horta com salsinha, hortelã, cebolinha, um pé de boldo, chá de tansagem e algumas flores muito bem cuidados por Dona Etelvina. O material, segundo os moradores, eles ganham ou acham em lixos quando vão coletar papelão. Na parte interna da casa, brotando do solo frio de chão batido se elevam quatro pontas de ferro de uma viga a ser construída. Estão protegidas por pedaços de pano ou garrafas plástica para evitar que as pessoas se machuquem. As paredes divisórias são cortinas, toalhas dependuradas por pedaços de sarrafo ou ainda por móveis que aqui e ali definem dois quartos de dormir, uma cozinha, um corredor e o banheiro. O banheiro é separado da cozinha por uma cortina plástica, o que não lhe confere muita privacidade¹⁹.

Em todas as casas, mesmo nas muito pequenas, têm energia elétrica e água encanada, ainda que em algumas ocasiões tenha-se dificuldade em manter tais "confortos", já o dinheiro para o pagamento do consumo é escasso. Em muitas casas não tem banheiro instalado²⁰. Quando não há banheiro, os moradores

¹⁸ Contou que ele e sua falecida esposa "passaram muito trabalho" com o garoto. Era muito doente. Quase morreu. Ficaram muitas noites acordados em vigília. *Cuidei dele como se fosse meu filho.*

¹⁹ Célio (15) demonstrou-se incomodado quando teve que tomar banho com a minha presença na casa. Estando eu na cozinha conversando com sua avó, que fica ao lado do chuveiro, demorou-se em demasiado para entrar no banheiro. Deu a impressão que só foi tomar banho quando percebeu que eu não iria embora tão cedo. Aí, pegou uma toalha, abriu a cortina e fechou-a logo em seguida, porém num tempo suficiente para deixar à mostra o chuveiro e o vaso sanitário. Ligou o chuveiro e tomou banho rapidamente.

²⁰ Na Comunidade Chico Mendes (Monte Cristo), a CASAN fez uma campanha de saneamento básico que propunha construir um banheiro para cada família moradora do bairro. Depois do

buscam um espaço nas redondezas para as necessidades fisiológicas. Para as crianças é mais fácil, já que ainda lhes é permitido "cagar" ou "mijar" em público sem grandes espantos. As mulheres buscam um espaço mais privado para tais necessidades²¹. Os banhos são de bacia ou banheiras. A higiene corporal é quase diária, principalmente nas crianças até 5 anos. Todas as casas têm um tanque de lavar roupas, e em alguns casos, o asseio com a roupa é de se admirar. Em algumas famílias a falta de espaço adequado para armazenar as coisas faz com que estraguem com mais facilidade do que quando bem armazenadas. De fato, sendo a casa pequena, os membros do grupo familiar não têm um espaço que lhes seja reservado individualmente. Nestas casas, o espaço privado é o espaço público do grupo doméstico (Duby e Ariés, 1995). A vida privada é coletiva, o que causa alguns transtornos aos que querem reservar algum objeto fora do alcance dos demais da família. Era comum ouvir reclamações sobre o desaparecimento de objetos pessoais ou mesmo da desordem dos mesmos por um membro da família. Dona Etelvina, ao se oferecer para me mostrar coisas que ganhara de uma senhora enquanto catava papelão nas ruas, percebeu que alguém mexera na caixa de papelão onde reservara seus pertences, incluindo suas roupas.

Aqui não dá prá gente guardá nada, filha. É tudo assim jogado, ninguém respeita as coisa da gente. Dá um nervoso que eu boto as coisas aqui quando venho vê, já escangalhou. Some tudo no meio da bagunça. Vê só como tá isso. (apontando para um amontoado de roupas sobre a cama) - se eu não arrumo, fica desse jeito. Precisava de um bom armário aqui. É muita coisa. Quando chove e molha tudo é uma tristeza.

recenseamento familiar, constatou-se que havia mais de uma família morando em uma casa. Os técnicos da CASAN não entendiam como construiriam 2 ou 3 banheiros em uma casa tão pequena. Os moradores ficaram contentes pois não construíram banheiros pela falta de recursos financeiros e riram dos técnicos quando discutiram o assunto, dizendo: - *Prometeram, agora tem que fazer. Um dos executores do Programa da Casan diz que os hábitos de higiene são muito precários. O quintal é o banheiro deles. Eu sei que é habito, mas também é pela falta de condições. A gente tá aqui pra ajudar a modificar isto. O programa tenta entender a realidade para mudá-la. O projeto pretende instalar banheiros em cada casa e ainda fazer uma rede de saneamento básico.*

²¹ Estava um dia na casa de Simone quando sua filha de 3 anos pede para "fazer cocô". Ela manda a menina ir pro mato. Ai me relata que um dia, ao ser visitada por uma assistente social, contou-lhe que iam pro mato. Disse que ela não acreditou. Pensando que eu poderia não acreditar, salientou. - *é tia, a gente não tem banheiro não. A gente vai ali para aquele mato prá cagar. A senhora pode não acreditar mas é ali que a gente vai. Eu, o meu sogro, a minha sogra, a minha cunhada, as crianças vamos ali...*

Em muitas destas casas, onde a divisória em quartos não existe, dorme-se em grupo, salvo exceções onde um pano divide o casal dos demais membros da família, em busca de um pouco de intimidade. Dona Denise, mãe de 7 filhos e vó de 3 netos, casou-se novamente e seu marido trouxe seu filho para morar na sua casa. Conversando comigo sobre porque seu filho mais velho (21) dificilmente vem pra casa, ela confessa:

Eu nem quero que ele venha mais prá casa. Não tem lugar. Quando ele vem é a maior tristeza. Ele bate nos irmãos, mijá na cama, não toma banho. Ninguém agüenta ele. Aqui em casa, o dia que todo mundo decide dormir aqui, não tem espaço. Vê só: quando todos os meus filhos decidem dormir em casa, não tem lugar pra todo mundo. A Simone com as duas menina, dorme ali no chão, naquele cochoinete. O Leo, o Célio e o Juliano na parte de cima do beliche. A Salete com o Fernando dormem na parte de baixo. A mãe dorme naquela outra cama ali. Eu, o Nezo mais o Robson dormimos naquela cama de casal. Onde que o Décio vai dormir? Não tem mais espaço na casa... A Simone com a Verinha e a Liza quase dormem no chão... Tem dia que a gente já acorda cansado por que nem dormiu direito...

A promiscuidade é conferida a estes grupos, sendo que freqüentemente se ouve dos "perigos" de todos dormirem sob o mesmo cômodo da casa. Mães e meninas são avisadas sobre as possibilidades de tal prática. No entanto, Van Ussel, na segunda parte do livro *Repressão Sexual, Do Século XVI ao Século XIX*, falando do quarto de dormir, cama e companheiros de cama, nos mostra como o quarto de dormir passa, através dos tempos, a ser a ser lugar reservado e intimista.

"Os camponeses dormiam deitados sobre folhas secas ou em bancos, montes de palha e sacos, todos juntos e num só compartimento: o pai, a mãe, os parentes mais afastados, os criados e os hóspedes... Na ilha de Elba, na época em que Napoleão ali esteve, não era raro sete pessoas dormirem numa só cama, sem distinção de sexo e completamente nus. No século XIX reinava sobre o quarto de dormir uma atmosfera misteriosa de templo. A penetração de gente estranha era quase um crime contra a decência." (VanUssel, 1980, p. 75, 77).

Esta transformação carrega uma moralidade, instituindo tabus referidos aos possíveis atos ilícitos noturnos. Não podemos negar, pela própria narrativa das adolescentes e das crianças, a existência de abusos sexuais nestes ambientes, porém, não são necessariamente motivadas pelo forma das pessoas dormirem, mas sim por outros fatores que gerariam tal violência também em outros momentos e em outros ambientes.

Em todas as casas que estive observei a presença da TV, ocupando lugar de destaque, tomando o tempo das conversas, das brincadeiras, mas não eliminando-as. Em uma das casas onde fiquei toda uma tarde, a TV ficou ligada boa parte do tempo, retendo a atenção de olhos atentos, quase que vidrados, concorrendo com o serviço da casa e com o som das crianças que brincavam e choravam por perto. Em uma das famílias a TV a cabo possibilitava que as crianças assistissem programas internacionais. Assim, meninos que dormem nas ruas, podem, quando em casa, acessar informações mundiais.

O asseio em algumas casas é evidente quando entramos. Mesmo em espaços muito pequenos, como as "peças" e por vezes úmido, como as casa de chão batido, observa-se que os cuidados do lar fazem parte da rotina das mulheres.

De um modo geral, a casa dos familiares de moradores de rua e de trabalhadores de rua não se diferem muito. Elas tem muito em comum. Um menino de rua pode morar numa casa grande, com vários cômodos, como a casa dos irmãos Silva, assim como uma criança trabalhadora pode morar numa pecinha, como os irmãos Souza, e vice-versa. O tamanho da casa, assim como a pobreza familiar não determinam sozinhos a saída da criança à rua. O processo de saída da criança da casa é marcada por motivos particulares do grupo doméstico que serão discutidos no capítulo 5 deste trabalho.

Os meninos do albergue Santa Rita de Cássia apresentaram a instituição como sua casa. Alex me recebe e quando me leva até os demais garotos vai dizendo: *aqui é o nosso quarto - um quarto grande com varias camas dispostas - aqui é o nosso banheiro, ali a sala de TV, ali o quarto das meninas, aqui é o armário onde ficam nossas roupas e lá em baixo é a cozinha. Esta é a nossa casa...*

A configuração do espaço doméstico dada como referência para as crianças da Casa da Cidadania, instituição criada com fins a atender as crianças em nas ruas de Florianópolis, é a de uma casa ideal. Quartos, banheiro, cozinha, escritório. No primeiro dia em que fui visitar esta instituição²², ficou clara a preocupação em criar nas crianças a noção do que é uma casa. A apresentação da casa foi seguida do comentário. *É uma casa mesmo. A intenção é dar uma referência de casa às crianças. Banheiro, quartos, cozinha, corredor, escritório.*

A casa, para muitos, adquire um significado de valorização de si. Não pela presença, mas pela ausência. *Morar na rua* é elaborado de forma mais positiva do que a *impossibilidade de ter uma casa*. A ausência da casa vem marcada pelo estigma do fracasso. Ter uma casa é quase como ter dignidade. Ter uma casa, habitar uma casa, arrumar uma casa com espaços para seus pertences, para organizar suas relações, para poder ter intimidade, sossego, para "sentir-se em casa". É como Angélica elabora sua vida na rua - em momentos onde falava da rua, sua voz adquiria um tom de orgulho pela luta, pelo enfrentamento das dificuldades, da fome, do frio. Pela garra de querer viver. Quando falava que não tinha uma casa, colocava-se como uma vítima da má sorte, como uma desgraçada no mundo, uma ninguém. Com o tempo me contou que a casa em que ela, seu companheiro, suas duas filhas e o neto moram é um guichê de estacionamento, onde todos dormem amontoados. Seu companheiro Adilson dividira a casa em dois andares para que a menina mais nova pudesse dormir na parte de cima. Contaram, conseguindo rir da situação, que ela caíra algumas vezes durante a noite sobre os demais que dormiam na parte de baixo. - *Ela é gorda e a gente leva o maior susto*. Fui visitá-los nesta casa, situada entre a passarela de acesso ao Terminal Rita Maria e a Loja Casas da Água, no Centro da cidade. Pude conferir o tamanho da casa, que não tinha mais que um metro e meio por dois. Ali dentro, colchões no chão, uma pequena estante na parede para alguns pertences e pregos na parede seguravam

²² O nome "Casa da Cidadania" e a intenção de dar às crianças uma referência do que é uma casa: (banheiros, quartos, cozinha) pode ser interpretada como sugestão de que numa casa assim é que a cidadania é possível.

roupas da família. Neste dia sentamo-nos à porta da casa e aos olhos dos que passavam, curiosos, conversamos longamente sobre sua história.

A sua história de vida, segundo Angélica, é marcada pela ausência de um lar. Desde sua juventude, por discórdias com a mãe, dormia na rua ou na casa das pessoas com quem trabalhava. Depois de casada, abandonou sua casa num dia em que discutira com o marido. Morou na rua com as duas filhas mesmo quando morava em Porto Alegre e, quando veio para Florianópolis, foi acolhida por Adilson, um desconhecido que encontrou na Rodoviária, morador de um pequeno quarto na Conselheiro Mafra. Viveram ali por um tempo às escondidas da dona do imóvel, pois se soubesse que morava naquele quarto quatro pessoas, iria aumentar o preço do aluguel. Adilson, com muito custo, vendendo balas no terminal, conseguia alugar aquele cômodo. Assim que foram descobertos, passaram a pagar mais, até que tiveram que sair de lá. Arrumaram então uma casa no aterro da Baía Sul, local usado por traficantes. Ali ficaram até que um dia a casa pegou fogo, *misteriosamente*. Foi quando moraram mais uma vez na rua, até que invadiram o guichê de um estacionamento, debaixo da passarela da Rodoviária. Foi aí que perderam a guarda do neto, segundo ela, por não morarem num lugar adequado. Angélica conta que tinha uma casa boa em Porto Alegre, mas que deixou tudo para trás assim que o marido começou a desconfiar da sua fidelidade. Porém, está arrependida, porque *pelo menos lá ela e suas filhas tinham onde morar*²³.

2.4 Estendendo o espaço privado: A rua nas comunidades

Janelas e portas são anteparos frágeis que separam o público do privado. Hábito costumeiro é sentar-se à porta, ou *estender-se* à janela, avistando e interagindo com o lado de fora. Janelas e portas, varandas, portões, terreiros, são

²³ As conversas com Angélica eram sempre intensas. Ela contava sua vida, dando a impressão ter encontrado alguém para dividir sua história. Falava muito do passado, de seu pai que a abandonara e da mãe que a expulsara de casa quando engravidou da primeira filha. Segundo seu companheiro, aquelas conversas faziam muito bem para ela. *É como se a senhora ajudasse ela a ficar menos nervosa. Ela é sempre muito nervosa. Briga com as filhas, briga comigo...*

espaços liminares. Ai o público não se configura totalmente e o privado não é de todo garantido. Tetê passa horas do seu dia sentada à porta da sua casa. Dali vê o movimento da pequena rua onde ela e alguns familiares moram. As notícias lhe chegam facilmente à porta, por um ou outro que passa. Diferente dos lares cercados por grande muros e portões, onde só conseguimos adentrar no privado pela permissão do dono, a vida nas comunidades pesquisadas estão como que abertas a um convívio que se estende da casa pra rua e da rua para a casa. Este vai e vem constante de informações dilui a separação entre estas categorias, tornando a casa uma extensão da rua. A rua é um lugar de constante convívio entre vizinhos, parentes e amigos, lugar onde se educa os filhos, onde eles aprendem as normas do convívio social, onde as brincadeiras são mais fáceis.

Num primeiro contato com o Bairro Monte Cristo fiquei surpresa com o que presenciei. Procurava por uma educadora ligada a Oficina do Saber²⁴, a fim de conhecer um pouco a realidade da comunidade. Ao descer no ponto final do ônibus naquele bairro, seguindo pela rua da Escola, surpreendeu-me ver tantas crianças na rua.

Em grupos, com ou sem adultos, estão empinando pipas, brincando de 'bate-bate', de "esconde-esconde", jogando bolinhas de gude, sentadas nas portas das casas, nos muros, contando histórias ou simplesmente em companhia umas das outras. Em qualquer parte vê-se crianças. Elas surgem inesperadamente de uma porta entreaberta e muitas vezes estão sujas e sorridentes. Não tem as características de abandonadas. São receptivas, bem-humoradas e algumas vinham ao meu encontro como se me conhecessem há muito tempo, o que me fez sentir vem vinda. E muitos delas, reconheci, trabalham nas ruas do Centro da cidade.

Alguns homens trabalham ali mesmo, consertando carros, separando coisas no quintal da casa, construindo casas. Adolescentes fumam seu "baseado" tranqüilamente num dos becos. Nas portas dos bares, olhos curiosos vêem ver

²⁴ Projeto de Educação Popular da Organização não-governamental CEDEP (Centro de Educação e Evangelização Popular).. Este mesmo projeto tem trabalho com crianças de várias bairro da periferia da cidade, entre elas Ilha-Continente, Morro do Mocotó, Novo Horizonte.

quem vai passando. Reconhecem um estranho, pois por lá quase todos se conhecem.

As ruas da comunidade do Monte Cristo equipara-se à rua medieval descrita por Ariés²⁵

"Essa rua medieval, assim como a rua árabe de hoje, não se opunha à intimidade da vida privada; era um prolongamento dessa vida privada, o cenário do trabalho e das relações sociais. Os artistas, em suas tentativas relativamente tardias de representação da vida privada, começariam por mostrá-la na rua, antes de segui-la até dentro de casa. Talvez essa vida privada se passasse tanto ou mais na rua do que em casa" (Ariés. 1981. P.198).

A rua se caracteriza por um constante movimento de pessoas conhecidas, parentes, amigos. É comum encontrar grupos de pessoas conversando em frente às casas. Dificilmente se estendem até o interior da mesma. Ali se "negoceia", sabe-se dos acontecimentos do dia, se trabalha, namora, se vive o cotidiano do bairro. Ela é um prolongamento da vida privada.

Nos morros onde fui²⁶ a situação não é muito diferente. Lá, apesar de não termos espaços planos muito extensos, como o caso do Monte Cristo, o que aparentemente dificultaria o convívio na rua, ainda assim, os becos, as escadarias, os morros, são pontos onde crianças brincam, mulheres conversam, adolescentes se encontram, caracterizando mais uma vez a importância das vielas, dos becos, das ruas na vida social dos moradores daquela comunidade. Algumas destas ruas são tão estreitas que permitem apenas passagem, não paradeiro.

Na primeira vez que fui até a casa da Celma, no Morro da Caixa, chamou atenção que o acesso até sua casa e outras, naquele morro, se restringia a uma pequena passagem na qual eu, mesmo magra, custava a passar. Esta estreita passagem dava acesso ao "pé do morro". Olhei morro acima e deparei-me com uma imagem quase caleidoscópica, que jogava algumas casas mais para frente e outras mais para trás em relação à passagem. Uma imagem caleidoscópica de uma arquitetura que se expressa no imprevisto das construções, numa articulação entre

²⁵ Ariés, P. História Social da Criança e da Família, 1981, p. 198.

²⁶ Morro do Mocotó, Morro da Penitenciária, Morro da Caixa, Comunidade Ilha-Continente.

casa e rua peculiar, própria do improvisado das possibilidades de moradia daquela comunidade.

Muitas crianças moradoras destes morros vem ao Centro buscando um espaço para brincadeiras. Por várias vezes encontrei crianças do Morro do Mocotó e do Morro da Mariquinha tomando banho nos chafarizes do Largo da Alfândega e da Praça dos Bombeiros. Aproximava-me pensando tratar-se de um grupo de meninos de rua desconhecido, mas eles deixavam claro que não viviam nas ruas do Centro. Estavam apenas de passagem, procurando refrescar-se nas águas. Um deles admitiu ter dormido umas noites fora de casa, mas que não era constante. Disse que eles não tinham chuveiro em casa. Assim, vinham banhar-se naquelas águas e buscar uma aventura no Centro²⁷.

É na rua, em público, que os acertos de contas da vida privada também acabam acontecendo. Tatiane contou que um dia caminhava próximo ao "campinho", um lugar onde as crianças jogam bola, quando foi cercada por um grupo de pessoas querendo surrá-la. Percebeu que a turma era comandada pela esposa de um cara com quem ela havia transado. Anunciou logo que o problema era entre ela, a esposa e o marido.

Eu gritei prá eles que se eles eram covardes, me matasse ali mesmo. A mulher dele tava grávida mas veio prá cima de mim com um facão ali na rua mesmo, na frente de todo mundo. Eu consegui tirar o facão da mão dela e dei um tapa dizendo que o marido dela não era capado prá não querer dormir comigo. Ela que prendesse o bode porque as cabras estão soltas...

No mesmo episódio, percebemos a intimidade com outros atores sociais que morando em outras comunidades, participam do dia-a-dia da comunidade. Quando a polícia chegou, eles logo me reconheceram. Foram logo perguntando porque eu

²⁷ Existe a preocupação por parte de algumas pessoas moradoras do bairro Mont Serrat em criar ambientes de lazer naquela comunidade, pois, segundo Márcio de Souza, vereador criado no Mont Serrat, a ausência destes ambientes ajuda na vinda das crianças para o Centro da cidade em busca de espaço. "Eu fui garoto criado em morro e não foi uma vez só que vim para o Centro da cidade procurar um espaço pra jogar futebol, pra correr, pra brincar". Carlos, morador do mesmo morro, diz que se não criamos atrativos para as crianças nas comunidades, elas vão buscar em algum outro lugar, e o mais evidente pela possibilidades que oferece de acesso, movimentação e de espaço é o Centro.

tinha batido em mulher grávida. Eu disse prá eles que se ela não quisesse apanhar que não viesse grávida daquele jeito prá cima de mim aqui na rua. Ela quem começou...

Na rua que liga as suas moradas, dois rapazes, Evandro e André, acertaram com um facão, uma discórdia que surgira entre eles com relação a posse de algumas tábuas. André ameaça Evandro com um canivete exigindo o pagamento das tábuas. Evandro diz que ganhou do vizinho dos fundos e ameaçado pelo outro rapaz busca o facão do pai. André leva, num solavanco só, um corte com o facão que o atingiu no pescoço, provocando sangramento. Crianças e adultos assistiram a cena. Morreu ali mesmo, na rua, onde o socorro policial chega em vão. Foi velado na casa da tia.

2.5 Ser ou não ser de rua

Ser de rua, morar na rua tem um *status*. A identidade de quem *é de rua* é construída gradativamente, na medida em que vão enfrentando desafios neste espaço. Ouvi falar em campo que existem os verdadeiros e os falsos meninos de rua. Um dos garotos que estava no albergue, identificou-se com outros amigos de rua dizendo que *eles sim foram meninos de rua*. Para ser considerado morador da rua parece ser preciso passar por algumas experiências como dormir na rua por um longo tempo, ter que se virar sozinho no frio e na fome, batalhar a sobrevivência na garra, na manha. Muitos se orgulham em sacar sua identidade de rua. Outros, no entanto, quando chamados como tal, logo corrigem: eu não moro na rua.

Helena descreveu o que uma menina de rua precisa fazer para ser considerada como tal. Começa explicando o que não é uma menina de rua. Playboy é o anti-exemplo.

Playboy são aquelas meninas que ganham tudo do papai e da mamãe... São umas otárias. Vê só que uma vez uma dessas disse que queria dormir na rua pra ver como era. Daí ela disse: Eu vou lá em casa pegar o carro do meu pai e vou trazer comida, o meu colchão, cobertor e venho dormir na rua. Ai a gente disse pra ela cair na real. Que quem dorme na rua, dorme no meio de papelão, acorda de manhã e vai batalhar o café, que precisa

arrumar um lugar pra tomar banho. Isto é que é a vida na rua... Não é fácil.... Quem vive na rua precisa de muito dinheiro. Precisa batalhar comida, a sua própria roupa, pagar prá tomar banho, e ainda, o que vai mais dinheiro é a droga. A gente gasta muito com a droga. Gasta mais que uma pessoa gasta prá manter uma casa alugada...

Ser de rua é ter sobre si toda a responsabilidade, assumindo os riscos e as delícias deste estado. Tem que ir conquistando o seu espaço, impondo-se aos demais para ser aceito como tal. Os iniciantes na rua passam por provações que vão definir se pode ser ou não de um determinado grupo. No estado liminar, tem que provar ao grupo que são capazes de sobreviver neste meio. Um dos garotos, assim que começou a ir para a rua, não demonstrou agilidade em roubar. Leninha (10), advertiu prontamente, assim que o garoto se negou a acompanhá-la, juntamente com Leo, a um pequeno furto: *Ihhhh, já vi que tu és parasita. Depende dos outros prá se virar na rua. Tu achas que viver na rua é só pedir, é?*

Acompanhei a metamorfose de Joãozinho (08) de menino da casa em menino de rua. Assim que comecei o trabalho de campo, ele passava pelo ritual de iniciação na rua. Como neófito que era, tinha que provar sua capacidade de sobreviver sozinho. Não foi difícil já que seus 4 tios um pouco mais velhos que ele, eram "craques" na arte de sobreviver na rua. Rapidamente estava integrado a um grupo de garotos um pouco mais velhos que ele que dormiam na rua. Entre eles, os tios, duas meninas e alguns garotos cuja família mora no mesmo bairro de sua mãe. Um dia, quando já dormia semanas na rua, apesar da insistentes tentativas de sua mãe em trazê-lo para casa, pegou um ônibus do Monte Cristo para o Centro comigo e veio me contando histórias mirabolantes sobre o que fizera na rua e o que queria fazer naquele dia. Seu ar era de satisfação ao ver que escutava atentamente e continuava perguntando sobre suas aventuras. Projetava seu corpo para a frente, como a querer me mostrar sua agilidade. Falava alto e olhava para quem o observava, sem parar de contar os casos de roubos e transgressões.

Um de seus tios, apesar de estar todos os dias no Centro da cidade e de algumas vezes, agora raras - segundo sua mãe, dormirem na rua, não se

identificam mais como "meninos de rua". Leco, em dois momentos deixou claro que já foi menino de rua - *hoje não sou mais. Eu voltei para casa.*

Ter sido morador da rua por um tempo também parece lhes conferir um certo *status*. Pude presenciar alguns relatos onde contavam-se fatos que denotavam o perigo, a batalha, as malandragens com os amigos, os roubos, a sabedoria necessária para sobreviver neste meio. Afinal, para viver na rua, é preciso aprender esta difícil arte. As histórias contadas pelos moradores e ex-moradores de rua trazem sempre o enfrentamento, a coragem, a ousadia, o perigo como elementos importantes. Como as histórias de pescador, às vezes são extraordinárias, cheias de mistérios, outras vezes cheias de ingenuidade. São histórias que contam para construírem sua identidade na rua, para lembrarem que são ex-moradores de rua, que enfrentaram polícia, frio, fome, medo.

No entanto, as crianças trabalhadoras buscam marcar sua identidade diferenciando-se da imagem difundida sobre meninos de rua. Ainda que a rua seja um importante espaço de sociabilidade, um local onde passam a encontrar-se diariamente, afirmam categoricamente que estão ali para trabalhar. Perguntei as meninas que vendem balas se haviam visto alguns garotos que dormem na rua e que são seus vizinhos na comunidade. Disseram que "não os conhecem" e que não gostam de meninos de rua pois *são muito malandros, são uns sujos*. Curiosamente, seu irmão mais velho vivia na rua antes mesmo de sua família migrar de Lages para Florianópolis. Segundo sua mãe, morreu porque vivia na rua. As meninas demonstram saudades do irmão e não o vêem como um malandro. Seu outro irmão, um pouco mais jovem que o falecido, também viveu um tempo na rua, mas, mesmo que agora esteja preso por assassinato, não é visto pelas irmãs como *bandido ou vagabundo*.

Em algumas famílias, crianças trabalhadoras e crianças de rua parecem ter a mesma diferenciação. Temendo que seus filhos transformem-se em meninos de rua, fazem recomendações diariamente para que não se misturem com estes, já que são imorais e oferecem *perigo*. Estas "recomendações" serão desenvolvidas no

capítulo 5, quando falo do gosto pela rua, gosto que muitas vezes é visto pelos pais como um forte concorrente da família e que pode "desvirtuar" seus filhos. As crianças e os familiares manipulam então informações para diferenciarem-se dos meninos de rua, apesar de serem na rua confundidos com estes.

Os engraxates, os pedintes de um modo geral se diferenciam da mesma forma. Buscam uma identidade de trabalhadores, que lhes garanta uma moral diferenciada da que imaginam atribuída aos "meninos de rua", embora pudesse encontrá-los, por algumas vezes, juntos. Um garoto, ao entrar no ônibus para mendigar anunciou em voz alta: *eu tô pedindo, eu não tô roubando igual um menino de rua. Eu tô pedindo para trabalhar, não tô roubando.*

Capítulo 3

Batalhando a vida

3.1 Inventando a Sobrevivência

Depois das grandes mudanças ocasionadas no mundo pela revolução industrial, o mundo do trabalho passa por um novo momento de transformações. Estamos na era da invasão das novas tecnologias, que vêm substituindo significativamente a mão-de-obra em indústrias de grande e médio porte, transformando as relações de contrato de trabalho e ocasionando uma crise do emprego em proporção mundial.

Os jornais apontam números assustadores para a taxa de desempregados, despedidas em massa, a perda da estabilidade no emprego. Estas pessoas, no entanto, somam-se a um número já elevado de trabalhadores que nunca tiveram uma relação de trabalho formalizada, com carteira assinada. São os trabalhadores informais que sobrevivem de pequenas atividades. Esta parece ser a nova alternativa de emprego - o trabalho informal. Conforme o economista Armando Lisboa (1997) *"Hoje é reavaliado e objeto de investigação o crescente 'setor informal', o qual se constitui num imenso 'mundo invisível' para as estatísticas oficiais, porém hipervisíveis nas ruas de nossas cidades."*

A instabilidade vivenciada agora pela classe média é, no entanto, desde muito, parte da vida do trabalhador informal. Gente que nunca soube o que é ter renda fixa e que busca diariamente alternativas que lhe garanta um mínimo de renda no grupo familiar. Para sobreviver, é preciso inventar coisas, aprender a fazer coisas. A realidade mostra que a transformação do mercado de trabalho exige pessoas cada vez mais qualificadas, muitas vezes com conhecimentos sofisticados, adquiridos somente por especialistas. O exemplo típico é a

informática, obrigatória nos currículos. Uma simples secretária precisa dominar uma "parafernália" de instrumentos de trabalho. Outra exigência é a escolarização. 1º grau completo, 2º grau, 3º grau, mestrado, doutorado..., exigências que colocam à margem do universo do emprego formal inúmeros trabalhadores que atuam na vida das cidades. Exigências que colocam o trabalhador num "jogo de sinuca", pois se por um lado ele precisa investir sempre mais na sua formação, correndo o risco de ela já ter caducado quando estiver quase "concluindo-a", por outro, assim que completar 35 anos estará começando a sair do "prazo de validade".

A valorização do trabalho especializado acaba resultando na desvalorização de algumas tarefas na cidade, como por exemplo, a de catar a enorme quantidade de papel que lojas e setores públicos dispensam todos os dias. Só se percebe a necessidade destes trabalhadores, que fazem o "trabalho-formiguinha", quando grandes quantidades de lixo se acumulam nas ruas centrais das cidades no final do expediente das lojas.

Um número significativo dos grupos familiares considerados nesta pesquisa¹ se incluem como **trabalhadores**² no mercado informal. Entre estas famílias, apenas dois dos homens tinham emprego fixo, com carteira assinada; alguns são "encostados" ou aposentados. Os demais, exercem atividades como autônomos, Trabalhando como chapeiros (carregador e descarregador de caminhão), papeleiros, serventes, pedreiros, vendedores ambulantes, entre outras. A maioria vive de "biscate", ou como eles mesmo dizem "por conta própria". Entre as mulheres, também encontrei poucas com carteira assinada e geralmente como empregadas domésticas. Exercem ainda atividades como faxineiras, vendedoras ambulantes, papeleiras, donas de casa, lavadeira, cozinheira,

¹ O fator econômico não é o único que motiva crianças e adolescentes a estabelecerem vínculos diários com o universo da rua. Entrevistei jovens procedentes de família de classe média e de classe média alta. Outros fatores como conflitos familiares, envolvimento com grupos na rua, aparecem como determinantes, motivando a ida para a rua mesmo entre os grupos com baixo poder aquisitivo. Sobre este assunto ver capítulo 5 deste trabalho.

² Duarte (1986) ao discorrer sobre classes trabalhadoras lembra que tal classificação está dissociada da idéia de tábua classificatória unidimensional, e incorpora-lhe a pluridimensionalidade da lógica segmentar, situacional e hierárquica.

mendicância, prostituição. Não existe uma profissão única, definida. Para "se virar na vida" expressão que usam com frequência, combinam diversas destas atividades simultaneamente, como era o caso do Sr. Paulo que, além de vigia noturno, trabalhava como pedreiro/servente e ainda estava fazendo uma pesquisa na comunidade para um órgão público.

Entre as mulheres, a mesma estratégia se repete. Uma das mais comuns atividades entre estas é a mendicância. Mendigar para alguns destes grupos pode ser visto como trabalho e como *ajuda* no orçamento doméstico.

Percorrem várias instituições (órgãos governamentais, Igrejas Católicas, Assembléia de Deus, entidades assistenciais) a fim de angariar cestas básicas, enxovais de bebê, sopas, roupas, sapatos, materiais de construção e outros bens materiais. Sabem exatamente quando, onde e como devem se portar para arrecadar estes donativos. Em uma visita que fiz à casa da família Moreira, pude perceber que a principal fonte de alimentação era proveniente de "cestas básicas" e sopas que Dona Antônia e duas das filhas coletavam em igrejas e instituições. A mesma estratégia é usada por outros grupos familiares como a família Ferreira, a Mores e a Silva, e ainda por um grupo de ex-meninos meninas de rua que se encontram habitualmente na Praça XV. Esta função é geralmente exercida pelas mulheres do grupo, mas não com exclusividade. Os homens também o fazem, porém com menos frequência. Esta é uma estratégia importante para alguns grupos, já que o mínimo do alimento pode ser garantido deste maneira.

Numa segunda feira, encontrei Dona Antônia e sua filha mais velha saindo de casa. Quando encontravam-se a poucos metros da casa, um senhor gritou: *onde que a dona vai? Se for prá "Assembléia" pegar a cesta, a dona Maria disse que já foi ontem.* Dona Antônia se virou e disse, com tom de irritação: *Ela tá é louca. É hoje sim. O Senhor não vem?* Ele negou-se a ir, pois alegou que se assim o fizesse estaria perdendo tempo. Quando descíamos o morro Dona Antônia comenta comigo e com sua filha. *A esperta da dona Maria disse que foi ontem prá ninguém mais ir e sobrar mais prá ela. Tem gente que é fogo na esganação. Ela pensa que eu não sei das coisas. A*

distribuição lá na assembléia é hoje, é sempre no mesmo dia do mês. Ela pensa que me passa prá trás. Bobo do seu João que acreditou nela e não em mim...

Acompanhei-as até o ponto do ônibus e no caminho foram me informando os locais e as horas em que haveria distribuição de cestas básicas, sopa, roupas e sapatos. Disse saber de todos os lugares que distribuem estas coisas. Me passou várias dicas, dando a impressão que estava sugerindo que eu fosse até lá e conferisse, se quisesse. Alertaram-me que era preciso estar atento para a hora e o dia em que tais distribuições eram feitas, pois *“se a gente bobeia, perde a vez”*.

De fato, como nos alerta dona Antônia, é preciso estar bem informada e bem alerta para não perder tempo e nem ser trapaceada por pessoas mais informadas ou mais *“espertinhas”*.

Com o objetivo de pegar um enxoval de crianças, acompanhei Nena, uma ex-menina de rua grávida de 6 meses do primeiro filho, numa tarde de quinta-feira, até a Catedral, local onde faziam tal doação. Entramos numa fila que se estendia no corredor dos fundos da igreja. Ali mulheres barrigudas seguravam as costas e se encostavam nas paredes para ajudar a suportar o peso da barriga. Quando fomos atendidas, Nena foi avisada que aquele era o momento da entrega do enxoval apenas para as mulheres já cadastradas. Ela deveria vir outro dia cadastrar-se para depois buscar o enxoval. Saímos. Ela se mostrou um pouco frustrada, mas disse que retornaria pois as roupinhas eram muito bonitas e boas. Ao serem entregues às outras mulheres, podíamos avistar roupas bordadas, cobertores felpudos, *tip-tops* coloridos, tudo com as cores conforme o sexo da criança (azul para menino; rosa para menina); ou, se a mãe não soubesse ainda o sexo da criança, levava roupas com cores consideradas unissex (verde, amarelo, branco).

Uma outra adolescente, moradora do Morro da Penitenciária, contou, irritada, que sua mãe, grávida, inscrevera-se para receber o enxoval para a criança. Quando foi buscar, disseram que o padraço já havia pegado o enxoval. A adolescente alertou que alguma coisa estava errada, já que naquela ocasião sua mãe estava separada dele. Conferiram no livro e estava devidamente anotado o dia que ele havia retirado. Seguiu para casa pretendendo, na primeira ocasião,

tirar a história à limpo com o padrasto. Descobriu dias mais tarde que uma vizinha distante havia comprado um enxoval de bebês. Foi até lá e esta confirmou que a venda tinha sido efetuada por seu padrasto. Não deixaram por menos. Além de acertar as contas com o cara chamando-o de ladrão e vagabundo, levaram a mulher até a Igreja para contar o que acontecera e conseguiram outro enxoval para a criança.

Nos grupos familiares onde observei a prática da mendicância, trabalhar e mendigar se confundem no cotidiano, sendo que a pessoa se apresenta ora como trabalhador ora como pedinte, o que lhes confere uma ambigüidade³. Enquanto trabalham, demonstram que toda e qualquer ajuda é bem vinda. Trabalho e mendicância, amalgamados, constituem uma forma de conseguir renda ou bens. Não percebem a mendicância como algo vergonhoso já que mendigar **também é trabalhar**. É o que afirma Dona Rosa quando acusam-na de estar aproveitando-se da mendicância dos filhos para sobreviver. *Eu estou trabalhando, não estou roubando*⁴.

Dona Etelvina relata que sempre que iam catar papelão, seu carrinho vinha "abarroado" de coisas que ganhavam das mulheres em Campinas⁵. Executa simultaneamente as duas funções, já que catar papel nem sempre rende muito. Dona Etelvina diz que vai catar papel e aproveita para perguntar *com jeitinho se eles não têm nada para dar*. Ela e sua filha levam as crianças pois assim fica mais fácil sensibilizar as pessoas para ajudar. Contou que na semana anterior, ganhara

³ Zaluar (1994) aponta que a identidade de trabalhador no grupo de moradores da Cidade de Deus (RJ) por ela estudado, se faz em contraposição a de bandidos, marginais, dentro do seu próprio grupo social, ou de patrão, num grupo social diferente do seu. O enfoque privilegia a organização familiar e identidade social, onde os valores família e trabalho aparecem como valores importantes na auto-representação daquele grupo. Sarti (1996) da mesma forma, identifica trabalho e família como valores essenciais numa classe de trabalhadores em São Paulo. Sarti identifica uma "relação estreita entre o valor do trabalho para os pobres com os valores familiares e com a noção de honra, que lhe servem como parâmetro moral". (Sarti, 1996, p.82)

⁴ No estudo etnográfico feito por Jardim (1998) onde analisa o significado do trabalho para os moradores de uma vila de invasão na Grande Porto Alegre, a autora destaca a mendicância como uma prática exercida pelas mulheres e que se caracteriza como *ajuda* no orçamento doméstico. Segundo a autora, biscates, filantropia, roubo e tráfico de drogas se complementam na composição do sustento familiar, garantindo a efetivação dos papéis sociais valorizados, de acordo com as concepções de gênero.

muitas coisas de uma senhora *"muito chique mas muito querida"*, *"gente rica mas simples, sem cerimônia"*. Puxou duas sacolas que estavam guardadas debaixo da cama com roupas e sapatos. Mostrou-me peça por peça, par a par, dizendo a quem doaria. Um conjunto de blusa e short dará para suas duas netas do Morro da Penitenciária, já que a neta que mora com ela, *é muito mal educada. Vive respondendo para mim*. Um vestido vermelho que dará a Tetê, sua vizinha, por ser muito boazinha. Naquele instante Tetê passa pela rua e cumprimenta dona Etelvina, que comenta a meia voz, *era um vestido vermelho e decotado que só ficaria bem em alguém em um corpo arrumadinho e bonito como o de Tetê*. Disse ter ganhado uma tv que o neto já vendeu por 15 reais. Mostrou também alguns pequenos ornamentos que dera à filha de presente. Demonstrava grande satisfação enquanto dizia quantos presentes deu ou ainda daria, tudo escolhido conforme o gosto e a personalidade de seus netos, filhos e amigos. Finalmente comenta: *Sabe como é, catar papelão não dá muito dinheiro não, mas a gente ganha tanta coisa... Vale a pena a gente ir. Eu sempre convido a Denise para ir. Tem umas senhoras que olham prá gente catando papelão com a criança no colo e ficam com pena. Chamam e a gente ganha cafezinho, bolacha, pão prá gente trazer para casa. É isto que vale a pena... Catar papelão não dá muito dinheiro não...*

Outra forma de contribuir no sustento da casa é "fazer feira". Ao cair da tarde dirigem-se às feiras de frutas e verduras que se instalam semanalmente na Praça Fernando Machado (Centro), geralmente acompanhadas pelas crianças (já mais crescidas, para que possam ajudar a carregar os pacotes). Sentam-se ali por perto e aguardam menções de que a feira terminou. Assim que os feirantes começam a recolher suas barracas, estas mulheres, juntamente com as crianças, passam com sacolas recolhendo o alimento doado pelos feirantes, que são aproveitados na alimentação dos familiares.

Ainda que se insiram nesta "rede de doações" de grupos religiosos, não se

⁵Campinas é um bairro comercial do município de São José - Florianópolis. Fica nas proximidades do Monte Cristo.

deixam seduzir por "conversões", a não ser que isto seja "espiritualmente favorável". Nem se sentem pobres coitados por viverem assim. Sentem-se no direito de recusar o donativo quando este não lhes parece de qualidade. Seu Sebastião abriu a velha geladeira, que continha, distribuídos no farto espaço, uma garrafa de água, dois pedaços de pão, um pote de margarina e uma garrafa de refrigerante com um líquido escuro. Aponta para a garrafa com o líquido escuro e diz *"eles pensam que a gente tá pedindo esmola, tá passando fome... Vê que deixaram esta sopa aí que nem cachorro come. Rala e ruim... Tá certo que nós não temos muito o que comer, mas também uma sopa assim não dá, né dona!? Nem as meninas conseguiram comer isto... Referia-se a uma sopa que ganhara numa visita de um grupo de evangélicos à sua casa dois dias antes. Também reclamou de um jornalista que viera até a comunidade para fazer uma reportagem sobre a desnutrição infantil. Eles pensam que é só ir entrando assim na casa da gente e ir falando que a gente tá passando fome... Tá certo que a gente de vez em quando fica meio apertado e que de repente com a reportagem, a gente consiga mais coisas aqui para a comunidade... porque aqui tem mesmo gente que passa fome, sabe?!"*

Da mesma forma, apesar da extrema carência financeira que Simone reclamara a poucos minutos, encostada no tanque onde lavava roupas, assim que seus dois cunhados apareceram, contou que naquela manhã uma mulher da igreja evangélica passara pela comunidade chamando voluntários do morro para ajudar na distribuição de roupas e sopa naquela sexta feira. Simone, além de reclamar que exigiam que fossem bem arrumadinhos, com roupas *"limpinhas e passadinhas"*, vestido feito senhora, diz que a gente não precisa daquela sopa não. Deixa prá quem é pobre e precisa, né!? Tem gente aqui no morro que precisa bem mais que gente. Deixa prá eles, né tia?! Reclama também do bom comportamento que teve que apresentar quando aceitou ajudar. Deixou claro que percebe que esta ajuda é uma forma de envolvê-los na doutrina da igreja. Além do mais eles tentam converter a gente... Eu gosto de ir lá rezar. Eu quero que a tia vá comigo nas orações, um dia. Mas, eu só não gosto quando vira obrigação...

Trabalhar está relacionado com atividades rentosas, tanto em termos de dinheiro, quanto com atividades que possibilitem trocas dentro do grupo ou fora dele (vizinhos, parentes, ou outros). Quando precisam sair, as mães deixam seus filhos pequenos com algum parente ou vizinho, o que pressupõe que ou fará alguma coisa em troca ou lhe pagará pelo serviço prestado. Participei de uma cena de acertos de contas entre duas irmãs. O acerto incluía desde cuidar do filho da irmã, até a troca de roupas para passear. Clara cuidara dos filhos da irmã em troca de um real⁶. Cobrava a dívida quando foi surpreendida pela lembrança de uma dívida ainda maior pelos cuidados que a irmã prestara ao seu próprio filho. Ficou então descontando sua dívida nas vezes que emprestara roupas à outra, em cigarros dados. A lista e a discussão foram longas.

Observei o mesmo sistema de trocas entre os homens. Estes fazem inclusive trocas de dia de serviço. Mesmo quando o orçamento doméstico é pequeno, a solidariedade aparece como um fator importante entre os grupos, uma estratégia de sobrevivência e uma demonstração da política de boa vizinhança. Mas, é preciso saber a quem se pode ajudar e em quem não se pode confiar.

Encontrei Sr. Sebastião quase na porta de entrada da sua casa. Voltava do trabalho. Tinha ido descarregar um caminhão de mercadorias para uma loja. Contou que um vizinho tinha ficado chateado com ele por ter dado serviço para outro. Disse que tem sempre que escolher quem vai ajudá-lo, pois ele é bem conhecido, não foge de cargas grandes e nem deixa que seus ajudantes roubem mercadorias. *A gente tem que ser de confiança senão não arruma mais trabalho. Se a gente rouba, é só uma vez. Ninguém confia mais. E também, a gente topa qualquer parada. Tem gente que só trabalha quando a carga é pequena. Quer moleza. Dá no pé quando a*

⁶ Um (1) real é um valor atribuído a muitas coisas na comunidade. Várias crianças e adolescentes se ofereciam para fazer pequenas tarefas e logo incluíam o valor (1 real). Os saquinhos de bala também são vendidos a um real, a esmola é muitas vezes feita com a determinação: *tia, me dá um real*. O passe de ônibus também é uma "moeda corrente" entre estes grupos. Vendem coisas anunciando: *pode ser um passe*. Esta nova "moeda" facilita a comercialização pois, além de ser mais comum alguém ter um passe para dar de esmola ou comprar guloseimas, podem ser trocados por dinheiro através dos cobradores de ônibus. Apesar das empresas de ônibus proibirem que os cobradores façam tais "negócios", estes muitas vezes são vizinhos, amigos ou parentes de tais crianças, o que torna a proibição quase impossível.

carga é muito grande ou pesada. Hoje um camarada veio me xingar porque eu não levei ele. Eu disse que tive que dar trabalho prá um camarada que tem filho prá sustentar. Podia ter dado pro meu filho e dei prá outro porque eu sei que ele tem mulher e filho. Eu queria que tivesse prá todo mundo, mas não dá.

A cooperação na comunidade pode aparecer também sob forma de mutirão. No Monte Cristo, o Centro Comunitário organizou um mutirão de limpeza na comunidade. Neste caso, o trabalho era em benefício de todos e portanto não constituía uma troca. Porém, o mais comum é o acionamento de redes de troca de trabalho para construírem suas casas, exercerem pequenas tarefas. Existe aí uma reciprocidade que possibilita a sustentação desta rede de troca que se estabelece entre vizinhos e parentes. Cumprir com a "obrigação" é a forma de manter-se inserido no contexto da rede.

Oliven (1987, p. 31,32) cita o trabalho de Maria Helena Beazzo, onde a autora, analisando a prática da auto-construção com a ajuda de parentes e amigos na periferia do Rio de Janeiro, salienta duas regras que definem as obrigações de quem recebe ajuda.

"A primeira delas é a que se refere ao oferecimento de alimentação e da bebida aos que estão trabalhando como sendo uma obrigação do dono da casa. A segunda está relacionada ao compromisso - 'sagrado' como dizem alguns moradores - de atender pelo menos na mesma medida as solicitações de trabalho daqueles que trabalharam em sua casa." (Oliven, 1987, p. 31)

Num contexto controverso do mundo do trabalho, a criatividade se faz necessária para desenvolver estratégias de manutenção própria ou de seu grupo. Assim, a cooperação é mesmo uma estratégia de sobrevivência entre os grupos familiares. Numa visita que fiz à casa da família Mendes deparei-me com um discussão sobre a possibilidade de criação de uma cooperativa comunitária, proposta feita por uma entidade religiosa às mães que levam seus filhos para trabalhar no Centro. A expectativa era de que as mulheres conseguissem trabalhar, garantindo um rendimento familiar e evitar que seus filhos vendessem bala no Centro.

Encontraram-se na casa de Dona Denise, no Monte Cristo para combinarem qual atividade desenvolveriam. Estavam lá Dona Rosa, Dona Marica (mães que acompanham seus filhos na venda de balas no Centro), Dona Denise (dona da casa), sua mãe e 3 funcionários da ONG que propunha a cooperativa. Estava ainda presente André, um educador da comunidade. Diversas atividades foram citadas pelas mulheres da comunidade (fazer doces, bolos, catar papelão, fazer chinelos, vender sanduíches na praia, vender cachorro quente). Concordavam que deveria ser algo que soubessem fazer e que fosse rentável. Dona Etelvina relata suas estratégias quando ia procurar emprego: *Desde que comecei a trabalhar na cidade - porque antes eu trabalhava no sítio - perguntava prá dona o que ela queria que fizesse - Se ela dissesse que queria um bolo, então eu perguntava como ela gostava. Então eu fazia como ela gostava. E assim eu ia aprendendo. Graças a Deus aprendi a fazer de tudo.* Dona Rosa também diz que faz tudo na cozinha e que para ela o ideal era produzir salgados para vender. Mariquinha acha que qualquer coisa que renda é importante, já que as balas não estão mais dando tanto dinheiro. *Mas as balinhas já deram muito dinheiro, diz Dona Rosa. Eu construí minha casa vendendo balas. E tu também, né Mariquinha, construíste um bom pedaço da tua casa só com a venda da bala. Tinha dia de dar quase 100 reais... Alguém comenta: cem reais por dia é bastante, não é? E Rosa responde: É sim. E fui eu quem comecei com isto lá na rua. Eu que inventei as balinha, né Terezinha?*

Mariquinha: *É! E agora já tá todo mundo lá na rua vendendo balinha...*

D. Denise: *Eu vendia bala também. Não só bala mas tudo quanto era doce. Ia eu e a Clara, só que a Clara começou a comer bala. E aí, aqui em casa os outros também queriam. Quando eu via, lá estavam eles comendo bala escondido. O lucro ia todo ali. Ai a gente teve que parar.*

Sandra uma das senhoras da Ong comenta: *A senhora sabe que o SUSP (Secretaria de Urbanismo e Serviço Público) tá batendo lá e tirando mercadoria?*

Rosa diz: *Sei. Passaram lá semana passada, mas por sorte eu não tava neste dia. Têm que tomar cuidado porque eles levam toda a mercadoria... Já pensou? Perder toda a mercadoria?!*

Dona Sandra lembra que eles tão querendo levar as crianças para o Conselho Tutelar e os pais para o Juizado...

D. Rosa: Mas eles não podem fazer nada! Eu já disse que eu não tô fazendo nada de errado. Eu tô trabalhando. Não tô roubando. Se eles querem que eu saia que me dêem outro emprego. Me sustentar eles não vão. Eu sempre vivi sozinha, não tenho ninguém que sustente eu e as crianças. O André sabe da minha situação...

Marica- É verdade. A gente tá é trabalhando...

Rosa: As crianças tão indo à escola direitinho num período, como sempre tiveram! Por falar nisto André, queria que fosse lá em casa dar um conselho pro meu menino. Ele tá só querendo desistir da escola. Hoje ainda não foi. Trocou a professora e agora não quer mais ir. Já é o terceiro ano eu ele tá na mesma. Não saí da 2ª. série.

Sandra sugere: Seria bom que as crianças não precisassem trabalhar. Seria legal se elas no outro período pudessem brincar, não é mesmo?

Dona Denise diz que há muito tempo não faz outro serviço além de catar papel. Eu sei que eu vou ter dificuldade, porque faz tempo que não saio para trabalhar fora. Tenho só catado papel com a mãe. Mas é ruim porque tenho que levar as crianças e a gente nem sempre pode tratar bem deles. As vezes fico até 8:00 horas da noite com eles na rua... Também tenho que fazer almoço para os outros que trabalham. Acrescenta: Não vou porque não quero, porque a mãe sempre me convida.

Mariquinha sugere: Reciclar papel. Eles me convidaram para trabalhar reciclando papel, mas é o dia todo, e eu não posso deixar de fazer o almoço. Tenho que vir em casa ao meio dia. Ainda mais que o meu marido começou a andar meio atrapalhado de novo. Até queria saber se o André não vai lá em casa falar com ele. Anda bebendo, não quer trabalhar, começou a bater nas crianças de novo...

A reunião termina sem chegarem a um acordo sobre qual das atividades iriam investir. Ficaram de pensar e marcaram um outro dia para conversar. Marcam na próxima segunda, na casa de André, que é vizinho de Dona Denise.

Assim que as demais visitas foram embora Dona Denise comenta, com ar de desânimo, que já era a terceira reunião do grupo e que ela não pode esperar. Preciso comer. Preciso tratar do Calinho. Agora o meu filho mais velho, o Pedro, tá me

ajudando. Mas mesmo assim é muito pouco... Está semana ele deveria ter recebido 24 reais de gorjeta e recebeu só 14. Não marcaram 10 reais e ele ficou sem. Recebe só 60 por mês e ainda o que rende é a gorjeta que ele recebe. Agora ele voltou a trabalhar. Depois que eu dei um xingão nele, ele voltou. Perguntei pra ele se agora que eu me separei do Neno, ele ia deixar eu e o irmão dele passar fome? O Neno me ajudava mas agora não dá mais... Ou ele vai querer que eu tenha que pedir que ele volte pra sustentar a gente? Daí ele pensou bem e voltou a trabalhar.

Entre as invenções para ganhar o dia-a-dia, estas mulheres separadas, pobres ou com rendimento baixo do marido, encontram diversos mecanismos para o sustento do grupo. Apesar de atribuírem a responsabilidade de sustento da casa ao homem, seja o marido ou um dos filhos homens, tão logo se vêem sozinhas ou como *cabeça da família*, intensificam as atividades que já exerciam ou buscam novas alternativas. Elas que apenas "ajudavam"⁷ no orçamento, passam a assumir a família como chefes, mas nem sempre como provedoras.

Rosa, mulher separada, não depende de homens para sobreviver. No entanto, atualmente seu sustento e de seus filhos é extraído do trabalho destes na venda de balas. Apesar do sustento da família vir do trabalho dos filhos, salienta que sempre se "*virou sozinha*".

Apesar do papel de provedor se situar na figura masculina passando de pai para filho quase como uma herança, como uma transmissão de um cargo familiar - ser arrimo de família - em muitos casos é somente um *status*, uma vez que, quem acaba sustentando a casa são as crianças e as mulheres.

Jardim (1998) num estudo que faz de uma vila em Porto Alegre, salienta que "*a 'ajuda' feminina que se traduz na atividade de mendicância é tomada como complementar e aleatória, realizada por pessoas consideradas inaptas para o trabalho, no entanto, revela-se fundamental para o sustento familiar. Também através dela observa-se a*

⁷ O trabalho infantil enquanto "*ajuda*" no orçamento doméstico é assim salientado por Alvin (1994). "*O modelo cultural do papel do chefe de família como mantenedor de sua família e a visão de que o trabalho do jovem e mesmo da criança é uma forma ajuda ao chefe de família, perpassa a sociedade e coloca jovens trabalhadores seja do sexo masculino seja do feminino (talvez as jovens em situação de maior precariedade) em situação de invisibilidade no que diz respeito a sua cidadania de trabalhadores.*" (1994, p. 135).

leitura social que possibilita às mulheres lançar mão de uma variada gama de recursos e ainda auxiliar na manutenção e ampliação de redes de ajuda, seja entre iguais, seja com grupos sociais distintos”.

Neste aspecto concordo com Sarti (1995) quando diz a transformações pelas quais estão passando as famílias pobres urbanas traduzem-se na sua fragmentação, com a instabilidade conjugal e a conseqüente diluição de papéis (...)”(1995,p. 145).

Esta diluição, observada em campo, no entanto, insere homens, mulheres, crianças, jovens e não se dá somente pela instabilidade conjugal e pela fragmentação do grupo, mas principalmente pelas escassas oportunidades de trabalho que enfrentam. Em famílias com homens e mulheres assumindo seus papéis de pai provedor, mãe dona-de-casa, ou mesmo onde a mãe trabalha fora, a criança participa do sustento do grupo trabalhando diariamente. Assim, podemos dizer que a alternância apontada por Zaluar (1994), no estudo feito na Cidade de Deus (RJ), entre as **cônjuges e os filhos** na responsabilidade de **contribuir** para a renda familiar, passam a ser entre os **cônjuges (pai e mãe) e os filhos**.

A impossibilidade do pai em sustentar o grupo é ressentida por alguns homens, principalmente quando isto implica em distanciar-se do grupo. Quando se vêem doentes, sem possibilidades para o trabalho, se sentem moralmente diminuídos. Quando têm o *vício da bebida* ou é drogado, acabam perdendo a “força moral” perante o grupo já que, além de muitas vezes se mostrarem violentos, não trazem mais dinheiro para casa.

A bebida rega muitos rituais nas casas⁸. No entanto, quando impossibilita o acesso ao dinheiro, ou quando passa a tirar a *comida da boca* de crianças e

⁸ Nas segundas feiras era comum ouvir relatos de brigas entre os familiares ou na comunidade, ocasionadas pelo uso excessivo de álcool, principalmente cachaça e vodca. Quando contavam as histórias das brigas, relatavam que *estava todo mundo bebendo e daí alguém puxou um assunto e como já estava todo mundo de cara cheia, acabava em briga*. No entanto, geralmente tais intrigas, ao passar alguns dias, quando não deixavam marcas físicas, o que era comum (olhos roxos, galos na cabeça, arranhões), ou separações momentâneas entre os casais, ou a fuga do filho da casa, eram relativizadas entre os nela envolvidos. Uma “ex-menina de rua” disse que “às vezes, quando bebia, dava um nervoso que tinha que brigar com alguém quando se sentia incomodada”.

mulheres, passa a ser uma fonte de conflito nas famílias. Nas explicações sobre as separações dos maridos, a bebida, a violência, o uso indiscriminado de drogas estão presentes, mas o mais enfatizado é o mau que tais práticas acabam acarretando para o grupo, no sentido da sua manutenção.

Entre homens e mulheres, a possibilidade de serem trabalhadores contratados por mês nem sempre é bem vindo. Apesar de apresentarem o desejo de terem um **rendimento fixo**, nem sempre se mantêm no trabalho fixo, pois este, além de oferecer salários muito baixos, considerando o que conseguiriam fazendo "biscates", tem a desvantagem de prendê-los. O trabalho por conta própria, sem alguém mandando, sem patrão, deixando-os livres para irem e virem, também foi mencionado como uma vantagem dos biscates⁹.

3.2 O Trabalho Infantil:

O trabalho infantil é uma prática comum e de suma importância no sustento do grupo familiar. Conforme mencionei anteriormente, algumas famílias têm como principal renda aquela conseguida com o trabalho das crianças. O trabalho infantil leva várias crianças ao Centro diariamente, onde vendem, engraxam, mendigam. Uns preferem *pedir*, outros trabalhar, mas alguns fazem as duas atividades e se posicionam ambigualmente, podendo assumir a identidade de "pobre coitado" ao mendigar, se perceberem que sua atuação será bem sucedida desta forma. O que definirá de que lado estará mais situado, será sua percepção do que o outro espera dele. Para isto, deverá aprender a identificar uma série de códigos sociais, e ainda aprender a arte de "atuar" socialmente. Observando sua prática de trabalhar-mendigar, pude identificá-la enquanto uma

⁹ Fonseca (1992) ressalta que o desprezo demonstrado pelos moradores do Bairro São José em Porto Alegre pelo trabalho assalariado seria porque este não se encaixa no seu estilo de vida social.

arte a ser apreendida. Na seqüência deste capítulo destaco esta arte, já que considero como uma sutil, mas importante estratégia de trabalho.

Dentro do grupo de "trabalhadores-pedintes", uma atividade que se destaca é a *venda de balinha*. Crianças e os adolescentes, geralmente acompanhadas de um adulto que se responsabiliza por eles, percorrem as ruas do Centro com caixas de sapato contendo saquinhos de balas de banana, de coco ou amendoim. As mães, irmãs, cunhadas mais velhas, enfim, o responsável pela criança ou por um grupo de crianças, se reúnem sentadas nos bancos da alfândega, nas proximidades do mercado público e aguardam as crianças e os adolescentes venderem as balas. Exercem esta atividade geralmente à tarde, rotineiramente, com exceção das 5ª feiras, sábado e domingo. Seu objetivo é mostrar que estão fazendo alguma coisa (trabalhando) e que fazem porque precisam, porque são pobres.

Os pequenos engraxates, geralmente meninos, se diferenciam das crianças que vendem balas. A grande maioria se identifica como trabalhador. Além de irem sozinhos, sem a companhia de um adulto, dificilmente se apresentam como pedintes mas sim oferecem seu serviço.

A história nos mostra que as crianças quase sempre estiveram envolvidas com alguma atividade de trabalho em sua casa ou na casa de outros¹⁰.

No Brasil dos *injetados* do século passado, o próprio governo incentivava as famílias a criarem os *expostos* em troca da exploração do seu trabalho. Aos sete anos as crianças já podiam iniciar alguma atividade para o seu próprio sustento. O trabalho na infância não é mesmo uma novidade, porém, o que é recente é o aspecto de **ilegalidade** e **imoralidade** que vem sendo a ele atribuído. Passa a ser considerado crime no Brasil moderno, acompanhando a noção moderna da infância "*enquanto fase crucial para o desenvolvimento da personalidade do adulto, necessitando de orientação especializada*" (Fonseca, 1996, p. 120). A escola e a família

10 Conforme Ariés, no século XV, os ingleses colocavam seus filhos "de sete a nove anos na casa de outras pessoas para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de sete a nove anos (portanto até cerca de 14 a 18 anos). Elas são chamadas então de aprendizes. Há poucos que evitam

passam a ser o espaço legitimado para a criança. É ali que ela terá uma boa formação.

A proibição do trabalho infantil no Brasil aparece pela primeira vez claramente na legislação de 1927, o Código de Menores. Alvin (1994) e Lisboa (1994) concordam que quando a legislação relativa ao trabalho do menor sai do Código de Menores e passa para a Consolidação da leis do Trabalho, desprotege o trabalhador infantil. Mesmo que a lei proíba o trabalho para crianças menores de 14 anos, a ressalva *salvo na condição de aprendiz*, que consta inclusive na mais avançada legislação, o ECA (1990 - art. 60) deixa uma brecha legal para a sua prática. A proibição vem sendo usado como "justificativa" da utilização da mão de obra infantil como mão de obra barata, pois, passando-a para a ilegalidade, permite ao empregador não assumir direitos trabalhistas como carteira assinada, salário integral, uma carga horária. Assim, sob a condição de aprendiz, ressalva que define a condição do trabalhador infanto-juvenil, temos inúmeros exemplos de verdadeiras explorações de crianças e adolescentes em condições insalubres de trabalho, exemplos que incluem opções de trabalho concedidas pelo próprio Estado. De menor trabalhador, transformou-se em "trabalhador menor". (Alvin, 1994, p. 131)¹¹

Vemos portanto, que o trabalho infantil nem sempre foi tão combatido. Hoje, comitês conta a erradicação do trabalho infantil têm feito campanhas, aberto processos contra empregadores, discutido com outras organizações sociais a importância de defender um trabalho para o adulto. De fato, o mundo adulto está sem "trabalho". Se por um lado parece que o trabalho infantil nunca foi tão combatido, talvez seja por que nunca foi tão "visível" nas ruas das cidades.

este tratamento, pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviam assim suas crianças para casas alheias, enquanto recebem no seu próprio lar crianças estranhas." (Ariés: 1981; p. 225-226).

¹¹ Sobre trabalho infantil ver também: ADORNO, Sérgio. *A Experiência Precoce da Punição*. In Martins, José de Souza. (Org.). *O Massacre dos Inocentes. A Criança sem Infância no Brasil*. SP. Hucitec, 1991; DINIZ, Ana. *Correndo Atrás da Vida*. Belém: CEJUP, 1994., DIMENSTEIN, G. *Meninas da Noite- A prostituição de Meninas- escravas no Brasil*. S.P. Ática, 1994.; FAUSTO, e CERVINI. *O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. SP: Cortez, 1991; HUZAK, Yolanda e Azevedo, Jô. *Crianças de Fibra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Inúmeras crianças trabalham para o sustento da casa. Quando não trabalham nas fábricas, trabalham nas ruas, ou trabalham em casa, assumindo tarefas que por vezes se apresenta pesada até para um adulto. Assim vive Rosa, que com apenas 10 anos de idade trabalha de faxineira para ajudar no sustento da casa. Segundo sua professora, ajuda a sustentar a família desde os 7 anos. *É faxineira num apartamento aqui no Residencial do Monte Cristo. Trabalha para um moço. Não frequenta mais a Oficina do Saber porque têm que trabalhar. Disse que a menina, da última vez que a encontrou, parecia uma moça. Falou comigo de igual para igual. Só sei que é uma criança quando ela vem aqui para brincar. Ela é muito divertida.*

Os irmãos Fabrício, menino de 07 anos Rodrigo (06), trabalham em casa e cuidam do irmão de 3 anos. *Eles que acordam à noite quando ele chora, preparam a mamadeira e fazem ele dormir novamente. Tratam ele como um filho. Estão sempre com ele.*

A mesma responsabilidade tem os filhos de Dona Maria. Precisam sustentar a família pois, tanto ela quanto o marido estão doentes. Seu Nene, com câncer no pulmão, estava com uma cirurgia marcada. Sua esposa confessou-me um dia, tomando cuidado para que ninguém da família escutasse, que tinha medo que ele não voltasse para casa depois da operação, já que o médico avisara que a cirurgia era muito complicada. Conversando com o casal sobre sua vida em Lages e mudança para Florianópolis, sentado num banco próximo à porta de sua casa, seu Nene comenta. *A criança têm que ter um lugar prá aprender a fazer alguma coisa. Depois propõe: Aqui carece uma fábrica daquelas que tinha lá em Lages, aquela de montar granpinho, ou qualquer coisa assim que a criança pudesse fazer.*

Mesmo que o trabalho na infância esteja presente em muitos grupos, nem todas as famílias gostam da situação em que se encontram. Para Dona Maria, ter as filhas vendendo balas no Centro da cidade não foi o que ela sonhou quando decidiu seguir o marido para a Capital. Segundo dona Maria, ter vindo para Florianópolis foi a desgraça de sua família. *Depois que a gente veio pra cá, eu perdi dois dos meus filhos, o outro foi preso e as meninas têm que se virar deste jeito, correndo*

risco o tempo todo... A gente tem medo do que possa acontecer a elas, mais não tem outro jeito. Se bobear a gente passa fome aqui nesta desgraçada desta cidade.

Dos 5 filhos vivos de Dona Maria, o mais velho já foi preso duas vezes. As três filhas, com 13, 12, 10 anos e o filho mais novo, Rodrigo (8), vendem bala no Centro da cidade. A venda das balas, além de alimentar toda a família, ainda ajuda a pagar a prestação de uma pequena casa de um quarto e uma cozinha, já que o "encosto" do seu Nene é de um salário mínimo. Para a filha mais velha Dona Maria pretende arrumar um emprego em "casa de família", pois ela já é grande para vender balas.

Já as meninas, apesar de terem várias amigas no Centro, mostram-se chateadas ao serem obrigadas a vender bala todas as tardes. Encontrei Vilma (11), a mais nova das filhas de Dona Maria, na Rua Felipe Schmidt. Estava encostada na porta de uma Lotérica, lugar onde a conhecera. Insistia para que as pessoas que ali passavam, comprassem balinha. Percebi que ficou envergonhada com a minha aproximação. Sentei ao seu lado e perguntei se já havia vendido muito hoje. Sacudiu a cabeça negativamente. Esticou o lábio inferior dando a entender que estava desanimada.

Rita: *Demora muito prá vender?*

Vilma: *Demora.*

E: *Tu gostas de vender?*

V: *Não. É chato.*

E- *E porque tu vendes?* E ela respondeu, sem mudar o tom de voz.

V: *Porque precisa!*

Algumas famílias explicam que seus filhos estão trabalhando porque são exigentes e assim precisam *batalhar para conseguir o que os pais não podem lhes oferecer*. Conversando com Celma, sentadas num banco do Largo da Alfândega, disse que seus filhos estão vendendo balinha porque querem comprar coisas para eles que são muito caras. *O menorzinho quer um video-game. Eu só posso dar se ele trabalhar*. No entanto, pude perceber que durante um determinado período, pelo

menos enquanto seu marido não conseguia vender doces, o dinheiro conseguido pelos filhos na venda de balas é que sustentava a casa.

De fato o desejo das crianças e adolescentes de terem acesso a coisas que sua família não têm possibilidade de adquirir, os leva a trabalhar. Um menino matriculado numa escola pública, deixou de ir à aula para trabalhar. Depois de ser questionado pela professora porque estava trabalhando, o menino confessou: *é para comprar um sapato*. E assim o fez. Os demais colegas o haviam apelidado de *pé de pato* e ele estava chateado por não ter um sapato. A privação de alguns bens considerados importantes socialmente é o motivo de muitos meninos e meninas lançarem-se no trabalho diário.

O **trabalho** como um valor do grupo, muitas vezes se contrapõe a outras atividades que a criança possa exercer, como **estudar, brincar, roubar e pedir**.

3.3 Trabalhar, pedir, estudar, brincar, roubar

Entre as estratégias de sobrevivência utilizadas pelos os grupos familiares diariamente não estão ligadas somente à sua condição de pobreza, mas a valores próprios que, interagindo com o de outros grupos na cidade, vão sendo negociados, reelaborados, redefinidos. Além do trabalho aparecer como um valor importante, o conceito de infância se diferencia, em alguns aspectos, daquele que a define como fase frágil da vida. A infância nestes grupos, toma dimensões diferentes daquela conceituada como a ideal.

Se a psicologia recomenda que a criança primeiramente interaja com o mundo através de brincadeiras, para somente depois passar a freqüentar a escola e entrar no (longo) processo de escolarização e, finalmente, quando adulta, depois de ter desenvolvido suas habilidades e escolhido uma profissão, passar a exercê-la, sabemos que a realidade nem sempre possibilita esta mesma seqüência. As três atividades: brincar, estudar e trabalhar são significativos para o grupo estudado, mas não necessariamente nesta ordem. Para as famílias, a criança deve aprender

logo a fazer alguma coisa, ou seja, aprender um ofício, mesmo antes de começar seu processo de escolarização. A formação escolar aparece como uma necessidade para os filhos se prepararem para o futuro, mas fica claro que é a possibilidade de "*arranjar um trabalho melhor*" que os impulsiona a fazer tal investimento.

Em algumas famílias, o estudo é quase uma contrapartida para com o Estado quando a criança trabalha. As mães, ao serem cobradas sobre o trabalho das crianças, alegam *que as crianças estão estudando direitinho*. É muito comum as crianças serem matriculadas na escola e freqüentarem no começo do ano, mas abandonarem-na antes mesmo das férias de julho. Os motivos citados para a criança não freqüentar a escola são bem variáveis, mas em muitos casos é a própria criança que oferece resistência. Numa das famílias a mãe expressa o desejo que a filha adolescente estude, porém esse desejo soa como algo distante, um sonho para o futuro.

Entre os adultos, as categorias *gente estudada*, *gente não estudada* aparecem como uma forma de identificação contrastiva. No entanto, ser gente não estudada pode ser visto como positivo se, apesar de não ter estudado, a pessoa souber falar com *gente estudada* sem receios.

Eu tenho muitos amigos mas eu sei falar com gente estudada, sabe? Eu não estudei porque não soube aproveitar... Tinha um cara que queria me ajudar nos estudos, mas eu não dei bola... Meu hobby é a leitura, mas eu não continuei estudando...

Outro senhor faz um comentário parecido: *eu falo com qualquer um estudado por ai. Eu não estudei, mas eu não perco não. Falo com as autoridades, no rádio, na televisão quando precisa falar alguma coisa na comunidade.*

A escola se apresenta mais como uma obrigação na educação dos filhos do que como um "trampolim" social ou econômico em si. Ela é sim, um lugar para a criança ficar quando a mãe trabalha e não tem com quem deixar. E ainda assim, as instituições que atendem as crianças em período integral cumprem melhor este papel. Ela não é o principal espaço de socialização das crianças consideradas nesta pesquisa. A escola pode significar para estas crianças o espaço onde elas são estigmatizada por sua condição de pobre ou por sua incapacidade de

acompanhar os demais coleguinhas. A mãe de Alex vivia achando desculpas para o fato do filho não querer freqüentar a escola. Dizia que sua incapacidade de aprender era devido a meningite, que tinha tido a alguns anos. Porém, suas duas filhas mais velhas também não estudaram por muito tempo. Dificilmente passam da 5ª série.

Entre o trabalho e as brincadeiras, o trabalho ocupa uma posição mais importante¹². As brincadeiras fazem parte do cotidiano destas crianças - aliás, o bom humor, as diversas brincadeiras que envolvem grupo, são muito presentes nas comunidades, porém, antes de brincar, a criança precisa realizar uma série de tarefas, sejam elas domiciliares ou não. Esta rotina recai principalmente sobre a criança que estuda. O tempo para a brincadeira é geralmente ao cair da tarde, depois de todas as tarefas prontas. A impressão que a professora de Angela teve da garota de dez anos é elucidativa. *"a menina, da última vez que a encontrei parecia uma moça. Falou comigo de igual para igual. Só sei que é uma criança quando ela vem aqui para brincar.* A impressão de se estar conversando com um adulto em miniatura era comum quando abordava as trabalhadoras¹³. Estas assumem as tarefas como adultos. A fase da infância onde a brincadeira é a principal atividade desenvolvida pela criança dura poucos anos, e mesmo assim, a criança acompanha os pais, seja porque não tem onde ficar, participando assim do dia-a-

¹² Pinto (1995) em pesquisa realizada no Bairro Monte Cristo também identifica o trabalho como uma atividade mais importante que estudar ou brincar.

¹³ Adorno (1991) também encontra nas crianças por ele inquiridas esse fenômeno. *Revelam uma compreensão adulta do mundo, na medida em que inserem o trabalho como componente estruturador da existência de si e dos outros.* (1991, p. 192).. O autor continua o texto dizendo que *ao mesmo tempo, revelam dificuldades de abstração, de compreensão desse mesmo mundo por outras mediações que não sejam a da relação tête-a-tête, da busca imediata de soluções para problemas cotidianos, de enfrentamento dos outros por outra linguagem que não seja a da violência como um modo de ser.* Apesar de ter percebido em campo que as crianças se comportem como um adulto, percebo, no entanto que elaboram inúmeras outras formas de comunicação. A afetividade, a jocosidade, as brincadeiras entre eles e entre alguns amigos na rua são visíveis. Em algumas conversas podia ouvir suas abstrações sobre a própria vida, inclusive reflexões sobre a condição imposta pela na rua. Leczniesk (1995) estudando a linguagem dos "guris de rua" em Porto Alegre, levanta a hipótese de existir uma percepção particular das idades da vida entre grupos populares. O título de sua dissertação é elucidativo - "Pequenos Homens Grandes". A autora também percebe *por uma infinidade de vezes, observando determinadas atitudes dos guris, sua organização no trabalho, suas poses, roupas, representações acerca do sexo, brincadeiras, duelos verbais e corporais a importância dada à coragem, à força e à virilidade, sentia como se estivesse em meio a homens em miniatura.* (1995, p. 21)

dia do trabalho dos adultos (como pude observar entre os papeleiros), seja para servir como um atrativo no colo da mãe que vai mendigar.

Além disso o trabalho infantil em casa é valorizado. A pessoa "*trabalhadeira*", que ajuda em casa é valorizada pelo grupo doméstico. Ter os filhos trabalhando é visto positivamente por seus familiares. *Este aí, sim, ajuda na casa.*

A criança, é estimulada a trabalhar seja pela autoridade paterna, seja pelo significado do valor atribuído a ela quando ajuda a sustentar a casa. Ela precisa, desde muito cedo, aprender a fazer qualquer coisa para poder *ajudar* o grupo familiar. Esta *ajuda no sustento doméstico* tem um duplo sentido: sustentar no sentido de prover, e sustentar no sentido de manter unida, já que ela é uma importante personagem na construção das redes de relações na comunidade ou mesmo fora dela. Esta *ajuda* por parte da criança, no sentido de prover, passa, muitas vezes, a ser a principal fonte de subsistência do grupo. Neste caso é ela a provedora da casa.

Além disto, as crianças, muitas vezes conseguem muito mais dinheiro numa tarde que seus pais trabalhando o dia todo. As meninas que vendem bala, conseguem arrecadar em média de 10 a 20 reais ao dia. Uma empregada doméstica, segundo Dona Tetê, ganha em média um salário mínimo ao mês, o que corresponde a mais ou menos 15 dias de trabalho de uma criança. Patrícia, que vendia balas de banana, disse comprar um saco de balas por 2,50 . *Um saco dá pra fazer mais ou menos 20 saquinho de balas, que são vendidos a 1 real cada.* Se a criança consegue vender os vinte pacotes, terá no final do dia 20 reais, que descontado o custo das balas e a passagem do ônibus, lhe dará um lucro aproximado de R\$ 15,00.

Trabalhar também aparece em oposição a roubar. Roubo para as crianças trabalhadoras é coisa de malandro, de "menino de rua". Para eles é muito melhor *pedir do que roubar.*

Numa visita a uma instituição educacional no Monte Cristo, observei um cartaz feito por uma garota de 07 anos, afixado entre outros na parede do corredor. Ilustrava uma criança com as mãos estendidas e abaixo do desenho uma mensagem com letras tortas, anunciava: *"Pedi é mais bonito que robá"*. O cartaz chamou especial atenção por ser uma instituição que trabalha com crianças que estão constantemente no Centro pedindo ou trabalhando. A mensagem revela uma moral que já observara em outras ocasiões, entre crianças e adultos naquela comunidade. Ouvira esta expressão também no ônibus e nas ruas do Centro e quando dita por alguém que pedia, soava como uma justificativa do seu ato. Como a convencer o outro ou a platéia da moral incutida no seu ato: *eu tô pedindo não tô roubando*.

O mesmo significado parecia ser assumido quando dizia-se: *eu tô trabalhando, não tô roubando*. Conforme vimos no capítulo anterior, esta frase foi utilizada por um pedinte no ônibus para diferenciar-se de ladrão. Este pedia ajuda às pessoas para comprar uma caixa de engraxate para trabalhar, ao perceber que algumas pessoas se ressentiam em ajudá-lo, anuncia: *eu tô pedindo, eu não tô roubando igual um menino de rua. Eu tô pedindo para trabalhar, não estou roubando*.

Numa das famílias, o roubo é claramente incentivado pela mãe. Diversas vezes a vi recebendo mercadorias que seus quatro filhos haviam roubado no Centro. Um deles, ex-morador de rua, acostumado a roubar nas lojas do Centro fraldas descartáveis, copos, panelas, pratos, vasilhames domésticos, roupas (principalmente infantis), perfumes, etc (objetos que levava para a *patroa*, como ele mesmo se referia à sua mãe), olhou para mim um certo dia e perguntou: *a senhora é rica?* Respondi-lhe que se estava se referindo a ter muito dinheiro, bens, então eu não era rica. Ele retrucou prontamente, com uma resposta que soou ensaiada para ocasiões como esta: *Ahhhhhhh, pensei que a senhora fosse riiiiiticaa; porque se fosse ia ter que dividir com os pobres. Todo rico deve alguma coisa pro pobre*.

Neste mesmo dia, levantou-se lentamente de um dos bancos ao redor da figueira na Praça XV, local onde estávamos todos "repousando", ergueu a camisa,

espreguiçou-se longamente, esfregou a barriga com as duas mãos, com um olhar meio perdido no infinito, lembrando um trabalhador saindo do descanso para iniciar sua atividade e diz: *vou fazer a distribuição de renda...* e saiu em direção à Rua Felipe Schmidt, de onde voltou depois de uma hora e meia aproximadamente, com alguns objetos na camisa, fruto da "distribuição de renda"¹⁴.

Entre as estratégias de sobrevivência dos meninos de rua a mendicância, o roubo e o tráfico são as mais usadas. No entanto, podem também negociar pequenas coisas. Se são considerados por algumas crianças trabalhadoras como ladrões, alguns deles acham que as crianças trabalhadoras são umas otárias. *Porque eu vou trabalhar se tem um otário que trabalha para mim.* Lurdinha mesmo advertiu um menino que ingressava na rua: *tu pensas que viver na rua é só pedir, é?*

3.4 A performance da sobrevivência:

Para ser esmoleiro, vendedor, pedinte faz-se necessário ingressar num universo de regras, normas, códigos, gestos e expressões. O objetivo é sensibilizar o transeunte e extrair dele uma quantia de dinheiro, que muitas vezes é bem pequena, porém cumulativa. A aprendizagem *desta arte performática*¹⁵ é essencial

¹⁴ As demais vezes que ouvi falar de roubo, ou mesmo que acompanhei roubos foi em companhia de alguns meninos e ex-meninos de rua que freqüentam a Praça XV. Foi ali que fiquei sabendo como deve agir um bom ladrão. Israel, ao ver alguns garotos comentando da intenção de um roubo e vendo-os saírem em grupo, num suspiro, mencionou: *ladrão de verdade, que se preza não anda em grupo. Anda sempre sozinho e não dá a bandeira desses daí. É discreto.*

¹⁵ Performance é aqui considerada dentro da "*perspectiva performática*", ou seja, como um evento performático. Segundo Langdon (1996), existem atos performáticos cotidianos (como as piadas), mas num ato performático função expressiva e "poética" é dominante "*O ato performático chama atenção de todos os participantes através da produção da sensação de estranhamento do cotidiano. 'Fazendo estranho', suscitando um olhar não-cotidiano, e produzindo momentos onde a experiência está em relevo, são características dos atos performáticos*". (Langdon, 1996, p.7). A autora salienta os elementos essenciais da performance, sejam elas: a) *display* ou exibição dos atores que atuam para os outros; 2) a responsabilidade assumida pelos atores pela competência, exibindo talento e técnica de falar e agir em maneiras apropriadas; 3) Avaliação por parte dos participantes; 4) Experiência em relevo, onde as qualidades da experiência (expressiva, emotiva, sensorial) são o centro da experiência; 5) *Keyng*, o *keyng* focaliza o evento e indica como interpretar a mensagem a ser

para que o performer alcance seu objetivo final. Os gestos e movimentos são atentamente apreendidos e expressados na medida em que o ator percebe sua eficácia. Geremek (1995) mostra como "a arte da mendicância é difícil e, como todas as artes, exige aprendizado". O autor, neste curioso livro sobre vagabundos e miseráveis, onde faz uma extensa discussão sobre a literatura européia, lembra "que a humildade é o instrumento da prática da mendicância." (Geremek, 1995, p.216)

A percepção da arte da mendicância e do roubo foi observada por mim entre crianças, adolescentes, mães e homens que trabalhavam no Centro (como mendigos, vendedores, engraxates) em outros ambientes fora do espaço do trabalho. Pude assim vislumbrar a diferença em suas "atuações". Quando estavam em situações quotidianas, interagindo com outras pessoas onde exerciam o papel de filho, pai, amigo, e não se encontravam pedindo ou vendendo, sua atuação se diferenciava dos gestos, palavras e códigos utilizadas no "trabalho" da mendicância. Sua postura, sua expressão e seu tom de voz modificam-se visivelmente. Enquanto vendiam ou pediam, representavam uma performance distinta de quando estão sentados descontraidamente com suas mães e amigos, sentados nos bancos das praças, nos ônibus ou em casa (lugares que pude estar com eles além do momento do trabalho). A intenção nesta mudança é transmitir ao público específico uma imagem, uma representação idealizada - a de pobre:

Vários grupos que se estabelecem na cidade exercendo esta arte são *performers* que atuam diariamente em busca do seu sustento. Expõem chagas, bilhetes escritos rudimentarmente à mão (em alguns casos, são fotocopiados), fragilidade física, rosto com expressão de desânimo, cansaço, roupas velhas. Apresentam-se como gentis, com fala mansa e persistente. A mão pode se estender permanentemente esperando a doação.

Entre os pedintes que atuam no Centro, acompanhei principalmente as

comunicada. O ato performático indica que não é para interpretar a mensagem literalmente e estabelece um conjunto de expectativas sobre os atos a seguir.

crianças, entre elas destacando-se alguns grupos que se assemelham por estratégias que utilizam: vendedores de balas, amendoins, quitutes; os pedintes (com bilhete e sem bilhetes); Ladrões.

Destaco aqui algumas destas atuações e as estratégias utilizadas por estes *performers*.

3.4.1 Meninas e meninos que vendem balas

Sua arte envolve um jogo de sedução e de piedade. Precisam se situar entre aquilo que seduz a platéia e aquilo que lhes causa piedade. Geralmente se apresentam bem. Andam bem limpos, alguns com roupas graciosas e cabelos bem penteados. Andam calçados, sua roupa não é esfarrapada, mas é simples. Carregam uma caixa de sapatos com os saquinhos de bala dentro. Iniciam com uma certa quantidade que geralmente vai entre 10 e 20. Preferem trabalhar com dezenas para não se perderem na contagem do dinheiro. Cada saquinho é vendido por 1,00 real. Saem então em direção aos fregueses sendo que os lugares preferidos por tais personagens é onde há grande circulação de pessoas - como o Terminal Urbano, o Mercado Público, a Felipe Schmidt, o Largo da Alfândega. Não se distanciam muito destes lugares. Cada uma destas crianças ou adolescentes tem que vender uma certa quantidade de saquinhos diariamente. Esta quantia deve se aproximar de 10, senão de 20 reais diários. Uma vez alcançado tal quantia e aproximado o fim da tarde, devem retomar a suas casas. Caso tenham conseguido arrecadar a quantia de dinheiro antes do horário de retornar à casa, podem descansar, ou mesmo ir embora. Em alguns casos, quando a hora de retornar à casa chega e a criança ainda não arrecadou a quantia desejada, investem rapidamente em estratégias ou reclamam o mau dia que tiveram. Uma das características que dá maior eficácia na performance é o tamanho do pedinte. Quanto menor, ou mais jovem for o investidor, tanto mais rápida e maior será seu poder de venda.

O olhar deve ser meio enviezado, a cabeça meio cabisbaixa, o corpo pode ser um pouco inclinado, indicando humildade. Alguns preferem o olhar direto, apelativo. A fala é baixa, quase muda, se possível, deve ser próxima do rosto ou do ouvido da pessoa, para assim criar um clima de intimidade. A abordagem deve ser rápida, pois, não tendo convencido num primeiro instante, uma tentativa com outra pessoa não deve ser perdida. Afinal, as pessoas estão apenas de passagem, e assim, não se pode desperdiçar a oportunidade. Porém, as pessoas são selecionadas. Há um perfil de platéia que é preferido para ser abordada. Senhores e senhoras de meia idade, alcançando os 40 anos parecem ser os prediletos. Senhoras a comprar coisas, os que parecem expressar no olhar um temor a Deus, um ar de caridoso. A abordagem deve parecer familiar (tio, tia), criando uma referência de um *parentesco* com a pessoa. Afinal, qual é o tio que não dá um "trocadinho" para seu sobrinho? Mesmo que a criança esteja vendendo a bala, pode ser visto como uma forma de negociar uma esmola, pois valor da mercadoria é muito maior do que se a pessoas efetuasse a compra num bar ou num supermercado.

As expressões usadas geralmente incluem uma seqüência mais ou menos assim: *tia (o), compra uma balinha? Compra, né!? Compra, só pra ajudá, tia (o)!*

Caso a pessoas demonstrem alguma dúvida em efetuar a "compra", ainda que ela negue num primeiro instante, a criança pode usar estratégias de aproximação, para persuadi-la a comprar a bala ou dar a esmola.

Assim fui abordada por uma pequena vendedora de balas. Esperava ônibus do bairro Monte Cristo. Sentada num dos bancos do Terminal Urbano, observei Lélia (07) se aproximar como habitualmente, com sua caixinha de amendoim na mão. Sempre sorridente, saia longa florida, cabelo muito comprido, preso num "rabo de cavalo", o que logo indica sua religião. Aproximou-se de mim, sorriu e ofereceu o amendoim. Neguei e olhei para dentro da caixinha. Nisso, ela aproximou-se um pouco mais e rapidamente e sentou ao meu lado, quase no meu colo, e disse, bem ao meu ouvido: *compra né, tia... Compra prá mim.* Ao mesmo tempo que falava, aproximava-se mais e mais, quase colando no meu rosto, passando sua mão nos meus cabelos, carinhosamente. Perguntei-lhe se

gostava de amendoim. Virou seus olhos diretamente para os meus, o que aparentou querer demonstrar uma profunda sinceridade e disse: *Mais ou menos. Então porque queres que te compre um?*, indaguei. *Ah, prá mim..* Chamou atenção a tamanha intimidade "conquistada" pela pequena garota em tão pouco tempo. Reconheci, no entanto, que seu investimento me convencera. Comprei o amendoim e dei-lhe de presente, possibilitando que assim o vendesse novamente a outra pessoa. Ela saiu sorridente e saltitante em direção a outro cliente.

3.4.2 Uma noite *performática*

As crianças exibem competência, talento e técnica na sua performance. Numa noite, pude acompanhar algumas cenas que mostraram tal competência.

Aproximadamente 19: 00 horas do dia 12 de setembro de 1997. Encontrei com André e Elisiane no Terminal Urbano. Seguimos em direção à Rodoviária Rita Maria. No Largo da Alfândega encontramos Flávia, uma mulatinha de 7 anos que entregava bilhetes para as pessoas que se encontravam num dos bares do Mercado Público. Ao avistar André, que é seu vizinho, sorriu largamente e continuou seu trabalho. Deu um bilhete para cada uma das pessoas que ali se encontravam e depois recolheu-os pacientemente, agradecendo a quem contribuía. Somente depois de recolher todos, veio em nossa direção. Perguntamos o que estava escrito no bilhete. Ela riu mais uma vez e escondendo os bilhetes disse que não iria mostrar. Seguimos em direção à Rodoviária e ela começou a distribuição em outro bar. Encontramos Flávia novamente naquela noite nas proximidades do Ponto Chic. Reclamou que pedira a uma amiga para cuidar do dinheiro que havia arrecadado naquele dia e que a mesma havia sumido levando seu dinheiro.

Na mesma noite seguimos até o Terminal Rodoviário Rita Maria. No acesso aos carros particulares dos passageiros, José (11) e mais dois rapazes abordavam passageiros oferecendo-se para carregarem as bagagens até o local de embarque.

José abria gentilmente a porta dos carros para senhoras ou senhores e oferecia seu serviço. Fazia *jus* a um perfeito chofer, inclinando o corpo para frente com a mão direita perpassando as costas, cordialmente pergunta se a pessoa deseja ajuda. Ele faz todo o serviço. Pega a bagagem do porta malas, coloca-as sobre o carrinho, e a leva até as proximidades do ônibus. Isto, no entanto se dá muito rapidamente. Os demais garotos, vestidos com uniformes azuis, fazem parte do programa Guardas Mirins, da Prefeitura. São "ex-meninos de rua" contratados pelo projeto para exercer tal atividade na Rodoviária. A condição para empregar-se neste projeto é freqüentar a escola e ir para casa todos os dias. José faz parte da turma que não participa do projeto. No entanto, está sempre por ali e consegue ser mais atuante que muitos garotos do projeto. Naquela noite, sua atuação era admirável. Estava sempre disposto a fazer gentilezas e colocar-se a disposição dos passageiros. Olhou-nos de longe, e mostrou-se feliz ao perceber que estava sendo observado. Quando fez uma pausa no trabalho, aproximou-se de nós e nos abraçou. Parabenizamo-lo pela rapidez e cordialidade com que atuava. Comentou conosco, fazendo um ar de esperto: *É só ser educado que a gente ganha. O cara ali regula o carrinho para a gente fazer o serviço, mas eu sou rápido...* Foi novamente atender mais um carro que se aproximava. Ao ver que a senhora não queria seu serviço, contou o dinheiro arrecadado. Percebendo que já tinha a quantia esperada, voltou até nossa presença.

Seguimos em direção ao Largo da Alfândega e encontramos um grupo de adolescentes ao lado do Camelódromo. Entre brincadeiras, piadas, uma garota, com uma caixa de sapatos na mão, corria de um lado a outro, e ao encontrar as pessoas, seguia-as um pedaço, garantindo que passaria perante seu grupo. Dizia, em tom de brincadeira: *Quer comprar uma balinha. Aceito cartão de crédito, cheque pré-datado, passe. O senhor tem passe? Eu sou da Chico Mendes, lá no Monte Cristo..* Todos riam animadamente. Neste dia sua competência era fazer os amigos rirem.

Fomos ainda até o Box 32 no Mercado Público, bar famoso na Ilha por juntar pessoas famosas (celebridades, atores, políticos) na noite de Florianópolis. Ali, entre as mesas e bancos altíssimos, sob os pés dos fregueses - que bebiam

whisky, cerveja, vinho e comiam ricos aperitivos - dois garotos escorregavam no chão, engraxando sapatos. Estavam tão compenetrados em seu trabalho que passavam de um freguês a outro, só erguendo a cabeça para perguntar-lhes se queriam engraxar. Suas mãos tocavam rapidamente no sapato, colocavam-no sobre a caixa de engraxar, enquanto a outra mão extrai da caixa a pasta e a escova que eram rapidamente passadas no sapato. O outro pé e a flanela dava o brilho final. Os fregueses, por sua vez, mantinham-se conversando, com os pés parados, encostados num suporte de ferro da banquetta, só paravam por segundos, para dar atenção àqueles meninos, quando estes batiam nos sapatos, indicando que o serviço estava pronto. Olhavam rapidamente para eles, alguns reclamando da qualidade do serviço, estendendo o 1 (um) real que lhes cabia como pagamento. Estes garotos só saíram de lá horas depois, quando um dos garçons do bar expulsou-os.

Por mais que aprimorem sua arte performática, não deixam de lançar mão de simpatias e amuletos que lhes ajudem na venda. Benzer-se antes de iniciar uma jornada de venda de balas, colocar dentes de alho dentro da caixinha de balas, ajeitar de um determinado jeito as balas dentro da caixa são artifícios utilizados por eles para dar sorte.

Era final da tarde e Maria tinha vendido apenas 3 pacotinhos de balas. Ela, sendo uma adolescente, tinha mais dificuldade de efetuar as vendas. Assim, chegou perto de mim reclamando: *que droga! Não vendi nada hoje ainda! Preciso arrumar um grão de alho.... A tia não tem um grão de alho por aí?* Disse que não e perguntei curiosa: *Para que um grão de alho?* Não respondeu minha pergunta. Apenas disse: *espera aí!* Foi até uma senhora que vendia alho ali perto e pediu-lhe uns dentes. Seguiu então, direto para o Mercado Público. Passados uns 15 minutos, retornou e me respondeu muito entusiasmada: *Olha só prá que eu queria alho. Foi só botar uns dentes dentro da caixinha que eu vendi um monte de balinha. Oito pacotinhos....* Mostrou-me o dinheiro e pude ver que tinha diminuído a quantidade de pacotes na caixa. Havia dado certo.

3.4.3 Perdendo a eficácia

Uma situação que pode fazer perder o efeito da representação é quando a criança se apresenta demasiadamente ansiosa, ocasionando numa ruptura da representação¹⁶. Sentindo-se pressionada pelo avançado da hora, esquece das regras básicas da sua performance e passa a um estado que chega a "beirar" o desespero. Assim, exagerando em sua representação, passa a implorar que lhe comprem a mercadoria e demonstra o que está por trás dos bastidores, o que motiva sua arte. Suplica por aquele dinheiro, implora com expressões que dão a entender que sofre pressão de alguém para se portar de tal jeito. As feições faciais incluem freqüentemente a testa franzida, a boca alargada e os olhos levemente fechados. A fala sai choramingando, rápida e meio incompreensível. O andar é quase jogado para frente, a criança anda muito rapidamente de um lado para outro, implorando a todos que passam, sem selecionar o público alvo. Ouvi várias pessoas dizendo a um garoto que assim atuava que não lhes dariam mais dinheiro porque sabiam o que "*está por trás disto*".

Assim, a performance pode perder a eficácia¹⁷ já que as pessoas se sentem também pressionadas a contribuir. Este exagero pode funcionar por um tempo, porém parece ir perdendo seu efeito gradativamente na medida em que a criança vai ficando conhecida.

3.4.4 Um *performer* perfeito

Alguns pedintes que carregam bilhetes, fazendo apelos por escrito, têm como principal público alvo os passageiros de ônibus e pessoas sentadas em bares

¹⁶ Goffman (1989) aponta algumas das principais formas de rupturas da representação - gestos involuntários, intromissões inoportunas, "faux pas" e cenas.

¹⁷ Segundo Goffman (1989) "*Ao ator cabe agir com responsabilidade pois pode, numa ação insignificante e inadvertida, transmitir impressões inapropriadas à ocasião. Momentos em que isto acontece, Goffman designa de "gestos involuntários". Este gesto pode tanto prejudicar na manipulação do seu eu quanto do seu grupo, dependendo do caso. Junta-se aos gestos involuntários, as intromissões inoportunas e os "faux pas", que inoportunamente causam embaraço e dissonâncias na representação - chamadas de rupturas da representação*".

e restaurantes. Precisam que a pessoa esteja parada para que haja tempo para ler a mensagem.

Entre os pedintes de ônibus, Carlos é um performer perfeito: o conheci no ônibus Monte Cristo, quando este fazia o percurso bairro-Centro. Embarcou um pouco antes da ponte Pedro Ivo Campos. Usava roupas que não eram novas porém estavam impecáveis, bem lavadas e passadas. Camisa por dentro da calça, sapato nos pés, cabeça erguida. Assim que entrou no ônibus, dirigiu-se ao cobrador, educadamente pediu licença ao mesmo para falar, aproximou-se da catraca e iniciou, num tom alto e claro, a fim de que todos ali ouvissem sua história. *Meu nome é Carlos, eu tenho 11 anos e vim aqui para pedir uma ajuda prá vocês. Eu e minha mãe viemos pra está cidade porque ela ficou doente e precisa se tratar. Ela não pode trabalhar. O meu pai, aquele vagabundo, abandonou a gente quando ela ficou doente. Mas eu não vou fazer o mesmo, eu não vou abandonar a minha mãe. Eu quero trabalhar pra ela poder se tratar e melhorar, por isso eu quero pedir que vocês me dêem qualquer coisa prá ajudar a minha mãe. Eu quero comprar uma caixa de engraxate para trabalhar e preciso da ajuda de vocês. Pode ser qualquer coisa: um passe, um real, 50 centavos, até menos. Qualquer ajuda serve. Eu não quero é fazer a mesma coisa que o meu pai fez. Eu vou trabalhar e ajudar a minha mãe. Qualquer coisa que vocês derem que Deus ajude vocês.*

Sua originalidade estava na expressão facial quase neutra, no texto dito rapidamente e na expressão dos olhos enquanto falava. Carlos, assim que contou seu drama familiar, rodou a catraca e passou a recolher o dinheiro. Enquanto recolhia, sempre mostrando-se muito educado, agradecia às pessoas, dizendo-lhes que Deus iria recompensá-las depois. Quando terminou a coleta, parou novamente próximo ao cobrador e agradeceu mais uma vez em voz alta. Pagou então sua passagem e dirigiu-se rapidamente ao fundo do ônibus, puxou a campainha em sinal de parada e desceu antes mesmo que o ônibus chegasse ao terminal urbano. Vi então que tão logo pôde, subiu em outro ônibus. Esta cena se repetiu em outras vezes que encontrei-o no ônibus e, em todas elas a sua performance era impecável.

Capítulo 4

Família ou Famílias?

O Ideal e o Real na Família Brasileira

4.1 A Família em Retrato

Quando pensamos em família, a imagem que nos vem à mente é quase a de um retrato, onde pai e mãe estão um ao lado do outro e os filhos um pouco mais à frente, protegidos pela força paterna. Ou, quando os filhos são adultos, os pais ficam sentados e os filhos, cercando os progenitores, um pouco mais atrás. Um retrato, uma imagem congelada. A representação que muitos grupos sociais fazem da família é a da chamada família nuclear ou família "normal". Esta imagem congelada, no entanto, tem um parente bem próximo: a família patriarcal.

A família patriarcal, tão bem descrita por Gilberto Freyre, modelo brasileiro de organização familiar do Brasil colônia¹, centrava-se na figura do *Pater famílias* - senhores de engenho, donos das terras - aos quais igualmente pertenciam mulheres, escravos, parentes, criados, mortos, filhos legítimos ilegítimos. Ao Senhoril tudo pertencia, e todos lhe serviam. Um modelo ideal de família. A família patriarcal era extensa, apresentando, conforme Samara (1989, p. 17):

"de uma forma simplificada, uma estrutura dupla: um núcleo central acrescido de outros membros. O núcleo central era composto pelo chefe da família, esposa e legítimos descendentes: filhos e netos por linha materna ou paterna. A estrutura da camada periférica era mais complexa e menos delineada e dela faziam parte: parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais agregados e

¹ A família patriarcal como modelo de organização familiar brasileira vem sendo amplamente contestada por vários autores como não correspondente à realidade brasileira em toda sua extensão. Na introdução do livro *"Pensando a Família no Brasil"*, as autoras Angela Mendes de Almeida, Maria José Carneiro e Silvana Gonçalves de Paula dizem que pesquisas históricas sobre o período colonial brasileiro em diferentes áreas do território - particularmente referentes ao sul - permitem que se argumente contra os dados levantados por Freyre para a elaboração da arqueologia da família brasileira. As autoras dizem que este modelo é uma representação e não uma descrição da família brasileira. (Almeida: 1987; p.14, 15)..

escravos. Incorporando ainda as fileiras da família patriarcal e, sob a mesma influência, por razões econômicas, políticas ou por quaisquer outros vínculos estavam os vizinhos (pequenos sitiantes, lavradores, roceiros) e os trabalhadores livres e migrantes."

É com as mudanças de Brasil colônia para o que se vêm chamar de modernidade, que o modelo da organização familiar passa da "família patriarcal" à "família moderna", ou "família nuclear" , onde pai, mãe e filhos compõem o quadro familiar. A família modelo, antes com características extensas, passa agora a intimista, fechada em si, reduzida a pai, mãe e alguns filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa. Pautada na indissolubilidade do matrimônio, no amor materno, na privatização do "núcleo" familiar, no pai como provedor e a mãe como do lar, "a família nuclear tem a característica de isolamento, com pouca capacidade de estabelecer relações de sociabilidade com outras unidades" (Velho: 1989,p. 81). Conforme Goldani (1993, p. 70) , a família moderna é usado como padrão pela mídia em novelas, propagandas e é o modelo família "classe média urbana". Eis é o modelo de modernidade no limiar do século XX.

A chegada do "moderno" ao Brasil se dá através da importação de idéias européias², conservando na verdade a essência do tradicional - o patriarcado. Ainda que se observe uma crescente valorização da infância, o homem permanece sendo a figura centralizadora. Então, o modelo permanece o patriarcal, com outro nome. Trata-se de uma família ainda centrada nas funções reprodutivas, ocupando a criança lugar destacado. Surge o individualismo, a privacidade e as relações afetivas entre os membros assumem maior relevância, dando origem a novos padrões de sociabilidade (Goldani: 1993 P. 70). Segundo Fonseca (1995b), historiadores nos informam que o ideal da família moderna, que surgiu em torno do século XVII é caracterizado pelos seguintes elementos: a) escolha livre do cônjuge e a incorporação do amor romântico ao laço conjugal; b) aconchego da unidade doméstica ("lar doce lar") que se torna um refúgio contra as pressões do mundo público; e, finalmente, c) a importância central dos filhos e da mãe

enquanto principal socializadora deles. (Fonseca: 1995b, p. 72). Este modelo é instaurado a partir de mudanças de hábitos, que buscam a individualidade, e a higienização do grupo familiar. A função social da família é então de *organizar o que servirá de matriz para o indivíduo adulto* (Duarte, 1995, p. 29). Acompanha esta mudança do modelo familiar, uma mudança significativa na relação dada entre o público e o privado. A família, agora privatizada, valorizando a intimidade, remodela sua morada, culminando em divisão da mesma em espaço para visitas (salas e varandas) e o espaço familiar (quartos, cozinha)³.

Os modelos, os padrões, fazem parte da concepção de normalidade, de uma regra em comum numa sociedade. O que não está em conformidade com a norma, desvia da mesma, tomando o lugar de "anormal". As padronizações são a negação da singularidade, da multiplicidade das formas. Para as padronizações existem apenas a dualidade: o normal e o anormal, o certo e o errado, o bom e o mau. É então geradora de marginalidades sociais, de anomias ⁴.

O desvio, no entanto, pode ser resultante do distanciamento entre as normas e os valores preferenciais de um determinado grupo. Goffman (1963) define desvio como sendo a peculiaridade de indivíduos, que dentro de um conjunto de valores e normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, não aderem às mesmas, sendo portanto "destoantes" dentro deste grupo.

A **idealidade**, perseguida por muitos, é persistente mesmo onde ela convive com outros tipos de organização familiar. Permanece num imaginário latente, lembrando e relembrando como deveria ser, aquele que assim não o é.

Muitas vezes conflitivo com valores de um determinado grupo, os modelos permanecem lá, persistentes. Como nos sugere Velho (1996; p.83), "A família patriarcal de Gilberto Freyre, construída como modelo, não é encontrada, contemporaneamente, andando na rua; não é localizada, contudo, existe uma

² Sobre a história da família no Brasil, ver Almeida (1987), Corrêa (1994), Samara (1987).

³ D'Incao (1997) faz uma descrição de como o espaço se transforma a partir da noção de uma vida familiar privatizada.

⁴ Anomia, segundo Durkheim (1978) seria a ausência ou desintegração das normas sociais. Segundo o Dicionário Crítico de Sociologia de Raimund Boudon e François Bourricaud (1993; p. 28), *propõe-se, em algumas das suas acepções ao menos, a mensurar as sociedades reais com os padrões de um modelo ideal caracterizado por uma feliz "integração" do indivíduo na sociedade.*

memória - algo semelhante à família patriarcal." Assim, parece que o modelo cria vida e passa a ser regulador de jeitos de viver e pensar, introjetando-se nas mentes como a forma "natural" de agrupar-se.

Diversos estudos (Corrêa, 1994; Fonseca, 1990, 1995; Dias, 1995; Mattoso, 1988; Zaluar, 1989; D'Incao, 1997; Wolff, 1998) tem nos mostrado que **na realidade**, coexistem, ou melhor, sempre coexistiram diversos tipos de agrupamentos familiares por toda parte.

Famílias grandes e famílias pequenas, pobres e ricas, famílias urbanas, famílias rurais, católicas, judias, a do patrão, ou a do operário, a extensa, a família jurídica, a família religiosa, a negra, a branca, a parda, famílias e famílias...

Wolff (1998), na tese de doutoramento que trata de pesquisa histórica na região do Alto Juruá, Acre, abrangendo o período de 1870 a 1945, afirma que:

"Por certo no período estudado conviveram na região do Alto Juruá, diversos tipos de casais e de famílias. Havia as abastadas, dos patrões, seus empregados mais "graduados", como guarda-livros e gerentes, funcionários públicos e profissionais liberais residentes em Cruzeiro do Sul; havia os grupos familiares dos seringueiros e agricultores que viviam nos seringais e colônias agrícolas, e havia ainda a população pobre urbana: artesãos desocupados, jornaleiros, costureiras, lavadeiras, prostitutas." (Wolff, 1998. p.223)

Tal diversidade é encontrada também por Dias⁵ (1995) em São Paulo no século passado. A diversidade familiar é encontrada não somente em estudos do meio rural no século passado, mas também no meio urbano e na atualidade, conforme podemos observar nos trabalhos de Fonseca (1993,1995) em Porto Alegre (RS) e o de Alba Zaluar (1994) na Cidade de Deus - Rio de Janeiro. Tais estudos mostram, conseqüentemente, que a naturalização de um único modelo familiar não passa de um desejo de padronização que vem de vários setores da sociedade, citando aqui a Igreja, o Estado (Sistema Judiciário, Saúde Pública), os meios de comunicação, e mesmo pessoas individualmente - buscando uma unilinearidade da história da família brasileira. Se torna visível então um

⁵ Ver a descrição pormenorizada da autora sobre os diferentes tipos de família.

distanciamento entre o(s) modelo(s) padronizado(s) e a(s) prática(s) de organizações familiares, bem como a mutabilidade e pluralidade destas práticas.

Ao tratar da categoria **família**, é preciso localizá-la no tempo e no espaço, contextualizá-la, para então poder definir sobre que família se fala, evitando assim incorrer no erro de universalizar o construído historicamente.

Os agrupamentos familiares têm se mostrado adaptáveis a diversas mudanças sociais. No Brasil urbano, a crescente migração do campo incha cada vez mais as cidades, trazendo consigo mudanças nos hábitos, nos valores dos grupos migrantes. Porém, muitos destes valores perpetuam-se ainda por gerações⁶, adaptando-se a novas situações de moradia, de convívio, de provimento, de trabalho, de formas de relacionamento e organizações sociais. O processo de adaptação e de mudanças não é linear. Rupturas e permanências (Figueira, 1987; Barsted, 1987) vão acontecendo verticalmente, transversalmente, trazendo à tona velhos valores, e "enterrando" outros. O psicanalista Sérvulo Figueira, analisando o processo de "modernização da família" diz que esta passa do *ideal hierárquico* para o *ideal igualitário* e que este processo não é linear. Acrescenta que o que se tem no Brasil é a aquisição de novas identidades (articuladas de modo complexo e variável aos novos ideais), e que se sobrepõem às antigas identidades posicionais, sem contudo, alterá-las substancialmente. "*O Brasil está cheio de situações em que pessoas modernas e liberadas, súbita e inexplicavelmente, apresentam comportamentos ou assumem posições que, esperava-se, não tem nada a ver com elas*". (Figueira, 1987; p. 18).

As práticas sociais, no entanto, nem sempre são legais, no sentido jurídico, "freando" discussões e manifestações que poderiam incorrer em mudanças significativas no campo social. Isto não quer dizer que as mudanças somente

⁶ Maria Amália Faller Vitale, no texto "Socialização e Família: uma análise intergeracional" (Carvalho, 1997, p. 89) busca enfatizar os conteúdos que integram a herança simbólica transmitida entre as gerações, que segundo a autora, são reveladores de modelos que orientam a socialização de parte dos segmentos sociais médios. A autora focalizou alguns aspectos da articulação entre a sociabilidade e a subjetividade, num universo médio urbano.

ocorram pela "permissão" do legislativo. Geralmente o contrário ocorre. A pressão de movimentos sociais acaba por incorrer em mudanças no Legislativo⁷.

O projeto de Parceria Civil Registrada entre pessoas do mesmo sexo⁸, assim como o projeto de legalização do aborto são exemplos de pressão do social ao legal. O projeto de legalização do aborto trás à tona este tema complexo, movimentando pessoas de todos os setores, desde as mais "conservadoras", que defendem a vida do feto acima da vida da mãe, às mais "liberais", que defendem o aborto como um direito da mulher sobre o próprio corpo. Discursos sobre o direito à vida, sobre valores da família, sobre direitos e deveres da mulher, sobre o amor materno, etc, vêm conseqüentemente à tona.

Do mesmo modo, as "novas tecnologias", como o grande avanço na pesquisa genética, a possibilidade dos clones, trazem novas percepções sobre a possibilidade da concepção, mas também, uma revalorização do arcaico - a mudança tem então, como conseqüência, a permanência. O "moderno" e o "arcaico" convivendo. Mais do que convivendo, confundindo-se, transformando-se um no outro. A "Síndrome do nascimento Virgem", amplamente discutido por Marilyn Strathern (1995), polêmica que estourou na Grã-Bretanha por volta de maio de 1991 sobre as mulheres que buscavam tratamentos de fertilidade, alegando que desejavam contornar as relações sexuais. Tal "desejo" feminino, possibilitado e amparado pelas novas tecnologias reprodutivas, separa procriação de sexo, causando polêmica no que diz respeito à constituição da família, da

⁷ Interessa ressaltar que Barsted (1987; p. 112) entende que a forma como a família é estruturada pela legislação brasileira é uma codificação da visão de mundo das elites dominantes. A autora faz uma importante análise das mudanças ou permanências no discurso legal sobre a família no Brasil, salientando que o desenho da família e a ideologia legal a seu respeito passam indiferentes às mudanças mais profundas da sociedade. Encontramos também uma discussão sobre as mudanças efetuadas nas diversas constituições brasileiras no que diz respeito à família, incluindo os projetos que culminaram em mudanças em tais constituintes no texto "Família: uma leitura jurídica", de Roberto Maurício Genofre (Carvalho, 1997, p. 97- 104).. O autor aborda ainda questões como o planejamento familiar e o aborto, a igualdade de direitos entre homem e mulher, a família e o idoso, a criança e o adolescente na família.

⁸ O projeto de Parceria Civil Registrada entre pessoas do mesmo sexo, da Deputada Marta Suplicy (Projeto Lei n. 1.151/95) vem sendo discutido por alguns grupos de homossexuais no país. Propõe assegurar direitos à pessoas do mesmo sexo que convivem "maritalmente" como: direito à herança, sucessão, benefícios previdenciários, seguro saúde, declaração conjunta do imposto de renda, direito à nacionalidade no caso de estrangeiros que tenham como parceiro cidadão ou cidadão brasileiro, renda conjunta para a compra de imóvel.

necessidade da criança de pais (pai e mãe), do relacionamento do casal, mostrando que por mais que se renove, que se criem possibilidades modernas de procriação, elas não se desvinculam de "velhas" questões.

A "atomização" da família nas camadas médias, trás um fenômeno que se chama "Festa da Família Tal". Recentemente, conversando com uma amiga, ela disse que a Família Cardoso se reúne há alguns anos, juntando mais de 250 pessoas no encontro, entre parentes consangüíneos e por aliança, ou "político", como ela própria informou. A este "reencontro" (em muitos casos, os parentes nunca se viram), acompanha a rememoração do parentesco perdido, com extensas árvores genealógicas. Este fenômeno, no entanto, não é observado em classes de baixa renda, até porque estes não teriam condições financeiras para viabilizá-lo, mas, sobretudo porque têm outro tipo de sociabilidade e outra noção de parentesco que "dispensam" tal evento social. Em suas casas podia presenciar encontros quase semanais com várias pessoas do grupo familiar. No dia-a-dia do grupo, bisavós, pais, filhos, netos, bisnetos estão em convívio. Juntam-se tios, tias, sobrinhos, afilhados. As crianças crescem neste espaço onde o parentesco é cotidianamente consolidado.

O retrato da família brasileira é plural, não linear no tempo e nas relações, cheio de tensões, contradições, singularidades. Este(s) foi (foram) o(s) retrato(s) que encontrei em campo. Mutante, ele é quase um filme que conta múltiplas histórias, evoca muitas crenças, carrega características "tão modernas", e outras, "tão arcaicas". Estes retratos, singulares na sua existência, foram os retratos que "fotografei" ou que "visualizei", representando os grupos familiares que pesquisei em Florianópolis. Ao redor desta família, agregados a ela, técnicos e tutores, pesquisadores fazem parte do seu cotidiano, "reelaborando" com elas, sua forma de pensar e existir, acrescentando uma boa dose do imaginário ideal no mundo do real.

4.2 A Família popular: O mito da "família desestruturada"

Ao questionar a origem das crianças nas ruas de Florianópolis, ouvi várias vezes a resposta: são *provenientes de famílias desestruturadas*. Nos meios de comunicação de Florianópolis podemos perceber que a mesma família aparece como motivadora do abandono do lar na infância e adolescência, responsável por lançá-los precocemente no mercado de trabalho, e considera causa da marginalização do menor. "São os chamados meninos da vida, que agem de acordo com o momento, sem estrutura e base familiar"⁹.

Na literatura referente a meninos de rua, crianças trabalhadoras, abandonados, a definição da família desta categoria tem sido apontada, em alguns casos, também como "família desorganizada"¹⁰ ou desestruturada. (Violante, 1984; Guirardo, 1980; Marin, 1991)¹¹.

Segundo Alvin e Valladares (1988), "poucos são os estudos que provam empiricamente ser este o modelo familiar de onde provêm meninos e meninas de rua".

Mas, o que é uma família desestruturada? Ela existe para quem? As autoras acima alertam para a necessidade de pensar a família fora da dicotomia desorganizada/ organizada. Sugerem deslocar o foco de análise da criança da rua e da instituição para a da favela ou das periferias. Alguns trabalhos vem apontando nesta direção, (Alves, 1991; Adorno, 1992; Zaluar, 1994; Leczniesk, 1992) mostrando que a composição familiar é dado insuficiente para explicar a saída da criança e do adolescente da casa, ou ainda por sua condição de

⁹ Jornal O Estado - Florianópolis, 26 e 27 de Julho de 1997 - **Crianças dormem nas ruas da cidade. Ver também: Jornal O Estado/07/08/95 - Êxodo Rural, desemprego e exploração por adultos são as principais causas do aumento de pedintes.**

¹⁰ Em Florianópolis, num Diagnóstico feito no ano de 1996 sobre atendimento a crianças e adolescentes pela Fundação Fé e Alegria: **Florianópolis: O que está sendo feito por nossas crianças e adolescentes?**, encontramos a "desestruturação familiar" como um dos motivos relevantes nos casos atendidos pelo conselho Tutelar e pelos programas de atendimento à infância e adolescência.

¹¹ "As famílias são em geral, desorganizadas, principalmente pela ausência do pai - sobretudo por falecimento ou alcoolismo, abandono, prisão, uso de tóxico; ou pela ausência da mãe - por abandono, falecimento, prostituição, psicose, prisão; ou ambos - pelas mesmas razões ou combinações entre elas."(Violante; 1983, p. 44)

trabalhadora. Em Alves (1991), apesar da autora apontar que em sua pesquisa não obteve dados suficientes para saber se as famílias são desestruturadas, encontramos referência de que meninos de rua teriam famílias mais desestruturadas do que determinadas crianças trabalhadoras, o que nos mostra que a idéia de desestruturação se faz presente¹².

"Família desestruturada" ou "desorganizada", é aquela que não obedece padrões da "família ideal". Por ter características diferentes, está então diretamente ligada à condição de marginalidade, desordem social, banditismo, pobreza.¹³ Donzelot (1986), em "A Polícia das Famílias" diz que, segundo os serviços do tribunal, as famílias inestruturadas são aquelas onde os traços dominantes são : instabilidade profissional, imoralidade, falta de asseio.

Mães solteiras, mulheres "amancebadas", "vagabundas", "desordeiras", pais irresponsáveis, "bêbados", "vadios", crianças "fujonas", "malandras", são os responsabilizados por esta "desestruturação ou desorganização familiar". Tal "desordem" é vista como imoral e promíscua pela sociedade, precisando assim ser corrigida, modulada dentro de padrões aceitáveis. Numa reunião promovida por instituições educacionais do Monte Cristo, visando discutir os principais problemas da comunidade, a diretora da escola alertou-nos sobre a prática da prostituição nas proximidades. *Como pode um negócio deste aqui, pertinho da escola e*

¹² "Dados referentes aos diferentes subgrupos incluídos neste estudo parecem sugerir uma relação entre características da estrutura e da dinâmica familiar e nível de exposição do menor à rua. Assim, os jornaleiros e vendedores, que desenvolvem suas atividades nos terminais rodoviários, e os meninos que trabalham nos bairros, não apenas por ocuparem um espaço mais delimitado geograficamente, mas também por estarem, em sua quase totalidade, freqüentando a escola, ficam mais afastados dos riscos da rua. E são justamente estes grupos que apresentam maior grau de estruturação familiar, onde pai e mãe desempenham papéis mais compatíveis com os dados culturais e onde o relacionamento entre os membros da família são mais fáceis. Os menores de rua e os engraxates, catadores de papel e vigias de carro, ao contrário, são os grupos de maior exposição e permanência na rua, e são também aqueles cujas famílias apresentam maior grau de menor estruturação, onde a mãe é mais onerada com múltiplas atribuições, onde a figura paterna é mais desvalorizada e os relacionamentos são mais difíceis." (ALVES: 1991, p. 126).

¹³ Os moradores do morro do Mocotó desenvolvem estratégias para se proteger da discriminação quando vão procurar emprego. Uma moradora do Morro comenta que *O morro melhorou muito, mas as pessoas daqui têm muita dificuldade de conseguir emprego. Quando vão procurar emprego dizem o nome da rua em que moram pra não se identificarem como moradores do Mocotó. Todo mundo pensa que aqui só tem bandido. Não querem saber de mais nada, se é morador do morro eles não dão o emprego...*

ninguém faz nada. E ainda bem debaixo do nariz do padre, e ele não se mexe, não faz nada...

Tais famílias são constantemente vigiadas, rodeadas por instituições, que buscam "estruturá-la" a todo custo. Quando o comportamento não é o padrão, ou mesmo quando se imagina que o comportamento não é o padrão, todos os mecanismos de controle social são acionados, buscando privação, evitação social.

O que parece definir uma família como desestruturada permeia questões ligadas à condição em que esta se encontra, ou ao que se espera dela. Pobreza, instabilidade conjugal, ausência dos pais cumprindo seus papéis - pai provedor, mãe cuidando dos filhos, ausência de valores familiares.

Não é recente a associação pobreza/família desestruturada/marginalidade. Em 1976 o Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o Problema da Criança e do menor Carentes no Brasil. Brasília intitulado "A Realidade Brasileira do Menor" aponta claramente tal relação. No entanto, a pesquisa de Alba Zaluar na Cidade de Deus, vem mostrar que desestruturação familiar, criminalidade e pobreza não estão tão ligados quanto parecem estar no imaginário vigente.

"Se por desorganização familiar se entende a inexistência ou os baixos percentuais de famílias nucleares completas, isto é, integradas por um casal e seus filhos, esta tese não se confirma num dos focos de criminalidade jovem do Rio de Janeiro. Em Cidade de Deus, 45 famílias entrevistadas, 31 eram completas (ou seja, em torno de 70%) ao passo que apenas 16 eram incompletas, sendo que, entre estas, seis eram famílias extensas comportando outros adultos, parentes da mesma ou da geração acima do chefe de família, além de filhos casados. (Zaluar, 1989, p. 96)

Goldani (1982) nos alerta que o fato que tem alimentado o mito da desorganização familiar entre os pobres é a variedade de arranjos domésticos dos grupos populares - onde sobressai a presença de famílias monoparentais, sobretudo mulher com filhos.

Ainda que, segundo dados do IBGE (1996), seja crescente o número de famílias monoparentais, e que em campo tenha encontrado grupos cujos filhos

residiam apenas com um dos cônjuges, não parece ser esta a única lógica usada para definir "família desestruturada". Esta homogeneização das famílias de "meninos de rua" enquanto desestruturadas está embasada na pobreza, condição que expõe não somente as crianças, mas toda família em busca de formas de sobrevivência alternativas.

Se a condição de "família estruturada", ou "desestruturada" está pautada na classe social a que pertence o grupo, ou seja, nas suas condições financeiras, pergunto, a desestruturação é financeira? Então porque não chamá-la de empobrecida? Sob este aspecto podemos dizer que, como sugere o título do livro de Joana Pedro (1994) *Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de Classe*¹⁴, a família "estruturada" (honestas) ou "desestruturada" (faladas) é, para os que assim a dividem, **uma questão de classe**.

Apesar de serem vistas como famílias desestruturadas, nunca ouvi em campo, os familiares assim se auto-definirem. O que ouvi foi reclamações da difícil tarefa de manterem-se pelas dificuldades financeiras que lhes acompanha, e ainda outros problemas como o uso de drogas, de álcool, a dificuldade de relacionamento entre os membros da família. Quem alegou que tais famílias são desestruturadas foram geralmente os técnicos que trabalham com as mesmas, pessoas caridosas, que diziam querer ajudar na estruturação da família, pessoas de ONGs, vizinhos com maior poder aquisitivo. Era comum ouvir as mães reclamarem que lhes foi cobrada pelo Conselho Tutelar a presença em casa o dia todo, *mesmo no horário de trabalho*, para assim poder dar atenção à criança, evitando que esta não vá para as ruas. Uma mãe cujo filho estava começando a ir para a rua, respondeu a um conselheiro que não pode ficar parada dentro de casa enquanto vê sua família passar fome. *Eu preciso trabalhar. Se não precisasse, eles acham que iria. Mas é mais difícil pra mim ver meus filhos passando necessidade do que vendo só um deles indo pra rua. O que eu não posso é cruzar os braços e vê eles passando*

¹⁴ Pedro (1994) comparando a imagem idealizadas e os estereótipos das mulheres, enquanto mães e esposas que contribuíram para a formação de uma elite em Desterro no século passado com a prática de mulheres das camadas populares que não conferiam com este modelo idealizado, ressalta que estas passam a ser "mulheres faladas".

de fome...

Em função das difíceis condições de sobrevivência enfrentadas pelos grupos familiares pobres, estes buscam formas alternativas de sustentabilidade do mesmo, no sentido das estratégias adotadas para organizarem-se, lançando mão de dinâmicas não muito comuns dentro de um ideal de família, como nos alerta Fonseca (1995), referindo-se à "circulação de crianças". Tais dinâmicas, no entanto, não podem ser entendidas enquanto desestruturação do grupo, mas sim como parte de uma cultura que a autora chama de popular. *"Longe de ser simples estratégia de sobrevivência. ou improvisações momentâneas, as reações das pessoas face à fome, à morte às rupturas brutais da vida doméstica são fundadas sobre a acumulação de gerações de experiência."* (Fonseca, 1988).

Entendendo, como Lecniesk (1992), que as circunstâncias de pobreza e carência não são restritas aos que usam a rua como um meio de sobrevivência, mas sim que para uma parcela considerável da população brasileira, as circunstâncias de crise representam um modo de vida, a 'família desestruturada' passa a ser uma forma de chamar diferentes práticas de agrupamento de "desajustadas".

A crise da família não se restringe apenas à classe "baixa" da população. Esta crise, concordando com Goldani (1994), significa mudanças e abrange também a classe média e média alta. O casal igualitário, as uni-residências, as "criações independentes", a "síndrome do Nascimento virgem" são apenas exemplos das mudanças estreitamente relacionadas com as transformações nos modos de vida, valores e condições de reprodução da população.

Conforme os vários estudos sobre os diferentes tipos de famílias que existiram e existem, a categoria "família desestruturada", então, não passa de uma forma preconceituosa¹⁵ de ver o "outro".

Como argumenta Gilberto Velho (1987), temos no Brasil vários tipos de famílias e diversos sistemas de parentesco. Algumas mais articuladas a redes de

¹⁵ Conforme Goldani (1982) "arraigado entre os mais diferentes setores profissionais e/ou acadêmicos este mito adquire características de perversidade e estigma na medida em que influi no comportamento daqueles que nele acreditam e serve para desqualificar o pobre."

parentesco, outras menos. Ao se referir à construção social de identidade do indivíduo, o autor diz que ela passa, além da referencia familiar, pela referência do *Kinship*.

Ao falarmos da estrutura da família, é necessário que consideremos, antes de tudo, o processo de mudança no qual ela está inserida, que não ocorre em separado de outras mudanças (macro e micro) sociais, nem se encontra isolada das "outras" famílias. Por terem diferentes condições de vida, articulam-se conforme uma dinâmica própria, que podem apresentar semelhanças entre si, mas que não são homogêneas, assim como não são homogêneas as famílias das "outras classes".

É preciso então abandonar modelos pois ao libertar-se dos mesmos, o pesquisador liberta-se do preconceito e pode assim, "ver as famílias como elas são e não como deveriam ser". (Mello, 1992).

Foi para ver mais de perto as dinâmicas familiares das crianças e adolescentes nas ruas de Florianópolis que parti para as comunidades onde moram as famílias destes personagens.

4.3 Retratos das famílias (à luz do campo)

Os retratos das famílias populares são diversificados, porém os agrupamentos domésticos das crianças e adolescentes nas ruas de Florianópolis são geralmente extensos, não se restringindo à chamada "família nuclear". Podem morar numa mesma casa quatro gerações, permitindo o convívio de bisavós com seus bisnetos. Isto se torna particularmente possível pela frequência com que ocorrem as gestações na adolescência (14-15 anos). Mulheres e homens ingressam na tarefa da paternidade/maternidade bem cedo.

Estes agrupamentos podem abrigar ainda outros parentes (consangüíneos ou por aliança). Em uma ocasião de necessidade, comadres/compadres/afilhados sobrinhos, podem se agregar ao grupo.

O número de filhos é variável, mas geralmente superior a 4. O único caso que encontrei de família constituída há mais de 5 anos com apenas uma filha, tratava-se de uma adoção. A mulher não podia engravidar. As demais variavam entre 5 a 10 filhos, chegando a mais de dez em 1 caso¹⁶.

A maioria dos grupos familiares é matrifocal, até porque quando os casamentos se desfazem, ou em caso de mãe solteira, é à mãe que a mulher recorre. E os filhos, na maioria das vezes, as acompanham.

Para Zaluar (1994), a presença da mãe neste tipo de família têm importância crucial no estabelecimento e reforço de suas redes de relações, na transição de valores morais do grupo. *"Longe de ser uma característica apenas do proletariado brasileiro, a chamada família matrifocal é, sem dúvida, uma realidade da organização social dos trabalhadores pobres. Nela, a figura do pai é distante e, ao contrário da mãe, pouco íntima, sendo em alguns casos transitória e substituível."* (Zaluar, 1994, p.97,98).

De fato, como nos lembra Zaluar, a figura do pai é, por vezes, ausente. Porém, não é regra absoluta. Existem famílias em que a mãe e o pai estão unidos, "batalhando" a sobrevivência do grupo. Numa família, com o falecimento da mãe, o pai mantém-se firme junto ao grupo de 10 filhos, buscando resolver seu maior problema: a fuga de um dos filhos de casa. Já um outro pai, completamente *abandonado pela família*, como alertou a filha à mãe¹⁷, veio visitar seus filhos apenas uma vez em todo tempo que estive em trabalho de campo. Um terceiro, ao separar-se da mulher levou o filho com ele. Disse que não deixaria o menino por nada neste mundo.

Os casamentos são geralmente informais, podendo ser duradouros, até a morte de um dos cônjuges; ou breves, mantendo-se apenas por semanas. Quando a mulher se casa novamente levando filhos da primeira união, a nova união pode

¹⁶ Sobre o tamanho das unidades familiares ver Stolcke (1994). A autora faz uma reflexão sobre a variação do número de pessoas nas famílias de trabalhadores em São Paulo, relacionando-a com a forma de contrato firmado entre empregado/empregador.

¹⁷ Tatiane pede que a mãe dê uma atenção ao pai, já que este está abandonado. Pergunta à mãe - *A Senhora não tem pena do coitado? Lá jogado, sem um lugar pra morar!* E a mãe responde - *Eu não. Ele não tem pena dele mesmo e nem teve pena de botar tudo fora, porque eu vou ter pena dele. Que se vire...* E a filha lembra - *É.... mas ele é nosso pai, né?!*

significar motivo para as crianças "abandonarem o lar"¹⁸. D. Denise deixou claro que seu novo marido não faz questão que seus filhos venham com frequência dormir em casa. Dividida entre filhos e a nova relação conjugal, ela disse que *vai tocando a vida*. Separou-se dele e mandou sua filha embora quando desconfiou que estavam "de caso". Sua filha mais velha me contou que ficara muito triste e dissera: *isto também já é demais...*

Já na casa de Tetê, as duas relações estáveis que teve depois da separação dos pais dos seus filhos, aproximaram seus filhos pois quando não tem um companheiro fixo, vários homens a visitam, dificultando a proximidade das crianças à casa.

Ainda que não sejam todas famílias que se caracterizem pelo baixo poder aquisitivo, esta é uma "marca" forte. Algumas destas famílias passam por grandes dificuldades financeiras, lançando os filhos (mesmo os mais novos: 6, 7 anos) no mercado (informal) de trabalho, conforme vimos no capítulo anterior.

O tratamento dado à infância é diferenciado em cada grupo. Para alguns, a infância é quase sagrada, sendo que todos os esforços possíveis para preencher os desejos desta são dispensados pelos pais. Em contrapartida, seus primos e vizinhos podem ser menos privilegiados, tendo que vender balas desde muito cedo, ou, num extremo dos maus tratos, sofrendo violência familiar, culminando, em alguns casos, no abandono do lar, conforme podemos ver no capítulo 5, em "Motivações do abandono do lar". Uma das observações que fiz em campo foi que o tratamento das crianças até aproximadamente 6 anos é diferenciado dos que estão com mais de 7, nas proximidades de 8,9. É uma diferença sutil, porém perceptível.

Sabe-se, a partir de Ariés (1981), que a percepção da infância como fase diferenciada da adulta nem sempre foi tão evidente. Da mesma forma, a diferenciação entre infância e adolescência variam conforme a época, inclusive na legislação que trata do menor. A infância, no entanto, pode ser vista de forma diferenciada conforme o grupo social, como salienta Leczniesk (1995) na

¹⁸ O que não significa que uma família formada numa primeira união, com pai e mãe presentes, esteja imune a que os filhos sejam motivados a terem um convívio prolongado com a rua..

dissertação de mestrado, estudando a linguagem dos "guris de rua" em Porto Alegre, quando diz existir uma percepção particular das idades da vida entre grupos populares.

A entre 6- 7-8 anos de idade parece ser um período crítico, pois é quando a criança pode começar a tomar mão da sua autonomia, "decidindo" se quer ou não submeter-se à ordem da família. Seria porque nesta idade a criança começa a freqüentar a escola, e aí entra em contato com outras relações, outras possibilidades? Mas para estas crianças, a escola não é a única alternativa de estabelecer relações fora do parentesco ou da vizinhança. Elas, ainda que muitas vezes acompanhadas pelos pais, conhecem muito cedo os lugares onde é possível "virarem-se na vida".

Kátia Queirós Mattoso, no texto *O Filho da Escrava*, afirma que

"Através dos documentos que conhecemos, e particularmente de testemunhos e inventários post-mortem, parece que podemos logo distinguir duas idades de infância para o escravo: de zero aos sete ou oito anos, o criolinho ou a criolinha, o pardinho ou a pardinha, o cabrinho ou a cabrinha, são crianças novas, geralmente sem desempenho para atividades do tipo econômico; dos sete para os oito anos até os doze anos de idade os jovens escravos deixam de ser crianças para entrar no mundo dos adultos, mas na qualidade de aprendiz, de moleque ou de moleca..." (Priore, 1994, p.78)

É fato que é nesta idade que muitas destas crianças passam a freqüentar a rua sozinhas. A criança passa a ser incentivada a entrar no mundo do trabalho com mais autonomia. Ela deveria começar a ter iniciativa para realizar tarefas na casa quando menina, ou lançar-se em outras atividades rendosas na rua. E é o que acontece, mas nem sempre por iniciativa delas.

No entanto, talvez o mais importante seja destacar que as crianças pequenas são tratadas com notável afetividade. Crianças pequenas, principalmente bebês, são "bajulados" por todos, passando de colo em colo. São os prediletos como companhia em fotos. Todos querem registrar a "formosura" da criança nos seus primeiros meses ou anos de vida.

4.3.1 A "família da rua" : O modelo reproduzido na rua

Mesmo para os meninos e meninas de rua, que "subvertem" a ordem da casa, abdicando do convívio familiar por um determinado tempo, passar dias longe do convívio não é indício de que não sonhem em ter uma família que lhes acolha, ou mesmo de constituir seu próprio grupo familiar. A recriação do modelo se dá na rua, reinventando a família com a *galera da rua*. Ouvi um menino chamando uma jovem - ex-menina de rua - de mãe, e um dos garotos de pai. Tanto a garota quanto o garoto tinham uma certa autoridade na rua, orientando o pessoal sobre coisas da casa e da rua e mantendo no grupo um clima de solidariedade. A "família da rua" era também constantemente citada por George, que dizia serem aqueles meninos e meninas, seus camaradas, sua família.

Esta "família da rua", no entanto, não tem a pretensão de substituir a família de sangue. Mais tarde soube que Adriana, a "mãe da rua", tinha uma casa que servia de abrigo ao grupo, principalmente aos mais novos, como Mazinho (09) e Leninha (12). A família da rua é temporária, flutuante, e envolve um clima de solidariedade necessária à sobrevivência na rua.

Ainda que se sinta acolhido pelo pessoal da rua, os laços familiares em muitos casos são mantidos como importante referência para os pequenos moradores de rua. No caso do Alvinho (10), sua intriga na casa era só com o pai. Com a morte da mãe, o menino passou a ir para rua mas era visível como desejava o convívio com os irmãos. Um dia, ao encontrá-lo no ônibus Monte Cristo, me disse que tinha arrumado um par de óculos para sua irmã. Pediu que a avisasse, pois estava ansioso para entregar-lhe os óculos e resolver assim o problema de falta de visão. A preocupação da irmã com o garoto era recíproca, já que ia atrás dele, ou enviava um dos irmãos, antes que o pai desse falta do garoto. São sempre os parentes que vão em busca daquele que se ausenta dos cômodos da casa.

A reprodução da noção de família como algo próximo, acolhedor, é demonstrado por João Pedro (15), morador de uma Instituição. Reunindo-se todos

os dias no NAPS¹⁹ para desenhar, ouvir música, dançar e ficar com as "tias" que ali trabalham, certo dia desenha um coração vermelho, cortado por uma flecha, com a seguinte mensagem dentro: *NAPs, vocês são nossas mães*. A necessidade de um grupo, da identificação com o mesmo, da possibilidade de convívio foi mais verbalizado por adolescentes sem essa possibilidade (por motivo de morte dos familiares, por morar longe). Alguns demonstram um forte desejo de reatar laços, rever parentes, voltar ao convívio de um irmão, da mãe, do pai, demonstrando saudade ao verbalizar este desejo.

4.3.2 Relações Familiares e de Parentesco em grupos populares de Florianópolis

4.3.2.1 Redes de relações

As relações se entrelaçam formando uma teia que se torna visível na medida em que se vai adentrando na vida quotidiana e familiar dos atores pesquisados. Quanto mais freqüentava estes universos, percebia que não se tratavam de mundos paralelos, mas sim que crianças trabalhadoras, crianças na rua, pequenos pedintes, mães pedindo com filhos no colo, crianças na comunidade, formavam uma grande rede conectada seja por parentesco (aliança, consangüinidade), por amizade ou inimizades, por vizinhança, pelo fato de freqüentarem os mesmos ambientes, demonstrando a transversalidade destes universos. Mas não estão fora desta rede o estado (com os seus Conselhos Tutelares, programas de atendimento à infância, juizados da Infância e da

¹⁹ NAPs - Núcleo de Atenção Psicossocial. Instituição ligada ao Programa de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Florianópolis. A casa onde o NAP'S onde funciona fica próximo ao antigo Albergue da Criança e do Adolescente - Santa Rita de Cássia - hoje Casa de Passagem, local de moradia de vários meninos e meninas. No NAPS, uma sala era reservada para que os meninos desenhassem, escutassem música, dançassem. Tinham ainda acompanhamento psicológico e a oportunidade de participar das atividades promovidas pela instituição. A ocasião em que João Pedro fez o desenho, o albergue vinha passando por uma reforma e passando a ser somente Casa de Passagem. Os meninos que lá moravam deveriam ser encaminhados de volta à casa de familiares ou parentes. Caso isto não fosse possível, eram encaminhados para uma Casa-Lar (Casas Subsidiadas, em parte, pela Prefeitura).

Adolescência) nem as diversas formas de religião. Vão se entrecruzando, se enredando dentro de mundos simbólicos, com valores ora concorrentes ora congruentes. Modificam-se mutualmente, na medida em que interagem, ora conflitante, ora harmoniosamente. As normas são ditadas entre a realidade, inevitável, e a lei escrita, a norma legal de relacionamento.

4.3.2.2 Parentesco - A extensão da família

O parentesco estende a família além dos laços pai/mãe/filhos. As famílias das comunidades pesquisadas não vivem isoladas, como é característico das famílias nucleares. Os casais novos preferem começar sua carreira de casados num espaço seu, mas sempre próximo de algum parente, geralmente da mãe do rapaz ou da moça. Jovens casais se "sustentam", se apoiam nas relações familiares. Mesmo quando alugam, preferem alugar nas proximidades da família. Tatiane (15), filha de Tetê, ao casar, reclamou que ficava sozinha. A mãe por outro lado, reclamava de sua ausência. Disse que sentia saudades da filha, mas se conforma: *fazer o quê? Cada um tem que fazer a sua vida, né?* Resolveram o problema das duas alugando uma peça da casa da tia, vizinha de sua mãe. A sala da casa foi dividida e tornou-se uma casa de improviso para o casal.

Quando chegam as crianças, que geralmente são desejadas, a interlocução familiar se torna mais constante e passa a proporções de a criança vir a residir com os avós, ou mesmo com tios e padrinhos. As crianças intercruzam portas, percorrendo entre os grupos, tornando as relações entre os parentes mais maleáveis.

Num estudo feito em Porto Alegre, Cláudia Fonseca, ao falar sobre família conjugal, diz que é irreal tratá-la como um objeto analítico isolado.

"Apesar de cada casal gostar de ter seu próprio canto para cozinhar, as crianças se infiltram pelas fronteiras dessas "casas," burlando os limites entre uma "família" e outra. Neste universo, onde a escola não exerce uma influência suficiente para estabilizar a trajetória da criança, não há como ancorar a criança numa residência. Uma viagem para o interior para assistir ao casamento de algum parente, ou o

almoço dominical na casa de uma tia podem virar estadas de anos, dependendo da conveniência para o adulto e do desejo expresso da criança." (Fonseca, 1993, p. 120).

Assim que nasce a criança, escolhe-se um padrinho e uma madrinha - os "parentes espirituais" -, aos quais, é dado um espaço de participação na educação e formação do afilhado. O casal escolhido passa a ter uma relação de direitos e deveres para com a criança. O apadrinhamento é de grande importância para que a criança seja saudável e tenha sorte. São várias as crendices e considerações que surgem a partir do episódio do apadrinhamento, como por exemplo, *não pode-se convidar mais de um padrinho pra uma criança que dá azar; deve-se batizar com vestes brancas para que demonstre a pureza da criança.*

O termo comadre/compadre é preferido à outra denominação de parentesco como irmã, tio, tia²⁰. Os pais da criança chamam então o padrinho por compadre e a madrinha de comadre. O hábito de adotar outra terminologia para os agora "parentes rituais" é observado por Arantes (1994) como uma redefinição de vínculos entre os parentes. Este papel só não se sobrepõe nem se iguala ao de pai e mãe.

Parente também é um termo caro. Não é todo mundo que é parente. Parente tem uma intimidade que não é dada ao primeiro que se aproxima. Se por um lado, parente é aquele de sangue ou de aliança, pode ser também alguém que conquista esta posição. Juliano reclamou da intimidade requisitada pelo namorado de sua irmã para consigo dizendo: *Só porque namora com a minha irmã pensa que é parente...*

Outra frase comum na rua é *"ele é como um irmão pra mim. A gente se criou juntos na rua.."*. São laços que Mattoso (1988) chama de **parentes por eleição** e que na Bahia são chamados "parentes por consideração".

Já o termo tia/tio, é usado em múltiplos momentos e com significados diferenciados. Tia pode ser a tia de sangue ou por aliança, ou ser usado para se

²⁰ Tetê (36), mãe de Alex (10), sempre referia-se à sua vizinha de porta como *comadre*. Depois de quase quatro meses indo periodicamente à sua casa, surpreendi-me quando disse que esta era sua irmã. Indaguei porque, ao invés de chamá-la pelo nome, referia-se a ela sempre como comadre. Respondeu simplesmente: *Porque ela batizou o meu mais moço.*

referir a qualquer pessoa que não saibam o nome, que seja mais velha que eles. Apenas no primeiro caso é considerado parentesco. O termo Tia, quando usado para chamar pessoas desconhecidas ou não parentes parece pretender uma intimidade momentânea, como uma estratégia de aproximação com a pessoa. Ao mesmo tempo que é usado numa conversa com quem eles não conhecem, é usado amplamente para chamar pessoas conhecidas, que não lhes conferem qualquer parentesco de sangue ou afim. Neste caso pode ser acrescido o nome da pessoa. *Tio Fulano*. Algumas vezes percebi que esta forma de chamamento sugeria um pedido de auxílio; um artifício, uma estratégia usada em momentos específicos, como se a pessoa, como tia/tio, pudesse ajudar nas necessidades dos sobrinhos. Uma vez que assim fui chamada, lembrei ao garoto, em tom de brincadeira, que eu não era irmã nem da sua mãe e nem do seu pai, como poderia ser sua tia. Ele sorriu e disse: *mas a senhora é tia, tia Rita*. Não me pareceu que confundisse parentesco com esta forma de "parentalizar". Parentes eles sabem quem são. Tia, tio pode ser qualquer pessoa, até mesmo um policial, desde que este não seja "sacana". É como se projetasse um parentesco fictício, momentâneo para a sociedade abrangente.

As famílias populares não são o modelo ideal de família, e nem tampouco as relações de parentesco são as que o modelo nuclear propõe, uma vez que estas se apoiam freqüentemente nos parentes para sustentar seu novo grupo. Tampouco vivem conforme as noções higienizantes freqüentemente mencionadas como as mais indicadas para se viver.

Sr. Sebastião, viúvo há 3 anos, pai de 10 filhos, diarista, me diz que "onde vive nove, vive mais um". *Se ela quer ficar, fazer o quê, né?! Deixa ficar. Decerto ela gosta daqui...* Referia-se à preferência de uma de suas sobrinhas por ficar em sua casa a voltar para Biguaçu com toda sua família, onde tinham residência. Tratava-se da família da cunhada de seu Sebastião, irmã de sua falecida esposa, que viera passar uma "temporada"²¹ na sua casa para tentar arrumar emprego.

²¹ Neste caso, a temporada foi de quase dois meses, numa casa de dois cômodos, onde moravam 18 pessoas, entre estes, adolescentes, adultos e crianças.

Esta hospitalidade se estende a parentes e amigos ou mesmo a alguém com quem tenham simpatizado e que esteja precisando, como foi o caso de Marta, que também morava na casa nesta mesma época. Viera de São Paulo, onde procurava o único filho, que sumira sem deixar notícias. Não tendo onde morar, hospedou-se na casa deste homem, que segundo ela, *é muito bom pra mim*.

Se para Sr. Sebastião esta convivência pareceu normal, para Marta, porém, o número de pessoas na casa incomodava. Chamou-me num canto um dia e pediu ajuda, pois *tem muita gente aqui*. Quando seu Sebastião disse que ali estava tudo bem, pois mesmo seu filho "fujão" estava em casa, ela disse rapidamente num tom preocupado: *tudo bem nada. Tem 18 pessoas morando nisto aqui, Sebastião! Como pode estar tudo bem?...*

Marta disse que se o seu pessoal a visse, não acreditariam que era ela. *Lá eu sou bem. Tinha a minha casa e tudo dentro. Me cuidava, andava sempre bem arrumada. Vê só como eu tô aqui...*

Apesar de querer deixar claro que seu mundo é outro, que não é como eles, que não vive "amontoada", ela mesma reconhece: *Vai ser difícil deixar isto... Eu gosto tanto deles. Eu vou sentir tanta falta...* Neste instante o enteado do Seu Sebastião entra. Marta abraçou-se nele e continuou. - *Né filhinho!!! Todos os filhos do Sebastião já me chamam de mãe. Eu vou sentir tanta falta dessa gente toda...*

A Coordenadora do Programa da Casan que fazia uma pesquisa na comunidade Chico Mendes, observa que na comunidade existe muita solidariedade. *Quando alguém fica na rua, sem lugar para morar, eles acolhem esta pessoa, mesmo que eles não possam.*

Considerando a solidariedade como uma característica daquela comunidade ela acrescenta: *A gente logo nota quem não é da comunidade. A mulher que nos alugou esta casa por exemplo. Ele não era daqui. Comprou o terreno, aliás, vários terrenos, construiu este prédio que destoa do resto da favela. Agora ela vive reclamando. Dizem que ela era bem de vida. Ai faliu e veio parar aqui. Mas ela não gosta de morar aqui. Chama todo mundo de vagabundo. Não se dá com ninguém.*

Não foi difícil perceber que entre os Mendes a situação é tão ou mais dinâmica que na casa do seu Sebastião. Quando os conheci, moravam na casa Clara e o filho Fernando (06 meses), D. Etelvina, sua mãe, dois dos seus filhos, o companheiro com mais um filho. Depois de algum tempo - semanas - dormindo na rua, Juliano e Leo retornam à casa. Um tempo mais e Dona Etelvina mudara para a casa de Soraia, a irmã mais nova de Denise. Soraia, morando numa casa grande, de dois pisos, acolhe com frequência os filhos da irmã. Fazem, inclusive, um revezamento onde vezes quem vai morar lá é sua mãe, ora são seus sobrinhos de rua, ora é Clara com o filho.

Denise, numa outra ocasião, acolheu sua filha casada e as duas netas, já que a mesma brigara com o marido. Quando seus filhos vão para a rua ou voltam para a casa, o que é freqüente acontecer, mais uma vez, temporariamente, modificam-se os moradores daquela casa.

A reciprocidade então se faz presente. Simone acolheu seus irmãos por diversas vezes na sua casa quando estes adoeceram ou quando procuravam um lugar para dormir, ou mesmo quando estes brigaram com alguém na casa da mãe. Em muitos casos, uma troca de favores, um "toma lá dá cá" se estabelece entre os irmãos. Simone disse que o Leo sempre vai na sua casa. - *Gosto dele porque ele cuida das meninas prá mim sair. Eu digo prá ele: tu fica aí e olha elas, aí ele passa a tarde toda brincando com elas. Gosta da mais novinha, gosta muito dela. Ele arruma dinheiro pra comprar comida prá gente, leite, pão...Ele também fuma uns baseadinhos, mas eu não brigo com ele. Ele sempre ajuda. Agora tem um outro irmão meu lá em casa. Ele tá bêbado. Peguei a garrafa dele e escondi. Ficou lá dormindo. Eu não tenho coragem de botar ele prá rua não, tia...*

Na casa de Leco (14), a mesma situação se configura. Sua mãe acolheu a filha mais velha com os 3 filhos e o marido, mesmo estando com pouco espaço na casa. Depois de um tempo, a filha e o marido começaram uma construção do segundo andar da casa para poder ter mais espaço para o grupo, já que os cinco tinham apenas um quarto disponível na casa.

Já para João Pedro esta dinâmica parece não funcionar. Morador de rua desde os cinco anos, ao ser encaminhado pelo Albergue Santa Rita de Cássia

(Agrônômica) para morar com sua irmã, exclama: *Voltar prá casa da minha irmã prá pedir esmola pra minha própria família, eu prefiro voltar prá rua*. Isto, no entanto, não indica que na sua família não houvesse tal dinâmica, pois a irmã, ao ser consultada sobre o retorno do rapaz à sua casa, diz que seu marido não quer porque, além dos três filhos, ela abriga uma irmã. Soube também que João Pedro tinha dificuldades de relacionamento com a irmã. A frase que João Pedro escreveu no cartaz já citado anteriormente "*NAPS²² vocês são nossa mãe*", parece querer indicar que, depois de tanto tempo longe dos parentes, a instituição lhe era mais familiar do que sua própria família.

A instituição, no entanto é fugaz na vida das crianças e adolescentes. Eles próprios temem chegar aos 18 anos pois, nesta idade, perdem o "prazo de validade"²³, e os laços, geralmente se esvaziam e rarefazem²⁴. A criança que passa longos anos em instituições, corre o risco, como aponta Altoé (1990) de afrouxar os laços familiares, ou de parentesco, encontrando-se então, (quase que) em condições de abandonada. *"A maioria das crianças ao ser internada, tem algum vínculo familiar. O ato da internação marca o início de um distanciamento dos vínculos afetivos existentes que, na maioria dos casos, vão se enfraquecendo na proporção dos anos que a criança fica internada."* (Altoé, 1990, p.181).

Velho (1989), falando de família e subjetividade diz que o universo de parentesco, no caso brasileiro, é fundamental para a elaboração da identidade dos indivíduos. Cita o trabalho da Prof^a. Lins de Barros, que demonstra que os avós articulam cinco gerações: referem-se aos seus próprios pais e avós, e têm os seus filhos e netos como referência.

²² NAP'S - Núcleo de Atenção Psicossocial.

²³ Um temor muito demonstrado pelos meninos é de atingir a maioridade. A partir dos dezoito anos, se ocorrer de praticarem qualquer ato ilícito, como roubo e forem presos, irão para a penitenciária, como já aconteceu com alguns de seus amigos. Assim, como nos lembram Milito e Silva (1995), "fingem eterna infância". Mariana, tendo 19 anos, sempre alega aos Conselheiros que tem 17. Assim, está protegida pelo ECA. Milito e Silva (1995) abordam a questão do tempo como um punhal a ameaçar os meninos de rua. *"Fingem eterna infância, mas inconscientemente são corroídos pela obsessão da fugacidade da infância. Pois é assim que todos começam a deixar de ser meninos: quando descobrem que não serão meninos para sempre."* (1995, p. 17)..

²⁴ Uma ex-funcionária do Albergue Santa Rita de Cássia me revelou seu profundo desgosto ao ver que um dos meninos que atendiam desde pequeno, quando faleceu, foi enterrado como indigente. *Como pode, né? Todos estes anos lá e ele não era ninguém. Foi enterrado como ninguém...*

"Isso, em termos de construção de identidade, de avaliação da memória social e da reelaboração de papéis, é fundamental. A relação desses avós com seus netos é essencial para o desenvolvimento da subjetividade desses netos, que não tem como única referência os pais. Não se trata daquela prisão metafórica, onde os filhos ficam trancados num apartamento, encarando os pais, todos se odiando secretamente. Há oportunidades de convívio com outras pessoas, e os avós são particularmente importantes - com todas as tensões, os conflitos de geração, as diferenças de opinião." (Velho, 1989. P.85).

4.5 A Circulação de Papéis: Pegá Pra Criá" e "Cuidá" ou Como as Crianças Circulam

Encontrei, em campo, várias situações que remetem a dinâmicas familiares e de parentesco onde a educação de crianças não depende somente dos pais biológicos.

A presença dos avós enquanto os que **ajudam a criar** os filhos de seus filhos é muito observada nestes grupos. São eles também quem, em muitos casos, decidem sobre o destino da criança, principalmente se for filho de mãe solteira ou viúva que decide casar-se novamente. Uma educadora da Casa da Liberdade, instituição educacional que trabalha com crianças da periferia de Florianópolis, contou-me que muitas das crianças daquela instituição não moram com as mães, mais sim com avós, com tios e tias, enfim, com algum parente. Neste caso, salienta, *os irmãos acabam se encontrando aqui na Casa da Liberdade.*

Em mais de um caso, a avó é chamada de mãe. Um deles é o de Márcio (10), morador da Ilha-Continente, que, sendo órfão de pai e de mãe, foi criado pelos avós. O outro é o da Diana (18), que tendo nascido de uma gravidez precoce, foi "adotada" pela avó e até hoje a chama de mãe. Convive com a mãe de sangue e diz que a chama pelo nome. *Ela é como uma irmã. A gente foi criada assim.* No caso de Diana a dinâmica se perpetuou já que ela mesma teve uma filha na adolescência e a mãe de sangue e a mãe adotiva (avó) "pegaram pra criá".

Tenho três filhos. A primeira foi do estupro. Minha mãe tirou ela de mim. Não me deixou cuidar dela. Nem me deixava dar banho nela. Tá com ela ainda. O segundo (04

anos), tá com o pai dele. Eles também levaram ele. Tem gente que diz que é porque eu não sou mãe, porque senão queria ver quem tirava ele de mim, mas eu digo que é todo mundo contra mim. Como que eu posso resistir e ficar com ele. Agora eu tô com o terceiro. A minha sogra já quis tirar ele mas não deu certo.

Diana, apesar de dizer que a sogra queria tirar seu filho, deixou o menino com ela assim que o marido foi preso. Passou a morar na rua novamente e a visitar o menino só de vez em quando. Sua sogra, mesmo doente cuidou do menino.

A criança geralmente circula em casas de parentes (de sangue ou de aliança). Mas um "parente espiritual", como os padrinhos da criança, ou mesmo um "parente por consideração", ou mesmo um amigo podem reter por anos a presença da criança em suas casas. A coletivização da responsabilidade da criança vai se dando pelo convívio com as mesmas. Tanto a criança "adota" novos pais, quanto, quando há reciprocidade, homens e mulheres adotam a criança²⁵. Em algumas situações, a circulação é acionada pelo desleixo observado por um parente ou vizinho. Depende daí da noção dos cuidados necessários que uma criança deva receber.

Celma, indignada com uma conhecida, que tendo perdido o marido de overdose, passou também a envolver-se com drogas, deixando os filhos abandonados, comenta comigo numa visita que fiz à sua casa: *Em vez de ela tomar jeito. Já viu que o marido morreu disso... Bem que podia criar vergonha... Ela vivia arrumadinha, batalhava um monte e agora está lá... Se aproveita do trabalho das filhas que vêm pro Centro vender bala. Deixa elas jogadas, não cuida mais. Antes elas viviam arrumadinhas. E declara: Eu vou pegar a menorzinha pra morar aqui com a gente. Ela é da idade do Gustavinho. Ela vem prá cá e não quer mais voltar pra casa da mãe. Seu marido, que acompanhava a conversa comenta: Prá senhora ver: ela chama a gente de pai e de mãe. Chama a mãe dela de mãe, mas quando vem pra cá chama a gente de pai e mãe.*

²⁵ Fonseca (1996), salienta que o costume de batizar uma criança duas ou três vezes (em casa, na igreja e em cerimonia de batuque), dando à criança dois ou três padrinhos, é um outro índice da coletivização da responsabilidade por elas.

Pai, mãe, tio são papéis que podem ser assumidos por pessoas com laços consangüíneos ou alguém que queira ocupa-los. Quando a família, em algum momento de dificuldade, não pode cuidar do filho e nem pode deixá-lo com algum parente, ou mesmo não quer cuidar dele, novos pais, ou outros pais podem ser escolhidos para a criança. Duas conselheiras Tutelares que trabalham com as comunidades pesquisadas informaram que, *muitas vezes, quando acontece que uma mãe não pode cuidar do filho, elas já vem até a gente com as coisas arranjadas. Já sabem com quem a criança vai ficar.*

Fonseca (1993,1995) salienta a prática **circulação de crianças** enquanto uma dinâmica estratégica de sobrevivência das crianças em classes populares, considerando como uma estrutura básica de organização de parentesco.

“Observando a prática de circulação de crianças como uma estrutura básica da organização de parentesco, em grupos de baixa renda brasileiros, nossas atenções se voltam de um ‘problema social’ para um processo social, e nosso enfoque analítico muda de o ‘colapso dos valores tradicionais’ para formas alternativas de organização vinculadas a uma cultura popular urbana.” (FONSECA, 1993, p. 116).

Dar uma criança para outra pessoa cuidar é, por vezes, fácil, sobretudo quando a mãe olha para as vantagens de fazê-lo. Não são poucos os apelos para que a Mãe assim o faça. Mas, quando a decisão é tomada, não é difícil o arrependimento vir e a mãe então procurar reaver a criança. Uma adolescente, ao ser cobrada sobre os devidos cuidados que uma mãe dever ter para com uma criança tão pequena, foi alertada pela vizinha: *eu bem que pedi ele prá mim. Tu não quisesses me dá, agora vê se cuida bem dele.* A adolescente então respondeu: *Eu já dei ele prá mãe mas depois eu me arrependi e peguei ele de volta.* Sua avó contou que numa outra ocasião, sua filha tirara a criança dela pois não cuidava direito do menino.

As mães pobres são sempre incentivadas a doarem seus filhos a alguém que possa melhor criá-los, dando-lhes melhores condições de vida. Além de negarem constantemente²⁶, dificilmente elas o fazem de papel passado,

²⁶ Numa conversa entre uma assistente social e uma "ex-menina de rua", a primeira pede a filha mais nova da garota: Dá ela prá mim, Clara? A mãe da criança, acariciando a menina, responde

preferindo então deixar o filho com outra mulher para que cuide da criança por ela, continuando assim com a custódia da criança.

Dar prá cuidá e pegá prá criá são expressões muitos usados. Cuidar ou criar sugerem adoção, porém, observei em campo, denotam sentidos diferentes. Dar o filho para alguém cuidar parece ter um sentido mais temporário, assemelhando-se à "circulação". Cuidá" do filho da outra denota uma relação passageira, de ficar responsável pela criança sem obter quaisquer direitos legais sobre ela. Pegar alguém para criar, no entanto, parece ser mais permanente, conferindo o papel de mãe à adotante. "Pegá prá criá" é um termo muito usado pelas informantes referindo-se à "adoção à brasileira". Quando alguém pega uma criança para criar, ela assume a responsabilidade da criança como se fosse seu filho. Geralmente o "pegá prá criá" culmina em um certo distanciamento da família biológica. "

O caso de Joana foi inicialmente um "pegá prá criá" que acabou se transformando em "adoção legalizada" com apreciação do juizado da Infância e Adolescência. Joana, já com 40 anos, casada há 6 anos quando descobriu que não poderia ter filhos a não ser que passasse por uma operação complicada, decidiu com o marido adotar uma criança. Disse que passou por uma conhecida na comunidade, grávida de 9 meses e "cantou": *quando nascer, dá o teu filho prá mim?* A resposta foi - *eu não dou não, mas eu sei quem dá...* A senhora levou então Joana até a casa da amiga, que se prontificou a dar a filha assim que ela nascesse. Joana acompanhou a mãe da criança nos últimos dias de gravidez, e para ter certeza, antes de levar a menina para casa, perguntou à mãe se ela realmente queria doar a criança. Teve a resposta afirmativa mas tempos depois a mãe se arrependeu de ter dado a filha e veio reclamá-la. Joana disse que não devolveu a menina pois descobriu que a mãe só viera buscá-la pois conseguiria um bom dinheiro pela criança. Foi até o juiz, conseguiu a guarda da menina e depois registrou ela como filha. Daí para frente, diz que criou a menina como filha.

prontamente, - *Não dou não... Ela vai herdar tudo que eu tenho.* Sua mãe, Dona Denise, tendo 6 dos seus oito filhos dormindo temporariamente na rua, e 1 deles permanentemente, ao conversar com a caixa de uma padaria à qual ela sempre pedia pão, disse que esta pediu-lhe o filho mais novo para criar. Comentou então comigo: *Elas acham que é só a gente dar o filho e pronto...*

As instituições também são espaços onde a circulação de crianças e adolescentes é possível. Não são raros os relatos das "ex-crianças de rua", contando sobre seus dias nessas instituições. Por vezes iam 4 ou 5 irmãos²⁷. Neste caso, esta fase transitória, segundo Adriana, *que a mãe não podia cuidar da gente*, não é uma entrega à adoção, mas sim, uma forma de apoiar-se para a criação dos filhos.

Algumas mães demonstraram imenso receio em perder a guarda dos filhos, com o conseqüente encaminhamento deste à adoção. Este receio é maior quanto menor a idade da criança. Uma avó, quando viu sua filha perder temporariamente a guarda do neto por falta de espaço ideal de moradia, prometeu à Conselheira Tutelar: *eu vô lutar por esse menino nem que eu tenha que ir até o inferno pra ter ele de volta...*

A prática de dar seu filho a outra mulher para que cuide dele não é privilégio da nossa época. Charles de La Ronciere (1994), falando da Europa no limiar da Renascença (século XVI), diz que entre os toscanos as crianças pequenas partilhavam em parte o destino de suas mães.

"Em parte apenas pois na burguesia, os bebês são excepcionalmente amamentados por sua mãe. São confiados a amas-de-leite, das quais apenas um quarto (23%) são instaladas na casa dos patrões. Na proporção de três ou quatro, os bebês passam todos os seus primeiros meses longe de sua casa, e até mais, já que 53% deles não são retomados por sua família senão após os 18 anos, pelo menos." (La Ronciere, 1994, p.223-224)

Philippe Ariés chama atenção para um texto italiano do fim do século XV, onde está descrito como pais Ingleses colocavam seus filhos para trabalharem e serem educados em outras casas.

²⁷ Uma dessas "ex-meninas de rua", hoje com 21 anos, comparando a vida de rua dela e das irmãs mais velhas com a de seus irmãos mais novos e um sobrinho, disse que ia para rua mas que naquela época elas ficavam numa instituição e que lá aprendeu várias coisas. *A gente ia porque a mãe precisava. A mãe não podia cuidar da gente.. Hoje é diferente, as crianças ficam tudo solta por aí. A gente ia prá rua mas depois ficou um tempão lá, aprendendo. Hoje eles só querem saber de vagabundear por aí.*

"de sete a nove anos na casa de outras pessoas para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de sete a nove anos (portanto até cerca de 14 a 18 anos). Elas são chamadas então de aprendizes. Há poucos que evitam este tratamento, pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviam assim suas crianças para casas alheias, enquanto recebem no seu próprio lar crianças estranhas." (Ariés: 1981; pp. 225-226)

Relatos da historiadora da UFSC Cristina Scheibe Wolff (1998), na sua recente pesquisa sobre mulheres do Alto Juruá (Acre), referem-se a crianças que, tendo sua mãe enviuvado e casado novamente, circulavam entre a casa dos avós maternos e a de um tio (que já tinha suas próprias crianças). A filha mais velha, ficou junto da mãe, já que podia ajudar nas tarefas domésticas. Segundo a historiadora esta prática era muito comum na região.

Se em outras épocas, como vemos acima, tal atitude parece ser considerada normal, fazendo parte inclusive da educação da criança, na nossa época, a mãe que se utiliza de tal dinâmica é chamada de "mãe desnaturada". Segundo vários autores (D'Incão, 1989, 1997; Fonseca, 1989, 1995b; Leite & Massaini, 1989), o amor materno, assim como o amor conjugal e a relação amor-família são invenções modernas. Também, a criança não ocupava o centro das atenções, como é exigido às famílias da "modernidade".

O termo "desnaturada" indica que a mulher está indo contra a sua natureza que é a de gerar, amar e cuidar dos seus filhos. Verena Stolcke (1991), discutindo a "velha" questão antropológica, natureza-cultura, inicia o seu texto *"Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?"*, abordando citações médicas do século XIX que afirmavam estar a essência da mulher no seu ventre. *"...outro médico levou adiante essa concepção sobre as mulheres: era, argumentava ele, 'como se o Todo-Poderoso, ao criar o sexo feminino, tivesse pegado o útero e, em torno dele, construído uma mulher."* (Stolcke, 1991, p.101). A mulher que rejeita a possibilidade de gerar filhos por motivos que não a infertilidade de um dos parceiros, em muitos casos é chamada de egoísta; mas isto é bem mais compreensível, uma vez que a igreja disseminou (extensivamente) a idéia de que sexo é para a procriação e não para satisfazer os tão temidos desejos carnavais, rejeitando e levando ao fogo dos infernos todas as relações que excluía a procriação, como o homossexualismo.

Pude observar, assim como Fonseca (1995), pelas situações extraídas do campo, que são diversos os fatores que se apresentam como motivadores da “circulação de crianças”. Além do desejo de ser mãe, do amor às crianças, e o *status* que uma criança concede a um casal, a presença da criança na casa é muito bem vinda enquanto uma ajudante nas tarefas, ou mesmo uma trabalhadora. Ela troca então o seu sustento pelas atividades que possa exercer. Este “contrato” pode ser explicitado, como no caso abaixo, ou não.

A ausência de Paulo (13) da casa da sua família biológica foi assim justificada pela mãe: *lá pelo menos tá "aprendendo uma profissão"*. Visitara a casa da Tetê por diversas vezes. Fiquei surpresa quando ela me disse que tinha um filho que não morava com ela. Perguntei o motivo. Disse que ele trabalhava numa família ali na comunidade mesmo. *O pessoal gosta dele, aí ele foi morar lá. Ele cuida dos cavalos do homem e aprende uma profissão.*

Paulo cuida dos cavalos e de fato gosta muito da família que o acolheu. Não deixa no entanto, de visitar a mãe e fazer-lhe agrados. Na última vez que estivemos juntos, pediram que os fotografasse juntos. Quis aparecer na foto beijando o rosto da mãe.

É patente como crianças, em circulação, são muitas vezes desejadas por oferecerem a seus tutores uma força a mais no trabalho doméstico, ou ainda de buscarem uma ajuda na rua, ou em algum emprego. Aqui o conceito de “amor materno” pode estar carregado de outros significados. Pensa-se na ajuda ou no incômodo que uma criança pode oferecer.

A professora de Jú (08) e Rob (09), contando sobre as dificuldades que passam os meninos em casa, pois o pai tem tuberculose e a mãe não trabalha, disse que as duas irmãs deles moram com a tia. *A senhora pode até pensar que é porque ela gosta da meninas, mas dá pra ver que ela escolheu as meninas porque elas podem ajudar em casa. Os meninos ela não quis...*

Uma educadora do Morro do Mocotó justifica a ausência de algumas crianças da comunidade na instituição que trabalha: *Os que não freqüentam a Casa da Criança são as que os pais não deixam vir pois tem que trabalhar, ajudar em casa.*

Segundo eles, aqui as crianças ficam brincando. Agora a comunidade não tem muita criança de rua. Os que estão no Centro é prá cuidar de carro, pedir.

Observação semelhante é feita por Fábio Pinto (1994), numa pesquisa feita no Bairro Monte Cristo. O pesquisador constata que a lógica usada pelos pais para não deixarem as crianças participarem das atividades desenvolvidas pela instituição que trabalhava era a de que *ali elas só brincavam, não faziam mais nada.*

Segundo Zaluar (1994) as razões para incorporação de parentes ao grupo doméstico podem ser práticas, tendo a ver com os interesses do mesmo. Pessoas idosas recebem sobrinhos e afilhados jovens buscando companhia e ajuda nos serviços domésticos.

No entanto, a garantia de uma educação formal, como do amor materno, são observados pela autora Cláudia Fonseca como um ideal freqüentemente levantado pelas pessoas nos processos de pedidos de tutela das crianças.

De fato, a disputa por uma criança se dá também pelo afeto que pais e avós têm por ela. Uma senhora, indo visitar o neto de um pouco mais de um ano, que fora internado no Lar São Vicente pois a mãe usava drogas, prometia que assim que pudesse iria *cuidar do menino e não deixar a louca da mãe pegasse ele de volta.* A avó demonstrava muito carinho pelo menino, e assim que a nora chegou, ficou perceptível a disputa pelo garoto.

Concorrendo, ou atuando em conjunto, estes fatores garantem uma circularidade da infância, o que nos ajuda a pensar nas diferentes dinâmicas de cuidados com a criança em diferentes grupos.

Na medida em que esta dinâmica gera conflitos entre as famílias, cada qual buscando o convívio com a criança, a resolução pode estar em acionar a legislação. A "lei" pode ser útil ou "atrapalhar". Depende da situação em que as pessoas se encontram. A lei é uma carta na manga, que tem validade na hora de resolver alguma questão onde as partes interessadas não conseguem resolver em conversa ou acordo.

Dona Maria, mãe de três meninas que vendem balas no Centro, assim que seu filho casado foi preso pela segunda vez, avisou à sua nora que cuidasse do filho direito. O menino ficava com ela cada vez que a Joana decidia ir morar na

rua. Tão logo quisesse, contra a vontade dos sogros, sentia com direito seu levar o menino consigo, inclusive para a rua. Tendo se repetido a cena por 3 ou 4 vezes, a avó disse que não iria aturar aquela situação, *aquela leva e trás, aquela vagabundagem*. Se dirigiu até o Conselho Tutelar e pediu a guarda da criança. Esta mesma senhora, tendo suas filhas "menores" trabalhando no Centro, irritada com a situação em que se encontrava depois que sua família, por decisão do marido, migra para Florianópolis, reclama: *este pessoal do Conselho vive enchendo a gente, querendo que as crianças parem de trabalhar....*

Em Florianópolis, um advogado de causas populares contou-me, que ao tratar da adoção de uma criança cujos pais haviam morrido num acidente, a mulher interessada na adoção, comadre da falecida, moradora da Mont Serrat - comunidade pobre de Florianópolis, encontrando muitos empecilhos burocráticos para a adoção, comenta, chateada: *Se tivesse feito como a maioria do pessoal lá do morro já tava com a menina. Lá a gente tem um monte de criança que um cuida daqui, outro cuida dali, mas não tá no nome de ninguém*. Neste caso ficou nítido o choque entre a prática da comunidade com a proposta de adoção legal feita pelo Estado.

A adoção legalizada segue uma outra lógica, condenando a dinâmica da "adoção à brasileira" como crime, prescrevendo a 12 anos de reclusão. A colocação em família substituta, perante a legislação, far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção (art. 28, da Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente). Dentro da legislação, a adoção é entendida como um mecanismo que estabelece vínculo fictício de paternidade com um estranho, e ao mesmo tempo rompe os laços com os consangüíneos quando desliga o menor judicialmente da vida familiar anterior. Ascendentes e irmãos do adotante estão proibidos de adotá-lo. A circulação, ao contrário, se estabelece entre conhecidos, vizinhos e parentes.

Vemos, no entanto, que é recente a legitimização da adoção no Brasil. Esta só se deu a partir de 1965, *"onde a adoção é o reconhecimento do fato universal de que a paternidade biológica perde hoje importância perante a paternidade social. Os aspectos ligados à consangüinidade e ao patrimônio tendem a passar a segundo plano, e tornam-se*

relevantes os aspectos afetivos e emocionais que os psicólogos julgam decisivos na formação da criança." (Kauss, 1993). Então, mais importante que gerar é criar. Antes disto, no entanto, o adotado mantinha vínculo de filiação com sua família biológica, tanto que ele continuava herdeiro do seu pai de sangue.

Para adotar legalmente é necessário cadastrar-se na Vara da Infância e da Juventude, apresentar documentos pessoais, apresentar atestado de sanidade física e mental, antecedentes criminais, comprovante de renda e algumas fotos da casa do interessado. Depois passará pela avaliação dos técnicos (psicólogos, médicos, juristas). O adotante deve ser maior de 21 anos, independente do estado civil, e ter mais do que 16 anos que o adotado. A adoção deve ser precedida de um estágio de convivência acompanhada pelo juiz. A criança pode ser adotada quando é órfão, os pais são desconhecidos ou a partir do momento em que os pais biológicos são destituídos do pátrio poder²⁸. *Toda essa burocracia*, diz uma orientadora de uma instituição de adoção em São Paulo, é importante pois garante que a mãe adotiva não correrá o risco de perder a criança para a mãe biológica.

Talvez este dado nos ajude a compreender o quanto a prática da adoção à brasileira é utilizada em várias regiões do Brasil. Já, as instituições de adoção vêem as filas de crianças mais velhas engrossarem, na esperança de que alguém as queira adotar, já que a preferência na procura para adoção é sempre de bebês recém-nascidos. As adoções tardias, as adoções interraciais e a adoção de crianças portadoras do Vírus HIV são as mais difíceis de acontecerem.

Bem Kauss (1993) falando sobre o contrato de adoção no Estatuto da Criança e do Adolescente critica a forma imperativa com que o estado se coloca perante tal acordo.

"... a moderna adoção, toda ela dirigida no sentido de interesse dos menores até 18 anos de idade, não está cingida ao mero ajuste de vontades, mas dependente da

²⁸ A destituição do pátrio poder é definida pelo art. 24 da lei nº 8.069 (ECA) - A perda e a suspensão do pátrio poder serão decretadas judicialmente, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o art. 22. O artigo 22 da mesma lei define que - aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.

marcante presença do Estado, senhor da decisão de poder ou não adotar. O final do procedimento da adoção não é uma simples homologação de acordo de vontades, mas uma sentença concessiva ou não da adoção pretendida. Diante do exposto, pensamos não poder caracterizar como contrato ato de tal natureza, onde o interesse público prevalece sempre sobre a vontade que é manifestada pelos interessados, mas desejada pelo Estado nas condições por ele impostas e sempre impregnadas dos conceitos de ordem pública, impondo-se a todos de modo imperativo." (1993, p. 12)

Se a circulação de crianças garante, de certa forma, a possibilidade de sobrevivência para crianças das classes populares, as instituições colocam-se como parentes próximos que **adotam** crianças que estejam sob as seguintes categorias: situação irregular; família desestruturada; abandonada sem família; criança carente, sem proteção da família; menor de conduta anti-social; menor infrator; deficientes físicos e mentais e finalmente, menores perambulantes (sem ofício) expulsos da escola, fugitivo do lar²⁹. A relação com as instituições internatos tem um duplo efeito. Tanto ela pode servir de apoio e a criança passar por lá e voltar ao convívio da família (de sangue ou adotiva) anos depois, sem maiores problemas, quanto ela pode ir perdendo o contato com os parentes, saindo então da possibilidade de contar com a rede de relações que lhe oferece a circulação³⁰. As crianças, quando passam muitos anos nestas instituições geralmente perdem a noção de parentesco que normalmente teriam se estivessem em **circulação**³¹.

4.4 Gênero (em casa e na rua)

O cotidiano das famílias é campo fértil em elementos para uma reflexão de gênero. As relações familiares têm interações nem sempre pacíficas. Relações que se manifestam ora em cenas conflituosas, ora por cenas afetivas, de zelo de um para com o outro - reciprocamente -, num "toma lá dá cá". Cenas que são "palco"

²⁹ Segundo Milito e Silva "as crianças passavam a ser internadas nestas instituições e só podiam sair com ordem do Juiz, inclusive para visitar a família". (Milito, 1995, p. 122).

³⁰ Em Herzer (1988), autobiografia de uma menina internada na FEBEM, encontramos uma visão da criança sobre estas instituições e o efeito que ela causa na **reeducação** de seus internos.

³¹ Ver Altoé (1990), onde a autora faz um aprofundado estudo sobre instituições como a FUNABEM (Fundação Nacional do bem Estar do Menor), fundada em 1964 e as FEBENS (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor),

onde os sujeitos vão construindo suas identidades, exercendo e improvisando papéis aqui e ali, remodelando-os, reconstruindo-os, ajustando-os a novas experiências e aprendizados³².

Goffman (1989), em "*Representação do eu na vida Cotidiana*", falando da simetria e assimetria da interação entre atores sociais, lembra:

"Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele." (Goffman, 1989, p. 18)

Relações de gênero são então, como todas as relações entre atores sociais, carregadas de poder, mas, como nos lembra Machado (1992) "*Podem ser relações de prestígio, podem ser relações complementares e recíprocas e ao mesmo tempo configurando ou não relações de poder*".

Ainda que neste capítulo, em toda sua extensão, trato de questões referentes a relações de gênero, foco aqui principalmente a forma como os atores interagem com questões como papéis de gênero, valorizações de homem e de mulher, tratamento à criança, formas e noções de casamento e namoro.

4.4.1 Tarefas domésticas e o sustento do grupo familiar

As mulheres cuidam das casas e dos filhos. Elas têm que ter o capricho da higiene do lar, e manter os filhos limpos e alimentados. Se não o fazem, são logo chamadas de "preguiçosas". O controle é feito entre elas próprias: mães, vizinhas, avós ou amigas da família. Mesmo sendo a casa pequena, com poucos cômodos, e

³² Entendendo como Grossi (1989). que as noções ligadas ao gênero são produtos de processo sociais e culturais, o que implica em duas premissas: 1) identidades de gênero constroem-se de forma relacional, ou seja, pelo contraste permanente com o outro; 2) o gênero é mutável e conjuntural (pelo fato das relações entre homens e mulheres e as representações que fazem destas relações não serem estanques, mas dinâmicas).. *Ao usar a categoria gênero estamos trabalhando com as construções simbólicas do feminino e do masculino em cada sociedade, onde haverá um permanente articulação entre o que determina um gênero e outro e onde a noção de assimetria será determinante para a compreensão não só da dominação das mulheres pelos homens mas também no espaço do poder feminino no interior de cada cultura.* (1989,p. 21)

que não contenha os móveis adequados para que a arrumação dure por mais tempo, é preciso estar sempre arrumando, lavando, varrendo, dando um aspecto de limpeza ao ambiente. O capricho da mulher é uma das qualidades apreciadas por homens, mulheres e inclusive pelos filhos. Ele pode aparecer no ato da limpeza de panelas, que brilhando tanto, espelha, reflete as qualidades da dona de casa³³.

Apesar do sustento do grupo e o trabalho na rua ser visto como tarefa masculina, nem sempre isto é o que acontece, conforme mencionado no capítulo 3. Exercendo trabalhos informais, como servente, catador de papelão, biscateiro, "chapa" (descarregador de caminhões de carga), e estando quase sempre desempregados, é constante sua presença na casa ou nas redondezas da mesma. Também porque, em alguns casos, são aposentados, ou "encostados" devido algum problema de saúde. Não era raro encontrá-los, à meia tarde, encostados numa cadeira em frente à TV, ou numa prosa com o vizinho, também desempregado, fato que dissolve um pouco a dicotomia conceitual - mulher/casa, homem/rua³⁴. Também porque as mulheres, além dos cuidados da casa e o dos filhos, "vão à luta", catando papel, trabalhando como domésticas, vendendo produtos cosméticos, fazendo peças de crochê ou tricô, catando papelão, mendigando, levando os filhos ou outras crianças para vender balas ou para pedir e ainda se prostituindo.

Apesar do homem muitas vezes não conseguir prover a família, dificilmente ele ajudará nas tarefas domésticas. Pode, isto sim, contribuir ficando com as crianças, vez por outra. Mesmo assim, não é prática que assumam a responsabilidade dos mesmos por muito tempo³⁵. "Cuidar da casa" apareceu

³³ A beleza das panelas da casa de Denise era fato notório. Admirada pelo brilho das mesmas, contrastada com as condições precárias de sua moradia, vi que diziam mais que panelas limpas. Mostravam o quanto aquela mulher pobre, sem condições de criar seus filhos, tinha o gosto pela beleza dos aparatos domésticos. - *Eu gosto de ver elas brilharem. Eu comprei este jogo de panelas quando nós recebemos a indenização pela outra casa que queimou.*

³⁴ Como nos lembra Fonseca (1992) no seu texto *Honra, Humor e Relações de gênero: Um estudo de Caso - Esta dicotomia, particularmente bem adaptada à progressiva separação dos espaços feminino e masculino na família burguesa do Século XX, deve ser aplicada com cautela em outros contextos.*

³⁵ A criança é logo devolvida à mãe ou a responsável para tarefas como trocar a criança, alimentá-la, dar banho, ficar com ela quando chora.

como uma tarefa de vigília da mesma. Um dia convidei Pedro para irmos até a casa de um amigo e ele negou - *Não posso. Tenho que cuidar da casa prá mãe.* Achei que iria limpar a casa. Ele me esclareceu - *É que eu não posso deixar a casa sozinha!* A responsabilidade de Pedro de cuidar da casa, comparada aos momentos em que é encontrado na rua é mais um contraste interessante a ser salientado aqui. Pedro representa muito bem a ambivalência entre ser um menino de casa ou ser um menino de rua. Se em alguns momentos ele zela pela casa, como um rapaz comportado, provendo a família, em outros momentos o encontrei na rua com cabelo crescido, completamente sujo, com roupas menores que seus braços pediam, descalço e esmolando nos bares da Rodoviária. Neste dia, estava com seus dois irmãos mais novos e todos estavam esmolando. Transparecia uma liberdade corporal que não vira quando o encontrava em casa.

Mesmo que os homens não admitam estar fazendo "atividades de mulher", há os que se envolvam com tais atividades sem, na prática, fazer distinção entre "atividade de homem/atividade de mulher" tão duramente. Ouvi Angélica ordenar às filhas que fossem até o barraco que moravam, pois o Adilson, padrasto das meninas, tinha feito almoço. Tais "coisas de homem e coisas de mulher" são distinguidas por Maurício³⁶, morador do Morro da Caixa (Florianópolis), caso estudado por Maria Juracy Toneli Siqueira em sua Tese de Doutorado. Maurício realizava as tarefas domésticas enquanto a mulher trabalhava fora, o que vem mais uma vez mostrar o quanto o homem também pode ser atuante nas atividades domésticas.

O receio de ser taxado de "*marica*", "*mão virada*", "*viado*", "*bicha*" é presente nas falas principalmente dos garotos. A famosa frase "isto é coisa pra mulher", foi repetida quando chamados para exercer as tais "atividades femininas". Siqueira diz ainda que para Maurício, a maioria dos homens do bairro não executa qualquer atividade doméstica em função do "*machismo*". Diz que "*prá eles é uma*

³⁶ Siqueira (1997) diz que Maurício aponta como atividades femininas, as "coisas de mulher": cozinhar, lavar a louça e a roupa, passar, arrumar a casa, cuidar dos filhos. As "de homem": limpar o quintal, consertar coisas como os eletrodomésticos e fazer reparos na casa, construir a casa.

ofensa".

As mulheres também separam as atividades entre as "coisas de homem e as de mulher". É cobrado pelas mulheres que o homem seja o provedor da casa, sustentando o grupo, e executando as tarefas que elas consideram "de homens". Bebel (18), "ex-menina de rua", mãe de uma menina de 1 ano e meio e grávida de 6 meses, sentada no banco da Praça XV, pedia um trocado para comprar leite para filha quando uma amiga indignou-se - *Cadê o Chico?. Manda o teu marido batalhá!!! , ou ele acha que é só botar filho no mundo...?* Numa outra situação, Kika (18), também ex-menina de rua, atarefada com as atividades da casa, ao falar que precisava que alguém trocasse a lâmpada da casa, foi interrogada pela comadre: *pede pro teu marido*. Ela olhou para mim e rindo respondeu: *minha filha, Homem só serve pra enfeitar Ele não se mexe, nem que eu implore...*

No caso de faltar a mãe, o papel de "dona de casa" e mãe pode ser assumido por uma filha, ou pela avó, ou ainda outra parente, como foi o caso da família do viúvo Sr. Sebastião. Assim que a mãe faleceu, Josilene, sua filha de 13 anos assumiu as tarefas da casa (como lavar, cozinhar, limpar), os cuidados dos seus 6 irmãos mais novos, numa sobrecarga de atividades que muitas "mulheres feitas" reclamariam. Seu empenho era tamanho que lhe sobrava pouco tempo para si. Os irmãos, ainda que mais velhos que ela, ajudavam fazendo biscates e trazendo um *dinheirinho* para ajudar no sustento da casa.

O mesmo parece ocorrer no caso da falta ser a paterna. Ao se separar do segundo marido, que vinha ajudando no sustento da casa, Pedro (17), o filho mais velho de Denise que se encontrava em casa, assumira o sustento da mãe, da avó e de dois irmãos, coisa que fazia sob um tremendo esforço já que, como ex-menino de rua, empregara-se no Projeto Guarda Mirim³⁷, recebendo 60 reais por mês, e para manter-se no emprego tinha que freqüentar a escola. O papel de arrimo de família, ou o papel de mãe de um grupo com 10 pessoas faz com que estes

³⁷ Projeto Guarda Mirim - Projeto conveniado entre AFLOV e Prefeitura Municipal de Florianópolis que emprega adolescentes a partir de 14 anos, com a condição de que eles freqüentem a escola.

adolescentes "cresçam" para o mundo adulto, marcados por um ritual cotidiano que lhes exige grande responsabilidade.

Porém, mesmo que a mãe e o pai estejam presentes no grupo doméstico, crianças e adolescentes de ambos os sexos não escapam da obrigação de "ajudar" em tarefas domésticas ou em trazer algum dinheiro para a casa. Apesar de ser evidente a demarcação dos papéis atribuídos ao gênero masculino e ao feminino nas falas e nas práticas do grupo pesquisado - meninos trabalham fora, meninas ajudam em casa - mesmo na infância, tais construções podem ser relativizadas. Meninas trabalham fora, e meninos cuidam da casa e dos irmãos. Vai depender de como está configurado o grupo doméstico. Por exemplo, numa família em que a mãe e pai precisam trabalhar fora, os dois irmãos mais velhos, os dois meninos, cuidam do bebê, cozinham, limpam a casa. Já numa outra família com 5 filhos, 1 menino e 4 meninas, todos eles trabalham com o pai vendendo balas na cidade. Duas das meninas mais novas (06 e 07 anos) são preferidas pelo pai para executar tal tarefa. São as que conseguem obter maior lucro nas vendas. Numa terceira família, a filha mulher, sendo mais jovem que dois rapazes, assumiu todos os cuidados da casa, sendo ajudada apenas por um dos irmãos mais jovens. Cabe salientar que na maioria das vezes em que os rapazes exerciam atividades domésticas era para ajudar a irmã ou porque não tinha uma irmã que fizesse. Quando se trata de dividir as tarefas quotidianas da casa, os rapazes, na medida que vão crescendo, passam a não querer participar das mesmas³⁸.

Apesar das meninas trabalharem fora desde muito cedo, tendo assim um grande contato com o mundo da rua, são sempre mais controladas. Ainda que os pais expressem medo das crianças (meninos e meninas) se "perderem" na rua, como veremos no capítulo seguinte, as garotas são muito mais "cuidadas". É mais fácil ver os meninos trabalhando longe de casa sem a presença de um adulto.

³⁸ Heilborn (1994) "Quem mandou nascer primeiro?": Gênero e idade em famílias trabalhadoras urbanas, reporta à uma pesquisa feita em comunidades de periferia do Rio de Janeiro, onde a autora faz uma investigação sobre crianças e adolescentes moradores de dois bairros populares cariocas, visando demonstrar de que modo a conjugação gênero e idade é estruturante nas posições que ocupam na família. A autora diz que o trabalho dos meninos aparece de forma muito mais eventual na casa e sua ajuda se configura muito mais pelo trabalho na rua.

O pai como provedor e a mulher como a que cuida dos filhos e dona de casa são papéis que de um jeito ou outro, mais ou menos estabelecidos, contribui na construção das identidades de homens e mulheres. A demonstração de virilidade é importante tanto para o universo masculino quanto para o feminino e se concretiza pela paternidade. Porém, a negociação entre os papéis estabelecidos e novas condutas, desconstrução e reconstrução de novos comportamentos, vai moldando as relações de tal forma, criando novos hábitos, novas práticas sociais, relacionadas à noção do que é ser um homem/ ser uma mulher. Assim, a fragilidade feminina e a força masculina nem sempre se confirmam na prática das relações sociais.

4.4.2 Ser pai, ser mãe, ser filho

As conversas sobre ser pai/mãe surgiam em meio a conversas sobre a infância. Ser pai e ser mãe é papel estimulado desde a mais tenra idade em brincadeiras, ou, bem comum nos grupos que entrevistei, pela necessidade de cuidar de irmãos mais novos, sobrinhos.

Não foram poucas as visitas feitas às crianças da Casa da Cidadania³⁹, onde fui convidada a brincar de casinha. Nesta brincadeira, meninos e meninas se envolviam de forma compenetrada, transformando bonecos em filhos ora precisando de médicos, ora incomodando com alguma travessura. Em alguns casos, além dos bonecos, as crianças menores tinham como designação do grupo, assumir o papel de filho ou mesmo se dispunham a tal como parte do jogo. O que representava este papel, precisava cumprir tarefas delegadas pelos "pais de mentirinha", ir e vir conforme estes lhes indicassem, ou fazendo o tipo "filho rebelde", negar-se a tal, causando outra direção à brincadeira. Em muitos casos tive que assumir o papel de tia, comadre ou avó. Perguntei-lhes porque sempre me davam o papel de mãe, ou tia e nunca de filha. Me olharam, e Cibele, a mais velha da turma, que também era mãe na brincadeira, respondeu balançando a

³⁹ Visitava as crianças desta instituição geralmente no intervalo do meio dia - horário em que estas não têm atividades programadas pelos educadores e que podiam fazer brincadeiras que desejassem.

cabeça: *porque a tia é maior, né!? Como tia, ou como comadre também tinha o (s) meu(s) filho (s), papel que geralmente era reivindicado por Tuca, um menino negro de 05 anos e Cássia, menina de 07 anos. Passávamos horas exercitando tais papéis, e ali, muita coisa do cotidiano da família aparecia, demonstrando tratamentos, relações, realidades dos grupos familiares daquelas crianças. Por vezes perguntava, como quem não entendia: é assim que é na tua casa? - e a resposta era afirmativa.*

Além das brincadeiras, onde o significado de ser pai, ser mãe, ter filhos aparece como um forte valor, em conversas e situações cotidianas, pude observar o mesmo.

Misael, morador de rua e pai aos 16 anos, a cada vez que falávamos no seu filho, demonstrava grande satisfação, dizendo que tinha *o maior orgulho do Júnior. - Eu não deixo faltar nada pra ele. Tudo que ele quer eu dou. Levo todos os dias um presentinho prá ele.*

Sentadas no sofá da casa de Tetê, tomávamos chimarrão e "jogávamos conversa fora". A TV estava ligada. De repente nos chamou atenção o filme que passava. A história tratava da relação de um pai que teve que cuidar da filha porque sua mulher morreu no parto. Ele não conseguia aceitar a criança pois achava que ela tinha sido o motivo da perda da sua esposa. Queria dar em adoção. Célia (21), uma vizinha de Tetê comentou: *A criança não tem culpa, né? Eu daria a minha vida por uma criança. Preferia morrer, do que ver a criança morrer. Ele não entende que a criança não tem culpa...* Contou-nos então que está grávida do terceiro filho. *O primeiro morreu. A segunda tem um problema na perna, uma mais curta que a outra, problemas de compatibilidade de sangue, e esta gravidez é de risco. Na outra gravidez tive que ficar a partir do 3º mês o tempo todo deitada, em repouso. Tinha risco pra mim e pro bebê. Eu já não agüentava ficar muito tempo parada. Imagina ficar só deitada... Mas valeu, a menina tá lá com a minha mãe. Ela agora tá imitando tudo o que gente faz. Ela é muito inteligente. Precisa ver o que ela faz...*

Outra situação que remete à importância da mulher ter um filho foi uma conversa com Alex, morador do Monte Cristo. O garoto perguntou quantos anos

eu tinha e logo atrás, se eu tinha filhos. No mesmo dia, conversava com sua mãe na porta da sua casa, e fomos surpreendidas por Alex, que tocando o braço da mãe, anunciou: *ela tem trinta anos e não tem nenhum filho, mãe...* Sua mãe, meio sem jeito disse - *o que é que têm Alex...* O tom da fala do garoto parecia querer dizer: *como pode uma mulher com trinta anos não ter filhos?*

Numa outra ocasião, conversando com Tatiane (15), irmã de Alex, assim que esta casou, ela me disse que não queria ter filhos já. Depois acrescenta *que é bom ter filho prá acompanhar a gente quando a gente ficar velho. Eu queria ter um casal, um menino e uma menina. O menino logo casa e vai embora. A menina acompanha a gente.*

Numa conversa com Sr. Luiz e Sr. Pedro, líderes da comunidade Chico Mendes eles dialogavam os papéis de pai e de filho. Para Sr. Luiz *"Hoje é muito difícil ser pai e ser filho. Tudo está muito diferente. Muitos pais que trabalham o dia todo deveriam tirar 15 minutos à noite para uma conversa com os filhos. Isto não existe em muitas famílias (reclama). Os pais não se importam em como estão os filhos. Sr. Pedro, em fala calma explica: - Sabe o que é dona? É este negócio do Estatuto da Criança. Hoje a gente não pode mais bater num filho... Eu bato, se merece eu bato. Senão, se deixar eles é quem mandam na gente.*

O direito de educar os filhos conforme seus próprios princípios é reclamado por Tetê quando a polícia tenta impedi-la de bater na filha em público: *o senhor não se meta em assunto de família. Fui eu que passei trabalho prá botar ela no mundo, criei até hoje... eu bato sim, se ela estiver errada eu bato. Vai querer dizer que eu não posso nem educar meus filhos? Depois ela vira vagabunda e a culpa ainda é minha...*

Uma forte indicação da importância de ter filho é o ato da adoção. Mesmo os que não podem ter filhos, buscam preencher este espaço, adotando. A senhora da comunidade que adotara uma menina diz que como filha e se orgulha porque, apesar dela saber que é adotada, a têm como mãe verdadeira. Acrescenta: *Quero adotar mais um menino.*

Nem sempre o pai ou a mãe considerados são os de sangue. Para Simone, por exemplo, o valor em ser mãe está também em criar alguém.

A afetividade, o carinho dispensados a Angélica por seu padrasto quando ela era criança, transformaram o padrasto em pai de consideração. *Meu pai de sangue eu tenho ódio dele, não quero nem ver. Meu pai, o que eu considero meu pai, é o meu padrasto. Ele sim me cuidou. Foi ele que comprou a minha primeira lancheira. Ele dava de tudo prá gente. Ele me dava carinho, mas até que minha mãe encheu o saco dele e ele foi embora. Ela era muito nervosa.*

Ser provedor, dar sustento ao filho é considerado como uma tarefa do pai. É importante para segurar o *status* de pai. Assim como ser mãe é cuidar bem do filho, educá-lo. Sr. Pedro abdicou de ser o marido, mas não de ser pai e provedor da casa. Separou-se da mulher, mas continuou sustentando o grupo composto por dois filhos seus e duas filhas da primeira relação da mulher. Confessou, entristecido, que se mata trabalhando para dar tudo para mulher ficar em casa e cuidar dos filhos. *Mas ela não tem jeito. Anda o dia inteiro por aí, e não olha mais as crianças. A Dona vê se não dá um desgosto a gente ver estas crianças assim largadas pela mãe. As meninas já tão indo no mau caminho. O cara só tem que ficar desanimado de trabalhar.*

4.4.3 Namoro, Casamento, amor e outros "demônios"

4.4.3.1 "Pegá barriga": A gravidez na adolescência:

A gravidez na adolescência é muito comum. A menina inicia a carreira de mãe já nos primeiros anos de sua vida de fertilidade, vendo a sua barriga crescer junto com o próprio corpo a adoescer. Ser mãe lhe confere um status próprio do mundo adulto - lhe remete a um universo dos adultos quase como um ritual de passagem. *Pegá barriga* muitas vezes é já nos primeiros anos de iniciação sexual, uma demonstração que a mulher não é "falhada". Mas, a gravidez precoce tem um duplo sentido na vida das jovens mulheres. Se por um lado é uma demonstração de fertilidade, de iniciação no mundo adulto, por outro, é um fardo a ser carregado por todo lado em que vão. Prende as adolescentes em casa, obrigando-as a passar uma época em que estão com toda potência para o namoro,

limpando bunda de bebê, como disse Clara, mãe aos dezesseis anos⁴⁰. Outro incômodo é que, quando o pai da criança não ajuda no sustento da mesma, o que é bem comum, elas ficam com a dupla tarefa: a de cuidar da criança em casa, e a de buscar sustento para si e para a criança, já que seus pais nem sempre podem alimentar mais uma boca.

Porém, é comum, quando a adolescente engravida, ser acolhida pela mãe, que faz questão de ajudar no enxoval da criança, fazendo da gravidez da filha, quase uma gravidez sua. Os netos passam a ser quase filhos. Foi o caso da gravidez de Michele aos 14 anos. Juntara-se com um rapaz de 18 anos. Ao receber reclamações da filha de que estava sendo maltratada pelo marido, que envolvia-se com drogas e deixava sua filha passar fome, trouxe-a de volta para sua casa, mesmo esta estando grávida de 5 meses. Falou claramente que não criou seus filhos com tanto amor e carinho para vê-los passar fome. *Eu que tava sustentando dela e ainda dele, aquele vagabundo. Eu trouxe ela porque por enquanto é só um filho. Fica lá com ele, daqui um pouco vêm mais um, aí fica mais difícil. Assim, aqui em casa, eu posso cuidar dela.*

A gravidez é um forte motivo para adolescentes irem morar juntos e assumirem uma vida de casados. A gravidez é um momento que exige determinados cuidados. Não é considerado como doença, mas como um momento de graça, onde a mulher está esperando uma outra pessoa, um bebê. Isto, por si só, parece ser considerado um motivo para que ela seja protegida. Simone, ao ouvir a história da irmã e de uma amiga que bateram numa garota da comunidade por ter falado mal delas, indaga se esta está grávida. A resposta é afirmativa. Simone se rebela contra a atitude da irmã, retrucando: *e vocês bateram numa mulher esperando nenê? Vocês não tem vergonha na cara.... Vou bater em vocês quando tiverem assim para vocês verem o que é bom...*

Algumas garotas disseram que quando têm um namoro com alguém que gostam, têm o hábito de guardar algo pessoal dele como recordação. Camisetas,

⁴⁰ Reclamava que o Conselho Tutelar viria atrás dela pois levava seu filho de um ano e dois meses para pular carnaval no Centro. Suas amigas achavam que era por isso que ele adoecera. Ela se

calções, cuecas, agasalhos, são retidos como "empréstimo" e não mais devolvidos aos donos. Dizem que assim levam um pedaço do outro junto a si. Numa conversa descontraída sobre quem ficou com quem, e o que conseguiram reter para si dos namoros que se foram, perguntaram a Clara o que ela tinha guardado do pai do seu filho. Nada... disse pensativa. Foi quando Tatiane lembrou que tinha ficado com um filho dele. *Tu tens um pedaço do Zezé sempre contigo, né Clara?* "Pegá barriga" pode ser um artifício de segurar o outro próximo, como a manter um pedaço do outro junto a si. Mas, a experiência de Bebel diz *que filho não segura marido nenhum*, pelo menos por muito tempo. *O que segura é o amor.*

Mesmo que não segure marido, pode assegurar à mulher uma certa "potência" para tomar certas decisões frente ao companheiro, que talvez sem a gravidez não se encorajasse. Ediléia (14) namorava com Negão desde que moravam na rua. O namoro durou até a gravidez, transformado em casamento quando foram morar juntos, numa peça cedida pela mãe da garota. Grávida de 7 meses, João é convidado a apadrinhar a filha de uma vizinha, junto com uma amiga do rapaz. Ediléia ficou chateada porque a vizinha não a convidara a ser a madrinha e convidara uma "ex-paquera" do seu marido, da qual ela não gostava. Pediu ao marido que não aceitasse. Depois de um tempo soube que aceitara o convite escondido dela. Assim que descobriu, além de fazer uma briga com o marido, arrumou suas coisas e foi morar na casa da mãe dizendo a ele que não precisava nem ir ver o seu filho quando nascesse, caso batizasse a outra criança. Além do mais, já a desrespeitara aceitando o convite. O rapaz desistiu do batizado para assim poder reaver a companheira com a criança.

Para os rapazes, no entanto, assumir paternidade pode ser considerado burrice, já que ele pode sempre duvidar se o filho é realmente seu. Para as adolescentes, o rapaz assumir a paternidade nem sempre significa que ele vá ajudar a sustentar o filho. Em muitos casos tem apenas o efeito moral. Saber quem é o pai do seu filho e dar um nome ao mesmo. Quando a menina "tá de barriga" e

defende - Melhor do que deixar ele em casa sozinho. Se eu não posso ir pro carnaval com ele, prá que eles fazem carnaval?

sabe-se que ela manteve relações com mais de um rapaz, se o rapaz assumir, pode ser ridicularizado perante os amigos.

Misael e Bebel, amigos de rua, sentados no banco da Praça XV, numa segunda feira à tarde, conversavam sobre uma amiga da rua que engravidara pela segunda vez. Misael diz que a garota *fora burra de não aproveitar e ficar com o pai do primeiro filho dela. O cara gostava dela, trabalha, ganha bem e tudo. Ela não quis. Preferiu ficar dando pra todo mundo e agora ela tá de barriga de novo, né?! Quero só ver o que ela vai fazer. Pior é que ela não sabe nem quem é o pai do segundo filho dela. O primeiro filho ela já não cuida.*

4.4.3.2 Em busca de uma família ideal

O namoro na rua pode acabar em casamento. Tão logo quanto a garota engravide, constituem sua família na rua, e se a relação permanece, eles preferem arrumar uma pequena casa para abrigar o novo grupo familiar que se formou. Foram vários os casos em que o convívio da rua culminou com um filho em comum, ou mesmo em casamento duradouro. Este acasalamento passa por uma fase transitória. Daí, a subsequente definição dos papéis masculinos e femininos na casa. Entrevistei 4 "ex-meninas de rua" que casaram com seus namorados de rua e constituíram família.

Ainda que as famílias tenham seus estilos contemporâneos próprios de existir, pode-se perceber um esforço para o "enquadramento" em modelos considerados como "decentes", ou aceitos socialmente. Este imaginário de família ideal, veiculada nos meios de comunicação, pela igreja, tem seu reforço no cotidiano das pessoas na medida em que estas entram em contato com assistentes sociais, sistemas médicos, programas de atendimento à criança e à família.

Segundo Leite e Massaini (1989, p. 73) *"além de especificidades individuais, o amor e a família têm tido formas e dinâmicas diferentes entre os mais ricos e os mais pobres, conservando, contudo, uma certa homogeneidade das nuances de aspirações e de representações, num momento histórico específico"*.

Simone, ao denominar-se "ex-menina de rua", conta que depois que casou mudou de vida. *Mudei de vida tia. Tenho as meninas prá cuidar. Vivo com meu marido há 6 anos. É... Há seis anos.* (ela própria se admira pelo tempo em que está junto de seu marido.) *A gente já brigou muito mas a gente se gosta. A gente vive numa peça lá perto da casa da mãe dele. Eu fico em casa, cuido da casa, das meninas, lavo a roupa e ele batalha. Mais tá muito difícil. Ele não consegue emprego.*

Simone é uma das ex-meninas de rua que entrevistei que agora constitui família. São várias as adolescentes que saem da rua quando encontram um parceiro e engravidam. Quando é possível, buscam formar o seu lar para aí iniciarem uma vida de casados. Este foi o caso também de Kika, cunhada de Simone. Entrou no ritmo - creche, casa, trabalho. A rua agora passou a ser somente o caminho para chegar até o trabalho, a creche. E o espaço da lembrança⁴¹.

Ainda que não seja possível o "enquadramento" de suas práticas num modelo familiar ideal por diferentes motivos, observei em campo que, algumas pessoas buscam justificar o motivo de não terem uma família conforme os padrões exigidos.

Tetê comenta que "teve" que se separar pois o marido não queria mais trabalhar, só bebia: *Mas eu vivi com ele muito tempo. Eu era casada direitinho com ele. Vivia direitinho até a gente se separar....*

Viver direitinho está relacionado com os papéis sociais de marido e mulher, e não com estar dentro dos padrões legais ou religiosos de casamento, já que não se casara nem no religioso nem no civil. Trata-se de manter-se dentro de um contrato estabelecido pelos dois, cada qual com sua parte: o homem provedor, a mulher mãe e dona de casa. Quando o marido deixou de cumprir a sua parte, mesmo assim, a relação se manteve. Ela disse ter tolerado que ele já não mantivesse a casa. Só não tolerou quando ele passou a beber e em vez de trazer

⁴¹ Muitas vezes falavam saudosistas do tempo bom da rua, o tempo em que não tinham compromisso com nada. Eram solteiras. Lembravam então das aventuras, da falta de horário para as coisas, do companheirismo, dos namorados, dos apuros, dos perigos enfrentados na rua. Faziam a distinção: antes, companheiras na rua; agora cunhadas, mães, comadres, esposas.

dinheiro, passou a tirar dinheiro da casa e não a ajudou por ocasião da doença do seu filho mais novo. Ao contrário, ela conta, *enquanto eu ficava no hospital com o menino, rezando, cuidando dele, ele tratava de sair por ai bebendo e chegou a vender a casa. Daí eu não quis mais saber dele. Toquei ele embora.*

No caso de Clara, irmã mais nova de Simone, não foi possível seguir o exemplo da irmã, casando-se por ocasião da gravidez. O casamento não deu certo, segundo ela, *porque a sogra achava que ela era uma vagabunda.* Não expressa nenhuma tristeza quando conta que seu parto foi acompanhado somente por sua família. *Ele nem deu as caras...* Nem sua atitude agora demonstra que queira continuar com o pai de seu filho. Apenas comentou que uma amiga *disse que ele tem que dar pensão.* Mas logo acrescenta: *ahhhhh, que se dane, não quero ver ele nem pintado. Ele que fique com aquela velha lá. Nem me conhecia e já queria mandar em mim.*

4.4.3.3 Casamento e namoro

O casamento andava em *voga* na casa da Tetê. Algumas garotas que moram com ela⁴² diziam que precisam "se arrumá na vida". Clara disse estar quase se casando com um cara que mora ali perto e tem uma filha. Quando perguntei se gostava dele, torceu o nariz e disse - *gosto, ele trata bem eu e o meu filho, trabalha, tem a casa dele...* A Tatiane já casô. *Eu tô quase casando...*

Carol, sobrinha da Tetê, 14 anos, entusiasmada diz que também tá

⁴² Tetê e sua filha sempre procuravam esconder que sua casa era um ponto de prostituição, apesar de todos na comunidade comentarem. Um dia, quando passava em frente a sua casa vi que 3 homens visitavam a casa. Estavam sentados na sala, juntamente com Tetê e sua filha mais velha bebendo. Ao me ver, Tatiane levantou-se e me chamou para dizer que aqueles homens era seus amigos. Estava muito vermelha, rindo à toa. Convidou para entrar, pois queria me contar uma coisa. No quarto se desculpava dizendo: não é isso que a senhora tá pensando... Deixei claro que não me importava saber quem eram suas visitas. Os 3 homens, já totalmente bêbados, passavam a nos observar curiosos. Ela, insistentemente dizia que eu não levasse à mau aquela situação. Quando finalmente havia convencido-a de que não me importava, Mariana (19), que também fazia programas com elas entrou porta adentro e pegou no meu braço dizendo que deveria ir embora dali. Vendo minha resistência insistiu. Me convenceu a ir com ela até a casa de sua mãe. No caminho perguntei porque queria tanto me tirar de dentro da casa de Tetê e ela respondeu - *Aquilo lá não é lugar para uma moça como a senhora..* Questionei porque eu não poderia ficar lá e ela sim. - *Eu posso porque eu já tô acostumada com essa vida, né. A senhora é uma moça direita, não deve ficar nestes ambientes...* Confessou que fazia programa na casa juntamente com as duas amigas. Pediu que não mencionasse nada perto de sua mãe, pois ela não sabe e nem dever saber como ela "se vira na vida".

querendo dar um jeito prá casar. Comentam com a Tetê: *Daí só falta a Tetê, né Tetê, prá casar.* O comentário é recebido com um certo ar de reprovação, talvez pela minha presença. Ela responde - *Eu não, vocês que são novas é que têm que pensar em casar, né Dona Rita?!* Depois de alguns minutos pergunto pela novidade da casa: *A Tatiane casou. Ela foi morar lá com a sogra dela. Eles têm um quarto de sobra lá. Ela tem que pensar na vida dela, né. Eu fiquei com pena. A gente sente uma falta dela aqui em casa.... Mais ela tem que fazer a vida dela, tem que começar, né?! O marido dela trabalha. Pode sustentar ela. Eles não vão pagar aluguel, vão morar com a mãe dele.*

Dois meses depois, Tetê também casara. Apresentou-me a seu marido, feliz de estar casada. Mais tarde, sentadas na sala da casa de Tetê, Clara pergunta se eu era casada. Digo que moro com meu namorado e ela diz: *mas é namorado. Não é casada.* Confessa-nos então, com o filho de um ano no colo que quer "casar com véu e grinalda". Tetê, que acompanhava a conversa diz que *casamento é a boa vivência. Não adianta casar na igreja, e com papel passado e depois de um mês já tá separada, ou brigando com o marido, apanhando dele e tudo... É melhor viver bem... Esse negócio de casar na igreja não se usa mais, Clara...*

Seu Sebastião contou que casou com a falecida esposa só depois de um bom tempo de convívio. *A gente ia convivendo, convivendo, ai quando eu vi que o amor pegou, eu casei. Quando nós casamos, já tinha os 4 primeiros filhos. Eu tinha esse negócio, que eu vou dizer que era uma inteligência minha, eu não queria entrar nessa de casar pra não dar certo. Ela era uma mulher que batalhava comigo. Ela que gerenciava a casa, o bar. Uma mulher que não tinha ciúme de mim, não se importava quando eu saía...*

Fred (17) casou com 16 anos, mas não deu certo. Com um leve sorriso, meio constrangido, disse: *As mulheres são foda. Só querem mandar no cara. Traí a minha mulher com a própria irmã dela, bem na cara dela. Foi um jeito que achei de me vingar porque ela saiu com outro. Esperei o momento certo e vi que a irmã dela não era essas coisas de séria. Nem precisei planejar. Deu tudo certo. Depois disto ela não queria se separar, mas prá mim acabou. Dali pra frente foi só briga.*

A diferenciação feita por Clara entre o namoro e casamento é observada também na fala de Fred. A decisão entre ser casado ou não parece ser importante

na definição do tipo de relacionamento que se vai estabelecer com o outro. Mesmo que se more juntos como casados, a verbalização "namorado" significa "não ser casado ainda", o que é visto com positividade em alguns casos. *A senhora mora com o namorado mas é namorado.... Namoro é diferente... Não tem tanta cobrança.* Quando argumentei que ele era meu namorado mas a gente vive como casado, ele respondeu: - *Mas é diferente. Vê só como não dá certo que minha mãe casou várias vezes.*

Lembra, então, que nos namoros que teve *"sempre contou a real"*. *Eu moro no albergue. Não adianta conta "171" se depois ela descobre. Se me quiser como eu sou, tudo bem. Senão, mulher tá cheio por aí... Mulher não falta.* Parecia querer dizer que no namoro podia ser ele mesmo., não precisando assumir coisas que o casamento lhe exigira.

Estar casado ou não passa por assumir a condição de tal. A passagem do namoro para o casamento muitas vezes é um ritual do "juntar os trapinhos" e passar a morar juntos, e, é claro, dizer que se casou. O mesmo pode acontecer com a separação. *A gente não tá mais junto. Eu não sou mais mulher dele.*

O casamento é esperado como um ritual de passagem de uma vida "pior" para uma vida "melhor". Ainda que esteja claro nos exemplos dos pais, de amigas, tias, vizinhas, que o casamento não trás a tão esperada segurança, ele é almejado como uma possibilidade de mudança de *status*. Tatiane esbravejou com a amiga num momento em que esta fizera brincadeiras indesejadas: *Me respeite Clara, agora eu sou uma mulher casada!*

Simone, que vivera grande parte de sua infância e adolescência na rua diz o casamento significou uma mudança na sua vida. *A minha vida melhorou, mudou depois que eu me juntei com o meu marido. Ele não era de rua não, mas ele me tirou da cola, me tirou da rua. Foi assim, nós fomos convivendo e um foi ajudando o outro. Hoje em dia, apesar que a gente briga, mas se não fosse ele eu tava na rua até hoje, tia. A gente queria ficar junto, passou por cima da família. Minha mãe não queria que eu vivesse com ele e a mãe dele não queria que ele ficasse comigo. A gente teve que passar por cima de todo mundo. Eu gostava muito dele, se eu não ficasse com ele, eu não ficava com mais ninguém.*

Ele era cheio de guria. Eu sou a 4ª mulher dele. Ele se juntava e ficava dois meses e deu. E eu estou com ele há 6 anos. Uma fazia ele de gato sapato, outra não sabia fazer café. Apesar que a minha sogra era ruim no começo, ela me ensinou a fazer tudo. Ela me contou a vida dele. Me dizia: ele não gosta disso, ele gosta daquilo.

Ainda que a mulher tenha a esperança de se "arrumar na vida", geralmente casa com alguém que tem condições tão precárias quanto a sua, o que significa que o casamento não tem só o intuito de arrumar alguém que lhe sustente. O *status* está também em ser casada.

Não são só as mulheres que esperam ascender com o casamento. Misael (17) disse que arrumou uma namorada que paga tudo para ele. *Eu não quero nem saber se ela é trouxa e paga tudo.*

Porém, ser bem posicionado financeiramente não é o único valor que concorre na escolha de um (a) companheiro (a) para casar-se. Sr. Sebastião disse que casou com uma mulher pobre como ele mas que pelo menos nunca precisou passar pela vergonha e humilhação que um cunhado dele que ainda mora em Xanxerê passou. - *Ele casou com uma mulher bem... Ela era bem de vida, sabe, rica mesmo. E ele casou com ela quando não tinha nada... Aí um dia nós fomos, eu, a mulher e as crianças mais uns compadres meus, visitar ele. A gente estava na rua, jogando baralho, conversando, e passaram umas moças na rua, bem bonitas, e nós pegamos a brincar com aquilo, e a dizer, na brincadeira, que aquilo que é mulher. Não é que a mulher dele se incomodou, ficou toda irritada e foi logo dizendo para ele na frente de todos nós: se não tá gostando, vai procurar outra que te sustente. Mas leva só a tua roupa porque foi só o que tu trouxeste... Nós ficamos sem jeito, e ele então, não sabia onde se meter... Precisava dizer isto na frente dos parentes dele, né dona? Uma vergonha dessas, Deus o livre, eu nunca passei, não é?...*

O amor também se apresenta como motivo de enfrentar uma vida a dois e contrair casamento. Acompanhei a conversa de uma "ex-menina de rua" que se casara com um rapaz também de rua com uma amiga.

Renata- *Tu ainda gostas do teu marido?*

Kika - Gosto, só que agora é diferente. Agora eu acho que gosto mais. Sei lá, é diferente. A gente tá junto desde os meus 12 anos. Eu gosto dele desde os 8 anos. Foi amor á primeira vista...

R - Tu acreditas nisto?

K- Claro que sim. Mas no começo a gente deseja é sentir o corpo do outro. Depois muda... Eu batalhei por ele.

R- É verdade. Ele era concorrido. Todas queriam ele.

K - É. E eu fiquei firme. Tô com ele até hoje. Hoje ele não é mais bonito como antes sabe? Ele fica me chamando de velha, e eu pergunto: porquê ele não vai arrumar outra? (Pausa) - Daí eu digo pra ele que é porque ele é feio. É por isso... Ele tem 21 anos e eu 18. Eu não, ainda sou nova. Posso arrumar outro.

R - Mas tu queres arrumar outro?

K - Não. Eu sou fiel, sabe tia! Se é com ele, é com ele. Outro dia tinha uma amiga que sempre ia lá em casa e aí, quando eu vi, ela tava dando em cima do meu marido. Dei um corridão nela que ela nunca mais apareceu. A gente pensa que é amiga e tá é passando a gente prá trás. E ele bem que tava gostando, aquele sem-vergonha...

Kika, no final improvisa um verso de declaração de amor para o marido, que disse que expressa a história deles: "De amigo pra amigo começou nossa amizade. Hoje eu sei que te amo de verdade".

Para Bebel, o casamento também foi motivado pela afetividade. Eu gosto tanto de meu mirolho. Prá mim ele é tão bonito... Não troco ele por homem nenhum. A gente se gosta um monte, mas ele vai ter que mudar prá poder ficar com a gente (com ela e a filha). Eu não troco o Nego e a Alicinha por nada neste mundo...

4.4.3.4 Sexualidades e prazeres

A fala das garotas sobre casamento não estava isenta do sexo, mas falar de sexo não prescreve falar em casamento. Sendo os ambientes familiares muito abertos e acessíveis a todas as partes da casa, deixando pouco espaço à intimidade, a criança cresce acostumando-se com tal assunto. Aos adolescentes, a

prática do sexo começa bem cedo. Poderíamos estimar que em muitos casos, nas proximidades dos 12 anos. Mas, em caso de abuso sexual, pode iniciar bem antes. E não são poucos os casos em que a criança é exposta a esta violência. Não percebi nas falas das três garotas que passaram por essa situação, qualquer constrangimento com a sua sexualidade com maridos, namorados ou paqueras. No entanto, um dos educadores da comunidade que desenvolvera atividades educativas com as mulheres revelou que muitas delas mencionaram ter extrema dificuldade em associar sexo com prazer. O constrangimento ou a raiva se deu sim, no momento de falar da violência sofrida e do agressor, mostrando o quanto a "experiência" as havia marcado. Em uma dinâmica sobre sexualidade com o grupo das mulheres da comunidade, elas disseram que esta coisa de se tocar com carinho, de sensibilizar-se com o próprio corpo era coisa que já não faziam há muito tempo. Suas práticas, mesmo com os maridos, dissociava-se agora da idéia de curtir a sexualidade. Se algumas das mulheres de fato já não encontravam na relação conjugal um estímulo para a vida, outras, porém, mostravam sua sexualidade à flor da pele, exibindo seus corpos ornamentados, recebendo seus parceiros num ritual de sedução. A mulher nem sempre precisa ser recatada para ser a mulher desejada como esposa. Ela precisa sim, se mostrar feminina. A representação de si em fotografia é muito bem ensaiada por algumas mulheres. Tomam banho, se vestem com as roupas que mais gostam, põem flores no cabelo, e aí sim, posam para uma foto, jeitosamente. Outras evitam aparecer por acharem que estão desajeitadas.

A mulher pode ser a que "ataca" publicamente, e nem por isto se sentirá desvalorizada na sua percepção de mulher. Ao contrário, ela parecerá mais forte do que a que se submete à condição de traída.

Falar sobre sexo é costumeiro, seja contando casos, histórias, seja em piadas, chacotas. Um garoto de 11 anos, falando do seu namoro com uma menina da mesma idade disse que: *Nós vamos na boate até 1:30 da madrugada e depois a gente vai pro escurinho e ficamos lá.* Quando alguém pergunta o que fazem no escurinho, ele responde rápida e maliciosamente: *O que a gente faz é só entre a gente.*

Ouvi adolescentes conversando que ficaram com os namorados das amigas para sentirem-se vingadas destas, por algum atrito anterior. Disseram que trocam de parceiro prá *ficar com ele só uma noite*. Este *ficar* pode culminar em transa ou não. *Ficar* com alguém é menos duradouro que namorar, é uma busca de prazer momentânea. Falar que ficou com o namorado de uma amiga não é tabu. É falado abertamente, sem constrangimentos entre elas. O constrangimento pode se dar no momento em que a cena é assistida. Isto funciona quase como uma brincadeira. Uma troca de brinquedos. Os rapazes fazem o mesmo, entre si. No entanto, em outras ocasiões, "cornear" alguém pode culminar em brigas sérias, principalmente quando a relação já está estabelecida como casamento.

Outro assunto recorrente, tanto para garotos quanto para garotas, é a homossexualidade. Abordada com diferentes tonalidades, já que para os rapazes ela apareceu quase como um tabu. Se entre as mulheres andar abraçadas rua afora é comum, visto como natural, o rapaz evita a qualquer custo demonstração da sua afetividade por um outro rapaz através do abraço. Ele pode tocá-lo durante jogos, brincadeiras que envolvam o corpo, disputas corporais, desenvolvendo quase uma performance. A homossexualidade aparecia entre eles com uma prerrogativa: estar na posição do ativo. Assim, demonstram sua virilidade. Ser passivo é ser bicha, ser fraco.

Entre as crianças, no entanto, é permitido o contato corporal, o abraço, sem que seja visto como "bicha". Porém, na medida em que vão crescendo, vão sendo avisados do perigo deste contato - ou melhor, do perigo de ser visto em público neste contato. Misael relatou que no carnaval *um bicha deu em cima dele*. Contou, com todo orgulho, para mim e para os amigos do albergue, que assim que viu, foi logo dando pontapés no cara. *Dei tanto chute que deixei ele estarrado no chão, todo sangrando. Assim ele aprende a não ser bicha. Viado não dá em cima de mim não...* Era evidente na sua performance a sua ira. No relato, seu corpo se movimentava mostrando como a cena se desenrolara.

O relato de uma das garotas que fora da mesma turma de rua do Misael, junto a suas amigas na comunidade onde moram foi bem diferente. Comentavam

entre elas que uma das garotas da comunidade que tinha engravidado, dizendo que ela “tá toda caída”. Foi sem o menor constrangimento que uma das garotas anunciou que ela só “parecia caída”, porque quando ela tira a roupa, ela tem é um *corpão*. Disse que ela e uma amiga já ficaram com essa garota. Ao ver que todas olhavam para ela disse: *mulher é bom...* Pensativa acrescenta: *eu gosto tanto de mulher como de homem, mais mulher sei lá, é mais gostoso. Ela sabe mais o que é bom. E num suspiro acrescenta uma vantagem: e ainda por cima não deixa barriga...*

Capítulo 5

Dramas e Conflitos Familiares

O drama é a vida humana em ação.
Aldous Huxley

5.1 Dramas Sociais

Em todo o período do trabalho de campo, cenas de tensão entre atores sociais tomavam proporções impossíveis de não serem anotadas. Cenas cotidianas ou narrativas de casos de confrontos, brigas, conflitos que demarcam, definem, elaboram a vida social do grupo pesquisado. A interação entre as pessoas precisa ser constantemente negociada. Forças, interesses, valores estão sempre influenciando, alterando, direcionando os rumos dos fatos, nem sempre harmoniosamente. Victor Turner (1981) e Erving Goffman (1989) se utilizam da metáfora da vida social como um palco onde desencadeiam-se cenas em que as pessoas estão sempre assumindo papéis para representar. A vida social é então um *processo* composto de seqüências de dramas sociais que são resultado de uma continua tensão entre conflito e harmonia (Turner, 1981): "São as brigas, as discussões, as doenças, os ritos de passagem, etc. que tomam formas dramáticas e os atores tentam demonstrar o que têm feito, o que estão fazendo e também tentam impor suas resoluções ou idéias aos outros" (Turner, 1981). "Estas situações - argumentos, combates, ritos de passagem, são dramáticos porque os participantes não somente fazem coisas, mas procuram demonstrar aos outros que estão fazendo ou tem feito." (Turner, 1988, p.74).

Turner se utiliza do conceito de dramas sociais para fazer uma análise do processo social. Segundo o referido autor um drama social é percebido quando, num determinado sistema social acontece uma ruptura, uma crise, que se inicia geralmente com um distúrbio da ordem social, que pode se dar pelo rompimento de uma determinada norma, lei, hábito ou ainda etiqueta, considerados na cultura. É um momento de reorganização social, redefinição de papéis sociais, que vem acompanhado

de desajustes, intrigas. Um drama social pode projetar inúmeros dramas sociais específicos gerados por estas tensões estruturais (Turner, 1981) ¹.

O drama social, conforme Turner, é composto por quatro fases: ruptura, crise, ação remediativa e reintegração. Os momentos de crise são liminais, e como tal podem ser perigosos. Para resolver estas crises, mecanismos reparadores são utilizados por membros dominantes do grupo. Estes mecanismos *variam conforme de conselho pessoal e arbitragem informal, à maquinaria formal jurídica e legal e, para resolver certos tipos de crises, à performance do ritual público. Tal ritual envolve um sacrifício literal ou moral.* (Turner, 1981,p.147). A última fase consiste na reintegração. Nesta fase, pode haver uma separação do grupo, ou ainda mudar suas influências, ter seu alcance de campo de relações alterado. *Esta fase pode também ser registrada com uma cerimônia pública ou ritual, indicando segmentação ou reconciliação permanente entre os grupos envolvidos.*

A vida social se faz através da interação entre os múltiplos atores e os múltiplos papéis representados por estes. É importante destacar, conforme Langdon (1996,p. 2). que o conceito de drama social está inserido na visão da cultura como emergente, onde a vida social é um processo dinâmico, e o ator social é visto como consciente, interpretativo e subjetivo.

Os dramas sociais suscitados em campo se referem à questões de noção e tratamento dado à infância e adolescência por diferentes grupos e atores sociais em Florianópolis, principalmente a infância e a adolescência que não se encaixa num modelo considerado como ideal. O confronto de diferentes valores, normas, vontades, interesses que dizem respeito ao tratamento e a concepção de personagens infanto-juvenis que se utilizam da rua como espaço de moradia ou de trabalho, resulta em situações muitas vezes conflituosas. Sua saída para rua está envolvida num processo dentro da própria família cheio de tensões, dramático para si ou para seus pais. Os motivos dados por adolescentes e crianças para terem saído de casa mostra por si, cenas dramáticas que se desenrolaram em suas casas. O motivo nem sempre é dramático. A saída pode ser, já que neste momento rompem-se com normas familiares, normas

¹ Turner define estruturas sociais como Robert Merton - São os arranjos moldados de grupos de papéis, grupos de status e seqüências de status conscientemente reconhecidos e operativos regularmente em uma dada sociedade. Estão ligados com normas e sanções legais e políticas. Por "grupos de papéis" Robert Merton designa as ações e relações que aparecem em um status social; grupos de status se referem a uma congruência provável de várias posições ocupadas por um indivíduo; e as seqüências de status significam a sucessão provável das posições ocupadas por um indivíduo através do tempo.(Turner,1974a)

sociais anteriormente estabelecidas, ou desejos, projetos elaborados por estes. O processo no qual esta saída de uma criança ou adolescente de casa se insere, envolve muitos atores sociais além dos familiares. Parentes, vizinhos, pais, crianças e adolescentes, pessoas estranhas nas ruas, conselheiros tutelares, pesquisadores, juizes da infância e adolescência, assistentes sociais, programas de atendimento da infância, escolas fazem parte desta trama social cuja saída da criança da casa é só um estopim, quando o é. Noções de casa e de rua, de família, de infância, se diferenciam entre estes atores ocasionando inúmeros dramas. Um exemplo é a perda da guarda de um bebê por uma família que não apresenta condições adequadas de moradia citado ainda neste capítulo.

Turner (1981) considera o drama social um processo de conversão de valores e finalidades particulares, distribuídos por uma variedade de atores, em um sistema (que é sempre temporário e provisório) de significado compartilhado ou consensual.

Neste sentido, podemos dizer que o Estado busca fazer esta conversão de valores fazendo uso do seu aparato legal a fim de colocar sob a mesma norma (ECA), inúmeros atores sociais de grupos sociais diferentes, cuja regras e normas se diferenciam. Tais famílias, além de não terem as condições adequadas para constituírem uma família "ideal", a burguesa, têm valores e estratégias de sobrevivência elaborados dentro do seu contexto familiar e de parentesco. É preciso entender, então, a saída da criança da casa dentro do contexto familiar, da comunidade em que este grupo esta inserido.

A infância, conforme vimos salientando neste trabalho, tem sido alvo de especial atenção tanto pela mídia, quanto por instituições governamentais e não governamentais. Todo um aparato social têm sido criado para garantir direitos e deveres à infância. Quanto mais ganha destaque, mais se vê setores mobilizados no sentido de discutir, reelaborar normas e éticas no tratamento desta fase da vida humana. A infância é trazida à tona como uma fase especial. Ela tomou um lugar na nossa sociedade que é o lugar do que "virá a ser". Ela não é alguém em si. Ela é vista sob olhar do adulto que virá a ser a partir dela. No entanto, conforme saliento acima, este entendimento não é homogeneamente compartilhado por todos os setores sociais.

Os programas de atendimento à infância e adolescência, estão baseados numa série de códigos e leis definidos pela Lei 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Foi dentro deste novo código que os Conselhos Tutelares foram

criados, visando dividir com a sociedade a responsabilidade que antes cabia ao Estado. É conveniente considerar que o ECA, conforme já citamos no capítulo 1, quando discorremos sobre o atendimento à infância pobre no Brasil, trouxe inúmeros avanços no que diz respeito à noção da infância e principalmente da infância pobre. O ECA, no entanto, apesar de passar por várias discussões dentro da sociedade civil, não abrange o interesse de todos os grupos sociais. Mas o que queremos destacar também é o fato que a implementação do Estatuto não se dá de forma horizontal, sem conflitos e tensões, sem negociações, e mesmo sem deixar de respeitar outros mecanismos e noções de tratamento à infância que se apresentam como estratégias de determinados grupos, e neste caso, do grupo pesquisado.

Com o intuito de se fazer cumprir as leis do Estatuto, no início do ano de 1997, a Secretaria do Bem Estar Social de Florianópolis passa a fazer um investimento para encaminhar todas as crianças que se encontram nas ruas de volta à casa dos pais e ingressá-las novamente na escola. A imprensa local registrou a iniciativa comentando que *"mais de 350 crianças que andavam pelas principais ruas da Capital, pedindo dinheiro, brincando e cheirando cola voltaram para casa e foram incentivadas por assistentes sociais a freqüentar a escola. Mas outras 30 permanecem em situação indefinida."*²

Este mesmo investimento foi percebido no período em que estive em campo. As crianças que circulam nas ruas são consideradas pelos programas "crianças em situação de risco". Quase todos os relatórios de encaminhamento de crianças que se encontram nas ruas contêm a seguinte frase: *Solicitamos providências urgentes em relação a este caso, tendo em vista a situação de risco das crianças.*

Por outro lado, a prática do grupo estudado mostra que a noção sobre infância enquanto fase frágil, bem como da rua enquanto lugar do perigo, não são tão amplamente compartilhadas, ainda que não ignorem as possibilidades e os "descaminhos" que a rua oferece às crianças. A rua, além de ter seus perigos, é também espaço de sociabilidade.

A coordenadora de uma instituição no Monte Cristo, falando sobre os meninos de rua, público alvo da instituição, revela que a dificuldade e até a impossibilidade de lidar com algumas características desta população. *A Casa da Cidadania tinha como objetivo trabalhar com as crianças de rua, mas ela não atende este grupo por falta de pessoal*

² Jornal O Estado. Florianópolis, 26 e 27 de Julho de 1997.

especializado. Não temos condições de atender este grupo. Não conseguimos ter atrativos para mantê-los na casa. É difícil a gente distrair gente grande. Eles são adultos em corpo de criança. Não se prendem com atividades infantis. Nos dizem na cara: isto não interessa. Eles são criados com toda liberdade. Não aceitam amarras. Não aceitam uma relação de poder. A gente tem que conquistá-los e mesmo assim é difícil...

Este investimento precisa ser, ou acompanhado de uma negociação constante (o que não garante, seja efetivo), ou ser feito de forma autoritária. Mecanismos de resistência são criados pelos atores sociais na interação. Crianças, adolescentes e mesmo os familiares oferecem resistência em converterem seus valores e suas práticas à valores e práticas distanciados da sua realidade. Assim, a tentativa de remeter pessoas que se utilizam do espaço da rua para morar, trabalhar ou socializarem-se, ao espaço doméstico ou institucional não são aceitos com passividade por um grupo considerável³.

Simone, que levava as filhas de colo para o Centro a fim de esmolar, ao ser proibida de continuar tal prática, vai até a Instituição e avisa que se não receber ajuda, vai voltar a pedir. *Se vocês não me ajudarem eu vou de volta pra rua pedir. Quando eu ia pedir pelo menos não passava fome. Se vocês querem que eu não vá mais pra rua com a menina pedir vocês tem que me ajudar. O meu marido não arrumou emprego e a gente já tá sem leite para as meninas. Eu não posso sair de casa pra trabalhar pois a Liza ainda mama.* A assistente social foi até a sala ao lado e arrumou-lhe uma cesta básica e alguns passes de ônibus e firmou-lhe que ajudavam sim, mas que não queriam vê-la na rua com as crianças, já que "é muito perigoso". Uma segunda assistente social avisou Simone que se a encontrassem novamente mendigando no Centro com as crianças no colo, iriam tirar a guarda das filhas.

³ Um funcionário do programa Guardas Mirins (PMF), desenvolvido no Terminal Rodoviário Rita Maria, avisa uma assistente social dos cuidados que deve tomar com os garotos que trabalham no programa. *É bom olhar de perto, bem de pertinho porque ele não tá indo à escola. Eu já disse pra ele que aqui é a mesma lei pra todos. Ele vai ter que trazer o caderno pra gente olhar agora. Se ele não for pra aula, já viu.. Não vai dar para continuar aqui. Ele já tá bem avisado.* Apontou para um dos garotos que trabalhava neste dia e comentou: *Este daí tá morando com a mãe. Outro dia não dormiu em casa. Dormiu lá no Monte Cristo. Eu avisei para ele que se ele mora com a mãe tem que avisar que não vai pra casa. Não pode sair assim.* Ao avistar três garotas (uma menina de rua e duas amigas) se aproximando, comenta ironicamente: *Que vocês fazem aqui de novo? Estão esperando um outro parente? Ontem já foi um, hoje é outro... Amanhã quem vai ser? Outro?* A mais alta delas, com tom igualmente irônico responde: *Amanhã vai ser o namorado, depois o amante, e assim por diante...* Riram. O rapaz, irritado - *E aí nos vamos ter que conversar melhor...* Disseram que ele sempre as controla, porque não quer que a gente fique por aqui. Uma delas, brincando diz: *Ele regula assim até eu dar uma tamancada nele.*

Algumas famílias, buscando evitar tais conflitos, sabendo da "ilegalidade" de suas práticas com relação a certos setores sociais, buscam escondê-las, temendo perder a guarda dos filhos. Assim que comecei a entrar em contato com determinados grupos familiares, era freqüente ouvir explicações sobre porque as crianças não estavam na escola naquele horário. Estas "explicações" só cessavam quando, conhecendo-me melhor, ficava claro para eles que não trabalhava em programas de atendimento à infância.

Conversava com Celma na porta de sua casa no Morro da Caixa, e no meio da conversa, logo depois que cheguei, meio sem jeito, ela justificou a presença das duas crianças na casa naquele horário porque chovia muito. Seu marido, que acordara naquele instante, um homem alto, ao ouvir que Celma se explicava, se aproximou e demonstrando uma certa irritação perguntou se eu trabalhava na Prefeitura. Disse que não e questionei porque várias famílias haviam feito a mesma pergunta. Ele então contou: *Elas já andaram lá no Centro dizendo prá Celma e meus filhos que eles tem que sair de lá - que não podem mais vender balas no Centro. Mas eu já disse pra eles que eles não podem fazer isto. Tem um moreninho que trabalhava lá na abordagem de rua que vivia ameaçando a Celma e as crianças. Eu peguei e liguei pro Conselho Tutelar e avisei pra ele que se ele não desse um jeito no cara eu ia dar. Eu falei pro cara que eu se eu pegasse ele incomodando a Celma de novo ele ia se ver comigo...O Conselheiro sabe que a gente vende balinha e que a gente vai se virando conforme dá... E Celma acrescentou: É. Ela já me disse que não é. Quando eu te conheci, eu achei que tu eras assistente social. Eu disse pra Rosa: Olha quem a Simone está trazendo pra cá, uma assistente social. Logo aqui, aquela malvada.*

Mais tarde soube por um informante que o rapaz mudara de cargo e de programa dentro da Prefeitura, pois ficara com medo da ameaça.

Se por um lado se sentem cobrados pelos programas de atendimento, por outro se utilizam ou o acionam quando lhes for conveniente, como foi o caso do Sr. Albino, que confessa: *Sabe Dona, o que atrapalha também é este tal de estatuto da criança . Eu não tenho medo disso não. Se tiver que bater em um filho pra dar educação, eu bato. Muitos pais ficam com medo de até ser preso, ou perder o filho, se bater. Ai os filhos dominam eles. Fazem o que querem, até batem no pai, foge de casa. No entanto, ao ver que seu filho fugia de casa com freqüência diz - Eu preciso de ajuda. Coloquei o meu filho na Casa-Lar. Não dava mais conta dele, levei pro pessoal do Conselho Tutelar.*

Alguns personagens sabem enfrentar os conflitos sem grandes constrangimentos. Para outros, no entanto, algumas situações na qual se vêem envolvidos, transforma-se num verdadeiro drama pessoal, já que a segurança de sua família depende de sua prática "ilegal", que se vê ameaçada.

É a criança quem, na maioria das vezes, sofre a maior pressão. O espaço social movediço em que ela se situa perante diferentes atores sociais, por vezes a coloca em situações de grande desconforto. É ela, em muitos casos, que tem que saber se mover neste universo cheio de elementos "traçoeiros".

Gilberto (11), vendedor de tapetes, foi roubado por dois adolescentes. Levaram quase todos os tapetes que tinha em mãos. O garoto precisava chegar em casa ou com os tapetes ou com o dinheiro da venda dos mesmos (25 reais). Neste dia, eu e André estávamos acompanhados por Míriam, uma repórter que queria fazer uma matéria sobre os meninos na rua. Sentados no Ponto Chic, na Rua Felipe Schmidt, vimos um garoto que se aproximava, em prantos. Sentou-se em uma das mesas do bar. Atraíra a atenção de muita gente que ali passava. Nos aproximamos dele, que choromingando dizia repetidamente: *Aiiii, e agora? o que eu vou fazer, como é que eu vou embora? Quem nos explicou o que houvera foi um outro garoto que chegara logo depois de Gilberto. Contou-nos do roubo. Mesmo assim, não entendemos porque o desespero do garoto era tão grande. Quando propomos que fosse embora e contasse a seus pais o ocorrido, ele nos olhou com espanto e disse: Eu não posso fazer isto, porque se eu fizer isto, eu e minha mãe e meu irmãozinho ficamos sem casa para morar... Nós moramos com um cara e eu vendo tapetes prá ele. Se eu disser que eu fui roubado ele não vai acreditar em mim e vai mandar a gente embora... Eu não tenho pai e a minha mãe não pode trabalhar porque ela ganhou nenê há um mês. Ela tem que cuidar dele. A gente veio pra esta casa e em troca do aluguel eu vendo tapetes pro homem....*

Fomos até o posto policial ali próximo e lá André sugeriu que o caso fosse encaminhado ao SOS Criança, a quem caberia resolver questões de exploração do trabalho infantil. Ao ouvir o nome da Instituição o garoto quis fugir e foi impedido por um dos policiais. *Eu não posso ir até lá, senão o cara manda a gente embora. Ele já avisou que é pra mim não levar ninguém deste pessoal até lá senão a gente tá na rua.* Apesar do garoto não falar em violência física, seu desespero era tal que comentamos entre nós que talvez sofresse ameaças de agressão física. Entendemos o dilema do garoto. Míriam propôs

pagar os tapetes se ele concordasse ir até SOS Criança. Resistiu, pois queria resolver seu problema sem acionar o SOS Criança. Queria ir embora sozinho. Finalmente topou, depois de perceber que ainda era a melhor alternativa. Fomos, todos no carro da viatura. Ao chegarmos à instituição, na Agrônômica, fomos atendidos por uma senhora que ao ouvir a história, registrou a ocorrência e nos garantiu que além de levá-lo para casa, arrumariam um jeito de agir sem causar muitas complicações para o garoto. Miriam deixou o cheque com os 25 reais com o garoto e como já era quase 23:30 h, decidimos ir embora. Ao nos despedirmos de Gilberto, ele fez menção de choro e quis sair conosco. A assistente social não deixou. Saímos, sentindo-nos responsáveis pelo que viesse acontecer com o garoto já que não sabíamos se aquela era mesma a melhor forma de ajudá-lo. No ônibus, ficamos nos perguntando se levar Gilberto até à instituição era mesmo a melhor maneira de resolver o seu problema. Já era tarde e tínhamos que ir embora.

A insegurança que sentimos é demonstrada por alguns Conselheiros Tutelares quando têm que decidir sobre questões complexas. No entanto admitem ter que tomar uma atitude para buscar resolvê-la. Apesar de mostrarem preocupação com os resultados de suas ações, confessam que se sentem pressionados a cumprir as normas conforme o estatuto, o que admitem que em alguns casos não seria a melhor medida a ser tomada para resolver o problema da criança. O melhor seria, conforme a opinião de alguns Conselheiros, ajudar a família de outras formas pois ainda que a criança esteja em uma casa com condições precárias, consideradas desumanas, que não esteja freqüentando a escola, reconhecem ser, em muitos casos, o lugar mais adequado para ela, visto que afastá-la do ambiente familiar teria uma série de outros agravantes para a criança. Um Conselheiro diz que o Estatuto é paradoxal: *se por um lado ele busca garantir os direitos da crianças, por outro ele acaba incentivando as crianças a irem pra rua...*

Os parâmetros de responsabilidade considerados pelos programas de atendimento à infância estão definido na Constituição, onde: *"É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los à salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão."* (art. 227, da Carta Magna).

A maioria dos conselheiros que entrevistei diz que na prática é difícil lidar com tantos elementos sociais diferentes e ainda assim proteger a criança, já que muitas vezes "protegê-la" segundo o que prevê o Estatuto, significa retirá-la do seu meio familiar, onde a noção de infância e adolescência é dada por elementos culturais e pela realidade vivida por estes grupos.

A atitude tomada pelos diversos agentes de programas com relação à presença de crianças nas ruas se diferencia. Se por um lado alguns buscam reprimir ou proibir a vinda de crianças para as ruas, estigmatizando-os, outros buscam negociar, conversar com as crianças e com os familiares, tentando ajudá-los nas dificuldades.

Uma menina que vendia balas na alfândega corre até sua mãe e avisa a aproximação de uma assistente social. A mãe chama a outra filha rapidamente e assim que a moça se aproxima do grupo uma das crianças exclama aliviada. - *Ah, é a Marta. Não tem problema não. Essa daí é assistente social mas é boazinha. Não é malvada como as outras.*

A presença de um índio acompanhado de sua filha, uma menina de três anos, no Centro da cidade coloca mais um ator social em cena, mostrando a complexidade da interação. Chamara a atenção de Celma, mãe de duas crianças que vendem balas no Centro. Disse que encontrava o índio há *vários dias naquele local, bebendo com alguns amigos, deixando a menina sem cuidados*. Quando tentei conversar com a menina, demonstrou que seu pai não queria que conversasse com estranhos. Vimos que estava com fome. Compramos comida e ela comeu rapidamente, voltando imediatamente para perto do pai. Celma, ao vê-la afastar-se comenta: *coitadinha, uma menina assim ninguém faz nada, só porque é índio. As meninas que a gente cuida bem, não deixa no Centro sozinhas, estão sempre de olho, elas querem tirar da gente. Vou dizer mesmo que tá tudo trocado...*

Algumas horas naquele local e o índio foi se aproximando de nós. Contou que perdeu a mulher a 6 meses e que ficou desnortado saindo pelo mundo com a menina. Quando Celma lhe perguntou sobre a menina, disse que nunca deixa ela conversar com estranhos. *Eu cuido bem dela, não deixo os vagabundo tocar nela, não*. Ela perguntou curiosa: *E o conselho tutelar, não faz nada?* Ele responde que não. *Com índio eles não podem fazer nada*. Dois dias depois encontrei com o índio no mesmo lugar. Contando suas aventuras de viajante, sua vida na aldeia, a saudade de sua mãe, de suas irmãs, falou que *a lei dos índios é diferente. Índio eles não prendem. Outro dia salvei a mulher do meu amigo. Ela tava*

presa e ai eu fui lá e disse que ela era minha mulher. O guarda disse: mas e dai mocó, ela foi pega usando droga. E eu disse que ela só estava na turma. E ele perguntou o que ela fazia na rua com aquele bando. Eu disse: O que é que eu vou fazer se ela conversa com todo mundo. Ela é benzedeira. Ai ele liberou ela. Outro dia ela já estava fumando maconha de novo e eu disse para ela que se ela fosse presa não ia mais liberar ela.

Numa reunião feita pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua de Florianópolis, discutiu-se a inserção e atuação dos Conselhos Tutelares junto às crianças filhas de papeleiros. Um dos membros daquele movimento lembra aos demais participantes a peculiaridade daquele grupo.

São famílias inteiras que trabalham juntando papel. O trabalho está inserido num contexto familiar, e os próprios grupos familiares que exercem esta profissão se organizam para os cuidados das crianças. Elas acompanham os pais até o Centro, e as mais pequenas ficam junto ao pessoal que faz a seleção dos papéis, no aterro da Baía Sul, nas proximidades da Passarela Nego Querido. Assim, alguns coletam e outros selecionam o papel. Revezam na tarefa de cuidar das crianças entre os grupos.

Os Conselheiros haviam feito uma visita àquele local pois receberam uma denúncia que as crianças pequenas passam o dia todo dentro de caixas de papelão. O rapaz que se manifestara anteriormente acompanha um grupo de papeleiros na reivindicação de um espaço no Centro onde possam depositar o papel coletado para posteriormente selecioná-lo. Sugeriu aos conselheiros que buscassem conversar com os familiares e junto com eles buscassem alternativas que dessem maior conforto para as crianças, já que a preocupação era que elas ficavam dentro de caixas de papelão enquanto os pais trabalhavam. Lembra que é preciso que se procure resolver aquela questão fazendo com eles e não para eles. Mais tarde afirma que *aquele grupo se movimenta num espaço que a sociedade organizada já perdeu o controle.*

Algumas resoluções tomadas pelas instituições de fato são vivenciadas de forma dramática pelo grupo familiar. Presenciei o drama da família Ramos quando perderam a guarda do primeiro neto.

Me deparei pela primeira vez com Angélica, mulher aparentando uns 40 anos, cabelos muito compridos, encostada no muro das dependências do SOS Criança, na Agrônômica. Cabeça baixa, apoiada nas duas mãos de um jeito que pareceu-me não mais suportar o próprio peso. As mãos alternavam-se indo da cabeça à face buscando

ajudar as lágrimas que insistentemente escorriam, e ainda em limpar o nariz. Seu choro, compulsivo e desesperado, chamou a atenção também de um guarda, que aproximou-se lentamente até a distância de uns 20 metros, e parou ao ver que eu voltara para conversar com a senhora. Aproximei-me passo a passo e tentei, em vão, puxar conversa com ela. Dez minutos, aproximadamente, sem qualquer resposta. Era como se eu não existisse. Depois de mais algumas tentativas, consegui que finalmente falasse, quase sussurrando: *É o meu netinho. O pessoal do Conselho Tutelar tirou o meu netinho da gente. Enganaram a gente, dizendo que ele ia ficar só uns dias aqui e agora querem botar ele num orfanato. Eu nem quis ir lá porque eu estou muito nervosa. O meu marido disse que eu estou muito desequilibrada, que é bom eu não ir mais lá porque eu agrido eles e isto é pior. Ao perguntar-lhe porque haviam tirado o netinho da família, disse primeiramente que não sabia. Depois, estando mais calma, contou que foram até sua casa avisar que deveriam alugar um lugar melhor porque ali a criança não poderia ficar.*

Nós tentamos sabe!?, mas a gente ganha pouco. Todo mundo trabalha vendendo balas, água, bombom lá no Terminal, mas não é fácil a gente juntar dinheiro prá alugar uma casa. A gente às vezes não consegue nem prá comer. Semana passada a gente foi roubado. Levaram a cesta cheia de coisas que a gente ia vender. E lá foi mais dinheiro... A casa que a gente morava pegou fogo em dezembro. A senhora viu? Saiu no jornal. Ela ficava lá no aterro da Baía Sul. Dali nós tivemos que ir pra onde a gente tá, que é bem pequeno. Eles disseram que não dava para gente ficar num lugar como aquele, úmido e pequeno. Mas pelo menos lá a gente estava juntos. Sabe lá como não está este menino. Se está sendo bem cuidado... Neste instante, um senhor se aproxima. Reconheci-o, pois encontrara-o por diversas vezes vendendo balas no Terminal Urbano. Trouxe a notícia de que não poderiam tirar a criança do orfanato antes de alugarem uma casa. Nisto, se aproximam duas garotas. Uma de aproximadamente 09 anos e a outra, uma adolescente de 14 anos. Uma delas, carregava uma fralda em uma das mãos e uma sacola com os objetos da criança na outra. Era a mãe da criança.

Pediram que fosse até o Conselho conversar para saber mais detalhes sobre a apreensão da criança. Fui, mas a Conselheira que atendera este caso estava ocupada e não poderia me atender. Desistimos da conversa. Adilson mencionou que o ideal era que levassem a causa a um advogado. Mencionei um conhecido, que os atenderia sem nada cobrar. Toparam. Como teriam possibilidade de fazer uma visita à criança ainda

naquela tarde, acompanhei-os até o Lar São Vicente de Paula (Centro), local onde estava a criança, para depois seguirmos até o escritório do advogado. Entramos na ante-sala e apenas um de nós poderia subir para ver a criança. Subiu a mãe, que veio com o menino no colo até o corredor e nos mostrou. Um menino de 3 meses, Voltou para o quarto, deixou-o no berço e desceu as escadas com lágrimas nos olhos, dizendo, num tom de irritação: *ele já tá todo assadinho. Quero só ver se elas vão cuidar bem dele*. Sua mãe, a avó, no entanto, é quem chorou e se indignou mais. Gritava que se não cuidassem bem do garoto, iriam se ver com ela. Veio uma moça até a sala onde estávamos e disse que não se preocupasse que ali ele estaria bem cuidado. Foi interrompida bruscamente por Angélica, que anunciou bravamente, sem levantar os olhos: *é bom mesmo, senão vocês vão se ver comigo... Eu quero é levar esse menino daqui... Mas eu tiro ele logo. Eu disse prá assistente social que nem que eu tenha que ir até o inferno mas que eu tiro esse menino daqui e levo ele com a gente....* Tão logo saímos dali, armados com a bagagem da criança, fomos até o advogado. Como este não se encontrava, marcamos um dia para eles voltarem. Fomos conversando até o terminal, e no caminho, ao passarmos por uma casa de estacionamento, contaram então, o tamanho da casa em que moravam. Foi aí que entendi que o motivo do drama daquela família era o mesmo de muitas outras - o **drama da moradia**.

5.2 Conflitos e Dramas Familiares

Os dramas familiares contados ou presenciados em campo geralmente envolviam situações extremas na vida do grupo, como de morte, de abandono, de violência por parte de um dos membros da família, de uso de drogas, de doença grave, perda de bens, acarretando em desequilíbrio do grupo familiar, ou ainda a falta de possibilidade de sustento do mesmo. Em alguns casos, tinha-se a mistura de alguns destes fatores. Quando relatados, variavam na intensidade, dependendo se quem relatava era mais ou menos emotivo. Quando assistidos, permitiam "ver" a intensidade da cena. Estas crises familiares são desencadeadas por diversos motivos.

O abandono do lar por crianças e adolescentes é sentida de forma mais ou menos dramática, dependendo do grupo em que ele acontece, e como acontece. O momento da

saída da casa foi relatado de forma mais dramática pelas crianças e pelos adolescentes quando envolvia violência por parte de alguém do grupo.

Todas as famílias, mesmo as que estão "acostumadas com os filhos na rua" dizem não desejar estar nesta situação. No entanto, para algumas famílias, ter um filho dormindo na rua representa um drama familiar, mas drama maior é não ter lugar para todos dentro de casa. Cada família elabora de uma forma o fato de que seus filhos possam "abandonar" a casa.

Para os pais cujos filhos vão ao Centro trabalhar ou esmolar, a possibilidade de ter um filho "menino de rua" é sempre um perigo que tem que ser evitado. É mais difícil "tirar o gosto pela rua" do que evitar que o experimentem. Uma educadora de rua concorda com as mães: *o negócio é evitar que eles vão para a rua. Depois que pegam o gosto pela rua é complicado...*

5.2.1 O "gosto pela rua"

A rua é de fato atrativa. Oferece experiências além das possibilidades da casa. É preciso que pais estejam atentos pelas "seduções da rua". Uma criança trabalhadora pode macular-se, e *pegar o gosto pela rua* tornando-se menino de rua. Dona Maria (35), mulher caprichosa nos afazeres da casa, mãe amável e carinhosa, toda vez que os filhos saem de casa com sua caixinha de engraxate, avisa: *Cuidado com quem vocês andam na rua...* Os "meninos de rua", "cheiradores de cola", usuários de drogas, não são recomendados como companhia para estas crianças. Avisos dos cuidados que crianças trabalhadoras têm que ter na rua são lembrados periodicamente pelos pais, para que os filhos não se experimentem nas vielas do desconhecido, andando por lugares perigosos, e acabem "*pegando o gosto pela rua*"⁴, metamorfoseando-se⁵ assim em criança da rua. Uma "ex-menina de rua" conta: *a mãe não queria que a gente fosse para rua. Acho que nenhuma mãe quer um filho na rua, né?! Ela surrava a gente, dava no coro da gente, mas não adiantava a gente, se acostumou a ir para rua.*

⁴ Expressão usada por familiares de duas crianças trabalhadoras. Marchi (1994), na pesquisa etnográfica sobre os meninos de rua em Florianópolis fala do "vício da rua". A autora atenta para a "opção" que as crianças fazem pela rua, destacando-as como sujeitos. A expressão "vício da rua" e "gosto da rua" tem o mesmo significado - a criança "acostumar-se" com a rua.

⁵ Vogel & Mello (1991).

O aviso é dado também aos "meninos de rua" para que não ofereçam drogas às suas crianças. Algumas ruas do Centro e do Estreito são as mais evitadas, mas as do bairro, como uma viela do Morro da Caixa e as proximidades do Campinho de futebol no Monte Cristo, são recomendadas como "perigosas". Os dois filhos (08 e 06 anos) de D. Maria, trabalhando de engraxates no Centro da cidade, quase foram seduzidos a cheirarem cola por um dos garotos do bairro em que moram. Além de não aceitarem, contaram para a mãe. Esta relatou enfurecida que *"tomou o malandro para uma conversa"*, avisando que, caso ele repetisse o convite a seus filhos, iria se ver com ela própria. Dona Maria disse que confia nos conselhos que dá a seus filhos e por isso deixa-os irem até o Centro engraxar sapatos sem a companhia de um adulto. Porém, pais "mais precavidos" acompanham seus filhos até o Centro e retornam com os mesmos para casa. O motivo parece ser duplo - evitar que se percam por aí, e "gerenciar" a venda das balas.

A razão de mães e pais acompanharem seus filhos nesta atividade também parece estar no medo do Conselho Tutelar "recolher" seus filhos da rua - já que foram devidamente avisadas pelo especialistas do estado que criança não pode trabalhar por causa dos "perigos da rua" - acompanham-nos evitando assim o duplo mal: que o Conselho Tutelar as recolha, impedindo-as de trabalhar e que elas caiam nos perigos da rua.

De fato, enquanto as crianças que vendem bala estão, na grande maioria do tempo, acompanhadas. Os engraxates, por sua vez, estão em grupos de iguais, sem a companhia de um adulto, mas sempre com o "lembrete" de que são trabalhadores". O efeito parece ser o mesmo. Ambos voltam com dinheiro para casa. Efeito que se perde quando ocorre a metamorfose. Conhecia Leo há mais ou menos 3 anos. Sempre lhe perguntava porque tinha vindo para rua. Me "desconversou" várias vezes e até se afastou de mim um dia em que insisti na pergunta. Um dia em que nos encontramos, convidei-o para fazermos um lanche. Topou. Comemos um calzone e tomamos um suco de laranja ali no Massa Viva, na João Pinto. Não comeu todo o calzone pois, confessou depois, tinha acabado de jantar. Ganhara uma janta de uma amiga que trabalha numa lanchonete. Estava muito descontraído neste dia. Quando terminei o lanche saímos andando em direção ao Largo da Alfândega. Um moço preparava espetinhos de churrasco (conhecido pelos meninos como "Churrasquinho de Gato"). O cheiro invadia

a Praça acompanhando a fumaça carregada pela brisa do final da tarde, infestando as narinas passantes. Leo não hesitou em pedir que pagasse um churrasquinho para ele. Perguntei se caberia já que nem tinha terminado de comer o calzone - *É, mas para um churrasquinho eu arrumo lugar*. Num primeiro momento, motivada pelo seu desprezo ao Calzone, neguei. Ele insistiu, dizendo que era a comida que mais gostava. Então, aproveitei o momento e propus pagar se ele me contasse porque não tinha saído de casa. Ele topou a "chantagem", respondendo imediatamente - *Porque tenho que levar dinheiro embora*. Nesta época Leo ainda não usava craque e cocaína

É preciso salientar que pegar o *gosto pela rua*, está relacionado à situação em que a criança passa a freqüentar ruas distantes da casa por longo período. Estar nas ruas, gostar de brincar na rua, ir para a rua dentro do próprio bairro é visto como muito normal e é mesmo desejado, já que a criança, dentro de casa, "faz bagunça", "desarruma a casa", "estraga as coisas". Em algumas casas seria mesmo difícil as crianças ficarem dentro dela, com espaço para suas brincadeiras. Num processo de circulação diária, as crianças "visitam" vizinhos, parentes, durante várias vezes ao dia. Permanecem nas ruas como um espaço próprio para sua estada. No entanto, uma das preocupações dos professores da casa da Cidadania⁶, é de que as crianças voltem a casa dos pais no final das atividades. *Não vão se perder por aí, vão direto para casa, heim !!!*, avisou uma educadora a algumas crianças que saíam da Casa da Cidadania. Insistia a cada um que saia, como se este precisasse ser lembrado que precisava ir para casa. Alguns, que tomaram rumo contrário ao da casa dos pais, foram alertados amavelmente que a direção da casa não era aquela.

O perigo que oferecem estas crianças a seus pais em transformarem-se em crianças de rua parece ter como aliado o fato de estarem sempre em trânsito entre a casa e a rua. Se por um lado são estimuladas a irem para as ruas trabalharem, ajudando assim no sustento da casa, por outro é preciso que a família esteja sempre alerta para não perder a criança para a rua. Alguns pais tratam de marcar-lhes cedo com os valores

⁶ A Casa da Cidadania atende as crianças que são encaminhadas pelo programa Abordagem de Rua da Prefeitura Municipal de Fpolis, quando estas são encontradas nas ruas do Centro. A Casa da Cidadania é gerida pela Aflov (Associação de Voluntários de Fpolis) num convênio entre PMF e Associação de moradores do Monte Cristo. Devido à dificuldade que um trabalho com crianças de rua apresenta, mesmo esta instituição que foi criada especialmente para tal demanda, informa que vem atendendo crianças que não têm com quem ficar no período em que os pais trabalham, evitando assim que se tornem "crianças de rua". Citou o exemplo da dificuldade de atender um garoto na casa que está envolvido com roubo. - *É difícil fazer um trabalho com ele, pois às vezes ele trás droga pra cá, ou mesmo cerveja e envolve as outras crianças*.

de ser trabalhador, salientando a diferença entre um "trabalhador" e um "vagabundo". No entanto, a fraca demarcação entre casa e rua em alguns grupos, já que a vida na comunidade se faz na rua, é comunitária, coloca a criança mais uma vez, paradoxalmente, em "perigo".

5.2.2 "Ir prá rua": Motivações do abandono do lar

Suscitar conversas sobre motivações que levam meninos e meninas ao "abandono do lar"⁷, talvez não seja a melhor maneira de descobrir o que leva crianças e adolescentes a conviver com a rua, transformando-a em sua casa. Porém, é uma forma de saber como crianças e adolescentes elaboram o processo que os fez "abandonarem seus lares" e transformarem-se em *meninos ou meninas de rua*. Esta elaboração é então os motivos que eles reconhecem como sendo o que os levou a passarem alguns anos circulando entre casa, instituições e a rua. "Abandono do lar" não é uma expressão reconhecida por eles. Eles não abandonam o lar, apenas vão prá rua. "Ir prá rua", é a expressão usada pelos entrevistados.

Nem sempre foi fácil suscitar na memória destes personagens, situações que lhes trazem constrangimento, dor, raiva, medo. Em alguns momentos, lágrimas vinham-lhes aos olhos, a conversa ficava "truncada" pela emoção subindo à garganta. Para outros, no entanto, a conversa saía fluida, mostrando grande tranquilidade de falar sobre o assunto. Dramas ou não, os motivos eram suficientes para que passassem anos da sua infância nesta condição reconhecida por eles mesmos como difícil. Para chegar ao motivo, muitas vezes era necessário puxar pela história da família e pela sua história de vida, abrindo portas fechadas, olhando da rua para a fresta da janela aberta na memória. Ouvir histórias de vida é algo que se consegue depois de conquistar a confiança, num dia em que o tempo não se faz escasso, a pressa é pouca. Foi assim que consegui alguns relatos de crianças e adolescentes sobre *motivações do abandono do lar*. Foram poucos os relatos que consegui num primeiro encontro, até porque não sentia intimidade para tais perguntas. Conversava primeiro sobre suas experiências na rua,

⁷ Em nenhum momento escutei em campo a expressão "abandono do lar". As vezes que escutei foram as que falei. A categoria nativa que designa esta expressão é "sair de casa"/ "fugir de casa", ou ainda "vir pra rua"..

sobre os amigos da rua, sobre dificuldades na rua. Só quando partia deles espontaneamente, como foi o caso da Bebel.

Conheci Bebel numa tarde ensolarada. Estava sentada na Praça XV na companhia de sua filha Aline, de 11 meses, e do amigo Misael. Espichava, com certa satisfação, uma barriguinha de 6 meses do seu segundo filho.

Parei para conversar com Misael e Bebel pergunta curiosa: *Quem é a tia? O que a tia faz? A tia é bem parecida com a minha irmã...* Minha semelhança com sua irmã, junto com a sua espontaneidade talvez tenha possibilitado uma afinidade entre nós de imediato. Quando disse que estava pesquisando os motivos das crianças irem morar na rua, ela respondeu imediatamente:

Nós não moramos na rua... Mas eu já, quando era criança. Eu não me importo de falar porque eu fui para rua... Eu fui para rua depois que a minha mãe se suicidou. Eu tinha 7 anos. O pai batia nela sempre. Ela se matou prá ele não matar ela. Ela queria morrer sem sentir dor. Por isso ela se matou assim. Ela tomou gardenal, veneno de rato e depois dormiu. Ele vivia batendo nela. Ela ficava toda machucada. Vê só o que ela fez. Cortou o dedo prá pedir para comprarem álcool para ela se matar. O velho me estuprou um dia depois da morte dela, aquele vagabundo...Quando ele me estuprou eu fiquei toda machucada. Eu tenho um defeito. (disse em voz baixa). O meu clitóris ficou muito grande... Tanto que eu tenho vergonha de ir visitar o meu marido na cadeia. Sabe porque? Na penitenciária eles têm que revistar a gente até lá. A gente tem que abaixar e mostrar e eu tenho vergonha(Falou com raiva). Mas eu denunciei ele na policia e ele foi preso. Eu fui para o orfanato. Não sei porque ele foi solto depois. Fui morar com ele com 12 anos e fiquei até os 16. Depois fugi e vim para rua. Foi na rua que eu conheci o meu marido. Quando eu morava com meu pai eu ficava sempre ligada. Ele mandava eu levantar o braço só para ver o meu peito. Tinha umas amigas minhas que iam lá em casa e eu avisei para elas que ele era tarado. Um dia uma delas desmaiou e o danado para ajudar ela levantou-a pelo bumbum. Depois ela nunca mais foi lá em casa...Agora ele tá com a minha irmã mais nova, de 6 anos. A gente não tem mais notícia dela.

A violência na casa aparece como um forte motivo para que meninos e meninas busquem familiarizarem-se com o ambiente da rua. Bebel formou logo outro lar. Casou-se com Chico, também morador de rua, e espera o segundo filho dele.

O mesmo motivo de Bebel é contado pelas irmãs Mendes. Simone (18) e Clara (14), hoje mães de 2 meninas e um menino, respectivamente.

O relato das duas irmãs, que se consideram "ex-meninas de rua", não foi tão simples. Enquanto contavam, parece que reviviam as cenas que levaram elas a viver dos 6 anos até os 13 aproximadamente na rua. Estávamos na casa de Cibele, cunhada da Simone, no Mocotó. Tinha levado o gravador, conforme o pedido de Simone. Queria que gravasse a entrevista. Neste dia, sua irmã mais nova, Clara e seu filho, Fernando (06 meses), hospedavam-se na casa da Simone. As duas, motivadas pela mesma situação, relataram:

Simone - Na rua para mim é que a gente andava mais solta, a gente andava mais liberada, não tinha ninguém para mandar em nós. Não tinha pai não tinha mãe, nós fazíamos o que nós queríamos - E dentro de casa a gente vivia trancada porque tinha coisa para gente fazer dentro de casa. Dentro de casa tem mãe para dar ordem, pai para dar ordem, eu não gosto que ninguém me dê ordem. Eu gosto de viver sempre liberada. Na rua a gente fazia o que a gente queria.

Clara - Tinha pó para cheirar, maconha para fumar...(gargalhadas). A gente ficava na rua com um e outro...

Simone - Não é questão que a gente tem pó para cheirar e maconha para fumar, é questão que a gente é mais liberada mesmo....Em todas as coisa que a gente queria fazer....Se a gente quisesse aquele negócio, a gente ia e pedia e conseguia. A rua era melhor que dentro de casa. Mas eu fui para rua mesmo por causa do meu pai, né! Que bebia e batia em nós.

Clara - Eu era pequena. Eu fui para rua quando o Juliano, meu irmão me levou.

Simone - Que em casa a gente não tinha liberdade. Para comer tinha que comer antes do meu pai chegar. Se ele chegasse, ele tirava o sangue da gente e a gente tinha que comer aquela comida com sangue. Por que ele chegava em casa bêbado e batia em todos nos, até na mãe. A mãe trabalhava também, né?! Nós apanhávamos que nem cachorro. Apanhava de fio, chicote.

Clara - Ele não trabalhava, quem trabalhava era a mãe. As coisas que a mãe trazia para dentro de casa ele vendia para comprar bebida. Quando a mãe não tinha condições de dar dinheiro para ele, ele vendia as coisas...

Simone - Até o dia que ele tirou a minha roupa. Daí foi o dia que o falecido Calo e o Décio me levaram para rua. Eu tinha 6 anos. A mãe não podia me segurar, porque os meus irmãos mais velhos não podiam ver isso. A mãe, quando ia trabalhar deixava a gente com ele, né?, tinha dia que ele ficava com nós, tinha dia que não, mas quando ele ficava com nós ele sempre esperava a mãe sair de casa para ir beber, depois voltava queria que eu (pausa) tirasse a minha roupa e tudo assim. Eu era pequena, tinha uns 4 anos.

Clara - Não, a Simone tinha seis anos.

Simone- Eu era pequena. A mãe via. A Clara era neném. Quando a mãe queria dar de mamar para criança ele não deixava, ele que queria mamar na mãe. Quando a mãe não queria ter relação com ele, ele rasgava as roupas da mãe. E vendia as coisas melhores que tinha dentro de casa, quando não vendia dava para as mulheres dele... Ai teve um dia que a mãe se cansou demais de viver com ele e separou. A gente foi para rua antes de eles se separarem. Nós dormíamos debaixo do soalho, para ele não bater na gente. Ele acorrentava a mãe no armário para bater na mãe. Olha, só Deus mesmo para livrar a mãe dele. Um dia ele trancou a gente dentro de casa, e queria botar fogo na casa... Fomos para rodoviária e ficamos lá quase um ano. Eu, a Clara, o Leo e a mãe...

Seus relatos tomaram dimensões dramáticas. Os olhos fixos, já molhados pareciam transportá-las para um outro tempo. Simone confessa que depois que sua mãe "juntou-se" com o padrasto, as coisas foram melhorando. *Ele era bom para nós... Eu acho assim que o carinho que meu pai não deu para nós, o meu padrasto deu. Defende sua mãe dizendo que se ela fosse uma outra mulher qualquer abandonava os filhos, jogava na mão dos outros, não fazia nada para criar. Ela criou sete filhos...*

Em muitos casos, a violência parte do padrasto. Mas uma situação de grande violência é o drama vivido pelas crianças quanto à troca a que são submetidas assim que a mãe - ou o pai - arrumam um novo companheiro(a) e este(a) lhes rejeita. É esta a história que nos conta Mazinho(09) morador de rua a 1 ano.

Eu saí de casa por causa do meu padrasto. Eu era o que ele mais manjava. Tava sempre de olho em mim. Era só eu piscar o olho e ele me pegava... Me disseram que o meu padrasto quis estuprar minhas duas irmãs e elas tão na rua também. A minha mãe não manda ele embora. As minhas irmãs queriam denunciar ele, mas ela não deixou. Eu ainda vou pegar aquele desgraçado... Quando eu pegar ele, ele vai ver só...

Numa outra ocasião escutei Mazinho comentar com um amigo da Praça, que sua mãe estava trocando os filhos dela por um estranho. Seu tom de voz era de inconformado. Estava preocupado com as duas irmãs novamente. Soubera que elas se escondiam em alguma casa no morro da Penitenciária.

Gil (10), passou pela mesma situação. Diz que foi para rua aos 5 anos. Sua mãe casou-se novamente e o padrasto batia nele e em seus irmãos. Morou um tempo na rua,

depois foi para o antigo Albergue da Infância e da Juventude Santa Rita de Cássia, na Agrônômica.

Moro aqui há 6 anos, desde que meu padrasto começou a me xingar. Depois que a mãe morreu, fui buscar os meus dois irmãos para morar comigo.

Seus irmãos são mais velhos que ele, mas não mais dinâmicos. Gil não demonstra constrangimento em falar sobre como vieram "parar naquela casa". Em nenhum momento transpareceu estar arrependido. Demonstra um certo orgulho de estar cuidando dos irmãos. Seus irmãos dizem ter saudades da mãe.

Para Fred o motivo foi o casamento da mãe com outro homem, seguido de mudança para outra cidade. *Tive vários padrastos e começou a não dar mais certo. Minha mãe foi embora para Lages faz cinco anos. Tenho saudade dela. Quero ver se arrumo um dinheiro para ir visitar ela lá em Lages.*

A negação à submissão a normas da casa também aparece como razão de ida para a rua. A violência simbólica pode ser motivo suficiente para que sentindo-se abandonado, a rua e as instituições possibilitem relações mais significativas por um período da vida. É o que a conversa com Diná demonstra. Hoje com 15 anos, Diná já tem um filho, que mora com sua mãe, contra sua vontade, mas por determinações do Juizado da Infância e Juventude. Morou no albergue Santa Rita de Cássia por um tempo. *Agora moro sozinha.. Meus pais são separados. Minha mãe me teve quando meu pai foi servir o Exército. O pai pediu para mãe esperar por ele. Ela não quis saber. Disse que se ele fosse, não precisava mais voltar. Então eles se separaram. Minha mãe se casou novamente e tem mais dois filhos. Eu saí de casa com 11 anos. Saí porque não me dava com minha mãe. Reclama: Ela ajuda todo mundo, mas não dá bola para gente. Minha irmã também veio para cá outro dia. Só pode ser porque minha mãe não presta.*

Diná morou um tempo na rua e depois veio para o albergue. Ficou ali 1 ano e 4 meses. Agora está trabalhando na Zona Azul⁸ e alugando um quarto para morar. *Este filho foi um erro do passado. Ele mora com minha mãe até eu completar 14 anos. Assim que tiver*

⁸ **Zona Azul** - Trata-se de um projeto da Prefeitura Municipal de Florianópolis que define espaços de estacionamento no Centro da cidade. O Centro se caracteriza por ruas estreitas e com pouco espaço para estacionamento. O projeto Zona Azul tem como uma das justificativas dar emprego a adolescentes em situação de risco, com o intuito de incentivá-los a voltar a estudar. Só tem acesso ao emprego quem está estudando. Este projeto provocou grande polêmica pois, se por um lado emprega adolescentes estudando, por outro, desemprega os que já faziam deste espaço um local de trabalho, oferecendo-se para cuidar dos carros, e que, por diversos motivos, não querem ou não podem voltar a estudar.

condições quero que ele more comigo. Disse, com tom muito sério, que toda mãe se preocupa com o filho. Senti que queria dizer: - Só a minha não se preocupa comigo.

Contou que quando estava grávida, morou um tempo com cada uma de suas famílias, mas que assim que pode, saiu. *Não conseguia ficar muito tempo com minha mãe. Sempre brigamos. Ela quer mandar em mim, definir meu horário de chegar em casa.. E reflete: a psicóloga disse que eu não consigo morar com ela porque a gente é muito parecida....*

No caso de Ana Maria , parece que a estigmatização, a falta de confiança, junto a discórdias diárias dentro de casa, superou os motivos para continuar morando com sua família.

Ana Maria contou que foi para rua "de revoltada", porque sua família sempre a culpava de tudo que acontecia de errado na casa. *Os outros que faziam e eu era sempre a culpada. Minha mãe dava sempre a razão pros outros, menos para mim. Na verdade, quem eu chamo de minha mãe é a minha avó. Ela quem me criou. Minha mãe de verdade não me quis. Outro dia, Ana Maria anunciou em bom tom, demonstrando um certo orgulho, que foi para rua não por falta de recurso da família. Minha mãe tem de tudo em casa. Eu tinha de tudo lá. Mas meu pai, se me encontrava conversando com alguém, me dava um pau. Dizia que não queria me ver por ai dando confiança para ninguém. Ai comecei a fugir. Minha mãe uma vez me levou daqui do Centro até em casa (no Cerrado), me batendo dentro do ônibus. Eu tinha 13 anos quando comecei a sair. Daí fui estuprada na rua e agora tenho três filhos.*

Ana Maria passa então a fazer o trajeto casa- rua - instituição, buscando aliviar-se dos conflitos num ou noutro espaço.

O motivo pode ser também uma mudança repentina e brusca na vida. Como quem não supera uma perda Helena fala de um vazio. Um vazio de sentido da vida que conhece já na infância, que vem com a morte de quem ela mais ama e com a mudança de ambiente.

Eu tô na rua desde os nove anos. Eu fui para rua para preencher um vazio que tinha ficado em mim quando o meu vô morreu. Eu morava com meu pai, minha avó e meu vô. Eu e minha irmã, a Mônica. Quando o vô morreu, nós fomos morar com a minha mãe. Ai tudo mudou. Era muita coisa: a morte do meu avô, aquele vazio, e a decisão de um juiz que a gente devia ficar com a mãe.... Minha mãe não tinha tanto recurso como meu pai. Ela não podia deixar uma babá cuidar de nós como na casa do pai. Lá a gente teve que ajudar porque ela trabalhava o dia todo. Um dia, ela mandou que eu lavasse os pratos. Eu quebrei quase todos. É... Antes a

gente sempre tinha tudo na mão. Chegava em casa da aula e jogava a pasta no chão, tinha quem juntasse. Sempre tinha uma empregada atrás da gente, para arrumar as coisas que a gente bagunçava. A primeira vez que a mãe levantou a mão para mim, eu fugi de casa.

Conheci Helena na Praça XV no mesmo dia em que conheci Bebel. Fomos à audiência do Chico, marido da Bebel, que encontrava-se preso. Não conversamos neste dia. Vim encontrar Helena 3 meses depois, surpreendentemente numa casa de recuperação para drogados, "Alerta Geral", localizada no Campeche. Fui à procura de um jovem que soubera, pelo jornal por eles distribuído, tratar-se de um ex-menino de rua. Helena me reconheceu e perguntou o que fazia ali. Expliquei minha pesquisa. Além de contar sua história, disse que quer sair da rua e se livrar das drogas. *Um dia acordei cansada da droga. Fui para o Centro e só o que ouvi o pessoal oferecendo drogas. Disse que depois deste dia, decidi se internar, porque ela não quer morrer sem ajudar a única irmã a criar os filhos. - Eles são a minha alegria, já pesou eu viver assim sem pensar neles?*

O uso de drogas, como maconha, cocaína, álcool, freqüente entre os moradores de rua, culminando com o craque, em alguns casos, também pode tornar o convívio com as regras da casa difícil ou mesmo impossível. Marcelo conta que este foi o seu motivo.

Comecei com maconha, nesta época tinha quinze anos e morava com meus pais. A gente tinha de tudo em casa. Nunca me faltou nada. Minha mãe sempre me tratou muito bem. Mas eu comecei a usar maconha e passei para cocaína. Meus pais não agüentavam mais porque eu sempre arrumava confusão. Daí eles me disseram que seria um favor se eu fosse embora. Ai eu ficava um tempo na rua, um tempo voltava para casa. Quando eu via que tava demais, eu mesmo ia embora, ficava mais um tempo na rua. E assim ia até que eu arrumei um terreno e tomei posse. Andava armado. Muita gente ia na minha casa. Eu não saquei que eles queriam tirar a casa de mim. Eles me expulsaram. Ai eu arrumei minha coisas e saí caminhando. Não podia ficar lá senão eles iam me matar. Vim de Caxias do Sul até Araranguá. Depois fui até Criciúma. Lá eu fiquei um mês. Eu sempre queria seguir adiante. A cidade que eu gostava eu ficava uns dois dias. Eu aprendi a fazer pulseirinha. Daí eu passei a usar mais álcool - usava menos outras drogas. Vim até Florianópolis. Fiquei um tempo. Fui até Curitiba. Lá em Curitiba, uma camarada meu disse que ia voltar. Eu queria ir para o Rio de Janeiro. Eu disse que ia continuar. Não podia voltar. Minha história era dali para frente, não para trás. Eu sempre tinha a esperança de

encontrar alguém que me entendesse, e pudesse acreditar em mim. Meus pais não acreditavam mais. Também eu tinha decepcionado eles muitas vezes....Consegui ir até São Paulo. Lá eu olhei para um lado, olhei para o outro e pensei: não conheço ninguém, onde eu vou dormir, o que eu vou comer? Aquele foi o pior dia da minha vida. Eu tava na decadência. Não tinha dinheiro para nada. Ai eu decidi voltar. contei uma historia para uma mulher, ela me deu a viagem de volta. Deixei as pulseiras que tinha feito para ela. Voltei para Florianópolis. Eu gosto daqui, é uma cidade mais calma. Fui morar lá debaixo da ponte velha, perto daquele bar que tem lá... Eu me "mocosiava" num buraco lá. Com um pouquinho de claridade que entrava no lugar eu me picava. Um dia fui lá no SUS procurar uma psicóloga, lá onde faz exame de HIV. Eu pedi para ela me ajudar. Ela olhou para o meu braço, tinha duas carreiras de picada, uma em cada braço, e disse: porque tu não para com isto? E eu respondi - Como é que eu vou parar? É o único prazer que eu tenho, é chegar no final do dia e dar um pico. O resto é só desgraça, dona.

Leninha (12) diz que saiu de casa por que na rua é melhor, pode fumar quando quiser. Em casa a mãe não deixa, fica só pegando no pé.

No caso de Beto (10) e Rê (08), dois irmãos que começaram a freqüentar a rua esporadicamente quando terminava o trabalho de campo, o uso de álcool pelo pai é indicado como propulsor da violência, expulsando os meninos vez por outra da casa. Beto, no entanto, diz que também vai para o Centro para fazer um troquinho cuidando de carro nos estacionamentos. Às vezes daí eu durmo na rua.

A cabeça fraca é o que Cristiano (25) diz que o levou a morar na rua por vários anos. Morador do Morro da Caixa D'água, agora casado com Celma e padrasto de seus dois filhos, que vendem balas no Centro da cidade. Diz ter ficado conhecido por ter jurado de morte um dos funcionários da Prefeitura que proibiram sua mulher e as crianças de venderem bala no Largo da Alfândega.

Eu fugi de casa com 14 anos. Era um cabeça fraca, achava que na rua eu podia ter liberdade. Em casa a gente tinha tudo. Podia ter estudado, não quis. Na rua, no começo tudo é bom. Mas depois começam as dificuldades. Foi na FEBEM que eu aprendi a usar drogas e a roubar. Fui para lá ingênuo... Lá é que eu aprendi a manha das coisas. Primeiro foi um baseado, depois um mais forte, depois a branca. A branca é que acaba com a gente. Depois de viciado, a gente começa a fazer qualquer coisa para conseguir a droga. Daí eu fui preso. Depois que eu saí da cadeia eu viajei por vários lugares, pegava carona por aí... Se eu tivesse encontrado a Celma e as crianças antes, nada disso tinha acontecido...

George(19), morador de rua desde os 9 anos, natural de Itajaí, diz que foi para rua por que *procurava algo mais*. O motivo foi o desejo de encontrar algo que na casa não tinha. Quem sabe a tal liberdade, ou a camaradagem que desenvolveu com seus amigos de rua.

George conta que tem tudo na casa da mãe. *Se eu quiser posso voltar para lá, mas a minha história é outra. Eu saí de casa para construir uma história diferente. Eu saí porque queria algo mais. E encontrei, a minha família tá na rua. A velha quer que eu volte. Quando eu estive lá, ela fez de tudo para mim ficar, mas não tem jeito. Ela está até com um carro na garagem, a danada da velha. Disse que largava o carro na minha mão. Quase que eu vendi, comenta brincando.*

Sassá (13) alega que sua família a trata como criança, o que acha não ser mais, já que ajuda a sustentar a casa. Quer tomar suas próprias decisões, governar a sua vida. É irmã de Misael, que vive desde os 10 anos na rua. Sassá foi mais resistente. Quando a encontrei, fugira de casa a dois dias. Veio abrigar-se com o irmão no albergue porque os pais não aceitam que namore. - *Não vou aceitar que definam o que devo fazer. Eu trabalho, estudo, ajudo em casa, porque que eles tem que dizer até com quem eu devo namorar...*

Mariana (17), quando o pai morreu, passou a freqüentar a rua. *Tinha 9 anos. Ficava em casa sozinha e quando a mãe chegava em casa, tinha sumido com a galera.* Depois de circular entre a rua, o albergue, o CIP (Centro de Internamento Provisório), na Agrônômica, voltou para casa da sua mãe. Morou mais um tempo com ela para depois ir morar na casa de Tetê, sua vizinha. Entre as conversas que tivemos, nunca explicitou claramente porque saíra de casa. Franze o nariz e conta que em sua infância era muito esperta, dava conta de todos na rua. Ela era considerada uma líder pelos demais adolescentes da sua época de rua. Comenta com orgulho, no entanto, as peripécias que fazia para fugir do CIP. Disse um dia que saíra de casa da mãe porque *eu e a mãe brigamos muito, sabe! Quando ela bebe, ela fica brava....* Mesmo agora, depois que voltou para casa para cuidar da mãe, sua estada lá é escorregadia. Sua mãe, quando está tranqüila, lhe dá conselhos para não andar por aí em *má companhia*.

Alvinho (10), filho de uma família numerosa, assim que a mãe morreu passou a freqüentar a rua, a contragosto do seu pai. Minha aproximação dele foi difícil, pois tendo conhecido primeiro seu pai, e tendo este me apresentando o filho, ele se mostrava bastante reticente em qualquer conversa que eu iniciasse. Fui na sua casa

muitas vezes, não o encontrando em algumas delas, pois ele estava passando uma temporada na rua. Consegui conversar com ele um dia em que estávamos tirando fotos com a família. Perguntei se não queria tirar foto com os irmãos. Disse que não. Então seu pai queria obrigá-lo a posar para o retrato, alegando que ele não queria tirar foto temendo que alguém o entregasse à polícia. Ao ver o conflito que se instaurara entre pai e filho, garanti que assim eu não bateria a foto. Na próxima vez em que nos encontramos, Alvinho pediu para ser fotografado com sua prima de meses no colo. Uma foto. Até que confessou, quando voltava do Centro com Carlos, ambos vindos de dias dormidos na rua, *que saía de casa porque o pai sempre brigava com ele, batia nele e nos irmãos*. Nesta mesma ocasião contou que seu irmão mais velho (17), ao apanhar do pai, devolveu-lhe um pedrada tão grande na cabeça que precisou dar 5 pontos no corte.

O motivo pode ser o amor por alguém que vive na rua, como Cibele (13) contou. *Eu fui para rua porque o Chico era de rua. Eu gostava dele, daí comecei a ir durante o dia, depois passei a dormir lá, ficava no albergue também, até que nós saímos da rua. Hoje nós estamos casados.*

5.2.3 Motivos do abandono do lar : A opinião de quem é da casa

Vizinhos, parentes, pessoas que trabalham com a questão da infância emitiram suas opiniões sobre o que motiva as crianças e adolescentes a abandonarem o lar.

Para seu Pedro , as crianças abandonam a casa por falta de carinho dos pais, o que é contestado por seu compadre, pai de um menino de rua, que diz que muitas vezes o motivo é que *"eles se juntam com um bando de baderneiros e aí não querem mais saber de estudar, de trabalhar, de ficar em casa. Nem sempre quando eles vão para rua é por que o pai bate. O compadre sabe, pois a gente convive há muitos anos. Eu tenho um filho que vivia cheirando cola, fazendo bagunça. Eu dou carinho para ele, mas ele se junta com um bando de baderneiro da rua. Eles que carregam ele. Quantas vezes fui buscar na rua. Até botei na casa do menor. O problema é que ele se junta com este bando e não volta mais para casa. Eu tô precisando de ajuda. "Não dava mais conta dele. Pediu que fosse até sua casa para dar uns conselhos ao seu filho. Dar uma ajuda seria bom pra ver se ele toma jeito..."*

Alguns dias depois, encontrei Sr. Pedro que confessou, meio sem jeito: *"Dei um fora quando disse que as crianças vão para rua por falta de carinho dos pais"*. Não devia ter dito

isto. Eu conheço bem o Sr. Sebastião. Sei que ele tem problemas. Ele bebe, sabe. Disse em tom tão baixo que parecia confissão. Aí ele perde o controle. Não presta atenção nos filhos. Ele perdeu a mulher há 3 anos e não cuida nem de si próprio. Ontem mesmo foi mordido por um cachorro. Uma mordida feia. Quando ele bebe, não cuida nem dele mesmo...

Celma, mãe de uma adolescente e de um menino que vendem bala no Centro, diz que não consegue entender como uma mãe pode deixar os filhos assim abandonados na rua. *Só pode ser relaxamento da mãe.*

Uma educadora da Casa da Criança do Morro do Mocotó diz que agora a comunidade não tem muita criança de rua. *Os que estão no Centro era para cuidar de carro, pedir. Mas são poucos. Um dos motivos das crianças irem para rua é que ficam em casa sem atenção e acabam indo para rua. O pessoal da comunidade dá muito valor à marca das roupas e por isso passam necessidade. Para comprar roupa de marca, deixam de comer.*

Uma assistente social que trabalha na Prefeitura disse que o começo é pedindo ou trabalhando. Depois, quando passam a ficar na rua por mais tempo, *“Elas tem estas duas opções: roubar ou se prostituir. Depois se comprometem seriamente com as drogas...”*

Uma das psicólogas do SOS Criança diz que o principal fator para a criança ir perdendo laços com a família é a violência. *Em função da criança ser a principal provedora da casa, se não chega com tanto, apanha e muitas vezes não entra em casa. Ai ela vai desistindo de ir embora.. Aí percebe que é mais fácil ficar na rua e sustentar somente a si. Muitas vezes os pais mesmo proíbem a criança de entrar em casa se ela não trouxer dinheiro.*

Samuel, morador de uma das comunidades da periferia, trabalha com as crianças na comunidade há vários anos com oficinas pedagógicas. Fala dos diversos motivos e mecanismos que atuam para uma criança ir para rua.

Tem diversos pontos e mecanismos que levam a criança ir para rua. Chega um ponto que esta pessoa tem que escolher: ou vai trabalhar ou vai estudar. Tem a questão da liberdade na rua. Porque tu não foi para casa? Porque eu não consegui dinheiro. Tem a questão da droga. Envolvendo a droga tem a prostituição. Acabam ficando na rua, ai é que eu fico indignado porque nesse lado a família acaba sendo a culpada por uma sociedade, que a sociedade que é culpada de família tá naquele estado. Existe uma inversão de valores. As crianças só fazem aquilo que elas gostam, é difícil elas fazerem aquilo que elas não gostam. Se ela fica na rua é porque ela acha que a rua é melhor que a casa.

Apesar da pobreza parecer um fator importante a ser considerado por conselheiros tutelares, não aparece como o único determinante. *não é só a falta de comida, a pobreza que leva a criança para rua. Criança tem que ser criança.*

Sobre a família Mendes, que dizem já ter tradição de rua, alegam que *esta é a terceira geração que vive de esmola. Os filhos vão repetir aquilo que os pais fazem. É um reflexo da atitude dos pais. É porque eles nunca foram estimulados a fazer outra coisa.*

Um outro conselheiro lembra que para algumas famílias, a rua é uma fase na vida dos filhos, uma fase que passa. *Não tem uma regra geral do porque a criança vai para rua. Pra mãe é um processo normal. Tem o tempo de ir para rua, mas depois ele para. É uma das fases que toda criança e adolescente passa. Eles vêem com muita normalidade esta coisa da rua.*

Para Cibeles, também conselheira, o choque cultural que os migrantes sofrem também é um fator determinante na saída da criança da casa. *As crianças vão para escola, tudo é diferente, as músicas, a alimentação. Quando chega na casa às três horas da tarde elas tão tomando chimarrão, e isto não é uma coisa do litoral... Lá eles trabalham em conjunto, aqui a coisa é individualizada, cada um por si. Na instituição, quando a gente recebe os meninos do oeste, eles trabalhavam na agricultura. Quando chega aqui, eles não tem mais contato com isto. A campanha de que lugar de criança é na escola pode estar trazendo as pessoas do interior em busca de melhores condições de vida. Hoje nós temos uma cidadania de papel, recebemos várias denúncias de escolas que não tem vaga. E reclama: Que artigo 4 (do Estatuto) é este que as crianças tem direito à vida?*

5.2.4 Dramas suscitados pela tentativa ou efetivação do "abandono" do lar

Se os meninos e meninas de rua se acham corajosos por enfrentarem as dificuldades da rua, não é só sob este prisma que são vistos pelos outros. Para algumas pessoas, encontrar crianças na rua é motivo suficiente para causar-lhes um constrangimento, uma "pena" como disse uma senhora que distribuía bonequinhas de presentes no Natal para as meninas. *Elas são meninas, também gostam de brincar de boneca, né?! Coitadinha...* Disse isto como quem diz, ela é de rua, mas também é menina.

Porém, nem sempre a reação é tão cordial. Encontrei Joãozinho, Beto e Juliano no Centro, perto do Terminal Urbano. Caminhamos juntos em direção à Praça XV quando Joãozinho foi pedir um cigarro a um motorista de táxi. A reação foi explosiva: *Meu filho*

de 27 anos não me pede cigarro, agora veja só este pirralho... Tá pensando que é o que, heim?! Ao ver que os acompanhava, ele aproximou-se de mim e disse: A senhora pensa que a culpa é do Estado? Tem gente que diz que é. Fiquei sem reação. Não queria provocar mais confusão, e nem que os meninos sentissem que dava conversa para quem falava mal deles. Dois motoristas de táxi se aproximaram de mim e ao ouvir os comentários, um deles acrescentou: o estado não é culpado por eles estarem assim, na rua. Eu sou pobre e olha só a minha filha, tá lá em casa. Vê se ela anda por aí...

O outro aproveitou e narrou uma história Tem uma senhora que adotou um deles, deu banho, botou na escola, deu de tudo, mas não demorou muito, ele fugiu para a rua. Ele gostam é de andar por aí, pela rua. Vê só esta menina... apontando para Beá - como pode andar assim por aí?. Eu não dou dinheiro para eles, mas tem gente que dá... e olha só no que dá... Ainda querem dizer que é culpa do governo... A senhora vê só. Toma cuidado porque piscou o olho eles tão roubando.

A experiência de ter filhos nas ruas é elaborada pelos familiares de várias formas. Mesmo nos grupos onde aparentemente a saída para a rua parece natural, a fala dos familiares revela que tiveram um tempo de adaptação a esta situação, quando puderam elaborar suas vidas a partir da realidade vivida. D. Denise diz que agora já estão mais acostumados, mas no começo foi difícil, sentia saudades, ficava preocupada. Quando começaram a ir para rua, eu ia atrás, batia, mas agora não tem mais jeito... Eu já acostumei. O que eu posso dizer se eu mesma já morei na rua com eles...Eu mesma já morei na rua. O Leo tinha poucos meses quando eu fugi do pai deles e fui morar na rua.

Se para D. Denise o jeito foi "acostumar-se" com os filhos passando meses sem dormir em casa, para outros familiares, um distanciamento por algumas horas é motivo suficiente para irem atrás dos mesmos. Para Tetê e sua vizinha, a relação dos filhos com a rua deve se limitar ao espaço da comunidade. O dia em que seus dois filhos foram para o Centro, acompanhados de uma "menina fujona", Tetê ligou imediatamente para o SOS Criança para que recolhessem seus filhos.

Dei uma surra em cada um deles assim que o SOS foi embora. Onde já se viu, ir para o Centro sem pedi para mim. Eu não tinha deixado. Agora tão dando para ir cada vez mais longe. Quero ver se eu não educo eles...

Encontrei seu filho no Centro, em outras ocasiões, acompanhado da tia, vendendo balas. A tia garante o retorno do menino, como o das demais crianças que levava consigo para exercer a mesma função.

A mãe da menina "fujona" também tenta segurar as crianças na comunidade. Nem sempre consegue: *ela agora tem levado o irmãozinho, escapa sem ninguém ver, a danada*. Encontrei-a várias vezes no Centro sozinha, e quando era indagada sobre o que fazia ali, dizia acompanhar a irmã, que vende bala.

Uma senhora que encontrei no Conselho Tutelar do Estreito, ao ser ameaçada pela filha adolescente que fugiria de casa, tenta buscar ajuda para melhorar o relacionamento entre as duas e evitar que o "pior" aconteça.

Deu agora em dizer que vai fugir de casa. Imagina só que ela é uma menina que tem de tudo. Ela não sabe o que é a rua. Eu tenho vontade de deixar ela ir para aprender a dar valor na gente. Ela vive mau humorada, revoltada com tudo. Eu tenho medo do que possa acontecer a ela se ela fugir. Mas se ela encher muito eu vou dizer para ela que eu não tô me importando. Eu vim aqui no Conselho para ver se eles dão uns conselhos, conversam com ela. Eu deixo de comprar as coisas para mim para dar para minhas filhas e a coisa tá desse jeito...

Seu Sebastião, pai de Alvinho (11), fala com muito desgosto da saída do filho para a rua. *Ele se junta com estes baderneiros e vai por ai, sem tomar banho, sem comer direito, que nem um marginal. Eu não sei mais o que fazer com esse guri. Ele sai de casa para vagabundear por ai. "É a única ovelha negra" -. Os demais, Graças a Deus, são todos direitos*.

Mesmo as famílias que mantêm os filhos sob constante vigília, não estão imunes de vê-los na rua. Rosa, mãe de 3 crianças que vendem bala, jamais os deixa ir sem a companhia de um adulto. No entanto, depois de muito tempo em campo, descobri que tem uma filha que dorme na rua. *Fazer o quê, ela não quer voltar para casa. Sabe o que é? É que quando eu me separei do meu marido, eu recém tinha ganhado ela. Ai, eu fugi e deixei ela com a minha irmã. Depois, quando eu voltei, minha irmã, não quis mais devolver ela. Eu briguei, fui na justiça, mas ela tinha registrado a menina no nome dela. Era tarde, eu não pude fazer nada. Quando ela ficou adolescente, começou a fugir para rua. Eu passava no Centro e ficava danada quando via ela por lá. Uma vez eu trouxe ela à força, mas não adianta. Ela foge sempre. Então, eu larguei mão. Se ela não quer ajuda, o que eu posso fazer? Me dá é uma tristeza de ver ela assim, mas o que eu vô fazer...*

O abandono do lar gradual e progressivo por parte de Joãozinho é um drama vivido e relatado por sua mãe. Joãozinho, um mulato de oito anos, começou a dormir na rua no período em que comecei esta pesquisa. Daí, vi sua carreira de rua se desenvolver a passos rápidos. A princípio ia para o Centro apenas durante o dia. Ao final de 1997, o garoto passava meses sem aparecer em casa. Sua mãe relata: *Eu não sei mais o que eu faço com o Joãozinho. Ele tem de tudo... Tá certo que a gente não tem uma casa, a gente mora aqui com a mãe e ele briga demais com as outras crianças. Aqui tem muita crianças e ele não se dá com elas... A gente tá construindo a nossa casa mas não é fácil. No começo o Joãozinho passava só uns dias na rua. Agora, ele passa meses. Quando ele tá doente ou quando ele quer, ele vem e passa uns dias. Aí eu dou roupa nova, tênis, mas não adianta. Da última vez que ele apareceu, eu comprei tudo novo para ele que a gente tinha um casamento para ir. Quando eu vi o Joãozinho tinha sumido com tudo novo. Daí ele troca tudo por droga e volta para casa sem nada... Um dia eu encontrei ele ali no ponto de ônibus da Caixa D'Água com a Maria. Eu vinha do trabalho, quando eu vi, desci do ônibus e fui até lá. A menina tava com toda a roupa nova dele. Me deu uma raiva que eu peguei ela pelo braço e fiz ela trocar de roupa com ele ali mesmo. Ele tava quase sem nada, só com uma camiseta suja e um calção. Ele só pode ter trocado a roupa por droga com aquela vagabunda... Eu tenho uma raiva daquela menina. Não tem vergonha, quase uma moça, jogada por aí...*

Neste instante D. Etelvina, avó de Joãozinho, chega próximo de onde conversávamos e diz à sua filha que o Conselho Tutelar passara naquele dia e que ela deveria procurá-los com urgência.

Eles tiveram aqui na semana passada me chamando para ir lá falar com eles sobre o Joãozinho. Eu já avisei para eles que eu trabalho e não posso ir a hora que eles querem. Eles marcam hora e a gente vai até lá. Eles querem que eu faça alguma coisa para tirar o Joãozinho da rua mas eu disse prá eles que eu não sei mais o que fazer. O que eu posso fazer se ele não para em casa. Eu não posso amarrar ele... Eu tenho que ir trabalhar. É problema com o Joãozinho, é problema com o meu marido... Eu tô quase estourando... Ele trabalha, mas o dinheiro dele não dá para nada. Ele gasta tudo na droga, não traz quase nada para casa... Eu é que não vou ficar em casa passando fome. Eles disseram prá mim que eu tinha que ficar em casa cuidando do Joãozinho... Como eu vou fazer isso? Vê só, o Joãozinho, um menino de 8 anos tem que fazer o exame de HIV. Ele anda com aquela menina e dizem que ela tem AIDS. Ele pode ter usado droga ou transado com ela... a gente nunca sabe estas crianças na rua. Acho que droga não foi porque

eles não usam droga injetável. Eles usam mais é cocaína e maconha. Agora, se ele tiver AIDS o que é que eu vou fazer? É uma criança ainda... Como é que vai se a vida dele, né?

Ana mencionou que tem medo que os outros dois filhos "sigam o caminho do Joãozinho". Disse que eles não saem de perto, porque ela nunca deixa, sempre os avisa bem para não irem para longe. *Mas nunca se sabe... O Joãozinho que devia dar o exemplo, né? Mas não, só sabe andar por aiiii... Leco, Dan, Deni, e o Zé, meus quatro irmãos mais novos, todos eles viviam na rua. O mais velho é que não vai faz tempo, mas estes aí era a maior tristeza...*

De onde está, encostada no muro, Dona Etelvina me lança um olhar de quem já tem anos de experiência, solta um sorriso de satisfação e conta sua história começando com um "é" demorado: *Éééééé..... eu que sei o que eu fiz para tirar esses daí da rua... Eles viviam soltos, dormiam meses fora de casa. Só Deus prá tirar esses aí da rua. Nem eu consegui. Eu entrei para Igreja do Reino de Deus por causa deles. Foi Jesus que salvou eles. Eu fiz uma corrente de oração tão forte... Orei muito, não só eu... Depois de um tempo, sem mais nem menos, começou aparece um, depois o outro, e vieram todos. O primeiro que veio foi o Zé. Com a graça de Deus eles saíram da rua... Ainda tem a droga...eu ainda não consegui fazer eles largarem da droga, mas agora eles dormem todo dia em casa. Vão para rua - lá para o Centro - de dia, mais de noite eles voltam para casa, graças a Deus.*

Desconstruções e Construções

Considerações finais

Este trabalho não pretende ser mais um retrato modelo (s) - modelos de casas, da (s) comunidade (s), da organização familiar, de uma cultura popular, ou do perfil das famílias de criança nas ruas em Florianópolis. Tampouco pretende traçar um perfil das relações familiares, cravar em palavras tradições destes grupos. Antes, pretende desconstruir alguns modelos e categorias sobre o universo de crianças e adolescentes nas ruas que vigoram em alguns setores sociais. Categorias que conferem a estes o rótulo de "abandonados" advindos de "famílias desestruturadas", termos que carregam o estigma de "pobres coitados", de filhos da promiscuidade e da irresponsabilidade.

Perante a diversidade dos grupos familiares e da complexidade dos elementos encontrados em campo, procurei trazer alguns deles à luz, a fim de poder fazer comparações, reconhecer diferenças e encontrar semelhanças que sejam significativas para uma reflexão sobre infância no universo da rua e da casa em Florianópolis.

As idéias e projetos da modernização do Brasil, citados neste trabalho e comparados à prática do grupo estudado, tem a intenção, não de mostrar que as práticas do grupo se encontram "atrasadas" em relação ao moderno, ao contemporâneo, mas sim mostrar a não linearidade da história e as tensões que se estabelecem entre grupos de atores sociais de classes, gêneros e idades

diferentes. Considerar uma prática "atrasada" em relação a outra é defender uma tese evolucionista¹, o que não entra em pauta neste trabalho.

O que pretendo mostrar com tais comparações são as **resistências**, as **rupturas**, **continuidades**, **descontinuidades** e as **tensões** estabelecidas entre atores sociais na tentativa de implantação de um projeto cultural moderno, que incluía entre outras coisas, o fechamento das famílias, principalmente das mulheres e crianças, nas casas e escolas, projeto que não condiz com a realidade de vários outros atores. Esta "pretensa" implantação da modernização não fugiu e não foge à constantes conflitos e "negociações" entre uma diversidade de grupos culturais na cidade. Não existe uma evolução dos grupos familiares brasileiros - saíram daqui e chegaram ali. O que existem são diversas formas de organização que interagem entre si durante os tempos.

É preciso destacar que não identifiquei nos grupos pesquisados um *ethos* popular² e uma *visão de mundo* **uniforme, concisa, fechada em um sistema**, dada por fatores determinantes como a pobreza, o local de moradia, a situação de ter filho trabalhando ou morando na rua. As práticas e as concepções destes também não são uniformes, estanques. Tais práticas e percepções são sim, negociações entre o velho e o novo, entre a casa e a rua, entre as dificuldades e as possibilidades encontradas por cada um destes atores e seus grupos na interação social. Tais práticas são percursos que se estabelecem, se constroem na interação de diversos elementos, diversas noções e experiências.

A diversidade de tais famílias não impede no entanto que façamos comparações, extraíamos elementos, assinalemos práticas comuns, apontemos

¹ Segundo Giddens (1991) "Desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação." (Giddens, 1991, p. 15)

² Segundo Geertz (1989) *Ethos* são os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos. "O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete." (Geertz; 143) e *Visão de mundo* são os aspectos cognitivos e existenciais. "A *visão de mundo* que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade." (Geertz, 1989:143)

diferenças, mas lembrando que a apreensão da realidade além de nunca ser absoluta, é também fruto de uma interpretação do pesquisador.

Destaco aqui, em particular, percepções da casa e da rua, de infância e de organização familiar e parentesco como principais elementos enfocados nesta pesquisa, os três imbricados, amarrados entre si, e a diversas outras categorias como trabalho, relações de gênero, relações entre vizinhos, estratégias de sobrevivência.

Ao longo deste trabalho procurei mostrar algumas dimensões da vida familiar de crianças e adolescentes que estão trabalhando ou morando na rua, bem como dimensões da vida delas próprias - valores, formas de organização familiar, vida em comunidade, redes de relações, configurações das casas, estratégias de sobrevivência dos grupos, motivações e significados de família. Procurei mostrar também como se articulam com outros atores sociais como as instituições (principalmente Estado e Igreja), os vizinhos, os educadores, os pesquisadores, cujos valores e práticas muitas vezes se diferenciam da deles.

Identifico uma forma particular na percepção de vida familiar que se diferencia das noções difundidas como idealidade pela mídia e por setores sociais "mais favorecidos"; particular, mas que no entanto apresenta também algumas características desta idealidade, seja na prática, nas condutas, seja no discurso que legitima algumas diferenças que ali se apresentam. Tal discurso pode ser interpretado, no entanto, de duas formas: como uma busca, um desejo de alcançar a idealidade, ou o de constituir num discurso preparado como "uma carta na manga" para quem estranhar suas práticas. Uma fachada³. Alguns desejos de idealidade foram narrados por eles, como o de ter uma boa casa, comida, a permanência dos filhos em casa, que as crianças não precisassem trabalhar, demonstrando que também tem sonhos de "uma vida

³ Goffman (1989) diz que quando um indivíduo se apresenta aos outros "terá muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação". (1989, p. 23). O autor salienta também que "quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo tem direito de esperar." (1989, p. 21)

melhor". Este sonho está calçado na própria dificuldade com que alguns destes grupos têm enfrentado a vida. Está pautado no saber acumulado pela experiência cotidiana de diversas gerações⁴.

Este saber inclui manipular impressões, representar situações, desenvolver estratégias que lhes permitam interagir com atores diferenciados, entre si e entre outros grupos sociais. Sua posição muitas vezes é ambígua frente às diferentes situações que se colocam, exigindo que ora se porte de uma forma, ora de outra completamente oposta à primeira.

Se a idealidade se faz presente no imaginário dos grupos estudados, a vivência cotidiana face às possibilidades postas pela própria condição do grupo, vai erodindo o repertório familiar. Obrigações, deveres, papéis, relações parecem dados de "relativa autonomia" face às concretas experiências sociais vividas. Ser mãe, ser filho, ser marido e provedor vão sendo eclodidos na vivência dos grupos, mas que podem ser posteriormente reestabelecidos, recuperados. Não são papéis perdidos, fadados à morte.

Em razão desta eclosão dos papéis, das relações familiares, novos papéis vão sendo assumidos e também, novos personagens podem assumir tais papéis. A constância no uso do termo tia e a variedade de ocasiões e de personagens que assim são denominados (consangüíneos, afins, amigos e estranhos) parece projetar uma família para a sociedade abrangente. Está hipótese parece ficar mais evidente se considerarmos que utilizam este termo com estranhos quando pedem algo ou quando já estabeleceram um laço com a pessoa. Então, esta família é aquela que ajuda e que protege, mostrando a projeção de um imaginário da família como acolhedora. As instituições também podem ser parentes próximos, desde que também possam acolher. A "família da rua", com o "pai e a mãe de rua" reforçam a suposição da flutuação

⁴ Saber, que quando expressado, pode causar estranhamento, como estranhei a declaração de uma senhora quando me disse que gerara 9 filhos *mas que seis deles morreram já na infância, graças a Deus*. Perguntei imediatamente porque graças a Deus. E ela explicou: *porque veja a senhora como estão os três que viveram... Cheios de filhos e netos, todos morando na rua... Todo mundo aqui passando necessidade. Eu não posso ver isto...*

destes papéis, já que são estes quem geralmente cuidam da "turma da rua", dando-lhes proteção e abrigo. Estes novos parentes são flutuantes e precisam ser construídos. Nesta fluidez de papéis, de deveres, de obrigações, de relações, no entanto, os laços consangüíneos não se dissolvem, mantêm-se persistentes.

Neste aspecto, assim como a "circulação de crianças" - prática encontrada entre o grupo estudado - tanto a fluidez dos papéis, quanto a projeção familiar parecem se colocar como estratégias de sobrevivência do grupo.

A troca de papéis dentro da família também é observada com relação ao provedor. Além de nem sempre ser estável, já que os casamentos podem durar poucos anos, eles flutuam entre os filhos que vão adolescendo, e a mulher quando falta o marido. Este *status* no entanto é rapidamente repassado ao homem assim que a mulher se casa novamente. O casamento predispõe este *status* e esta obrigação - porém, este homem não necessariamente sustentará os filhos de uma outra relação. Se assim o fizer, será por generosidade e não por obrigação. Ser provedor é uma responsabilidade e um *status* que ele assume (quando assume) com a mulher e os filhos que nascem daquela relação. Este é de fato um motivo para que os filhos da relação anterior venham entrar em circulação. A revelação da Sra. Denise é expressiva quando diz que seu novo marido **não faz questão** que seus filhos venham com frequência dormir em casa.

Se as crianças entram em circulação durante a infância, o que poderia representar que existe aí um abandono da criança pela família ou da família pela criança, observa-se, no entanto que na fase jovem, os laços familiares serão mais vigorosos. Esta característica acoplada com o fato de que mesmo que a criança esteja em circulação, está em constante contato com seu grupo familiar

de origem, leva-nos a conferir a importância da família consanguínea para estas crianças⁵.

Chamar mais de um homem de pai e mais de uma mulher de mãe é corriqueiro. Às vezes papéis como o de avó e o de mãe se concentram numa mesma pessoa. A mãe "de sangue" pode virar irmã, amiga.

Deixar o filho ser expulso de casa, deixá-lo andar ou dormir nas ruas da cidade, colocá-lo em instituições do governo fazendo-as de orfanato, dar seu filho para outras mulheres criarem, deixar a avó tratar o neto como filho, permitir e até estimular a circulação dos filhos entre outras unidades domésticas, são práticas que se inserem dentro de uma lógica de fluidez familiar que por sua vez, faz parte das estratégias destes grupos frente à experiências vividas cotidianamente.

São estratégias que no entanto, se diferenciam conforme a situação se apresenta ao grupo. Se algumas famílias estimulam esta circulação das crianças entre outros grupos familiares, por outro lado nem todos os grupos aceitam pacificamente que seus filhos entrem em circulação quando está incluído neste itinerário a rua. Tensões e conflitos se instauram quando a família percebe que está "perdendo" a criança para a rua. Tais tensões podem ser produto e produtor desta circulação. Os dramas ocasionados por este "abandono" são diversos e não são poucas também as estratégias adotadas para tentar evitar que isto ocorra. No entanto, quando é inevitável, a rua passa a ser uma segunda morada para estas crianças. A evitação de que a criança pegue o "gosto pela rua" foi particularmente observada nos grupos familiares daqueles que trabalham nas ruas centrais e por famílias que o filho começara recentemente a dormir com frequência na rua. No entanto, apesar de ficar claro que esta evitação tem como um dos motivos o fato da família perder um dos

⁵ Em contrapartida, o único caso de adoção legal, de "papel passado" encontrado na comunidade, a criança rejeitava completamente a família consanguínea apesar da insistência da mãe adotiva que viesse a conhecê-la. A menina assumia unicamente os adotantes como sua família. Como este era um caso isolado, penso ser difícil tomá-lo como um exemplo de diferenciação entre ambas as práticas, porém, nos deixa margens à reflexão de como se constituem simbolicamente os papéis sociais pai e mãe, para estas crianças.

seus trabalhadores, este é apenas um deles. Como em Fonseca (1995), quando trata da circulação de crianças no Rio Grande do Sul, o *valor simbólico da criança* para o grupo também é motivo para se desejar ter uma delas por perto. Também ficou evidente, num caso em particular, que o pai procurava impedir a ida do filho para a rua porque tal situação lhe conferia um *status* de pai irresponsável⁶.

"Ir para a rua" não se instaura na vida de muitos destes grupos como abandono. Parece se constituir mais como uma fase na vida da criança que passará. E assim o é em vários casos. A criança passa vários anos circulando entre casa, rua e instituições e depois volta a ter um convívio mais duradouro com a casa, chegando a ser o principal provedor do grupo. Os laços familiares parecem ser elásticos. A maioria destas crianças e adolescentes que vivem anos nas ruas, ou em instituições, além de dificilmente perderem todo contato com os familiares, geralmente na fase adulta ou assim que passam a constituir seu próprio grupo familiar, buscam apoio nos familiares. Não era difícil encontrar aos domingos ou sábado à noite a "família extensa" num grande almoço, ou todos juntos bebendo. Da mesma forma, algumas "crianças de rua", sendo irmãos, dificilmente se separavam. A separação espacial ocasionada pela estada (as vezes longa) da criança na rua não constitui rompimento dos laços afetivos com a família.

Esta elasticidade também identifiquei na noção da casa e da rua. Existe uma relativização na divisão entre estes dois espaços de forma a serem apropriados e concebido com normas de divisão menos rígidas que aquelas que definem a casa como o lugar para o privado e a rua como pública,

⁶ Como era um líder comunitário, vivia constrangido e explicando que não dava mais conta do filho. Ao chamar este filho de "*ovelha negra da família*", vemos que pretende uma família dentro das normas. O filho "*manchava*" sua imagem social e a de sua família. Apesar da extrema dificuldade de sustentá-los e de dois deles morarem com a avó materna, com a qual ele não se relacionava bem, buscava sempre manter o controle do grupo, que somavam 10 filhos, começando pelo mais velho (19) até a mais pequena (05) das filhas sabendo se iam à escola, se estavam indo trabalhar, etc. Um detalhe importante é que este pai mantém uma estreita relação com agentes sociais como conselheiros e assistentes sociais, que ajudam no

permitindo assim uma comunicação entre estas duas categorias instantaneamente. O que acontece na casa logo chega na rua, e o que acontece na rua, logo chega na casa. Tal concepção permite que crianças, jovens e adultos convivam e interajam continuamente, trazendo o seu cotidiano familiar para o espaço da rua. No entanto, quando este convívio com a rua representa o distanciamento da criança ou do jovem da casa, de forma a este passar a viver nas ruas, algumas famílias reivindicam seu retorno ao lar.

Identificam-se aí basicamente dois tipos de família: aquela que considera a rua como **perigosa**, apesar de usá-la como espaço de sobrevivência (para trabalho); e aquela cuja rua não é somente o espaço do perigo, mas um espaço onde ela própria já morou - um espaço em extensão da casa, ou, em alguns momentos da vida, a própria casa.

Mesmo quando a criança vai para a rua, o contato com familiares, parentes, vizinhos, nas ruas centrais são constantes já que ali trabalham muitos deles. Assim, o imaginário generalizado segundo o qual haveria um divórcio abismal entre a casa e a rua, contrasta com uma realidade que aponta para os múltiplos mapas comunicantes que ligam na prática e no cotidiano um universo ao outro.

Algumas famílias apresentam maior habilidade em convencer a criança a não "ir para a rua", ou pelo menos a não permanecer por um longo período sem voltar à casa. Outras, vêem suas recomendações e pressões sobre a criança perderem força na medida em que a rua vai ganhando o espaço no dia-a-dia do mesmo. Daí surgem dramas e as tensões sofridos pela ida da criança para a rua que são vivenciados de forma diferenciada pelas famílias.

As recomendações e as proibições de freqüentar a rua têm outros determinantes: a idade e o gênero. As "recomendações" são mais rígidas quando se trata de meninas ou de crianças muito pequenas. A noção de infância como particular, diferenciada das crianças confinadas em

"controle" dos filhos. Pedia ajudas constantes a estes profissionais e recebia constantes conselhos dos mesmos.

apartamentos e nas casas, é um elemento que confere esta visibilidade da infância na rua como "abandonados". A criança tem um cuidado especial até aproximadamente 6 anos, ou antes, quando sua posição é ocupada por um irmão menor. A valorização da infância, no entanto é muito forte. Crianças pequenas estão sempre em evidência em fotos e no dia a dia estão participando das conversas dos familiares, passando de colo em colo. Assim que começam a crescer são então encorajadas a começarem com pequenas tarefas, ou mesmo, a trabalhar como vendedora ou como pedinte nas ruas.

Quanto às estratégias de sobrevivência do grupo, além de sua organização familiar e de parentesco, a utilização do espaço da rua como locus da sociabilidade, identifico como importante meio de sobrevivência a inserção principalmente das mulheres e das crianças, numa rede de filantropia na cidade. Arrecadar donativos, mendigar são vistos neste meio de forma **ambígua**: ora como trabalho ora como uma ajuda no orçamento da casa. Dentre as atividades desenvolvidas pelas crianças, o trabalho é o mais valorizado, em detrimento de estudar ou brincar. A frase tão divulgada que "lugar de criança é na escola", está longe de ser uma realidade. Contrapõem a identidade do trabalhador à do vagabundo, o que justifica que toda criança deva mesmo aprender logo a fazer qualquer coisa. Assim, trabalho infantil é considerado ajuda no orçamento da casa muito embora muitas destas famílias vivam do trabalho das mesmas. O trabalho infantil mais do que uma necessidade, faz parte da educação dos filhos, de prepará-lo para o amanhã.

As redes de parentesco acionadas por tais grupos são também importantes na sustentabilidade do mesmo. É esta organização de parentesco, onde a criança possa circular, que permite que muitas delas tenham um outro abrigo em momentos difíceis, seja porque ela vai trabalhar na casa da avó, da tia, do tio, seja porque a avó, o tio, cuidará do seu neto para a filha. Existe aí uma reciprocidade parental. São os parentes, os padrinhos que muitas vezes pegam crianças para "cuidar", ou, quando é mais duradouro, "para criar".

Estas estratégicas, que considero importantes para a compreensão do processo em que se dá a ida da criança para rua, vistas sob outro ângulo, conferem, o rótulo de "família desestruturada" a estes grupos.

Procuro mostrar que a interpretação de que a família destas crianças são "desestruturadas" não passa de um mito, já que o que a define assim é um conceito de família pautado numa idealidade burguesa, que equivaleria ao mito evolucionista da "promiscuidade sexual" preexistente à primeira forma de família, criticado por Lévi-Strauss (1983)⁷.

Regras jurídicas, como o casamento legalizado, adoção legalizada, cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, são em muitos momentos conflitantes e esbarram em costumes dos grupos, que incluem práticas como "adoção à brasileira", formas próprias de educar os filhos, necessidades de sustento do grupo, noções de relações de gênero, formas particular de conceber a infância.

Estes grupos familiares não só irrompem diversas normas sociais dominantes, mas circulam por elas atualizando-as com suas práticas quotidianas, na sua forma de organização e nos mecanismos que encontram para negociá-las. Atualizam quando convertem-na em seu benefício. Irrompem quando se situam fora dela, perpassam por ela quando a lei não lhes serve. Mas em outros momentos se vêem prisioneiros desta mesma lei. Tornam-se marginais perante às leis do estado, já que alguns rituais e acontecimentos (como casamentos, nascimentos, separações) não são oficializados pelos mesmos.

⁷ "Foi então preciso tratar e deformar os factos para que eles se vergassem às hipóteses. Inventaram-se pretensos estados arcaicos, como a 'promiscuidade primitiva' e o 'casamento de grupo', para guarnecer uma época em que o homem era ainda tão bárbaro que simplesmente não teria podido conceder essas formas requintadas e enobrecidas da vida social cuja fruição pertencia unicamente ao civilizado. Arrumado no lugar previsto de antemão, devidamente etiquetado, cada costume diferente dos nossos podia ilustrar uma das etapas percorridas pela humanidade desde a sua origem até os nossos dias."(Lévi-Strauss, 1983, p. 70)

O esforço feito por instituições em converter o valor desses grupos à revelia da realidade dos mesmos, transforma-se num drama na medida que entram em suas casas, dizem como educar seus filhos e os rotulam de pais irresponsáveis, criando assim mais uma fonte de conflito e dificuldade no universo dos mesmos.

A tensão existente entre as práticas e as normas legais colocam em evidência que um desencontro entre ambas, destacando uma série de dificuldades na interação cotidiana destes atores sociais tanto no interior dos grupos quanto na sua relação com outros grupos. Porém, estas **práticas** e as **normas legais** não estão em "universos culturais separados e incomunicáveis". São partes de um uma complexidade que se chama urbano.

Situações paradoxais que se instauram dentro e fora do grupo familiar, são fontes de dramas sociais, que muito embora não sejam resolvidos, já que muitas vezes são estruturais da sociedade, são expressos continuamente nos apontando elementos para uma reflexividade sobre a situação destes grupos familiares frente à diversos códigos imperativos que os coloca em desvantagem.

Não se trata aqui de apontar um modelo alternativo de família mas, de experiências novas ou diferentes, que parecem não se afastar totalmente dos padrões imperantes, e sim operar leituras específicas, produzir ênfases particulares, deslocamentos e condensações que criam o novo, o inusitado, aquilo que causa estranhamento.

Assim, criar formas também específicas, captar fragmentos, inventar o possível, deslocar o impossível, conviver com o paradoxo, ser o ambíguo é existir, sobreviver.

Bibliografia

- ADORNO, Sérgio. A Socialização Incompleta: Os Jovens Delinquentes Expulsos da Escola. In *Sociedade Civil e Educação*. Campinas, S.P: Papirus: CEDES; SP: Anped, p. 125-134, 1992.
- _____. A Experiência Precoce da Punição. In Martins, José de Souza. (Org.). *O Massacre dos Inocentes. A Criança sem Infância no Brasil*. SP. Hucitec, 1991.
- ALTOÉ, Sônia. *Infâncias Perdidas: O cotidiano nos Internatos-Prisão*. RJ: Xenon; 1990.
- ALVES, Alda Judith. Meninos de Rua e Meninos da Rua: Estrutura e Dinâmica Familiar. In FAUSTO, Ayrton & CERVINI, Ruben (Orgs). *O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.
- ALMEIDA, Angela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, UFRJ, 1987.
- ALVIN, Rosilene e Valladares, Lícia de Prado. Infância e Sociedade no Brasil: Uma análise da Literatura. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, Rio de Janeiro, n. 26, 1988.
- ALVIN, Rosilene Barbosa. A Infância Negada: "Meninos e meninas de Rua" no Brasil. In Bôas, Gláucia e Gonçalves, Marco Antônio (org). *O Brasil na virada do Século: o debate dos cientistas sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Damará, p.91-99, 1995.
- _____. O Trabalho Infanto-Juvenil em discussão. In Martins, H. S. e Ramalho, J. R (Org.). *Terceirização: Diversidade e Negociação*. S.P.: Hucitec, p. 123-136, 1994.
- ARANTES, Antônio Augusto. *Colcha de Retalhos - Estudos sobre a família no Brasil*. 3ª. Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

- ARIÉS, Philipe; *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara S.A. . 1981. 2ª Edição.
- BARSTED, Leila Linhares. Permanência ou Mudança? O discurso legal sobre a família. In: ALMEIDA, Angela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, UFRRJ, 1987.
- BROGNOLLI, Felipe. *Trecheiros e Pardais: Etnografia de Nômades Urbanos*. Dissertação de Mestrado Pós-Graduação em Antropologia Social UFSC, 1996.
- CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS, Centro de Documentação e Informação. A Realidade Brasileira do Menor. *Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o Problema da Criança e do menor Carentes no Brasil*. Brasília: Coordenação de Publicações, 1976.
- CARDOSO, R. *A Aventura Antropológica Teoria e Pesquisa*. S.P: Paz e Terra, 1988.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira. Direitos Legais e Direitos Efetivos: Crianças, Adolescentes e Cidadania no Brasil. *Revista Bras. De Ciências Sociais da AMPOCS*. São Paulo: Ampocs, p. 127-141, 1995.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Cortez, 1997.
- CECA. *Uma Cidade numa Ilha*. Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Fpolis: Insilar, 1996.
- CASCÃES, Franklin. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.
- CORADINI, Lizabete. *Redes de Sociabilidade e Apropriação do Espaço em uma área Central de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado PPGAS, UFSC, 1992.
- CORRÊA, Marisa. Repensando a Família Patriarcal Brasileira e apresentação. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Colcha de Retalhos - Estudos sobre a família no Brasil*. 3ª. Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

- CRAIDY, Carmem Maria. *O Analfabetismo do Menino de Rua como Produção Simbólica da Exclusão Social*. Tese de Doutorado- P.A: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1996.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*, Rio de Janeiro Ed. Guanabara Koogan S.A., 1991.
- _____. A Família como Valor: Considerações não familiares sobre a família à Brasileira. In *pensando a família no brasil: Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.
- DA SILVA, Roberto. *Os Filhos do Governo: A formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas*. SP: Ática, 1997.
- DE LA RONCIERE, Charles. A vida privado dos notáveis toscanos no limiar da renascença. In DUBY, Georges (org.). *História da Vida Privada: Da Europa Feudal a Renascença*. Ed. Companhia das Letras. 199 . Vol .2
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da Imagem: Uma História do Olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- D'INCAO, Angela Maria. O amor Romântico e a Família Burguesa. In: *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- D'INCAO, Angela Maria. Mulher e Família Burguesa. In, PRIORE, Mary Del (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. P. 223-240.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Ed. Graal Ltda, 1986, 2ª. edição.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. SP: Perspectiva, 1976.
- DUBY, Georges e ARIÉS, F. *História da Vida Privada*. SP: Cia das Letras, Vol. 5, 199?. p. 60 -113.
- DUARTE, Luiz. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

- DUARTE, Luis Fernando Dias. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara. (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- Durkheim, Émile. *Vida e Obra* - Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ECA, *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Secretaria do Estado do Desenvolvimento Social e da Família. Governo do Estado de Santa Catarina. Fpolis, SC.
- FAUSTO, Ayrton & CERVINI, Ruben (Orgs.). *O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERREIRA, Rosa Maria Fischer. *Meninos da Rua: Valores e Expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: CEDEC, 1979.
- FIGUEIRA, Sérvulo A. O "moderno e o Arcaico" na nova família brasileira: Notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In *Uma nova Família?* Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1987.
- FONSECA, Cláudia. Pais e Filhos na Família Popular. In *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995a.
- _____. Amor e Família: Vacas Sagradas da mesma época. In RIBEIRO, Ivete & Ribeiro, Ana Clara. *Família em Processos Contemporâneos: Inovações culturais na Sociedade Brasileira*. SP: Edições Loyola, 1995b.
- _____. Criança, Família e Desigualdade Social no Brasil. In: RIZZINI, Irene. *A Criança no Brasil Hoje - Desafio para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.
- _____. Ser mulher, mãe e pobre. In PRIORI, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. SP: Contexto. 1997.

- _____. Honra, Humor e Relações de gênero: Um estudo de Caso. In BRUSCHINI, Cristina. RJ: Rosa dos Ventos; SP: Fundação Carlos Chagas, 1990.
- FRANGELLA, Simone Miziara. *"Capitões do Asfalto" - A itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas "de rua" em Campinas*. Dissertação de Mestrado - Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual. 1996.
- FRANZOI, Naira (org.). *A rua invisível*. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da Cultura, 1993.
- FRANZONI, Tereza Mara. *As "perigosas" relações entre movimento popular/comunitário e administração pública municipal na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: José Olímpio Editora, 1951.
- HERZER. *A Queda para o Alto*. Petrópolis: Vozes. 14^a Edição. 1986.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara/Koogan, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. *A transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim*. Vagabundos e Miseráveis na literatura européia - 1400 -1700. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GOFFMAN, Irving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.
- GOFFMAN, Irving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GOLDANI, Ana Maria. *Retratos de Família em Tempos de Crise*. Estudos Feministas. Número Especial, Out./1994.
- GOLDANI, Ana Maria. *As Famílias no Brasil Contemporâneo e o mito da desestruturação*. Cadernos Pagu. N°4, p. 67-110, 1982.

- GUIRARDO, Marlene. *Instituições e Relações Afetivas*. SP: Summus, 1986.
- GROSSI, Míriam Pilar. *A trajetória do Conceito de Gênero nos estudos sobre mulher no Brasil*. 1989 (fotocópia).
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. Expostos, roda e mulheres: a lógica da ambigüidade médico-higienista. In ALMEIDA, Angela Mendes de. *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, UFRRJ, 1987.
- HEILBORN, Maria Luiza. "Quem mandou nascer primeiro?": Gênero e idade em famílias trabalhadoras urbanas. XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia: GT - Cruzando Gênero e Idade: Notícias Etnográficas da Família. 1994.
- JARDIM, Marta Denise da Rosa. *Negociando Fronteiras - Entre o trabalho, a mendicância e o crime: uma etnografia sobre família e trabalho na Grande Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado PPGAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.
- KAUSS, Omar Gama Bem. *A Adoção no Código Civil e no Estatuto da Criança e do Adolescente*. RJ: Lumen Juris, 1993.
- KOLLER, Silvia H. e HUTZ, Cláudio. *Meninos e Meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição*. Trabalho no prelo em coletâneas da ANPEPP, vol. 1 número 12 p.1-15.
- KOSMINSKI, E. V. Internados, Os Filhos do Estado Padrasto. In MARTINS, José de Souza. (Org.). *O Massacre dos Inocentes. A criança sem Infância no Brasil*. SP. Hucitec, 1991.
- LANGDON, E. Jean. *Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia. Antropologia em primeira mão*. UFSC: Pós-Graduação em Antropologia, 1996.
- LISBOA, Antônio Adolfo. *O adolescente perante a legislação brasileira*. Revista LTr. Vol 58, nº 03, p. 329-336, março de 1994.
- LIMA, Lana Lage da Gama e VENÂNCIO, Renato Pinto. O abandono de Crianças negras no Rio de Janeiro. In Priore, Mary del. *História da Criança no Brasil*. SP: Contexto. 1996.

- LIMA, Patrícia. *A ciranda da Rua: Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Educação, UFSC, 1997.
- LECZNIESK, Liziane K. *Pequenos Homens Grandes - O Cotidiano de guris de rua numa praça de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRG, 1992.
- LECZNEISK, Lisiane; *Corpo, Virilidade e gosto pelo desafio: a masculinidade entre os guris de rua*; Horizontes Antropológicos - Revista temática Universal, ano 1, no 1, PA, 1995.
- LEITE, Míriam Moreira e MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do Amor e da Família; In *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- LEITE, Míriam Moreira Leite. O óbvio e o contraditório da Roda. In PRIORE, Mary del. *História da Criança no Brasil*. SP: Contexto. 1996.
- LEITE, Míriam Moreira Leite. A infância no Século XX segundo memórias e livros de viagem. In De FREITAS, Marcos César. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- LÉVI-STRAUSS. Claude. A família. In. *O Olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LUSK, W. Mark e Mason, Derek T. Meninos e Meninas "de Rua" no Rio de Janeiro. Um Estudo sobre sua tipologia. In: RIZZINI, Irene; *A criança no Brasil Hoje - Desafio para o terceiro Milênio* - RJ: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- MAGNANI, José G. Cantor. "Discurso e Representação, ou de Como os Baloma de Kiriwina Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas". In CARDOSO, RUTH C.L. (Org.) *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- MAGNI, Claudia Turra e LUNARD, Adriana (Orgs). *Letras na rua*. Porto Alegre. EU, 1995.
- Marcus, George. *Identidades Passadas, Presentes e emergentes: requisitos para uma etnografia sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial*. Revista de Antropologia, SP, vol. 34, 1991.

- MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e Uma questão de gênero*. 1992.
- MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos Expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In De FREITAS, Marcos César. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARCHI, Rita de Cássia, "*Crianças Espertas*": Um retrato do "Vício da Rua" em crianças pobres no Centro de Florianópolis - Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC: Julho/1994.
- MARIN, Isabel Fahn. "O abandonado: Algumas considerações gerais. In FREIRE, Fernando (org). "*Abandono e Adoção - Contribuições para uma cultura de adoção*". Curitiba: Terre des Hommes. 1991.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Família e Sociedade na Bahia do Século XIX*. São Paulo: Currupio; Brasília: CNPq, 1988.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. Os Filhos da Escrava. In Priore, Mary Del. *História da Infância no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996..
- MELLO, Silvia Leser. *Classes Populares, família e preconceito*. Revista Psicologia USP - Família e Educação. Vol. 3, n 1-2, p.107-122,1992.
- MILITO, Cláudia e SILVA, Hélio R. S.; *Vozes do Meio-Fio: Etnografia*, RJ: Relumê-Dumará, 1995.
- MONTEIRO, Eliane. *Lendo com a boca e com o pensamento: A oficina de Literatura como possibilidade de diálogo com crianças e adolescentes em situação de rua*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação - PUC, Rio de Janeiro, 1995.
- OLIVEN, Ruben G. *Antropologia de Grupos Urbanos*. RJ-Petrópolis: Vozes, 1987.
- OLIVEIRA, Maria Coleta. *A Família Brasileira no Limiar do ano 2000*. Estudos Feministas. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. UFRJ. Vol 4; nº 1. 1996.
- OLIVEIRA, Marcelo José. "*O lugar do travesti em Desterro*". Dissertação de Mestrado, PPGAS -UFSC, 1997.

- OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha. Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*, Dissertação de Mestrado em História, São Paulo, PUC, 1990.
- PATTO, Maria Helena Souza. *A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro*. Psicologia USP - Família e Educação. Vol. 3, n 1-2 107-122, 1992.
- PASSETI, E. *O que é menor?* Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense. 1994
- PEDRO, Joanna Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas - uma questão de classe*. Fpolis: Editora da UFSC, 1994.
- PEDRO, Joana Maria. "Aborto, infanticídio e abandono de crianças: controle público do corpo das mulheres em Florianópolis - Séculos XIX e XX. (fotocópia).
- Pedro, Joana Maria. "A criminalização de práticas abortivas". Trabalho apresentado no Seminário "Fazendo Gênero II": Gênero e Saúde. Realizado entre 13 a 15 maio de 1998, UFSC.
- _____. *Mulheres do Sul*. In PRIORI, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. SP: Contexto, 1997.
- PERROT, Michele. Dramas e Conflitos Familiares. In PERROT, Michele. *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. SP: Cia das Letras, 4^a Reimpressão.
- PERROT, Michele. Funções da Família. In PERROT, Michele. *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. SP: Cia das Letras, 4^a Reimpressão. 1994.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê. A prostituição viril*. SP: Brasiliense, 1987.
- PIACENTINI, Telma Anita. *O Morro da Caixa D'Água: O Significado Político-Pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis - Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.
- PINTO, Fábio. *Pequenos Trabalhadores*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

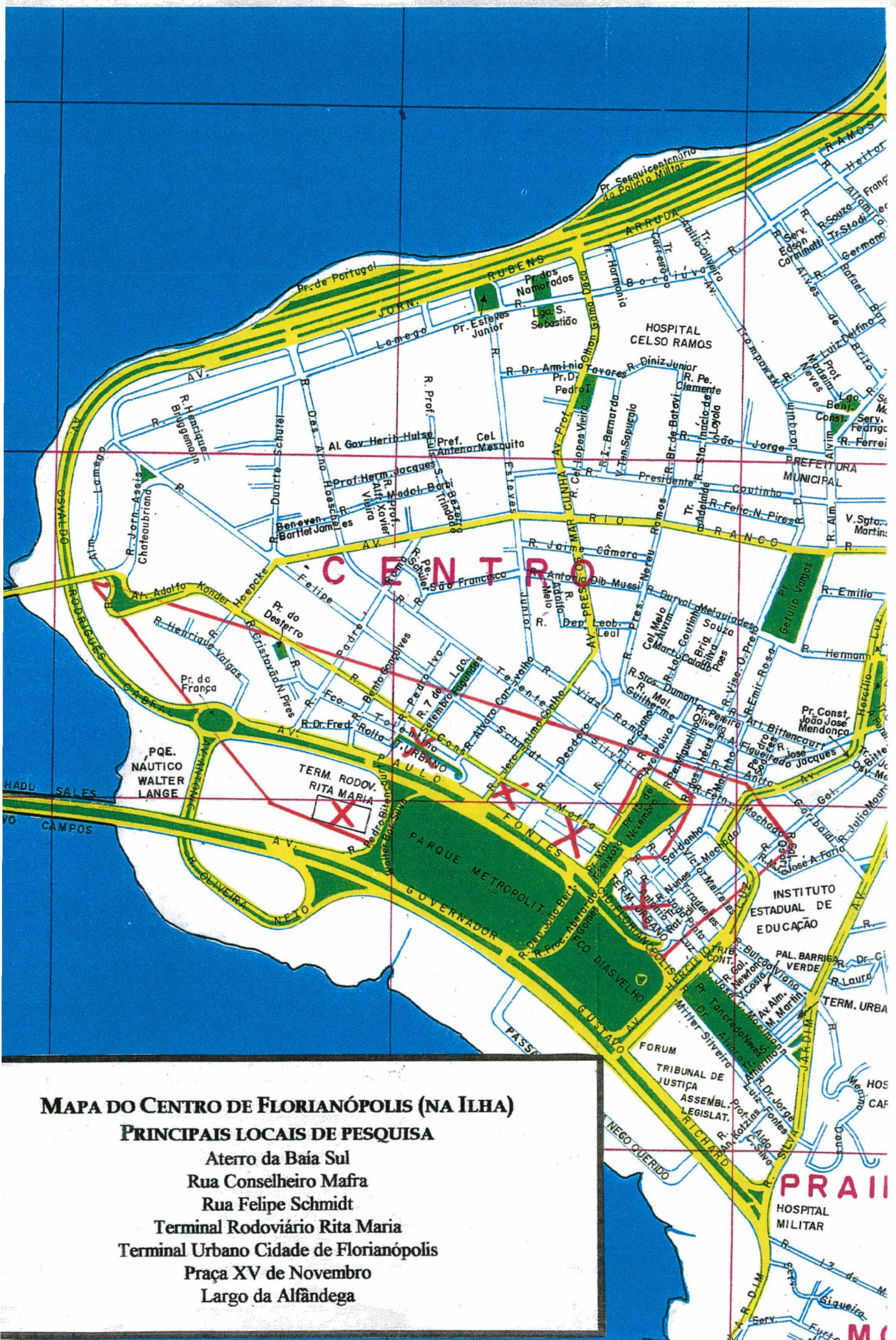
- POSTER, Mark. Modelos de Estrutura da Família; In *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1979.
- PRIORE, Mary Del. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995.
- RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara. (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- RIZZINI, Irene; *A criança no Brasil hoje - desafio para o terceiro milênio* - RJ: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- Rozemberg, Fúlvia. Estimativa sobre crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. *Rev. Psicologia e Reflexão*. V. 9, nº 1, p. 21-58, 1996.
- SALEM, Tânia. Entrevistando Famílias: Notas sobre o trabalho de campo. In NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica- Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. R.J.: Zahar, 19
- SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências Atuais da História da Família no Brasil. In *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.
- _____. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo. Século XIX. São Paulo: Ed. Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SARTI, Cynthia A . *A Família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos Pobres*. São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996.
- SARTI, Cyntia. O valor da família para os pobres. In RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara. (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- .SCOTT, Joan. *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade -Mulher & Educação. Porto Alegre. 16 (2), Jul/Dez, 1990.
- SENNET, Richard. *O declínio do Homem público*. Pão Paulo: Cia das Letras, 1988.

- SIQUEIRA, Maria Juracy. *Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais*. Texto apresentado na disciplina Movimentos Sociais e Relações de Gênero (Doutorado de Meio Ambiente -CFH/UFSC), 1997.
- SILVA, Hélio R. S. O menino, o medo e o professor de Saarbrücken. In VELHO, G. e Alvito, Marcos. *Cidadania e Violência*. RJ: Ed. UFRJ e FGV. 1996.
- SILVA, Roberto. *Os Filhos do Governo*. São Paulo: Ática, 1997.
- SIMÕES, Carlos. A família e a propriedade no código de menores. In Age van Balen. *Disciplina e Controle da Sociedade: Análise do Discurso e da Prática Cotidiana*. São Paulo: Cortez, p. 83-95, 1983.
- SPOSITO, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social; Rev. Sociologia USP*. SP, v.05: 161-178. Nov. 1994.
- SOUZA, Laura de Mello. O Senado da Câmara e as Crianças Expostas. In PRIORE, Mary Del. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995.
- STRATHERN, Marilyn. *Necessidade de pais, Necessidade de mães*. Estudos Feministas. Nº 02, 1995.p. 303- 329.
- STOLCKE, Verena. A família que não é Sagrada. In ARANTES, Antônio Augusto. *Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil*. SP, Ed Unicamp. 1994.
- STOLCKE, Verena. "Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?" Estudos Afro-Asiáticos, nº 20, p. 101- 117, 1991.
- SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e "teorias" de Famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: Cortez, 1997.
- TORNQUIST, Carmen Suzana. *O Perigo da Rua: Imagens e Práticas da Educação Popular em Florianópolis*. Revista Contexto e Educação. Ed. Unijuí, Ano 10, nº43, jul./set. 1996.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e Casamento no Século XX; In: *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

- SCHECHNER, Richard. "Victor Turner's Last Adventure". In *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications. 1987.
- TURNER, Victor. Social Dramas and Metaphors. In *Dramas, Fields, and Metaphors*. New York: Cornell University Press, 1974a.
- _____. "Social Dramas and Stories about Them", in *On Narrative*. W.J.T. Mitchell, org. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- _____. "*Processo Ritual : Estrutura e Antiestrutura*". Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN USSEL, Jos. *Repressão Sexual*. RJ: Ed. Campus, p. 75-90, 1980.
- VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*; Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: Uma perspectiva antropológica. . In VELHO, G. e ALVITO, Marcos. *Cidadania e Violência*. RJ: Ed. UFRJ e FGV. 1996.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In PRIORE, Mary Del. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995.
- VILLELA, Jorge Luiz Mattar. *A organização espacial do Cangaço sob a chefia de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião. (1922-1928/1928-1938) ou Como Produzir Território em Movimento*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFCS. 1995.
- VIOLANTE, Maria Lucia. *O dilema do decente malandro. A questão da identidade do menor*. Coleção Teoria e Práticas sociais. SP: Cortez. 1984.
- VOGEL, Arno & MELLO, Antônio da Silva. Da Casa à Rua: A cidade como fascínio e descaminho. In FAUSTO, Ayrton & CERVINI, Ruben (Orgs). *O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.

- WOLFF, Cristina Scheibe. *Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das Mulheres da Floresta Alto Juruá, Acre -1970-1945*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. 1998.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta - As Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho em campo: alguns problemas. In CARDOSO, Ruth. *A Aventura antropológica: Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Anexos



Principais personagens:

Alvinho (11) - Filho do Sr. Sebastião. Demonstrava grande ansiedade, e parecia estar numa situação sempre limiar - entre casa e rua, pois não pareci estar bem "acomodado" em nenhum destes ambientes.

Joãozinho (08) - iniciou-se na rua no período em que comecei o trabalho de campo e logo estava muito inteirado da "arte de viver na rua".

Jorge (19) - morador de rua desde os 09 anos de idade. Participou de um programa de educadores de rua da Prefeitura. Morreu em 1998 de forma misteriosa.

Alex (08) - Filho mais jovem de Tetê, que eventualmente trabalhava no Centro da Cidade vendendo balas. Apesar de ir algumas vezes para a rua, geralmente estava na comunidade com os demais amigos trabalhadores.

Mazinho (09) - Morador de rua desde os 08 anos por constantes brigas com o padrasto. Estava sempre refletindo sobre a situação humana. Um grande pensador.

João Pedro (15) - Morador de rua e depois do albergue e da Casa Lar. Negava-se terminantemente a retornar a casa de sua irmã. Foi morar com o pai depois de um longo investimento dos Conselheiros.

Mariana (17) - ex-moradora de rua, com diversas passagens por instituições. Hoje mora com a mãe, Dona Ana (58).

Cláudio (10), Carla (08), Lela (7), - três irmãos que vendem balas no terminal Urbano de Florianópolis.



FLORIANÓPOLIS



EDITORA E GRAFICA
TRIESTE LTDA.
RUA DE JOÃO ALVES DE LIMA-72 FONE: 252-25-25-26
CEP: 01000-000 - S.P.

MAPA DE FLORIANÓPOLIS (ILHA E CONTINENTE)
COMUNIDADES PESQUISADAS
CONTINENTE
MONTE CRISTO
ILHA CONTINENTE
MORRO DA CAIXA (ESTREITO)
CHICO MENDES
NOVO HORIZONTE
NOVA ESPERANÇA
NOSSAS SENHORA DA GLÓRIA

ILHA
MORRO DO MOCOTÓ
MORRO DA PENITENCIÁRIA

Helena (18) - moradora de rua desde 09 anos de idade. Frequentadora da Praça XV. Disse ter passado pouco tempo de sua vida com a família, composta pela mãe e por uma irmã mais velha.

Sr. Sebastião (45) - Líder comunitário do Monte Cristo, viúvo, pai de 10 filhos, sendo que um deles - Alvinho, eventualmente é morador de rua.

Dona Etelvina - Veio de Rancho queimado - morou em Lages - 9 filhos - 6 falecidos e 3 vivos. Mãe de Denise.

Denise (37) - filha mais velha de Dona Etelvina e mãe de 8 filhos, sendo que com exceção do mais novo, os demais são ou foram moradores de rua.

Filhos de Denise - moradores e ex-moradores de rua.

Décio (22) - Morador de rua.

Calo - morador de rua - falecido

Carlos (17) - morador de rua

Juliano (13) - morador de rua

Mazinho (12) - morador de rua

Simone (19) - "Ex-moradora de rua" - casada com ex-morador de rua. Mãe de duas meninas: Verinha e Liza.

Clara (16) - Filha mais nova de Dona Denise, ex-moradora de rua e mãe de um menino de 1 ano.

Roger (5) - filho do segundo casamento de Denise.

Carlos (58) - líder comunitário, vizinho do Sr. Sebastião.

Bebel (18) - Adolescente mãe de uma menina e grávida de 4 meses, ex-moradora de rua. Casou-se com Chico (19), ex-morador de rua.

Lua (14) - muito pequeno, esperto e de grande experiência na rua. Está na rua desde 94. Tem boa relação com a turma da rua. Está sempre sorridente e é muito brincalhão. Os

conselheiros tentaram colocá-lo por duas vezes em família substituta e este fugiu. Foi levado inúmeras vezes de volta à casa materna e retorna à rua.

Lurdinha (12) - Mora na rua e dificilmente vai na casa da mãe. Tem contato freqüente com os irmãos e sobrinhos no Centro.

Misael (15) - olhar desconfiado, calmo, mas muito atento a tudo o que passa ao seu redor, Misael é um líder na rua. Mora com a mãe por determinação do Juiz.

José (11), Joca (12) , Dan, Sílvio (14) e Deni - irmãos que estão periodicamente na rua, mas por conquista da mãe vão quase que diariamente em casa. Estão constantemente na Praça XV.

Dona Antônia (58) - mãe de José, Joca, Dan, Deni e Sílvio.

Angélica (34) - vendedora de jornal no Terminal Urbano. Veio de Porto Alegre com suas duas filhas - Sílvia (09) e Sarah (15) . Morava num guichê de estacionamento com as filhas e Adilson, seu companheiro.

Adilson (39) - vendedor de balas no terminal Urbano. Companheiro de Angélica.

Celma (36) - mãe de Dalva e Luizinho, vendedores de balas na Alfândega.

Cristiano (40) - Mora com Celma.

Dalva (13) - filha mais velha de Celma. Vendedora de balas na Alfândega (centro).

Joana (45) - irmã mais velha de Tetê e mãe adotiva de uma menina.

André - educador da comunidade de Monte Cristo.

Tetê (35) - mãe de Alex e Tatiane. Está sempre bem arrumada, com adornos e enfeites no cabelo.

Tatiane (15) - filha mais velha de Tetê. Casou-se com um vizinho e vive numa peça na casa da tia (irmã e vizinha de sua mãe).

Paulo (13) - Filho de Tetê que mora e trabalha na casa de uma vizinha.

Carol (14) - Sobrinha de Tetê. Mora com a tia.

Diana (18) - "ex-moradora de rua" . Chama a avó de mãe. Mãe de três crianças, da qual apenas uma está com ela.

Márcio (10) - morador da Ilha-Continente e também chama a avó de mãe. Frequenta a Oficina do Saber (CEDEP).

Fred (18) - ex-morador de rua. Faz parte de um grupo de garotos que moraram no Albergue que continua até então solidários.

Josilene (15) - Filha mais velha do Sr. Sebastião. Ocupa o lugar da mãe na casa desde que esta faleceu.

Cibele (14) e Kika (18) - cunhadas de Simone. Ex-moradoras de rua e casadas com um ex-moradores de rua.

Marta (55) - quando estava em campo morava com Sr. Sebastião. Cuidava de seus filhos, mas dizia sempre que tinha que voltar a São Paulo, lugar de onde saíra em busca de um filho caminhoneiro desaparecido.

Mere (31) - mãe de Mazinho e filha de Dona Antônia.

Rosa (36) - está sempre no centro com um dos filhos e outras crianças que vendem balas.

Mariquinha (32) - Mãe de Serginho, que vende balas no Centro.

Dona Maria (46) - migrante de Lages, mãe de 2 crianças e duas adolescentes que vendem balas no Centro.

Sr. Nene - Migrante de Lages, biscateiro, aposentado por invalidez. Marido de D. Maria.

Sassá (13) - irmã de Misael.